Absurdos Médicos & curas bizarras

**conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---

•• Dedicação ••

Este é para abril para limpar o caminho.

—NP

Para meu pai e meu irmão, dois dos melhores e menos charlatães médicos que conheço. E para minha mãe, cujo amor pode curar quase tudo.

—LK

Conteúdo

Sangria

Lobotomia

Cauterização e bolhas

Enemas e Clysters

Hidropatia e a cura da água fria

Cirurgia

Anestesia

Salão da Vergonha da Saúde Masculina

Animais

Rastejantes assustadores, cadáveres e o poder de cura do corpo humano Sanguessugas

Canibalismo e medicina do cadáver

Medicamentos derivados de animais

sobre os autores

Para choques e risos: um chuveiro elétrico russo.

Introdução

Farsa. Charlatão. Quack. Vigarista. Vigarista. Malandro.

Por muito tempo, palavras como essas foram usadas para descrever aqueles que se alimentavam do nosso medo da morte e da doença, vendendo mercadorias que não funcionavam, ou nos machucavam, ou às vezes nos matavam.

Mas o charlatanismo nem sempre se trata de puro engano. Embora o termo seja geralmente definido como a prática e promoção de tratamentos médicos intencionalmente fraudulentos, também inclui situações em que as pessoas estão divulgando o que realmente acreditam que funciona. Talvez eles estejam ignorando - ou desafiador - fato científico. Ou talvez eles tenham vivido séculos atrás, antes que o método científico entrasse na consciência da civilização. Sob as lentes dos dias modernos, esses tratamentos podem parecer absolutamente absurdos. Nozes de doninha como anticoncepcional?

Derramamento de sangue para ajudar a curar a perda de sangue? Ferros quentes para consertar o apaixonado?

Sim.

Mas por trás de cada tratamento equivocado - de otomanos comendo argila para manter a peste longe, a cavalheiros vitorianos sentados em uma sauna

a vapor de mercúrio para sua sífilis a pessoas que sofrem de epilepsia bebendo sangue de gladiador na Roma antiga - está o incrível poder do desejo humano de viver. E esse impulso é absolutamente inspirador: estamos dispostos a ingerir cadáveres, sujeitar-nos a óleo fervente e suportar tratamentos experimentais envolvendo sanguessugas demais, tudo em nome da sobrevivência.

Esse impulso também leva a uma inovação incrível. Depois de uma longa batalha para reduzir as taxas de mortalidade (e reduzir os gritos), os médicos agora realizam a cirurgia quando estamos anestesiados. Como um bônus adicional, suas mãos não estão pingando pus do caso de cirurgia anterior.

Podemos lutar contra o câncer em nível molecular, de maneiras que nossos ancestrais nunca sonharam.

Doenças como a sífilis e a varíola não são mais um enorme fardo para a sociedade. É fácil esquecer que, ao longo do caminho para esse progresso, os inovadores foram ridicularizados e envergonhados; os pacientes sofreram com os erros dos médicos e às vezes até morreram. Nenhuma das conquistas médicas de hoje teria ocorrido sem desafiar o status quo.

Mas existe, é claro, um lado negro. Esse desejo de curar e viver mais é tão viciante quanto o próprio ópio. Os cientistas, fazendo-se passar por Ícaro, tentam superar uns aos outros para tornar as drogas mais eficazes e potentes. Os imperadores enviam seus alquimistas em missões ridículas para desbloquear a imortalidade. Os charlatães decidem que você precisa de um novo par de testículos de cabra implantados. Às vezes, estamos tão desesperados por uma cura que procuramos qualquer coisa.

Até supositórios radioativos.

Sejamos honestos. Ser saudável não é suficiente para muitos de nós. Queremos mais -

juventude eterna, beleza perfeita, energia sem limites, a virilidade de Zeus. E aqui o charlatão realmente prospera. É aqui que começamos a acreditar que as bolachas de arsênico nos darão aquela tez cor de pêssego e creme e que elixires de ouro indescritíveis consertarão corações partidos. A retrospectiva torna mais fácil rir de muitos dos tratamentos deste livro, mas sem dúvida o Dr. Google o ajudou na busca por uma cura simples para um problema incômodo. Nenhum de nós está imune a querer uma solução rápida. Cem anos atrás, você pode ter sido a pessoa que comprou aquele tônico de estricnina!

Claramente, precisávamos ser salvos dos charlatães - e de nós mesmos. O surgimento de medicamentos patenteados no século XIX levou os Estados Unidos a seu ponto de inflexão. Com o Pure Food and Drug Act de 1906, os Estados Unidos reprimiram os rótulos falsos e enganosos, os ingredientes inseguros nos alimentos e a adulteração de produtos médicos e alimentícios. Em 1930, o departamento de vigilância tornou-se conhecido como Food and Drug Administration (FDA). Leis posteriores em 1938

cobriram dispositivos médicos e cosméticos, e uma lei de 1962 acrescentou rigor científico à indústria farmacêutica.

Os regulamentos curaram a América de seu charlatanismo? Claro que não. Apesar dos avanços científicos modernos, do FDA e de uma compreensão muito boa de como o corpo humano funciona, os tentáculos do charlatanismo ainda tocam quase todos os aspectos da indústria de saúde e cosméticos. É

por isso que você lerá uma atualização atual em muitos de nossos capítulos. Em uma reviravolta surpreendente, algumas curas charlatães, como sanguessugas, se transformaram em tratamentos reais e eficazes. Mas em muitos casos (como comer tênias para perder peso), o charlatanismo simplesmente persiste.

. . e assim por diante.

Para continuar lutando contra charlatões, precisamos de uma compreensão mais completa de como o corpo humano funciona e como as doenças funcionam. Também precisamos manter a mente aberta sobre as formas de combater doenças e aumentar a longevidade. Finalmente, precisamos manter nossa guarda alta. Sempre haverá charlatães prontos para tirar o máximo proveito do desespero humano antes que a ciência e a medicina possam encontrar soluções sólidas.

Então, como alguém se torna um consumidor cauteloso e perspicaz com uma mente aberta? Esteja ciente de que a medicina charlatã muitas vezes depende de evidências anedóticas ou do endosso de um médico famoso para nos convencer de que algo funciona. Além disso, analise mais profundamente as afirmações feitas de que "estudos mostram que XYZ é incrível". Esses "estudos" deveriam ter sido rigorosamente realizados, revisados por pares e repetidamente testados por várias entidades para mostrar a eficácia. E raramente são. Nossos próprios preconceitos - preconceito de confirmação, preconceito dentro do grupo, racionalização pós-compra e uma série de outros - todos têm efeitos inebriantes em nossa capacidade de avaliar sistematicamente tratamentos tão variados quanto pastilhas de ervas para a tosse, zappers eletrônicos de câncer ou tratamentos faciais caros com injeção de plasma.

No final, tudo se resume a algumas perguntas simples. Você acredita que há evidências sólidas de que vai funcionar? Você está disposto a arriscar os efeitos colaterais? E não devemos esquecer -

quão fundo são seus bolsos?

Afinal, este livro é realmente apenas uma breve história das piores maneiras de curar tudo. Sem dúvida, existem mais "piores maneiras" por vir.

Nota do autor

Este livro não é de forma alguma uma enciclopédia exaustiva de todos os tratamentos que agora consideramos ridículos - por esse motivo, você notará que nos concentramos mais nos tratamentos anteriores do que nos atuais. Além disso, havia muitos tópicos que gostaríamos de abordar em profundidade, mas que acreditamos pertencerem a seu próprio livro com um tom completamente diferente, incluindo charlatanismo médico baseado na religião e as injustiças grosseiras da terapia de conversão gay e tratamentos baseados no racismo.

# Elementos

## Prescrições da Tabela Periódica

# 1

# Mercúrio

Dos deuses romanos, arqueologia do banheiro, sifilíticos babando, um presunçoso imortal e cobras errôneas

As mãos e os pés do bebê ficaram gelados, inchados e vermelhos. A polpa estava se partindo, parecendo tomates descascados cujas cascas se soltavam da fruta. Ela havia perdido peso, chorado com petulância e se agarrou pela coceira intensa, rasgando a pele em carne viva. Às vezes, sua febre chegava a 102 graus.

“Se ela fosse adulta”, observou sua mãe, “seria considerada louca, sentada em sua cama, batendo a cabeça com as mãos, arrancando o cabelo, gritando e arranhando violentamente qualquer um que se aproximasse . ”

Mais tarde, sua condição seria chamada de acrodinia, ou pontas doloridas, assim denominadas em homenagem às mãos e pés doloridos do sofredor. Mas em 1921, eles chamaram a aflição do bebê de Doença de Rosa, e estavam vendo mais e mais casos a cada ano. Por um tempo, os médicos lutaram para determinar a etiologia. A culpa era do arsênico, do ergot, alergias e vírus. Mas na década de 1950, a abundância de casos apontou para um ingrediente comum ingerido por crianças doentes - calomelano.

Os pais, na esperança de aliviar a dor de dentição de seus bebês, esfregaram um dos muitos pós disponíveis contendo calomelano nas gengivas doloridas de seus bebês. Muito popular na época: o Pó de Dentes do Dr. Moffett, que também se gabava de “Fortalecer a Criança. . . Alivia os problemas

intestinais de crianças de QUALQUER IDADE ”e poderia, tentadoramente,“ deixar o bebê gordo como um porco ”.

Nós também estamos apavorados com o monstro híbrido bebê-porco.

Soletrar é tudo se você pretende envenenar seus filhos corretamente.

Além da promessa assustadora dos resultados de Hansel e Gretel-esque, havia algo mais sinistro à espreita dentro do calomel: mercúrio. Por centenas de anos, produtos contendo mercúrio alegaram curar uma série de doenças variadas e estranhamente não relacionadas. Melancolia, constipação, sífilis, gripe, parasitas - você escolhe, e alguém jurou que o mercúrio poderia consertar.

O mercúrio foi usado de forma onipresente durante séculos, em todos os níveis da sociedade, na forma líquida (mercúrio) ou como sal. Calomel - também conhecido como cloreto mercuroso -

caiu na última categoria e foi usado por alguns dos personagens mais ilustres da história, incluindo Napoleão Bonaparte, Edgar Allan Poe, Andrew Jackson e Louisa May Alcott. Porque? Essa é uma história mais longa.

Calomel: purgando tudo embora

Tirando as palavras gregas para bom e preto (assim chamado por seu hábito de ficar preto na presença de amônia), o calomelano foi o remédio do século XVI ao início do século XX. Apesar do que parece, calomelano não é nada parecido com caramelo, embora às vezes carregasse os apelidos de “bala de minhoca” e “chocolate de minhoca” de revirar o estômago para o tratamento de parasitas. Por si só, o calomelano parece bastante inócuo - um pó branco inodoro. Mas não se engane: é tão inofensivo quanto seu vizinho de porta cáqui que esconde um porão cheio de serras de osso. Tomado por

via oral, o calomelano é um potente catártico, que é uma maneira sofisticada de dizer que esvazia violentamente suas tripas no vaso sanitário. A constipação havia muito era associada à doença, então abrir os portões retais do inferno era um sinal de consertar os erros.

"Dose: Um comprimido repetido" (até que o inferno desabasse em seu banheiro).

Alguns acreditam que a parte "preta" de seu nome evoluiu das fezes escuras ejetadas, que foram confundidas com bile expurgada. Permitir que a bile "flua livremente" estava em harmonia com manter o corpo equilibrado e os humores felizes, uma teoria que remontava à época de Hipócrates e Galeno.

E se o interior dos intestinos fosse escuro e viscoso, não seria melhor livrar o corpo dessas toxinas?

A "purificação" também ocorreu em outro lugar - na forma de grandes quantidades de baba pouco atraente, um sintoma da toxicidade do mercúrio. Um consumidor de calomelano poderia dar a um cachorro raivoso uma corrida por seu dinheiro. Se as coisas ruins fossem expelidas por meio de salivação copiosa, isso era bom, certo? No século dezesseis, Paracelso acreditava que doses "eficazes" (isto é, tóxicas) de mercúrio eram alcançadas quando pelo menos três litros de saliva eram produzidos. Isso é um monte de cuspe. E assim, em uma época em que latrinas transbordando e galões de loogie eram a resposta para uma infinidade de doenças, os médicos encontraram sua droga preferida no calomelano.

Benjamin Rush foi um desses médicos. Um dos fundadores que assinou a Declaração de Independência, Dr. Rush defendeu a educação das mulheres e a abolição da escravatura. Ele foi o pioneiro no tratamento humano de pacientes psiquiátricos, mas infelizmente achava que as doenças mentais eram mais bem tratadas com uma dose de calomelano. Ele sugeriu isso para o tratamento da hipocondria: O mercúrio atua nessa doença, 1, abstraindo a excitação mórbida do cérebro para a boca. 2, removendo obstruções viscerais. E, 3, mudando a causa das queixas de nosso paciente e fixando-as

totalmente em sua boca dolorida. A salivação servirá ainda mais se despertar algum grau de ressentimento contra o médico ou amigos do paciente.

O ressentimento contra seu médico e melhor amigo é um efeito colateral fantástico!

Mas, na verdade, Rush estava substituindo a hipocondria pela toxicidade do metal pesado. Outro efeito colateral foi o eretismo mercurial, um distúrbio neurológico que inclui depressão, ansiedade, timidez patológica e suspiros frequentes. Junto com tremores nos membros, esses sintomas eram freqüentemente chamados de doença do chapeleiro louco ou tremores do chapeleiro (para os trabalhadores que faziam chapéus que usavam mercúrio no processo de feltragem). Além disso, os pacientes tóxicos podem sofrer com a perda de dentes, ossos podres da mandíbula e bochechas gangrenadas que produzem buracos faciais, expondo línguas e gengivas ulceradas. Ok, e daí se o sucesso significasse que os pacientes de Rush se tornassem extras extremamente temperamentais dos Mortos-vivos?

Benjamin Rush, pai fundador, quer que você faça cocô excessivamente.

Quando o vírus da febre amarela transmitido por mosquitos atingiu a Filadélfia em 1793, o Dr. Rush se tornou um defensor apaixonado de quantidades extremas de calomelano e derramamento de sangue (“terapia de esgotamento heróico”). Às vezes, era empregada dez vezes a dose usual de calomelano. Até mesmo o estabelecimento médico amante da purga achou isso excessivo. Membros do Philadelphia College of Physicians chamaram seus métodos de "assassinos" e "dignos de um cavalo".

Anteriormente, em 1788, o autor William Cobbett rotulou Rush de "charlatão potente".

Na época, Thomas Jefferson estimou a taxa de mortalidade por febre amarela em 33%.

Mais tarde, em 1960, a taxa de mortalidade dos pacientes de Rush foi de 46 por cento. Não é exatamente uma melhoria no status quo.

No final das contas, foi a influência do Dr. Rush em melhorar o problema de água parada e saneamento da Filadélfia - além de uma boa primeira geada do outono, que matou mosquitos - que acabou com a epidemia. Alexander Hamilton, amigo do Dr. Rush, também adoeceu, mas procurou outro médico que empregava métodos mais suaves. “Em sua teoria de sangramento e mercúrio”, escreveu Hamilton, “sempre me opus ao meu amigo. . . a quem amei muito; mas que tinha feito muito mal, na mais sincera persuasão de que estava preservando a vida. ” Hamilton sobreviveu, mas a reputação do Dr. Rush não. Na virada do século, sua prática médica se reduziu a nada.

Mesmo assim, o calomelano continuou a ser usado. Foi só em meados do século XX

que os compostos de mercúrio finalmente caíram em desuso, graças a um sólido entendimento de que a toxicidade do metal pesado era, na verdade, ruim.

Mercúrio: uma beleza bestial

A maioria das pessoas conhece o mercúrio elementar como aquele líquido escorregadio e prateado que costumava ser usado com freqüência em termômetros de vidro. Se você era criança antes de ser pai de helicóptero ou de qualquer coisa orgânica, talvez tenha tido a oportunidade de brincar com o conteúdo de um termômetro quebrado. As bolas cintilantes deslizaram por toda parte e encantaram as crianças por horas.

Sempre houve algo místico sobre o “mercúrio”, como era frequentemente chamado.

Seu nome mais antigo em latim, hydrargyrum, falava de sua surpreendente singularidade - “prata de água” -

e deu origem à sua abreviação Hg na tabela periódica dos elementos. Único metal que é líquido à temperatura ambiente, é também o único elemento cujo nome comum foi tirado de sua associação com a alquimia e um deus romano.

Portanto, quase faz sentido que as pessoas esperassem coisas mágicas do mercúrio.

Qin Shi Huang, primeiro imperador da dinastia Qin (246–221 aC), foi um deles. Desesperado pelo segredo da imortalidade, ele enviou grupos de busca para encontrar a resposta, mas eles estavam condenados ao fracasso. Em vez disso, seus próprios alquimistas inventaram medicamentos de mercúrio, pensando que o líquido brilhante era a chave.

Ele morreu com a tenra idade de 49 anos de envenenamento por mercúrio. Mas ei, por que parar aí? Em uma tentativa de governar na vida após a morte, Qin enterrou-se em um mausoléu subterrâneo tão grande que escritores antigos o descreveram fluindo com rios de mercúrio, seu teto decorado com constelações de joias. Ele também tem armadilhas explosivas, no estilo Indiana Jones, com flechas que disparam quando perturbadas. Felizmente para ele e assustadoramente para todos os outros, Qin certificou-se de que suas concubinas e designers de tumbas fossem enterrados vivos junto com ele. Brrr. Até agora, a tumba não foi escavada devido aos níveis tóxicos de mercúrio que ameaçam liberar se for aberta.

Abraham Lincoln, pré-barba, pré-chapéu e ainda não sem mercúrio.

Um pouco mais tarde, quando Abraham Lincoln estava se imortalizando na história, ele também foi vítima do mercúrio líquido. Antes de sua presidência, Lincoln sofria de oscilações de humor, dores de cabeça e prisão de ventre. Na década de 1850, um assessor observou: “[Q] uando ele não tinha passagens, sempre tinha uma dor de cabeça doentia - Tomou pílulas Blue - missa azul.” Essas “dores de cabeça doentias” também eram

conhecidas como “dores de cabeça biliosas” e podiam ser curadas por uma boa catártica que também “permitia” o fluxo da bile.

Então, o que era essa misteriosa “massa azul”? Uma pílula do tamanho de um grão de pimenta contendo mercúrio líquido puro, raiz de alcaçuz, água de rosas, mel e açúcar. Como o mercúrio líquido é mal absorvido no intestino, os farmacêuticos exerceram alegremente suas agressões reprimidas, batendo repetidamente as contas líquidas no esquecimento relativo, um processo denominado extinção.

Infelizmente, essa combinação violenta também permitiu que o mercúrio fosse mais prontamente absorvido na forma de vapor dentro do intestino.

Como um viciado em cafeína que engole um descafeinado mal rotulado, Lincoln só piorou depois de tomar os comprimidos. Existem vários relatos de seu comportamento volátil na época, com crises de depressão misturadas com raiva, bem como insônia, tremores e problemas de marcha, que teoricamente poderiam ser atribuídos à toxicidade do mercúrio. Ele também pode ter sofrido de eretismo.

Lincoln, para seu crédito, parecia reconhecer que a massa azul poderia estar deixando-o pior, em vez de melhor, e aparentemente diminuiu seu uso ao entrar na Casa Branca. E nem um momento antes. Estremecemos ao imaginar um líder tóxico de mercúrio e patologicamente temperamental de nossa nação dando as cartas durante a Guerra Civil.

“Uma noite com Vênus, uma vida com Mercúrio”

Mercúrio tem uma relação entrelaçada com a sífilis há séculos. No século XV, após a invasão francesa de Nápoles, na Itália, a doença começou a se espalhar pela Europa. Como Voltaire observou: “Em seu caminho petulante pela Itália, os franceses pegaram descuidadamente em Gênova, Nápoles e sífilis. Em seguida, foram expulsos e privados de Nápoles e Gênova. Mas eles não perderam tudo -

a sífilis os acompanhou. ”

Logo, a “Great Pox” se tornou um verdadeiro incômodo e um acompanhamento mortal, enquanto se espalhava por toda a Europa. Essa cepa histórica de Treponema pallidum (que é a bactéria responsável) era particularmente virulenta. As feridas genitais surgiram após a exposição a um parceiro sexual infectado e progrediram para erupções na pele e febres. Mais tarde, abcessos, pústulas e feridas de mau cheiro espalharam-se pelo corpo, alguns tão graves que corroeram o rosto, a carne e os ossos.

sim. A sífilis descontrolada é bastante revoltante.

As pessoas estavam desesperadas por uma cura. No século XVI, o mercúrio veio em seu socorro com a ajuda do bastante bombástico e veemente Paracelso, que argumentou contra a teoria humoral de Galeno. Em vez disso, ele acreditava que o mercúrio, o sal e o enxofre trariam todos os tipos de curas corporais, tendo qualidades terrestres, fisiológicas e astrológicas.

Outro sal, cloreto mercúrico, entrou em cena. Ao contrário do calomelano, o cloreto de mercúrio era solúvel em água e facilmente absorvido pelo corpo, fazendo com que seus resultados venenosos parecessem ainda mais eficazes. Queimava a pele quando aplicado (“Dói! Portanto, funciona!”), E a salivação copiosa foi considerada um sinal de purga bem-sucedida.

Pacientes sifilíticos também receberam o que parece ser os piores pacotes de spa de todos os tempos. O mercúrio elementar era aquecido para banhos de vapor, onde a inalação era considerada benéfica (e é uma rota potente de absorção de mercúrio). Cloreto de mercúrio foi adicionado à gordura e a unção resultante esfregou devidamente nas feridas. Às vezes, ocorriam fumigações corporais, em que um paciente nu era colocado em uma caixa com um pouco de mercúrio líquido, com a cabeça saindo de um orifício e um fogo aceso sob a caixa para vaporizar o mercúrio. O médico italiano do século XVI Girolamo

Fracastoro observou que, após pomadas de mercúrio e fumigações, "Você sentirá os fermentos da doença se dissolvendo em sua boca em um fluxo repugnante de saliva."

O tratamento para a sífilis era nada sexy. O que era pior, esses regimes frequentemente continuavam pelo resto da vida do sofredor. Não havia como negar um ditado comum na época: "Uma noite com Vênus e uma vida inteira com mercúrio."

Niccolò Paganini, um dos violinistas mais famosos da história, provavelmente sofreu de intoxicação por mercúrio depois que foi diagnosticado com sífilis. Além de sofrer de hipocondria e timidez excessiva de eretismo, ele também começou a tremer incontrolavelmente, contribuindo para sua retirada do palco em 1834. Ele tinha pernas de troncos de árvore e tossia cronicamente. Ele reclamou: "Eu expectoro facilmente o muco e o pus. . . três ou quatro pires. . . o inchaço nas minhas pernas subiu para trás dos joelhos, de modo que ando como um caracol. " Seus dentes caíram, sua bexiga ficava constantemente irritada e seus testículos inflamavam até o tamanho de "uma pequena abóbora". Maldito seja, sífilis, por arruinar a adorabilidade das pequenas abóboras por toda parte.

Felizmente, ou infelizmente, a vida horrível do pobre Paganini de produção de muco, velocidade de molusco e regiões inferiores do tamanho de uma cabaça não durou muito. Um mês depois de parar de se apresentar, Paganini estava morto.

Hoje em dia, sabemos que o mercúrio e outros metais como a prata podem matar bactérias in vitro. Todos os cientistas sabem, entretanto, que o que é bom na placa de Petri não é necessariamente bom no corpo humano. Não está claro se as pessoas que sofrem de sífilis foram curadas com seus tratamentos com mercúrio ou se simplesmente passaram para a próxima fase da doença, que pode consistir em muitos anos sem sintomas.

Ou seja, se a toxicidade do mercúrio não os matasse primeiro.

Pacientes com sífilis em tratamento. Observe a cachoeira de saliva (em cima, à direita) e o tratamento de spa em forma de granada.

Lewis e Clark e os Thunderbolts (Não, não é uma banda)

A influência de Benjamin Rush teve efeitos de maior alcance além da Filadélfia, na forma dos comprimidos biliosos do Dr. Rush. As pílulas, uma mistura patenteada de calomelano, cloro e jalap (um potente laxante à base de ervas), eram carinhosamente chamadas de Thunderbolts do Dr. Rush ou

"Thunderclappers". Seguindo as recomendações de Rush, Lewis e Clark os levaram em sua famosa expedição. Rush escreveu: “Quando você sentir a menor indisposição. . . abra suavemente os intestinos por meio de um, dois ou mais dos comprimidos de purga. ” Além disso, a prisão de ventre “costuma ser um sinal de doença que se aproxima. . . tome uma ou mais das pílulas de purga. ” Além disso, a falta de apetite “é um sinal de indisposição que se aproxima e deve ser evitada com o mesmo remédio”.

Em resumo, se algo pareceu errado? Purga. Limpe como o inferno.

Então Lewis e Clark trouxeram nada menos que 600 Thunderbolts do Dr. Rush. Os historiadores modernos determinaram que em sua jornada histórica, Lewis e Clark haviam se instalado em Lolo, Montana - literalmente. Como sua expedição era militar, eles confiaram em diretrizes militares que ordenavam que suas latrinas fossem localizadas a 300 pés da principal área de acampamento, que havia sido encontrada usando amostras de chumbo datadas. Vejam só, o mercúrio foi detectado a 300 pés de distância.

Foi um vencedor de bingo excremental. Os Thunderbolts de Rush podem ou não ter curado seus males, mas certamente deixaram sua marca, de uma forma escatalogicamente histórica.

Para purgar com ousadia onde nenhum homem purificou antes.

O Caduceu: Uma Cobra Switcheroo

O calomelano caiu em desgraça gradualmente, à medida que tratamentos mais seguros e eficazes substituíram o “remédio heróico” da purga. Nos Estados Unidos e em todo o mundo, o mercúrio foi proibido de feltrar na década de 1940 e a mineração de ouro e prata na década de 1960. Calomel não foi removido da farmacopéia britânica até a década de 1950 porque demorou muito para finalmente perceber que o mercúrio era a causa da acrodinia. Mesmo agora, você ainda pode encontrar termômetros de mercúrio (eles são mais precisos do que os de álcool vermelho), mas os regulamentos estão eliminando-os em todo o mundo.

Embora o elemento não seja mais usado na medicina tradicional, o mercúrio conseguiu se infiltrar em muitos consultórios médicos. Talvez seja estranhamente apropriado que o símbolo do deus Mercúrio fosse o caduceu - duas cobras entrelaçadas em uma haste alada. O símbolo é comum e incorretamente associado ao estabelecimento médico, devido a um erro quando o US Army Medical Corps adotou o símbolo em 1902. Logo depois, ele se tornou um sinal onipresente de cura. Mas, na verdade, o caduceu representa Mercúrio - o deus do ganho financeiro, do comércio, dos ladrões e da trapaça.

A vara de Asclépio, que tem uma única serpente enroscada em uma vara simples, era segurada pelo deus grego Asclépio, o patrono da saúde e da cura. Esta foi a haste perdida por engano em 1902 e atualmente é usada pela maioria dos estabelecimentos médicos acadêmicos.

Em 1932, Stuart Tyson argumentou sobre o uso indevido do caduceu no The Scientific Monthly, afirmando que Mercúrio era “o patrono do comércio e da bolsa gorda. . . sua eloqüência de língua prateada sempre poderia fazer 'o pior parecer, a melhor causa'. . . . Seu símbolo não seria adequado para. . .

todos charlatães médicos? ” De fato.

Mercúrio, segurando seu caduceu e uma bolsa gorda, enquanto pisa em todo mundo.

# 2

# Antimônio

Da Última Loucura de Oliver Goldsmith, o Fake Basil Valentine, Captain Cook's Cup e Everlasting Poop Pills

Em 1774, Oliver Goldsmith estava se sentindo meio mal. O autor de The Vicar of Wakefield and She Stoops to Conquer, de 44 anos, estava com febre, dor de cabeça e suspeita de problemas renais. Em sua vida, ele se formou no último lugar de sua classe no Trinity College, tentou, mas não concluiu um diploma em medicina em Edimburgo, e vagou pela Europa depois de esgotar seus fundos. Ele finalmente conseguiu um grau de sucesso como escritor, embora alguns, como Horace Walpole, o tenham chamado de

"um idiota inspirado".

Foi, no entanto, seu doutorado incompleto em medicina e por um breve período como assistente de boticário que o levou a agir naquele momento. Ele deve se curar.

Era hora do Pó de Febre de St. James.

Agora, o Pó de Febre de St. James era famoso em sua época. Criado e vendido por um dos médicos de patentes mais famosos do século XVIII, o pó afirmava curar febres "acompanhadas de convulsões e tontura", gota, escorbuto e vírus da cinomose. O Dr. Robert James era tão reservado sobre sua fórmula que até mentiu em seu pedido de patente com medo de que

outros o roubassem. Mas o ingrediente principal, um metal tóxico chamado antimônio, era extremamente bom no que Oliver Goldsmith pensava que precisava - ou melhor, exigia - para tirá-lo de seu leito de doente.

Ele queria vomitar.

Goldsmith, que se dizia médico apesar de não ser, pediu a um farmacêutico que lhe trouxesse o pó para febre de St. James. O boticário resistiu, implorando que ele consultasse um médico de verdade. Mas Goldsmith acabou recebendo o que pediu.

Dezoito horas depois, após muitos vômitos e convulsões, Oliver Goldsmith estava morto.

Oliver Goldsmith, autor e “idiota inspirado”.

Uma breve história do arremesso

Voltaremos ao pobre Sr. Goldsmith e sua cobiçada receita de antimônio. Mas primeiro, vamos fazer uma breve pausa para examinar por que ele queria vomitar tanto que o matou.

A êmese, ou vômito, é a maneira que o corpo usa para se livrar do conteúdo do estômago, tanto contra a gravidade quanto contra a direção digestiva normal do corpo. Irritando o revestimento do estômago, provocando o reflexo de vômito e fazendo cócegas no “centro do vômito” em seu cérebro (sim, esse é um local neural real), você pode induzir essa digestão reversa. Eméticos como o antimônio são substâncias que você toma com o propósito de fazer você vomitar, e eles têm uma longa e gloriosa história. Heródoto relatou que os antigos egípcios empregavam eméticos mensais para manter a saúde. Hipócrates também defendia o vômito regular. As recomendações

continuam por vários milênios. Até algumas décadas atrás, os eméticos ainda eram considerados uma parte importante do formulário médico.

Grande parte do uso dos eméticos remetia às teorias humorais do corpo: acreditava-se que, quando o sangue, a bile negra, a bile amarela ou o catarro do corpo estavam desequilibrados, ocorria a doença. Portanto, o reequilíbrio via vômito, diarreia, suor ou salivação era necessário. Basicamente, se ele pudesse vazar de um poro ou projétil de um orifício, ele equilibrava você.

E desde 3000 aC, o antimônio, um metalóide acinzentado extraído de depósitos minerais ao redor do mundo, era a substância do dia para esse propósito. É bem sabido que algumas pessoas gostam de eméticos por sua capacidade de se esvaziar após uma refeição glutona, como os imperadores romanos Júlio César e Cláudio costumavam fazer. Sêneca, o Jovem, conselheiro do imperador Nero, mencionou alguns romanos que “vomitavam para comer e comiam para vomitar e não se dignavam a digerir suas refeições fornecidas de todas as partes do mundo”. Um vinho contendo antimônio foi supostamente usado para tais propósitos. (Curiosamente, o termo vomitorium foi considerado por muito tempo como uma área fornecida para festeiros romanos em farras. Mas, na verdade, era simplesmente uma área de saída de um anfiteatro para que as multidões "purgassem" e saíssem do edifício. Isso mesmo. É um termo arquitetônico que iguala as pessoas com vômito.)

Infelizmente, para fazer o corpo reverter seus processos normais, às vezes você precisa apresentá-lo a algo que ele deseja desesperadamente remover, como o veneno. Estudiosos e curandeiros reconheceram o potencial tóxico do antimônio. Pode causar danos ao fígado, inflamação grave do pâncreas, problemas cardíacos e morte. Ainda assim, eles estavam confiantes de que os médicos poderiam controlar seu poder letal. Um pensamento comum na época a respeito do antimônio era que "um veneno não é um veneno nas mãos de um médico".

Uma pena que Oliver Goldsmith recebeu seu antimônio, apesar da discordância de seus médicos.

Monge Killer ou Wonder Drug?

Paracelso, famoso médico do século XVI, acreditava em uma filosofia mais baseada em minerais, em oposição aos humores, uma divergência radical de pensamento que lhe trouxe muitos seguidores e inimigos. É preciso entender as ciências naturais antes de entender as doenças do corpo, ele acreditava. Substâncias terrestres como antimônio ou mercúrio eram os elementos perfeitos para consertar as coisas. O antimônio em particular "purifica-se e ao mesmo tempo tudo o mais que é impuro", afirmou.

Você pensaria que o endosso do Dr. Oz do Renascimento seria o suficiente para torná-lo o indutor de vômito, mas foi só quando o antimônio recebeu o selo de aprovação de um monge mítico que ele realmente decolou.

O nome de Antimony supostamente vem de uma história sobre um monge alemão do século XV chamado Basil Valentine. Diz a lenda que ele pertencia ao Cônego do Priorado Beneditino de São Pedro e morreu com os espantosos 106 anos de idade. Seu misterioso epitáfio dizia: "post CXX annos patebo" (depois de 120 anos para limpar, ou, talvez, passar), e bem na hora, um dos pilares da igreja do priorado se abriu para revelar livros ocultos escritos por Valentim, a existência do qual ninguém jamais soube.

Ele tem uma boa pontaria, não tem?

Valentine exaltou as virtudes do antimônio em um manuscrito intitulado "A Carruagem Triunfante do Antimônio". Ele até recomendou para engordar porcos. Rumores diziam que, depois de ter um bom efeito nos porcos, ele tentou em monges, que morreram prontamente. Daí o significado de antimônio - "anti-monge" ou "matador de monge". (Esta é improvável a verdadeira origem. Antimônio deriva mais provavelmente da palavra grega

antimonos, para "um metal não encontrado sozinho", devido à sua afinidade natural com outros elementos como o enxofre. Assim como "Basil Valentine" é um nome mais adequado para um cantor de salão desprezível.)

Os manuscritos de São Valentim entraram magicamente nas mãos de Johann Thölde, um caldeireiro de sal, vendedor e provavelmente o verdadeiro autor dos textos. Ele também era um químico habilidoso. No início dos anos 1600, ele ganhou um bom dinheiro espalhando a escrita do Dia dos Namorados, e o uso do antimônio aumentou.

E uma guerra intelectual começou.

Os médicos galênicos que exaltavam as virtudes da teoria humoral ficavam furiosos com os médicos-químicos que seguiram Paracelso e Valentim e adoravam os poderes purgativos do mercúrio e do antimônio. Lutas amargas e batalhas judiciais se seguiram na interseção da química e da medicina, com o antimônio em seu centro. A faculdade de medicina de Paris decretou que o antimônio era um "veneno virulento". Um dos mais ruidosos críticos franceses do século XVII, o médico Guy Patin, exclamou: "Que Deus nos proteja de tais drogas e médicos!"

Mesmo assim, muitos acreditavam que o antimônio “aperfeiçoaria o corpo” e purificaria qualquer coisa impura que chegasse ao toque. Era usado para tudo, desde asma e alergias até sífilis e peste. Quando o rei Louix XIV adoeceu mortalmente em 1658, ele recebeu uma dose. Ele se

recuperou (milagrosamente), e isso encerrou o debate sobre o antimônio na França com um brilhante vencedor metalóide.

E quanto a Thölde e o possivelmente fictício Valentine? Ninguém realmente se importou que o caldeireiro / químico fosse provavelmente o verdadeiro autor dos textos. Parecia impossível que um monge do século XV tivesse escrito o manuscrito porque “Valentine” fazia referência a coisas que

aconteceram após sua morte. Mas o legado nauseante do antimônio era realmente muito real.

Pílulas eternas e cálices de vômito

No auge da popularidade do antimônio, não era o suficiente para estourar a receita ocasional. As pessoas deveriam possuir acessórios. Na moda nos séculos XVII e XVIII, as xícaras eram feitas de antimônio, carinhosamente chamadas de pucula emético ou calicos vomitorii - basicamente uma versão de "cálice de vômito". Combinado com o ácido do vinho, o antimônio da xícara formaria “tártaro emético” - tartarato de potássio de antimônio - e trataria o porta-copo com um bom vômito “saudável”, ou pelo menos um pouco de diarreia. Acredita-se que um dos únicos copos de antimônio restantes tenha pertencido ao capitão James Cook, que pode tê-lo levado em suas viagens ao redor do mundo. Mas não devia ser usado levianamente - se muito antimônio se infiltrasse no vinho, a bebida resultante seria mortal. Uma dessas taças, comprada no Beco da Pólvora de Londres em 1637 por 50 xelins, matou três pessoas.

Para começar, basta adicionar vinho: copo e caixa de antimônio, século XVII.

Depois, havia pílulas de antimônio. Ao contrário de nossos fármacos de uso único hoje, essas pílulas de metal eram pesadas e, depois de passarem pelos intestinos, costumavam ficar relativamente inalteradas. Eles foram devidamente retirados das latrinas, lavados e reutilizados continuamente. Fale sobre reciclagem. As “pílulas eternas” ou “pílulas perpétuas” eram freqüentemente transmitidas com amor de geração em geração como uma herança. Imagine ler isso no último testamento e testamento de alguém: “E para Jonathan, meu amado filho constipado, eu lego minhas pílulas de cocô.”

E você pensou que o Gobstopper Eterno de Willy Wonka era especial.

Muitos médicos charlatães empreendedores enriqueceram com a mania do antimônio.

Depois de curar o rei George II de um polegar deslocado, o médico do século XVIII, Joshua Ward, não podia fazer nada de errado aos olhos do rei. Embora não tivesse formação médica e um conhecimento insignificante de produtos farmacêuticos, Ward usou sua fama para acumular uma fortuna. Seus remédios de assinatura? A pílula de Ward e a gota de Ward, que ele afirmava poder curar todas as doenças humanas, da gota ao câncer. Muito bom para ser verdade? Bem, sim. Eles continham quantidades venenosas de antimônio. Mas todos queriam a pílula e gota de Ward em seus armários. Sempre o gênio da promoção, ele até coloriu os comprimidos de vermelho, roxo ou azul porque a cor artificial torna tudo melhor, como gelatina. Ao contrário do Jell-O, algumas das formulações de Ward também continham arsênico. Ward usou sua fortuna para tentar retribuir, até mesmo abrindo seu próprio hospital. Ele ministrou aos pobres, o que foi muito bom da parte dele. Embora ele frequentemente lhes desse seus comprimidos - não era tão bom da parte dele.

## Um Potpourri Indutor de Gag

Os eméticos vêm em uma variedade de formas, geralmente minerais ou à base de ervas. Aqui está um resumo de alguns dos intensificadores de vômito mais famosos da história.

Os marinheiros da Antiguidade do Sal sabiam que beber água do mar poderia causar uma boa coceira. Os gregos usavam uma combinação de sal, água e vinagre. Plínio, o Velho, recomendou uma boa mistura de mel, água da chuva e água do mar chamada thalassomeli para fazer o truque. Celsus descreveu o uso de vinho e água do mar, ou vinho grego salgado, para “afrouxar a barriga”, que é a maneira

mais gentil de dizer vômito. É claro que beber água com muito sal pode fazer você vomitar, mas também pode matar.

Cerveja e alho amassado Philumenus, um médico grego do século IV, achava que uma combinação de cerveja e alho amassado poderia curar picadas de cobra venenosa por meio do vômito.

Considerando que o veneno da picada de cobra não se acumula no estômago, parece que você está adicionando um insulto à lesão aqui.

Vitríolo azul (sulfato de cobre) Uma substância cristalina com uma cor azul marcante, é usada como emético desde o século IX. Em uma revista de 1839, o vitríolo azul é recomendado para envenenamentos por ópio e cicuta. Infelizmente, o vitríolo azul é venenoso: faz com que os glóbulos vermelhos estourem, os tecidos musculares se rompam e os rins falhem.

Ipecacuanha (abreviação de ipecacuanha) Trazido pela primeira vez para a Europa em 1600. Não, não é mencionado na música “The Girl from Ipecacuanha. “O xarope de ipeca foi usado durante séculos como expectorante e emético. Durante anos, a ipecacuanha também foi usada para envenenamento e considerada um componente necessário do armário de remédios de todos os pais no século XIX e no início do século XX. Ainda está disponível hoje. Mas os toxicologistas modernos sabem que ele não diminui de maneira confiável a absorção de toxinas e, na metade das vezes, nem mesmo faz você vomitar. E a música é

“The Girl from Ipanema,” ok?

Apomorfina Esta droga alucinógena vem dos bulbos e raízes de certos nenúfares (o gênero Nymphaea). Usada pelos maias e imortalizada em afrescos de tumbas egípcias antigas, a droga foi eventualmente sintetizada em meados do século XIX. E foi potente. Uma revisão de 1971 descreveu sua taxa de sucesso como quase perfeita para garantir o vômito, em comparação com a taxa de 30 a 50 por cento de outros eméticos. Infelizmente, já foi usado em terapia de aversão homossexual e até matou alguns de seus

"pacientes". Agora é usado, com cuidado, na medicina veterinária e, raramente, para a doença de Parkinson humana.

Sulfato de cobre muito azul. Parece doce de pedra. Não lamba.

O poder de cura da dor: terapia de bolhas e aversão

Dada a reputação nojenta do antimônio, pode ser uma surpresa que as pessoas também o usem em seus rostos. Isso mesmo. O mesmo metal que fazia com que os imperadores vomitassem e era usado em pílulas de cocô eternas já foi usado como cosmético. Sua abreviatura na tabela periódica de elementos, Sb, deriva de estibnita, a forma mineral de sulfeto do antimônio. Um cinza metálico claro que fica preto quando exposto ao ar, a estibnita era usada ao redor dos olhos no antigo Egito, no Oriente Médio e em partes da Ásia (onde é conhecida como kohl).

Mas antes que você alcance algum estibnito para deixar a si mesmo um olho esfumaçado, continue lendo. Se você pensava que o antimônio poderia afetar seu intestino, espere até ouvir o que ele pode causar em sua pele. No reino da contrairritação - a teoria de que queimar ou formar bolhas em uma parte do corpo afastaria a doença de uma área doente (ver Cauterização e bolhas, página 151) - a antimônia também era usada topicamente como agente causador de bolhas. Uma enciclopédia médica de Londres de 1832 recomenda uma pomada à base de antimônio para curar a tosse convulsa e a tuberculose.

Que, só para constar, não pode. Oh, e aquela bolha que ele criou? Aparentemente, os autores da enciclopédia pensaram que seria melhor mantê-la viva para sempre. Ou seja, quando a bolha estivesse começando a cicatrizar, você arrancaria a tampa e adicionaria mais emético de tártaro para "produzir uma secreção abundante de pus".

Bruto. Quem disse que o antimônio tópico também não pode fazer você vomitar?

Os defensores do antimônio levaram essa abordagem sem dor e sem ganho ainda mais longe com a terapia de aversão, um tratamento comportamental que funciona para associar algo que você deseja (como beber álcool) com algo que você odeia (como vomitar). O médico da Filadélfia, Benjamin Rush, uma vez colocou alguns grãos de emético de tártaro em um copo de rum para um homem que amava a bebida alcoólica um pouco demais. Depois de vomitar, o paciente teve aversão à bebida por dois anos, para a alegria de Rush. Então, pode-se pensar que o antimônio seria ótimo para esse propósito, exceto, ops, é realmente tóxico e o alcoolismo não é uma doença com solução rápida.

E ainda assim, os charlatães persistiram. Em 1941, surgiu um processo judicial alegando que os Pós Shoo-Fly da Sra. Moffat para a embriaguez, que continham antimônio, eram fraudulentos e tóxicos (sem mencionar que o nome era meio ridículo). Mas isso não impediu as pessoas de continuarem a usá-lo para o alcoolismo. Na verdade, o antimônio ainda é usado fora dos Estados Unidos para essa finalidade. Em 2004, um homem de 19 anos bebeu “Soluto Vital” da Guatemala, uma bebida à base de antimônio que danificou seus rins. O New England Journal of Medicine destacou um caso de 2012 de um homem que voltou para casa bêbado e recebeu uma dose de tártaro emético de sua esposa. Ela o comprou na América Central, depois de ser informada que causaria vômito e faria com que ele parasse de beber álcool.

Ele também foi parar no hospital com problemas renais e hepáticos.

Hoje em dia, ainda existem medicamentos sancionados para terapia de aversão, como o Antabuse, uma substância química que faz você vomitar na presença de álcool ingerido. E, no entanto, não é comumente usado porque, surpresa! Os pacientes não gostam de tomar. Ah, terapia de aversão à aversão. E

nem mesmo envolve antimônio.

## Removendo Antimônio de Nossos Sistemas

Há uma razão pela qual não existem medicamentos na farmacopeia moderna que induzem propositalmente o vômito, além do Antabuse. Temos maneiras melhores de lidar com o veneno ingerido. Hoje em dia, o carvão ativado é administrado para adsorver toxinas no estômago e as terapias de quelação podem retê-las no sangue. Não é necessário vomitar!

O antimônio pode ter sido uma substância milagrosa para os seguidores de Paracelso e Valentim, mas bolhas em chamas e cálices de vômito não são muito apreciados hoje. Embora seja usado em alguns países para tratar certas infecções parasitárias, nos Estados Unidos não é aprovado. Os compostos de antimônio têm muitos efeitos colaterais semelhantes ao arsênico, como feridas na boca, insuficiência renal e, claro, náuseas, vômitos e dor abdominal. E há outro pequeno problema - também é cancerígeno.

Pena que Oliver Goldsmith não sabia de tudo isso antes de receber o que pediu.

# 3

## Arsênico

Of Inheritance Powder, Ratsbane Eaters, the Hot Milkmaid que morreu para ser bonita, the Savior of Syphilis, e Poisonous Wallpaper

Conheça Mary Frances Creighton - uma esposa, irmã e mãe com talento para escapar impune de um assassinato. A primeira vez que ela matou, a vítima foi sua sogra em 1920. As pessoas pensaram que a rica mulher de 47 anos morreu de envenenamento por ptomaína. Mas Mary a alimentou com

um saboroso chocolate quente pouco antes de ela começar a vomitar violentamente. Ela estava morta em poucas horas.

Em 1923, Mary atacou novamente. Ela persuadiu seu irmão adolescente, Charles, a morar com ela e seu marido, até alimentando-o com pudim de chocolate antes de dormir. Charles adoeceu com dores de estômago e boca seca. Ele morreu uma morte bastante horrível logo depois, com vômitos e tremores.

Fabricação de arsênico, 1704. Um favorito entre os assassinos, o arsênico branco é produzido pela torrefação do mineral de sulfeto de arsênio.

Foi atribuído a um vírus estomacal ruim. Mas como era conveniente que Mary tivesse acabado de se tornar beneficiária de uma apólice de seguro de vida de $ 1.000 para Charles. A polícia foi alertada por meio de uma carta anônima de que Mary Frances era uma mentirosa e o menino, uma vítima. Os corpos foram exumados e os químicos forenses testaram os corpos da sogra de Charles e Mary. A resposta?

Arsênico.

Mais conhecido por sua capacidade de matar do que curar, o arsênico é uma potente toxina hepática e cancerígena. Uma dose letal (cerca de 100 mg) geralmente deixará a vítima morta em algumas horas. Da Idade Média até a virada do século XX, o arsênico era carinhosamente conhecido como

"o rei dos venenos", "o veneno dos reis" e "pó de herança". Até mesmo Hipócrates sabia de sua toxicidade nos tempos antigos, descrevendo um tipo de cólica abdominal observada em mineiros que descobriram arsênico. O imperador romano Nero achou esses efeitos muito úteis, usando arsênico para matar seu irmão Britannicus e garantir seu próprio título.

Por que o arsênico era o veneno essencial para todos, de donas de casa a imperadores?

Para começar, é virtualmente indetectável. Sua forma mais famosa, “arsênico branco”, é inodoro e, quando oculto em alimentos e bebidas, muitas vezes não tem gosto. Os sintomas também são úteis para a intoxicação alimentar. Em tempos anteriores à refrigeração, quando um rei repentinamente começava a ter cólicas estomacais, vomitar seus miolos e encher os penicos com diarreia, nem sempre era óbvio que um assassino estava por perto. As famílias Médici e Borgia na Europa renascentista usaram o arsênico generosamente para matar quem quer que se metesse em seu caminho. O ensaísta inglês Max Beerbohm disse certa vez:

“Nenhum romano jamais foi capaz de dizer: 'Jantei ontem à noite com os Borgias'”.

E embora Mary Frances Creighton ganhasse apelidos como “Long Island Borgia”, ela foi considerada inocente de nenhuma das duas mortes suspeitas. Na verdade, ela iria envenenar outra pessoa com arsênico anos depois. (Bem, por que não? Funcionou muito bem nas duas primeiras vezes!) Nesse caso, era Ada Appelgate, a esposa do homem que estava tendo um caso com a filha adolescente de Mary.

Embora parecesse um caso aberto e encerrado, havia uma razão fundamental para o crime de Mary ser tão difícil de provar: no início do século XX, o arsênico estava em toda parte.

Mary Frances Creighton, a "Long Island Borgia", dirige-se ao tribunal em 1936.

Tome dois arsênico e não me ligue de manhã

O arsênico é usado desde a antiguidade como medicamento. É um escarótico, o que significa que faz com que a superfície da pele morra e se desprenda. Portanto, em condições em que a pele está anormalmente espessa, como a psoríase, funcionou, mas foi aplicado a todos os problemas de pele, incluindo úlceras ou eczema. Um toque aqui ou ali pode não causar muito dano, mas o uso excessivo ou

prolongado pode causar toxicidade crônica por arsênio. E, como muitos medicamentos na história, o arsênico era usado para uma quantidade infernal que não fazia sentido: febres, dores de estômago, azia, reumatismo e como um tônico geral. De pílulas tônicas de Aiken a pastilhas de enxofre compostas e pílulas de nevralgia de Gross, o comércio de remédios patenteados repleto de charlatanismo estava adorando o arsênico no século XVIII.

Também no mercado: antimaláricos à base de arsênio, como Tasteless Ague e Fever Drops (um argumento de venda porque a alternativa, o quinino, era amarga). Eles mataram o parasita da malária? Não está claro. Mas alguns médicos notaram mordazmente que o arsênico poderia "curar febres matando pacientes". Um médico chamado Thomas Fowler achou que isso ajudava e começou a fazer sua própria fórmula que reinaria como o remédio de arsênico mais conhecido por 150 anos.

Observe que metade do rótulo está repleto de avisos de veneno e antídotos.

A Solução de Fowler, criada em 1786, era 1 por cento de arseniato de potássio com aroma de lavanda adicionado para evitar que fosse acidentalmente confundido com água. Houve alegações de que curava a sífilis, uma infecção parasitária conhecida como doença do sono, e febres devidas à febre em remissão, um termo que designa a malária. Como os médicos sabiam que ele poderia queimar algumas doenças de pele, eles o aplicaram em tumores cancerígenos na esperança de dissolvê-los. Um dispensatório de 1818 detalha os resultados decepcionantes: "infelizmente, seus bons efeitos muitas vezes não vão além de um determinado período" e, para muitos pacientes, "deve ser permitido que cause danos". Pode causar deficiência de tiamina, deixando as pessoas com formigamento nas extremidades e coração acelerado.

Como um tônico de saúde para aumentar a vitalidade, Fowler's era só show e nenhuma substância. O arsênico tem tendência a dilatar pequenos capilares da face. Assim, as pessoas ficaram com as bochechas coradas e uma aparência de flor e saúde - mas na verdade não se sentiram melhor. E como acontece com muitos outros medicamentos como o mercúrio, a toxicidade do arsênico pode causar alguns sintomas alarmantes, incluindo diarréia ou confusão mental. Tinha um efeito no corpo, que em uma época anterior aos testes e exames laboratoriais modernos, era uma das maneiras pelas quais as pessoas sabiam que um remédio estava fazendo alguma coisa (se a flatulência excessiva conta).

Além da Solução de Fowler, os produtos de arsênico continuaram a ser usados livremente durante grande parte do século XIX. Eles foram aplicados na pele, usados em enemas e comidos.

Uma das formas favoritas de consumi-lo era acrescentando-o ao pão e fazendo “pílulas de pão” ou com pimenta. Ele também foi injetado e inalado na forma de vapor. Um livro de farmacologia elogiou o arsênico como sendo seguro para administrar a mães que amamentam, que poderiam tratar seus bebês com leite materno carregado de arsênico. Outros o usavam para enjoos matinais. As doenças que alegava curar eram infinitas. Mordidas de cobra! Raquitismo! Vômito bêbado! Tudo isso pode ser curado com arsênico. Ou assim as pessoas acreditaram.

A Solução de Fowler e os arsênicos eram, entretanto, ainda reconhecidos como

“caprichosos, imprevisíveis e incontroláveis tanto no que diz respeito ao bem quanto ao mal”, de acordo com um texto de 1948 sobre farmacologia de Torald Sollmann. Consta que Karl Marx parou de usá-lo porque

"entorpece demais minha mente". Acredita-se que Charles Darwin sofra de envenenamento por arsênico devido ao uso de Fowler. Com o tempo, o arsênico engrossa e escurece a pele, e sua aparência bronzeada, não importando o quão pouca exposição ao sol ele teve, apontou para essa possibilidade. Um Jonathan Hutchinson revelou que o efeito do arsênico “não é dar vigor, mas diminuí-lo e fazer o paciente se sentir apático e desconfortável”. Os pacientes imploraram a ele: “Por favor, não me peça arsênico, pois ele sempre me faz sentir muito mal”.

Outra pessoa que tinha uma garrafa de Fowler's na prateleira? Mary Frances Creighton. Mas seriam necessários galões da solução diluída para atingir os níveis de arsênico encontrados

no corpo de Charles - não exatamente fácil de misturar em algumas porções de pudim. Então, como Charles conseguiu uma quantidade tão ridícula de veneno em seu corpo?

Talvez, sugeriram os advogados de Mary, ele estivesse ingerindo arsênico de propósito. Parece loucura? Então você ainda não conheceu o toxifago.

## Os comedores de arsênico da Estíria

Os toxifagos eram um grupo de moradores da Estíria, uma área que agora faz parte da Áustria, que comiam arsênico de propósito. Muito disso. Eles também eram conhecidos como comedores de ratsbane (assim chamados porque o arsênico era um grande rodenticida - era o veneno de Rough on Rats que Mary Creighton usava em seu irmão e em Ada Appelgate, o público logo descobriria). Um médico suíço, Johann Jakob von Tschudi,

relatou pela primeira vez sobre o toxifago em 1851. Aparentemente, esses moradores consumiam pequenas quantidades de arsênico, talvez meio grão (cerca de 30 miligramas) algumas vezes por semana, acumulando doses letais de até oito grãos (cerca de 500 miligramas). Os pedaços de arsênico branco pareciam giz e eram polvilhados no pão ou "em um pequeno pedaço de banha fresca".

Gostoso. Foi comprado de “herboristas ou vendedores ambulantes, que, por sua vez, o obtinham de operários em vidro húngaro, de cirurgiões veterinários e de charlatães”. Não exatamente Pfizer, mas tudo bem.

Estirianos se gabavam de maior resistência e apetite sexual, bochechas salientes e robustez na forma de ganho de peso. (Eles até deram arsênico aos cavalos.) Tschudi relatou sobre uma leiteira que queria aumentar seus encantos para atrair um certo amante. Ela começou a tomar arsênico e

"depois de alguns meses ela ficou gorda, gordinha, em uma palavra, tudo o que o jovem desejaria". Ela imaginou, bem, por que parar aí? A leiteira aumentou a dosagem até “ser vítima de sua coqueteria. Ela morreu envenenada e seu fim foi doloroso. ” Infelizmente, a teoria de que “mais é melhor” é uma teoria muito, muito ruim quando se trata de arsênico.

Uma camponesa da Estíria, por volta de 1898. Um rosto que vendia muito veneno.

Curiosamente, os toxifagos pareciam viciados no veneno de sua escolha. Se parassem de tomá-lo, sofreriam os efeitos da abstinência, incluindo perda de apetite, ansiedade, vômitos, salivação excessiva, prisão de ventre e problemas respiratórios. A morte também ocorreu, a menos que o toxifago retomasse sua dieta. Além do mais, nem todos os comedores de arsênico brilharam com uma flor saudável -

muitos morreram de mortes horríveis.

Na época, a notícia do toxifago abalou a comunidade médica em todo o mundo. No Boston Medical and Surgical Journal (o precursor do New

England Journal of Medicine), um Dr. Chevallier proclamou: “Os fatos relatados nos pareceram tão improváveis que não depositamos fé neles”. Achava-se que parte do arsênico comido era na verdade giz, vendido por charlatões. Outros acreditam que as grandes doses de arsênico não foram totalmente absorvidas. Eventualmente, outros médicos relataram arsênico real em muitas das dietas dos toxifagos, embora sem uma análise de sangue moderna, a história do comedor de arsênico ainda seja difícil de engolir.

Não importa como alguém interprete sua história, é indiscutível que os relatos dos toxifagos transformaram a reputação do arsênico de temido veneno em restaurador da juventude e cura para tudo. Infelizmente, a ideia de um belo comedor de arsênico deixou sua marca na sociedade. Havia muitas mulheres dispostas a comer veneno e, a contragosto, morrer pela beleza.

Pretty and Dead = Pretty Dead: Arsênico, o cosmético

A história da leiteira da Estíria se espalhou pela Europa, onde outras buscaram tornar-se belezas coradas (ignorando, talvez, sua morte inconveniente). Na era vitoriana, um coquetel de arsênico, vinagre e giz podia causar anemia, o que, por sua vez, tornava a pele mais pálida e aristocrática. Como mencionado anteriormente, o arsênio dilata os capilares, proporcionando a alguns uma sensação de saúde.

Mas, na realidade, a absorção crônica realmente escurece a pele, então provavelmente os ingredientes colaterais ou outros esforços (ficar longe do sol ou usar lavagens com vinagre) fizeram mais do que o veneno para clarear a pele. Felizmente, muitos produtos cosméticos não continham grandes doses de arsênico. Se eles fizeram? Um consumidor inteligente pode parar de usar o produto assim que o efeito contrário for percebido.

Ainda assim, a moda do cosmético arsênico persistiu. No século XIX, beber ou enxaguar o rosto com a solução de Fowler e usar suplementos de arsênico e sabonetes estava na moda. Havia até tônicos capilares que

continham arsênico, não importando que ele realmente causasse queda de cabelo e fosse usado como depilatório desde a época de Hipócrates.

Marcando um ponto pela lógica, muitos condenaram a moda. "Que perspectiva é essa para o homem cuja esposa está absurdamente imolando-se no altar da vaidade!" escreveu um médico em 1878. Um caso clássico: Kate Brewington Bennett. Ela era supostamente a mulher mais bonita de St. Louis e famosa por sua pele branca como porcelana. Depois de consumir arsênico por anos, ela morreu aos 37 anos, em 1855. Vaidosa até o fim, a bela senhora implorou ao marido que não colocasse sua data de nascimento no monumento do cemitério, para que ela fosse imortalizada como jovem. Seu marido concordou, mas dissimuladamente acrescentou sua idade de qualquer maneira.

Em algum lugar na próxima vida, os Bennett estão tendo uma pequena briga de amantes por causa disso.

Não lamba o papel de parede

O arsênico também fez uma bela variedade de tintas com nomes como “Paris Green” e

“Scheele's Green” que eram usadas para colorir flores artificiais, tecidos e papel de parede. As tinturas eram tão populares que, em meados de 1800, dizia-se que a Inglaterra estava “banhada” de verde com 30 milhões de metros quadrados de papel de parede com infusão de arsênico. Infelizmente, esses produtos envenenaram muitos de seus usuários, liberando flocos de papel venenoso no meio ambiente ou infundindo arsênico no ar ao longo do tempo. Uma vez que seus perigos foram compreendidos, eles foram usados como raticidas.

Um belo subproduto de tintura chamado London Purple era um inseticida fantástico que também pintava plantas com spray. Tem vermes? Ou paredes chatas? Sentindo-se assassino? O arsênico é sua geléia.

A morte de Napoleão em 1821 foi atribuída a muitas coisas, incluindo mercúrio, mas altos níveis de arsênico foram encontrados em seu cabelo. O arsênico poderia tê-lo matado? Pode ter contribuído, mas era improvável que fosse a única causa da morte. Amostras de papel de parede com lindos verdes mostram que provavelmente eles eram a fonte. Agora sabemos que sua prisão bem decorada provavelmente o estava deixando doente.

## Arsênico Hoje

Toda essa conversa de veneno, toxicidade e morte! O arsênico como remédio parece um mau julgamento na forma de pílula. Pior do que, digamos, passar fio dental com arame farpado. Mas o arsênico, na verdade, teve um lugar legítimo na história da medicina por algum tempo.

Salvarsan, neosalvarsan e bismarsen são todos compostos de arsênico que finalmente interromperam a sífilis após séculos sem cura. Eventualmente, a penicilina usurpou seu lugar. E embora os arsenicais mais antigos fossem usados para a infecção da doença do sono (tripanossomíase), sua toxicidade era intolerável. Os arsênicos antiprotozoários mais novos surgiram no século XX, mas na década de 1990

foram retirados do mercado assim que sua associação com o câncer foi descoberta.

Por falar em câncer, a solução multifuncional de Fowler também foi anunciada como um agente anticâncer. Surpreendentemente, neste reino em particular, parecia fazer algum bem. Em meados de 1800, parecia interromper temporariamente os sinais e sintomas da leucemia mieloide crônica. O arsênico branco tem sido usado para tratar a leucemia promielocítica aguda e está curando muitos pacientes atualmente.

Como tantos medicamentos, o arsênico tem uma reputação complexa, para dizer o mínimo. Pode ser um herói com passado homicida. (Mary acabou na cadeira elétrica de Sing Sing -

apelidada de “Old Sparky” - depois daquele fatídico terceiro homicídio. Os assassinos só podem ter sorte por algum tempo.) Pode ser um “embelezador” que vai matá-lo no processo. Pode causar e combater o câncer.

Como Paracelso disse uma vez: "Todas as coisas são venenosas e nada é sem veneno, apenas a dosagem faz com que uma coisa não seja venenosa."

O arsênico, ao que parece, não é exceção.

# 4

# Ouro

Da Pedra Filosofal, Curas do Bêbado, Pílulas Douradas, Bebidas reconfortantes e Droga para Suas Bonecas

Em 1893, Eugene Lane foi encontrado na entrada da Ponte do Brooklyn, tarde de uma noite de sexta-feira, excepcionalmente bêbado. Tão bêbado, na verdade, que o policial o descreveu como

“cego, surdo e mudo”. Ele foi arrastado para a prisão da cidade de Nova York no centro de Manhattan, carinhosamente chamada de The Tombs, e trancado.

No dia seguinte, com uma dor de cabeça lancinante, olhos como os de um peixe morto e em meio a seu “ambiente fedorento”, Lane foi capaz de explicar como acabou na prisão. Ele tinha acabado de comemorar um programa de tratamento de alcoolismo bem-sucedido com outros graduados do Keeley Institute em White Plains. Ou parecia, não tão bem sucedido.

O Dr. Leslie E. Keeley foi um cirurgião do Exército da União que prometeu uma cura milagrosa do vício. Em 1880, ele começou a tratar viciados em álcool e ópio em seu sanatório em Dwight, Illinois. Indo contra o status quo médico, ele exclamou: “O alcoolismo é uma doença e eu posso curá-la”.

E curar, ele tentou. Durante anos, os trens para Dwight foram preenchidos com

"idiotas" desesperados por sobriedade. Após o check-in, o paciente recebeu imediatamente uma injeção no braço. Também foi prescrito um tônico, uma

colher de chá a cada duas horas. Os pacientes faziam fila, esperando para receber suas múltiplas injeções e colheres de chá por dia com uma precisão militar.

A fórmula do tônico e das injeções era patenteada e ferozmente protegida. Na verdade, a receita real foi para o túmulo com Keeley. Mas havia um ingrediente que ele anunciava abertamente e com orgulho - ouro.

Ouro potável: imortalidade em um copo

Keeley não foi o primeiro a jurar pelas propriedades curativas de um tônico salpicado de ouro. Os humanos vêm tentando consumir ouro para sua saúde há milhares de anos. Mas aqui está o

problema: na maioria das vezes, o corpo não pode fazer nada com isso. Quando tomado por via oral, o ouro puro passa direto, tornando nossas fezes mais brilhantes e valiosas do que no dia anterior. Por muito tempo, os médicos não sabiam o que fazer com o elemento teimoso. Não mudou quimicamente, não se misturou com as soluções e parecia não fazer nada a ninguém. Até mesmo alguns dos maiores especialistas em medicina (Hipócrates, Celsus e Galeno) não mencionaram o assunto.

Então, por que continuamos tentando consumir esse elemento bonito, mas aparentemente inútil?

Imortalidade, para começar. Claro, o ouro luxuoso é onde a inovação médica se torna gananciosa. Claro, você buscava antimônio quando precisava vomitar ou lanceta ou sanguessuga se precisava sangrar, mas às vezes derrotar a doença não era o bastante. Quando se tratava de desafiar a própria morte, os alquimistas eram repetidamente atraídos pelo brilho do ouro.

Já em 2500 aC, os chineses sabiam que o ouro era resistente à corrosão e, portanto, o associavam a uma vida útil prolongada. No século III dC, o alquimista Wei Boyang escreveu: “O ouro é a coisa mais valiosa do mundo porque é imortal e nunca apodrece. Os alquimistas comem e gostam da longevidade. ” Tentar consumir ouro não era exatamente um conceito novo. Por quase dois milênios, começando em 202 aC, a Bencao gangmu materia medica incluiu algumas recomendações de ouro como esta para feridas na boca e gengivas: “Cozinhe um artigo de ouro com água e gargareje com ele regularmente”.

Gold-gargle-schläger, alguém?

Com o surgimento da alquimia nos tempos medievais, a busca para criar uma forma de ouro potável entrou em alta velocidade. O principal objetivo dos alquimistas? Para criar o elixir da vida, também conhecido como Pedra Filosofal, também conhecido como a substância mágica que confere a imortalidade. (Isso foi antes de Harry Potter, é claro.) Por volta de 1300 dC, um alquimista chamado Geber finalmente descobriu como fazer o ouro se dissolver em um líquido. Esta água régia (água real) era uma mistura letal laranja-amarelada de ácido nítrico e clorídrico que exalava vapores como o caldeirão de uma bruxa Disney comum. Magicamente, ele poderia dissolver ouro puro e, após processamento adicional, produzir um sal - cloreto de ouro - que poderia ser bebido quando misturado com água. Mas, embora as poções de cloreto de ouro fossem terrivelmente corrosivas, foi um avanço. Pela primeira vez, os químicos se sentiram como se pudessem desvendar os segredos vitais deste metal brilhante.

Paracelso, em particular, reuniu-se em torno do ouro potável - aurum potável - no século XVI. Acreditando que o ouro poderia tornar o corpo “indestrutível”, ele pode ter superestimado o elemento: “O ouro bebível cura todas as doenças, ele renova e restaura.” Ele alegou que poderia ajudar com mania, doença da Dança de São Vito e epilepsia. Além disso, "deixou o coração feliz".

Isso realmente curou? Difícil de dizer. Uma coisa era certa, era definitivamente tóxico.

Os sais de cloreto de ouro podiam causar danos aos rins e algo chamado febre áurica, que não apenas deixava o sofredor febril, mas também envolvia salivação abundante e micção.

Talvez as pessoas estivessem melhor quando o ouro não era tão bebível.

Paracelso pondera majestosamente sobre ouro potável.

Comprimidos dourados, cordiais explosivos e outras ideias ruins brilhantes Curiosamente, os médicos - como o botânico e médico do século XVII Nicholas Culpeper - continuaram a prescrever ouro pelos mesmos motivos que Paracelso fazia (às vezes até revestindo o cloreto de ouro com uma camada de ouro para fazer uma pílula dourada, para efeito extra). As

desvantagens eram um risco que os pacientes estavam dispostos a correr. Para aqueles que sofriam de epilepsia ou doença mental, a promessa cintilante de ouro ainda valia a pena tentar.

Infelizmente, muitos charlatães exploraram o fascínio do ouro para vender medicamentos inúteis. Um desses vendedores foi Leonhard Thurneysser zum Thurn. Filho de um ourives, Thurneysser começou sua carreira manchada no século XVI, quando dourou pedaços de metal barato e tentou vendê-los como ouro puro. Ele acabou decidindo que praticar medicina era onde estava o dinheiro e começou um negócio criando e vendendo elixires de preços exorbitantes que afirmavam incluir ouro potável com nomes dramáticos como "tintura de ouro" e "magistério do sol", que provavelmente não tinha ouro solúvel cloreto neles. Foi tudo flash e nenhum medicamento. Eventualmente, um professor em Frankfurt escreveu uma exposição contundente. Thurneysser perdeu seu negócio e suas riquezas também, por um caminho muito moderno - um divórcio escandaloso. Certamente, há uma lição aqui em algum lugar.

Embora vejamos o aparecimento de ouro em muitas farmacopeias do século XVII, está claro que charlatães, em vez de praticantes reais, eram mais aptos a vender essas poções. Afinal, os médicos ainda não tinham demonstrado que o ouro tinha algum efeito benéfico no corpo. Mas quem se preocupa com coisas menores, como descobertas empíricas, quando você tem um ótimo marketing? A promessa favorita dos vendedores de medicamentos de ouro era que o ouro possuía "cordialidade". Não simpatia, mas sim um efeito bom e caloroso no coração (cor = coração, latim). Como os antigos alquimistas pensavam que o ouro representava o sol e o coração era o equivalente fisiológico do sol e do calor, meio que fazia sentido.

Cordiais seriam feitos por centenas de anos, levando calor (geralmente via álcool) aos bebedores, às vezes nadando com partículas de ouro fisiologicamente inertes para fazer o comprador pensar que estava recebendo o tratamento real. Certamente, os bebedores de Goldschläger de hoje se sentem como se estivessem ganhando um deleite com lantejoulas!

Mesmo que esses vendedores estivessem mentindo sobre seus produtos, poderia ter sido o melhor. Sim, esses tônicos e tinturas não continham ouro, mas você provavelmente não queria a coisa real de qualquer maneira. Além do sal que induz a febre, os alquimistas tropeçaram em algo chamado ouro fulminante, uma combinação tóxica de ouro, amônia e cloro. Também anunciado como um aquecedor

"cordial", o composto explodiu no cenário farmacêutico. E queremos dizer isso literalmente: tinha uma tendência adorável para explodir espontaneamente. Maravilhoso para piromaníacos, não tanto para os doentes. Às vezes, a inovação é uma coisa ruim.

No século XVIII, o ouro fez o impossível e perdeu seu brilho. Os médicos começaram a ouvir químicos que rejeitaram a estrutura alquímica de seu potencial medicinal. Alguns como Herman Boerhaave disseram que era "de pouca utilidade na medicina, exceto para ostentação".

Mas seriam necessários mais do que algumas críticas e catárticos explosivos para manchar esse metal. O ouro medicinal ainda não foi

concluído.

Sexo, drogas e bebida: ouro para doenças sexualmente transmissíveis e alcoolismo No século XIX, a busca desesperada pela cura da sífilis trouxe o ouro de volta ao cenário medicinal. Embora o mercúrio fosse muito mais apreciado no tratamento de doenças sexualmente transmissíveis, alguns se transformaram em ouro na forma de uma preparação menos cáustica de cloreto de sódio e cloreto de ouro. Como muitos medicamentos para a sífilis na época, parecia funcionar porque os sintomas da sífilis diminuíam por conta própria. Mas o poder da evidência anedótica fez o trabalho. O ouro estava de volta na forma de pílulas, pastilhas, sal de ouro em pó para as gengivas e até mesmo uma injeção e um tônico que prometia curar uma doença que afetava milhares de pessoas - o alcoolismo.

A Dra. Leslie Keeley não era idiota. Na verdade, na época, sua ideia de tratar o alcoolismo como se fosse uma doença e não uma falha pessoal era chocante e inovadora. Mas será que quatro injeções por dia e um tônico sugado realmente curar milhares de bêbados americanos? Keeley achava que sim. Ele divulgou uma taxa de cura surpreendente de 95% com suas injeções de ouro.

Anúncio de uma filial do Keeley Institute. O esqueleto voador é um belo toque.

Em primeiro lugar, havia ouro nessas injeções? Era a parte mais atraente de sua publicidade. Mas Keeley se recusou veementemente a desistir da fórmula. Em algumas ocasiões, ele pessoalmente forneceu amostras para testes, revelando vestígios de ouro nos injetáveis.

Testes secretos feitos por outros sem a permissão de Keeley não conseguiram encontrar quantidades substanciais de ouro na poção ou nas injeções. O que eles encontraram, no entanto, foram muitos ingredientes

interessantes: morfina, cannabis, cocaína, extratos de casca de salgueiro e álcool.

Outras análises encontraram estricnina e atropina. No auge de sua popularidade - era facilmente encontrado em todos os Estados Unidos, seja em institutos ou por correspondência - o medicamento de Keeley era universalmente conhecido como "droga" e as crianças ameaçavam suas bonecas com "droga" se elas não melhorassem em breve. Isso explicaria por que os policiais que prenderam Eugene Lane disseram que ele parecia estupefato e ininteligível por "algumas dessas drogas que eles estão tomando lá no Dr. Keeley".

Quanto ao ouro? Parecia apenas dourar um tratamento que poderia ter feito mais para sedar os pacientes durante a abstinência do álcool do que realmente curá-los. Os detratores da época relataram seus próprios números, alegando que, em vez da taxa de cura de 95% que Keeley alardeava, apenas cerca de 20 a 50% dos pacientes permaneceram secos inicialmente. Dado que não havia dados obrigatórios sobre o acompanhamento de longo prazo, o número final era provavelmente muito menor.

Após a morte de Keeley em 1900, uma batalha legal se seguiu entre a empresa e um de seus primeiros sócios, Fred Hargraves, que alegou que os remédios não continham ouro. No início, ele e Keeley trataram um homem com uma fórmula de ouro, e esse homem morreu. Resultados não exatamente promissores. Mas eles mantiveram o nome de “cura do ouro”. Parecia que Keeley estava bastante satisfeito com a ideia de que “há um traço de ouro em tudo, ouro na água do mar, na lama - tudo. Há um traço de ouro nele, e isso é o suficiente. ”

Aparentemente, nem tudo que reluz na publicidade é ouro. Certamente não cura os alcoólatras.

Basta perguntar a Eugene Lane.

## Loucura e Homens Azuis

A prata medicinal pode não ter o brilho do ouro, mas tem mais substância. Usada hoje topicamente como um antimicrobiano, a prata tinha a reputação de deter a deterioração nos tempos antigos -

uma reputação que se estendeu à era dos pioneiros americanos, que alegadamente jogavam moedas de prata em recipientes de leite para mantê-los frescos.

Os alquimistas conectavam a prata com a mente e a lua (semelhante à relação do ouro com o sol), dando origem a termos de transtornos mentais como lunáticos. Os ricos que ingeriam prata suficiente de suas colheres para mudar a cor de sua pele eram conhecidos como "sangue azul". Como os amantes da prata de outrora, alguns proponentes hoje consomem tanta prata para prevenir infecções que sua pele fica azul (uma condição conhecida como argiria). Stan Jones, um político libertário que sem sucesso concorreu ao Senado e governador de Montana duas vezes entre 2000 e 2006, desenvolveu um caso grave de argiria depois de beber grandes quantidades de prata coloidal para se preparar para o Y2K, pensando que haveria uma escassez de antibióticos. Falando aos repórteres sobre sua pele azul-acinzentada, ele disse: “As pessoas me perguntam se é permanente e se estou morto. Eu digo a eles que estou treinando para o Halloween. ” Ou um desfile de Smurfs, talvez.

Um verdadeiro libertário azul.

## A Idade Dourada Moderna

Hoje em dia, as pessoas ficariam surpresas ao saber que o ouro realmente tem um lugar legítimo na caixa de ferramentas médicas. Infelizmente,

depois de todos os esforços da humanidade em nome do aurum potable, essas poções eram inúteis ou muito tóxicas. Mas suas outras formas têm muitas utilidades. O ouro coloidal - uma mistura de ouro microscópico e outras substâncias - é usado na microscopia eletrônica. Podemos agradecer às ligas de ouro pelo preenchimento de nossas cavidades. Nanopartículas de ouro estão sendo investigadas como tratamentos de câncer; eles se acumulam preferencialmente nas células tumorais, podem se ligar a proteínas e drogas e podem potencializar o efeito de certas terapias.

Compostos de ouro, injetados ou em forma de pílula, têm sido usados no tratamento da artrite reumatóide, possivelmente devido às propriedades antiinflamatórias (o motivo ainda não é totalmente conhecido). Às vezes, esses compostos de ouro têm um perfil robusto de efeitos colaterais - um dos quais é a crisíase. É quando partículas de ouro (leva cerca de oito gramas - vários anos de tratamento) se acumulam nas células do pigmento da pele e, com a exposição ao sol, tornam o paciente um tom de cinza-azulado. No que diz respeito à pele, dourar fisicamente um humano não pode realmente ajudá-lo, mas também não pode matá-lo. Lembra daquela cena de James Bond Goldfinger com a mulher dourada morta que morreu de

“asfixia cutânea”? Foi uma cena bastante cativante, mas foi tudo deslumbrante e sem ciência.

Não é nenhuma surpresa que o uso moderno do ouro medicinal seja muito restrito.

Todos esses anos, tem sido mais brilhante do que vale a pena.

# 5

# Rádio e Radon

De Playboys Envenenados, os Curies, Supositórios de Rádio e Como Irradiar Sua Água Potável

No final de uma noite de novembro de 1927, Eben Byers - um industrial, socialite e mulherengo de 47 anos - caiu de seu beliche em seu trem particular fretado.

Naquela noite, ele estava com um humor exuberante, tendo acabado de assistir Yale, sua alma mater, derrotar Harvard em sua partida anual de futebol. Estimulado pela vitória de seu time, Byers lançou o tipo de festa que só um playboy rico poderia oferecer em um trem particular nos anos 20 (também conhecido como o tipo de festa a que todos gostaríamos de ir todas as sextas-feiras à noite).

Durante a festa da madrugada, Byers sofreu uma queda feia e machucou o braço.

Quando a dor permaneceu com ele vários dias depois, no conforto de sua mansão, ele procurou seus médicos bem pagos. Eles ficaram perplexos. Apesar de seus melhores esforços, a dor no braço de Byers não diminuía.

A lesão teve um efeito prejudicial em seu sério jogo de golfe. (Ele havia vencido o Campeonato Amador dos Estados Unidos vinte e um anos antes, em 1906.)

Pior para o playboy rico, a lesão amorteceu sua libido furiosa.

O notório mulherengo estava desesperado por soluções. Perdido, um dos médicos de Byers sugeriu que ele experimentasse um novo medicamento patenteado chamado Radithor. Fabricado pelo

Laboratório Bailey Radium em Nova Jersey, cada frasco de Radithor tinha garantia de conter dois microcuries de rádio, o novo garoto no bloco médico e ainda florescendo com potencial. Radithor foi amplamente anunciado como uma cura para cerca de 150 doenças, incluindo dispepsia, hipertensão e impotência. Também não atrapalhou o fato de o médico, junto com todos os outros médicos que prescreveram Radithor, receber uma generosa propina de 17% do fabricante.

Byers começou a tomar o remédio. Quando sua dor no braço melhorou, ele se convenceu de que Radithor havia aumentado sua vitalidade. Ele começou a beber três garrafas de Radithor por dia em dezembro de 1927, três vezes a quantidade diária recomendada. Era um luxo único em sua situação financeira, porque a pessoa média não tinha condições de manter esse tipo de dosagem. E isso era uma coisa boa - em 1931, o industrial havia acumulado níveis de dosagem de radiação equivalentes a receber vários milhares de raios-X.

Infelizmente para Byers, esse nível de radiação não o transformou em um super-herói da Marvel. Isso lentamente - e horrivelmente - o matou.

Radithor, com 2 microcuries de rádio em água triplamente destilada. Byers bebia três desses todos os dias.

Eis o poder do rádio!

Famosamente descoberto e isolado por Marie e Pierre Curie - que no final das contas deram sua saúde e, no caso de Marie, sua vida, por essa descoberta científica - o rádio foi adotado pela comunidade médica do início do século XX por sua notável capacidade de destruir células cancerosas. Claro, o problema com o rádio é que ele se parece menos com

um míssil de busca de calor e mais com uma bomba nuclear. Pode afetar qualquer célula que encontrar, cancerosa ou não.

Antes que os perigos do rádio fossem totalmente compreendidos, no entanto, o elemento teve uma breve vida (meia-vida?) Como o elemento celebridade do dia. Em 1902, os Curie isolaram pela primeira vez o cloreto de rádio de um mineral e minério rico em urânio, agora chamado de

"uranita". (Uma introdução rápida: à medida que o urânio se decompõe, ele se transforma em outros elementos. O rádio é apenas uma parada no trem de decomposição unilateral do urânio para o chumbo.) O

novo elemento, que Marie chamou de "meu lindo rádio", brilhava com ambos radioatividade e promessa médica. O rádio tinha meia-vida de 1.600 anos e um nível de radioatividade cerca de três mil vezes maior que o do urânio. Era extremamente raro e extremamente intrigante. (E extremamente perigoso, mas veremos isso mais tarde.)

Menos de um ano depois, ao comentar sobre a capacidade do rádio de causar queimaduras profundas na pele, Pierre Curie sugeriu que ele poderia ter potencial para tratar o câncer. Os resultados iniciais foram muito promissores, especialmente com câncer de pele. No ano seguinte, 1904, viu John MacLeod, um médico do Charing Cross Hospital em Londres, desenvolvendo aplicadores de rádio para o tratamento de cânceres internos também, o que reduziu os tumores.

É difícil exagerar a importância dessa descoberta. Depois de perder a guerra contra o câncer por séculos, finalmente tínhamos um aliado. E ainda brilhava! Portanto, não foi surpresa que, além de tratar o câncer, os médicos no início do século XX experimentassem o uso do rádio para hipertensão, diabetes, artrite, reumatismo, gota e tuberculose.

Apesar da aprovação da Pure Food and Drug Act em 1906, o rádio permaneceu totalmente sem regulamentação porque foi classificado como um elemento natural e não como uma droga. E

assim, charlatães de todo o país começaram a explorar as qualidades misteriosas do rádio para seu próprio benefício. (Anúncios surgiram nos jornais: “Irradie Juventude e Beleza”, “Radium is Restoring Health to Thousands” e “Notável Novo Radium Cream Liniment elimina a dor de dores nas articulações e músculos instantaneamente!”)

A única graça salvadora foi que o rádio era extremamente caro por causa de sua escassez. Como resultado, a grande maioria dos produtos radioativos vendidos por charlatães nos Estados Unidos não continha nenhum ingrediente radioativo, uma peculiaridade do processo de oferta e demanda que sem dúvida salvou centenas, talvez milhares de vidas.

Marie Curie resplandece com seu “lindo rádio”.

Radon, o Revigator e Outros Crocks

A primeira onda de produtos radioativos a chegar aos mercados de balcão foi à base de água. A opinião médica pousou no rádon (o gás produzido pela decomposição do rádio) como a propriedade curativa e vital das fontes termais populares na virada do século XX - especialmente as famosas fontes em Arkansas (veja o quadro “Hotéis Radium Spa , ”Página 55). Ninguém sabia realmente o que havia nas fontes termais que as tornavam curativas, mas uma vez que a presença do radônio foi identificada, não foi um salto presumir que a radioatividade era a responsável. Radon, entretanto, tinha um problema sério. Ele só pode permanecer temporariamente na água antes de se decompor ou evaporar no ar.

Hoje, tentamos explicitamente remover o radônio de nossa água potável (obviamente).

Mas, no início do século XX, surgiu um forte comércio de dispositivos construídos para fazer exatamente o oposto. Além de mergulhar em piscinas repletas de radônio, muitas pessoas acreditavam que beber água radioativa

era geralmente uma boa ideia, o equivalente a tomar uma bebida verde hoje. Um dos dispositivos de maior sucesso para adicionar radônio à água foi o Revigator, inventado por RW Thomas e patenteado em 1912. O Revigator foi descrito como uma "vasilha de água radioativa", o que era essencialmente verdade -

era uma grande jarra feita de rádio. contendo minério de urânio com uma torneira anexada. Os consumidores foram instruídos a encher a jarra todas as noites e “beber à vontade”, com uma média de seis a sete copos por dia. O Revigator se tornou sua própria fonte radioativa em casa, com a garantia de produzir uma "bebida saudável". E se sobrou água no final do dia? Anúncios incentivaram os consumidores a regar suas plantas!

Um dos problemas com o Revigator - além de envenenar lentamente as pessoas com cerca de cinco vezes a concentração de rádio recomendada para beber água - era sua falta de portabilidade.

Vários dispositivos semelhantes, porém menores, surgiram no mercado, incluindo o Thomas Cone, o Zimmer Emanator e o Radium Emanator, todos operando com o mesmo princípio de que você simplesmente os jogava na água que estava prestes a beber. (Esses dispositivos, chamados coletivamente de "emanadores", eram normalmente fabricados a partir de minério de carnotita, um minério primário de urânio. O urânio se decomporia gradualmente, produzindo rádio e gás radônio, que então infundiam a água para torná-la radioativa.) Por fim , você poderia fazer água radioativa em qualquer lugar. Os vendedores ambulantes podiam ter a certeza de que a água que bebiam à noite em seu motel à beira da estrada era adequadamente irradiada.

À medida que a relação entre o radônio e o rádio começou a ser entendida mais claramente (em termos de potência radioativa, o rádio é basicamente o radônio ao quadrado), não demorou muito para que os fabricantes começassem a lançar produtos que permitissem aos consumidores consumir rádio diretamente ou aplicá-lo na pele . Ao longo da década de 1920, uma variedade de cosméticos à base de rádio foram lançados no mercado, incluindo cremes de beleza, pomadas, sabonetes e pasta de dente. Sim,

pasta de dente. Não bastava ter dentes brancos na década de 1920; aquelas pequenas pérolas tinham que brilhar.

Cigarros de rádio, alguém?

## “Ionizando suas glândulas” com Jockstraps e supositórios

A controvérsia médica reinou sobre como exatamente a radioatividade beneficiava o corpo humano. Alguns alegaram que o rádio funcionava por aplicação direta às partes doentes; outros achavam que estimulava o sistema endócrino, particularmente as glândulas supra-renais e tireóide. Por um tempo, o consenso pousou na ideia de que o funcionamento humano saudável dependia da radiação ionizante, isto é, raios X e raios gama.

Antes de produzir o precioso Radithor de Eben Byers, William Bailey inventou o

“Radiendocrinator”, um arnês folheado a ouro contendo rádio que o paciente (ou vítima) poderia usar em qualquer parte do corpo que precisasse de rejuvenescimento. O Radiendocrinator, você vê, produziu raios gama que “ionizariam as glândulas endócrinas”. A ideia era que ionizar (ou seja, irradiar) o sistema endócrino aumentaria a produção de hormônios. Ou, como era mais bem compreendido por seu público menos esclarecido, o dispositivo funcionava “iluminando recessos escuros do corpo”. O Radiendocrinator poderia até ser usado sob o escroto em uma pulseira especial para energizar pênis não inspirados.

Em 1924, Bailey atingiu o auge de sua carreira com um discurso extremamente otimista sobre o potencial medicinal do rádio perante a American Chemical Society. Ele disse a eles: “Temos encurralado a aberração, a doença, a velhice e, de fato, a própria vida e morte nos endócrinos.” Bailey acreditava (ou pelo menos afirmava acreditar, já que as verdadeiras crenças de Bailey são obscurecidas por seu marketing) que o

envelhecimento era causado pelo declínio gradual das glândulas endócrinas. Ao irradiá-los ou “ionizá-los”, o rádio poderia revitalizá-los, o que por sua vez restauraria algum brilho aos idosos e decrépitos. Ele adicionou:

Estou satisfeito com a experiência clínica definitiva com o Radiendocrinator que um método de ionização está agora disponível pelo qual podemos definitivamente, praticamente sem exceção, retardar o progresso da senescência e dar uma nova chance de funcionamento relativamente normal para aqueles cujo sol da vida está lentamente afundando nas sombras roxas daquela noite mais longa. . . . O rosto enrugado, a pele enrugada, o olho opaco, o andar apático, a memória defeituosa, o corpo dolorido, os efeitos destrutivos da esterilidade, todos significam um desempenho endócrino imperfeito.

Bailey não era o único focado na relação entre rádio e glândulas. A Home Products, uma empresa sediada em Denver, Colorado, teve a ideia diabolicamente brilhante de combinar comprimidos de glândula animal e suplementos de rádio para curas potentes para ajudar "homens fracos e desencorajados a transbordar de vitalidade alegre".

Os homens que tiveram a infeliz experiência de tomar Vita Radium certamente borbulharam com alguma coisa, porque aqueles suplementos de rádio eram supositórios. Supositórios de rádio. Os pacientes estavam literalmente colocando rádio em seus próprios traseiros.

As mulheres, no entanto, sofreram pior. Em um esforço para combater o eterno problema feminino da "indiferença sexual", a Home Products produziu "Supositórios Especiais para Mulheres". Quando inseridos pela vagina, alegava-se que esses supositórios de rádio curavam todos os tipos de aflições sexuais e, além do mais, revigoravam seus apetites sexuais.

Homem com câncer no pescoço recebendo radioterapia de uma “bomba de rádio” na Bélgica em 1925. A bomba produziu radiação de treze fontes,

cada uma focalizando o tecido de um ângulo diferente.

## A horrível morte de um industrial

No final de 1927, Eben Byers, nosso rico industrial, bebia rotineiramente várias garrafas de Radithor todos os dias, convencido de que era o responsável pela melhora em sua saúde. Com todo o zelo de um recém-convertido, Byers começou a enviar casos de Radithor para seus amigos, colegas e

“conhecidas” com seu selo de aprovação entusiástico. (Uma das quais, Mary Hill, o precedeu na morte, provavelmente por causa da radiação também.) Ele ficou tão fascinado com o medicamento patenteado que até alimentou alguns de seus cavalos de corrida favoritos. Talvez pela única vez na história, você pudesse observar um cavalo radioativo nas pistas no final dos anos 1920.

Nos cinco anos seguintes, Byers consumiu surpreendentes 1.500 garrafas de Radithor.

Em 1931, seu corpo estava literalmente se destruindo de dentro para fora. Os últimos dezoito meses de sua vida saíram direto de um filme de terror.

Quando o antes forte e robusto mulherengo finalmente morreu de múltiplos cânceres baseados em radiação que atingiam seu corpo, em 31 de março de 1932, ele pesava quase quarenta e dois quilos. Seus rins haviam falhado completamente, deixando sua pele amarelada e encovada. Seu cérebro tinha abscesso, deixando-o quase mudo, mas totalmente lúcido. A maior parte de sua mandíbula foi removida por cirurgiões em tentativas fracassadas de impedir a propagação do câncer. E seu crânio estava crivado de buracos por causa da radiação.

“Seria difícil imaginar uma experiência mais horrível em um cenário mais lindo”, escreveu um observador, comentando sobre uma visita à mansão de Byers em Long Island nos estágios finais de seu envenenamento por radiação. Uma investigação forense sobre a morte de Byers revelou que até seus próprios ossos eram perigosamente radioativos. O playboy literalmente teve que ser enterrado em um caixão forrado de chumbo.

O falecimento de Byers foi um divisor de águas e levou a uma investigação completa da FDA sobre Radithor e, subsequentemente, uma ordem de cessar e desistir da Federal Trade Commission interrompendo sua produção. Todas as garrafas então disponíveis nas lojas de todo o país foram retiradas e panfletos governamentais foram distribuídos nacionalmente alertando sobre os perigos de consumir o produto. No início dos anos 1930, o mercado anteriormente lucrativo de medicamentos patenteados para rádio havia entrado em colapso quase que totalmente.

Apesar de sua empresa ter recebido a ordem de cessar e desistir, Bailey nunca foi realmente processado pela morte de Byers. O golpista afirmou que era um caso de diagnóstico incorreto, citando seu próprio consumo regular de Radithor: “Bebi mais água de rádio do que qualquer homem vivo e nunca sofri quaisquer efeitos nocivos”. Bailey caiu na obscuridade, morrendo em Massachusetts em 1949

com a idade relativamente jovem de 64 anos. Sua causa de morte - câncer de bexiga - foi um subproduto provável de seu próprio envenenamento por radiação. O corpo de Bailey, exumado em 1969, foi considerado altamente radioativo, então o charlatão estava certo sobre uma coisa: ele praticava o que pregava.

Rádio hoje

Enquanto isso, na legítima frente médica, muitos dos primeiros experimentadores de rádio (incluindo os Curie) começaram a desenvolver problemas de saúde induzidos por radiação também. Os perigos para a área médica no manuseio da substância, combinados com os perigos para os

pacientes se administrados em doses imprecisas, logo superaram seu potencial de cura.

A ajuda veio, no entanto, na forma do contador Geiger em 1928, que permitiu aos cientistas medir com sucesso os níveis de radioatividade, um desenvolvimento de segurança crucial enquanto eles continuavam a investigar o rádio. O rádio foi aplicado a tumores encerrando-o em minúsculos tubos de vidro, por sua vez colocado em recipientes de platina e, em seguida, mergulhado no tecido doente. Os recipientes de platina bloqueiam os indesejáveis raios alfa e beta, enquanto permitem a passagem dos úteis raios gama. Da mesma forma, com a introdução do radônio lacrado em tubos de ouro (chamados de sementes) na década de 1940, os médicos também foram capazes de experimentar com sucesso o produto do decaimento do rádio. (O ouro funcionava como a platina, permitindo que apenas os raios gama escapassem.) Os perigos, no entanto, do vazamento de gás ou de amostras contaminadas, eventualmente levaram à descontinuação da maior parte do rádio para uso medicinal na década de 1980. Ele ainda tem seu lugar, entretanto - o rádio223 é atualmente uma terapia padrão para certos estágios do câncer de próstata. Hoje, o

tratamento por radiação (também conhecido como radioterapia) é mais comumente administrado como feixes de radiação ionizante. Nessa forma, continua sendo um dos principais tratamentos para o câncer, junto com a cirurgia e a quimioterapia.

Em um pós-escrito curioso, em 1989 o cientista Roger Macklis investigou a radioatividade de uma garrafa de Radithor que ele comprou em uma loja de antiguidades médicas e escreveu sobre os resultados surpreendentes na Scientific American: “Eu presumi isso. . . A atividade residual de Radithor havia decaído para a insignificância há muito tempo. Eu estava errado. Testes. . . revelou que quase 70 anos depois de ter sido produzida, a garrafa quase vazia era perigosamente radioativa. ”

Os ossos irradiados de Eben Byers, decompondo-se lentamente em um caixão forrado de chumbo, enfatizam esse ponto.

## Hotéis Radium Spa

Mergulhar em uma fonte radioativa era o método favorito para absorver radiação.

Quando ficou claro que o radônio era o gás produzido pela decomposição do rádio e que algumas fontes termais emanavam esse mesmo gás, hotéis começaram a surgir nas proximidades para que as pessoas pudessem entrar na ação da água radioativa.

No Radium Spa Hotel em Joachimsthal, República Tcheca, você não apenas pode mergulhar em água irradiada, mas também inalar o radônio diretamente através de tubos de ar conectados a um tanque de processamento no porão. Até o ar interno do hotel foi irradiado propositalmente.

Outro hotel foi aberto na cidade natal de Will Rogers, Claremore, Oklahoma, quando uma fonte sulfúrica foi descoberta e comercializada como "radioativa", embora na verdade não fosse. Mas isso não impediu que a cidade e o hotel se tornassem um importante destino turístico no início do século XX, quando a radiação estava na moda.

## Salão da Vergonha da Saúde da Mulher

Ao longo da história, o atendimento médico das mulheres foi determinado principalmente pelos homens. As mulheres foram consideradas fisiológica e psicologicamente inferiores (um agradecimento sarcástico a Aristóteles por afirmar que “a mulher é um homem fracassado”). Os órgãos femininos eram considerados a versão invertida e corrompida dos homens, e as mulheres eram “vasos com vazamento” (menstruação, choro, lactação). Menstruar era "poluente".

Por milênios, muitos consideraram o útero como a base anatômica e patológica da maioria das doenças femininas. Acreditava-se que o órgão tinha uma manutenção extremamente alta (embora se purificasse automaticamente por meio da menstruação) e "vagava" de um lado para outro, causando todos os tipos de problemas enquanto galopava pelo corpo.

Bom Deus. Pegue uma coleira para esse útero já. Talvez uma coleira de choque ou uma cerca elétrica, antes de voar para Bali com alguns testículos soltos. Enquanto isso, veremos como as doenças das mulheres têm sido tratadas (mal) ao longo do tempo.

Fotos do final do século XIX retratando a histeria.

Tratamentos de aroma

O termo histeria (da palavra grega hystera, para útero) é, na verdade, um termo mais recente dos anos 1800, mas a ideia de um útero perverso e perverso remonta aos tempos antigos. A histeria incluía sintomas de desmaios, insônia, desconforto abdominal, espasmos, perda de interesse por sexo, aumento do interesse por sexo - basicamente, qualquer problema poderia ser atribuído a isso. O papiro Ebers (1550 aC) pensava que consertar muitos problemas femininos era uma simples questão de fazer aquele útero indescritível voltar ao lugar a que pertencia, perseguindo-o com odores. Útero "muito alto" no abdômen?

Coloque alguns pés fedidos ou outras substâncias malcheirosas no nariz para empurrar esse órgão para baixo.

Ou coloque aromas doces perto da vagina para atraí-la para mais perto. No século XIX, as mulheres carregavam sais aromáticos (sal volátil), na esperança de que cheirá-los corrigisse o útero incômodo e -

bônus! - evitasse um desmaio.

## Histerectomias e clitoridectomias

A remoção cirúrgica dos ovários para tratar a histeria começou no século XIX. Seria bom pensar que tudo isso foi um plano inteligente para mulheres que desejam controlar sua própria fertilidade, mas a cirurgia muitas vezes ocorria sem o consentimento da paciente.

Em Londres, em meados da década de 1880, o proeminente ginecologista Isaac Baker Brown decidiu que tudo o que nutrisse ou satisfizesse o apetite sexual de uma mulher era ruim, ruim, ruim.

Ele recomendou e realizou remoções de clitóris e até mesmo cortou os ovários de sua irmã. Este procedimento de clitoridectomia existiu até o século XX (e agora é um dos muitos procedimentos horrendos denominados mutilação genital feminina, ainda existentes em vários países). Um paciente em 1944 teve o procedimento feito e declarou: “Eles tentaram me impedir de me masturbar”. Ela acrescentou: “Não funcionou”.

## Nitre Vermelho

Por milhares de anos, quando os filhos não podiam ser produzidos, a culpa foi colocada sobre as mulheres. Não ajudou o fato de que a biologia da procriação humana era um mistério durante grande parte dessa época. Para infertilidade, Hipócrates recomendou: “Quando o colo do útero está muito fechado, o orifício interno deve ser aberto com uma mistura especial composta de nitrato vermelho, cominho, resina e mel”.

E o que era esse salitre vermelho? Pode ter sido nitrato de potássio, ou salitre, que é usado para conservar carne enlatada e fazer fogos de artifício. Ou poderia ter sido carbonato de sódio ou natrão - o que os egípcios usavam para secar suas múmias. De qualquer forma, deveria irritar o colo do útero a se abrir. Decapagem, fogos de artifício e múmias. . . . Hmm. Não

são exatamente as coisas mais agradáveis que você gostaria de associar à criação de bebês.

## Dente de alho e anis

De acordo com Hipócrates, outras indicações de fertilidade presumiam que havia uma via expressa interna que se comunicava entre a boca e a vagina. Portanto, se você esfregasse um dente de alho perto de suas regiões inferiores e sentisse o cheiro de hálito de alho, uma mulher era obviamente fértil.

Outra variação fragrante incluía beber anis na água; se seu umbigo coçava no dia seguinte, ela era uma máquina de fazer bebês ansiosa para ir.

## Remédios animais para parto

Para um parto bem-sucedido, o estudioso do primeiro século Plínio, o Velho, recomendou colocar o pé direito de uma hiena na mulher grávida para ajudar no parto. (O pé esquerdo causaria a morte. Quem diria que “pés esquerdos de hiena letais” estavam no arsenal do envenenador?) Ele também aconselhou beber esterco de porca em pó para as dores de parto. Será que o cheiro ajudou a distrair a futura mamãe?

Outros pares de gravidez de Plínio: beber sêmen de ganso (tudo bem - como diabos eles pedem ao ganso macho ... ou talvez eles simplesmente matem o ganso e pescem pelos testículos ... deixa pra lá) ou bebam líquidos que fluíram de uma doninha útero através de seus órgãos genitais. Yum. Que tal a recomendação de Plínio de usar a placenta de um cachorro como luva de apanhador para arrancar o bebê que está nascendo? Qualquer comprador?

## Poção de cocô de pássaro

A Trotula é um grupo de textos médicos que leva o nome de uma de suas escritoras, Trota de Salerno, uma autora médica que viveu na Itália do século XII. Antes de começar a comemorar essa conquista pelos direitos das mulheres, continue lendo. Ela escreveu: “Se, portanto, a menstruação for deficiente e o corpo da mulher estiver emaciado, faça o sangue dela na veia sob o arco da parte interna do pé.” Para ajudar uma mulher no parto, uma poção feita com a substância branca encontrada no cocô de falcão é supostamente útil. Imagine ver aquele escrito em um receituário.

Nozes doninhas

A Trotula também dá conselhos contraceptivos: “Pegue uma doninha macho e deixe seus testículos serem removidos e deixe-o ser liberado vivo. Que a mulher carregue estes testículos com ela em seu peito e deixe-os amarrar em pele de ganso. . . e ela não vai conceber. ” Nós vamos. Se alguma vez houve um impedimento ao sexo, é despir uma mulher e encontrar um par de nozes de doninha enfiadas entre seu decote. Pelo menos é um bom anticoncepcional de doninha. Ah, aquela pobre doninha sem nozes.

Uma possível ilustração de Trota de Salerno.

Plantas e solo

Presentes da natureza

# 6

# Opiáceos

Dos Deuses Coroados de Papoula, a Pedra da Imortalidade, Heroína, a Herói e Morfina, a Babá

Bebês chorando não são fáceis para os ouvidos. Especialmente se você for uma babá sobrecarregada de trabalho há cerca de um século, cuidando de dez crianças cujas mães trabalhavam na fábrica local. Ou você é uma criança mais velha com irmãos pequenos para cuidar. Ou você é uma mãe exausta que não consegue lidar com mais uma noite sem dormir, talvez com outro bebê a caminho. Claro,

esses gritos são uma mensagem de que eles podem estar com fome ou cobertos de cocô. Talvez seja cólica ou dor de dentição. Mas pelo amor de Deus, o barulho. Um par de mãos não pode fazer muito.

Ah, a felicidade de uma mãe ao perceber que finalmente pode nocautear os filhos e dormir um pouco.

Portanto, você pode pegar o Xarope Calmante da Sra. Winslow, o Cordial de Godfrey, o Bálsamo Carminativo de Jayne ou o Elixir de Daffy, todos contendo morfina ou ópio e colocando o bebê para dormir. . . ou matá-lo.

Você pode achar que isso é horrível, mas drogar bebês barulhentos foi uma prática padrão por vários milênios. O papiro Ebers (1550 aC) descreve o uso de papoula misturada com fezes de vespa para acalmar o choro de uma criança. O médico e filósofo do século sétimo Avicena recomendou uma poção de sementes de papoula, erva-doce e erva-doce. De 1400 até o século passado, os livros didáticos recomendavam misturas variadas com ópio e

morfina para insônia e dentição. Se o bebê não quisesse ser desmamado? O fundador Alexander Hamilton tinha algo a dizer sobre isso. Ele recomendou “um pouco de soro de leite fraco com vinho branco, ponche de conhaque diluído ou mesmo uma colher de chá ou duas de xarope de papoula. . . para evitar inquietação e acessos de choro, até que o seio seja esquecido. ”

O problema estava em toda parte. Em Edimburgo, no final dos anos 1800, Charles Routh observou que as amas de leite tendiam a drogar seus pupilos, ou a si mesmas. “Ou a própria ama é bebedora de bebida ou comedora de ópio e até agora afeta o leite pelo hábito pernicioso. . . ou, em segundo lugar, ela droga a criança. ” Os bebês dormiam, é claro, mas isso também significava que não comiam com frequência, e qualquer doença que tivessem era silenciada.

Opium, a pobre babá da criança.

A doce calmaria (aby) do ópio

Então, essas babás não estavam ganhando nenhum prêmio de cuidado infantil. Ainda assim, eles estavam participando da antiga tradição de utilizar as muitas propriedades do ópio. Meia hora depois de consumi-lo, você se sente eufórico e sonolento, enquanto até mesmo a dor mais insuportável é anestesiada. Parece maravilhoso, certo? Espere pelos efeitos colaterais: coceira na pele, prisão de ventre, náuseas e respiração perigosamente lenta. Oh, também um vício paralisante. E morte.

A papoula do ópio, Papaver somniferum (grego para "papoula" e latim para "indutor do sono"), é conhecida pelo homem há mais de cinco mil anos. A flor é um fio de papel branco, vermelho, rosa ou roxo, com pétalas que dificilmente duram dois dias antes de murchar com o vento. Mas não se deixe enganar por sua delicadeza: o poder da papoula não está em sua beleza florida, mas na vagem rígida e carregada de narcóticos que ela deixa para trás. Em 3400 aC, os sumérios o chamavam de Hul Gil, ou a

"planta da alegria". Dois mil anos depois, o uso do ópio se espalhou pelo Norte da África, Europa e Oriente Médio. Misturado com alcaçuz ou bálsamo, dizia-se que curava tudo. No antigo Egito, havia rumores de que a deusa Ísis havia dado ópio ao deus Rá por causa de suas dores de cabeça. Porque até os deuses têm dores de cabeça, certo?

Na Grécia antiga, as divindades eram frequentemente retratadas com papoulas nas mãos ou enroladas em coroas. O ópio era associado a uma série de deuses que ofereciam várias formas de doce alívio: Nyx (noite), Hypnos (sono), Thanatos (morte) e Morfeu (sonhos). No século IV aC, Hipócrates mantinha uma consideração apropriada por seus perigos e recomendava que fosse usado com moderação para dormir, para parar sangramento ou dor e para doenças femininas. Homer escreveu sobre uma droga que

provavelmente era baseada no ópio, chamada nepenthe, que foi dada a Telêmaco por Helen para induzir o esquecimento. Cicuta e ópio foram usados em uma combinação letal para matar os condenados. O ópio era bastante útil. Mas foi mal utilizado, com muita freqüência.

Papoila e vagens do ópio, incluindo seção transversal mostrando laticífero cheio de opiáceos.

Galeno, no século II dC, amava um pouco demais o ópio como medicamento. Ele pensou que curaria vertigem, surdez, epilepsia, derrames, visão ruim, cálculos renais, lepra e, ah, quase tudo.

Afinal, certamente fez as pessoas se sentirem melhor. No século VII, Avicena escreveu uma tese sobre o ópio expondo seus benefícios. Seus escritos em seu Cânone de Medicina fizeram todo o sentido - podem ajudar com a gota dolorosa, diarreia lenta e adormecer os insones. Neste último sentido, o ópio é um dos hipnóticos mais antigos conhecidos no mundo. Ele até pensou que ajudava aqueles com libidos descontrolados:

“Pacientes com libido perturbadoramente alta podem usar opioides topicamente”. Uh, ok.

Avicena alertou seus leitores sobre os sintomas de toxicidade do ópio que observara -

dificuldade para respirar, coceira e inconsciência. É fácil imaginar, sem regulamentação de dosagem ou produção, que overdoses não eram incomuns, daí as palavras de cautela de Avicena. Mas em uma virada irônica, ele sucumbiu ao que foi provavelmente a primeira overdose de ópio documentada na história.

Aparentemente, ele estava sofrendo de cólicas e seu criado tomou uma overdose de remédio na tentativa de roubá-lo. Oh, ele também estava fazendo sexo um pouco demais na época (tanto para a teoria da baixa libido). Ele morreu logo em seguida. (Nota para mim mesma: cólica mais sexo excessivo e ópio podem matar você. Talvez existam maneiras piores de morrer.)

Ópio é aprimorado: láudano

Você pode agradecer a Paracelso pela explosão do ópio na Europa do século XV. O

médico famoso chamou o ópio de pedra da imortalidade e é responsável pela invenção do láudano, que ele humildemente declarou "superior a todos os outros remédios heróicos". Um de seus contemporâneos, Johannes Oporinus, disse: “Ele tinha pílulas que chamava de láudano, que pareciam pedaços de merda de rato. . . . Ele se gabou de que poderia, com essas pílulas, acordar os mortos. ”

Paracelso, inventor do láudano.

O cocô de rato láudano de Paracelso (do latim, laudare: "louvar") era supostamente preparado com 25% de ópio, mais múmia (você leu corretamente: ver Canibalismo e Medicina do Cadáver, página 221), pedra bezoar retirada do aparelho digestivo de uma vaca trato, meimendro (uma planta sedativa e alucinógena), âmbar, coral esmagado e pérolas, almíscar,

óleos, o osso do coração de um veado (o quê?) e chifre de unicórnio (mais provavelmente, rinoceronte ou narval). Algumas de suas receitas incluíam desova de sapo; outros pediam suco de laranja, canela, cravo, âmbar gris e açafrão. Basicamente, era principalmente ópio misturado com um monte de porcaria cara que cheirava (na maior parte) incrível. Não é uma grande melhoria no status quo. Isso poderia acordar os mortos? ER não.

Nos anos 1600, Thomas Sydenham popularizou sua própria versão do láudano, sem os babados da versão de Paracelso, mas com um acréscimo importante: muito álcool. Ele incluiu adições saborosas de canela e cravo também. Foi anunciado como um tratamento para a peste. Infelizmente, láudano não curou a praga. Mas provavelmente fez as vítimas se sentirem muito melhor enquanto a doença as matava impiedosamente. Não que Sydenham soubesse - ele fugiu de Londres para evitar a praga. . . uh, a praga.

Enquanto isso, o ópio se tornou uma grande mercadoria em todo o mundo. Duas guerras do ópio foram travadas no século XIX. As questões de soberania chinesa, vício e acordos comerciais giraram em um jogo de poder que resultou na perda de Hong Kong para o Reino Unido por mais de 150

anos. Antros de ópio onde se podia fumar ópio sólido abriram internacionalmente, muitas vezes fornecido através do comércio de ópio chinês.

As ferramentas de um fumante de ópio.

Mas foi láudano, a versão líquida, que cobrou um preço maior no Ocidente. Embora não fossem tão potentes quanto o ópio puro, esses medicamentos derivados eram muito bons e também tinham um sabor melhor. A adição de álcool apenas intensificou os efeitos eufóricos e de alteração da mente.

Os produtos eram elogiados pela maioria dos médicos e podiam ser obtidos sem receita, usados no conforto do lar - sem necessidade de antro de ópio.

Era muito mais fácil dosar para cima ou para baixo, ou para cima, para cima, para cima, como costumava ser o caso.

Laudano - com o aviso “não deve ser levado”, o que é muito confuso.

Inevitavelmente, um remédio tão acessível trouxe consigo a sombra negra do vício. Foi um soporífero que baniu temporariamente tudo o que era difícil em todas as classes da sociedade. No livro de 1821, Confissões de um Comedor de Ópio Inglês, o autor Thomas De Quincey tornou-se poético sobre seu vício em láudano. “Aqui estava uma panacéia. . . para todas as desgraças humanas. . . a felicidade agora pode ser comprada por um centavo. ” E havia o lado ruim: “Parecia que todas as noites eu descia. . . em abismos e abismos sem sol. . . chegando finalmente à escuridão total, como de algum desânimo suicida. "

Anúncio de bálsamo contendo casca de cereja, álcool e opiáceos (c. 1840). Para “todas as doenças pulmonares” e brincadeiras, aparentemente.

O vício não era uma piada, mas os farmacêuticos vendiam galões de láudano, elixires de ópio e panacéias narcóticas. Veja o Dover's Powder, um remédio do século XVIII que contém ópio, ipeca, alcaçuz, salitre (nitrato de potássio, ótimo para explosivos e carne de porco em conserva) e tártaro vitriólico (sulfato de potássio, um fertilizante). Ao tratar resfriados e febres, o Pó de Dover pode fazer as pessoas dormirem. . . permanentemente. Sobre a dose eficaz - setenta grãos - o criador Thomas Dover disse: “Alguns boticários desejam que seus pacientes façam seus testamentos antes de se aventurarem em uma dose tão grande”.

Bem, inscreva-nos!

Morfina: sonho ou pesadelo?

Friedrich Wilhelm Adam Sertürner tinha apenas 21 anos quando extraiu com sucesso a morfina das gengivas e ceras de dentro da cápsula de papoula. Era 1806. Ele nem tinha formação em química, apenas foi aprendiz de farmacêutico desde os dezesseis anos. Seu equipamento era bruto, mas ele perseverou. Ele chamou seu composto recém-descoberto de principium somniferum para o princípio sonífero do ópio. E então ele deu o nome ao deus grego dos sonhos - Morfeu.

Diga oi para a morfina. Claro, Sertürner teve que testá-lo. Anteriormente, com seus extratos menos puros, ele os experimentava em cães aleatórios e em um camundongo que havia entrado em seu laboratório. Desta vez, ele tratou a si mesmo (ética, desvie o olhar) e também a alguns adolescentes (IRBs, também desvie o olhar). Ele relatou: “O resultado com os três jovens foi decididamente rápido e extremo. É apresentado como. . . exaustão e narcose grave que quase desmaiou. . . . Eu caí em um estado de sonho. ” Temeroso de seu grau de intoxicação, fez com que todos bebessem vinagre para vomitar tudo.

Alguns continuaram vomitando e a sensação de embriaguez durou dias.

Ainda assim, ele fez seu ponto. O extrato era de fato o que tornava o ópio tão atraente (e nauseante). E como a sociedade está sempre pronta para algo mais forte e puro, a morfina logo se tornou amplamente disponível. Sir William Osler, um dos fundadores da medicina moderna, chamou a morfina de

"o remédio de Deus". Lá vamos nós de novo com os deuses e suas dores de cabeça. Embora seja mais provável, ele se referia a uma criação para o homem diferente de qualquer outra.

No século dezenove, sangramento, purgação, sanguessugas e enemas ainda estavam na moda, mas na morfina os médicos encontraram algo muito mais suave. Junto com o ópio, ocuparia para sempre os textos da matéria médica, recomendada para doenças óbvias como dor e diarreia. (O cólera e a disenteria mataram muito menos pessoas, graças ao ópio.) Mas os remédios

também eram usados em qualquer coisa que adoecesse as pessoas. Picadas de cobras, raiva, tétano, úlceras, diabetes, envenenamento, depressão e outras doenças mentais foram “curadas”. Os médicos e seus pacientes encontraram um remédio muito confortável na morfina.

Enormes quantidades de ópio e morfina foram usadas durante a Guerra Civil, onde ajudaram com disenteria e terríveis feridas no campo de batalha, mas também criaram viciados (tantos, que o vício em opiáceos foi apelidado de doença do soldado ou doença do exército na época). Ainda montado em seu cavalo, o major Nathan Mayer, cirurgião da União, despejava doses de morfina em sua mão enluvada e deixava os soldados lambê-la.

E na década de 1850, exatamente quando pensávamos que o ópio havia alcançado sua forma mais potente e acessível, Alexander Wood inventou a seringa hipodérmica moderna. A morfina injetada era mais forte e exigia uma dose bem menor. Como resultado, o uso tornou-se ainda mais difundido, especialmente nas classes média e alta, porque a morfina, as seringas e os kits de agulhas eram caros.

Na década de 1880, a invenção de Wood trouxe novas criações: morfinomania e morfinismo, termos para o vício em morfina. A seringa foi um milagre para a medicina, mas infelizmente um veículo para uma doença sombria.

Heroína, o herói?

Se o ópio era um presente eufórico e analgésico para a humanidade, então certamente a morfina era ainda melhor - uma dádiva de Deus. Mas o ópio e a morfina estavam criando viciados. Então, naturalmente, a humanidade não estava satisfeita. Nosso instinto de mexer com a natureza e procurar a próxima coisa melhor / horrível não podia ser suprimido. Em algum lugar

entre a invenção do foguete (século XIII) e o e-mail (1971), inventamos o monstro que é a heroína.

Em 1874, Londres, um farmacêutico chamado Charles Romley Alder Wright estava procurando criar uma versão da morfina sem as qualidades viciantes. Seu novo opiáceo, a diacetilmorfina, era chocantemente potente, mas demorou mais uma década até que um químico alemão que trabalhava para os Laboratórios Bayer, Heinrich Dreser, considerasse essa droga o cavalo de corrida vencedor que seria o fazedor de dinheiro da Bayer.

Outro químico da Bayer, Felix Hoffmann, tinha acabado de “reinventar” a aspirina.

Mas Dreser não achava que a aspirina seria lucrativa. Seria “debilitante” para o coração, pensou ele. (Todos por aí com doença arterial coronariana tomando aspirina - por favor, ignore isso.) Então ele pediu a Hoffmann para preparar um pouco de diacetilmorfina, sabendo que já havia sido sintetizada. Ele o testou em coelhos e sapos e, em seguida, tentou cuidadosamente em funcionários da Bayer. Eles adoraram. Alguns disseram que isso os fazia sentir-se poderosos ou heroisch ("heróico", alemão).

Eles chamaram de heroína. Certamente, a heroína não vicia. Certamente, esse era o novo analgésico que todos procuravam para substituir o ópio. (Não importava que a aspirina fosse, e ainda seja, um grande analgésico.) Eles até pensaram que tinha menos efeitos colaterais. E era potente; quase oito vezes mais do que a morfina, o que significa que quantidades menores podem ser usadas. E o kicker?

Bayer elogiou a heroína como uma cura para o vício da morfina.

Em 1899, a empresa já estava sintetizando uma tonelada de heroína anualmente, na forma de pílulas, pós, elixires e pastilhas adoçadas que eram vendidas internacionalmente. A Bayer afirmou que pode tratar tuberculose,

asma, resfriados e tosses de todas as causas. Os anúncios apresentavam afirmações efervescentes: “A heroína limpa a pele, dá flutuabilidade à mente, regula o estômago e os intestinos e é, de fato, uma guardiã perfeita da saúde”. Muitos médicos beberam o verdadeiro Kool-aid sobre a heroína não ser viciante. O Boston Medical Journal escreveu em 1900: “Possui muitas vantagens sobre a morfina. . . . Não é um hipnótico ”e, felizmente, houve“ ausência de perigo de adquirir o hábito ”. Mas a realidade mostrou sua cara feia, e no início do século XX, mais e mais revistas médicas relataram o lado sombrio e viciante da heroína.

Bayer, uma empresa que muitos não sabem que comercializava heroína.

Queda e persistência dos opiáceos

O abuso do ópio continuou no século XX, até que a comunidade internacional decidiu finalmente colocar o pé no chão. Em 1912, a Convenção Internacional do Ópio de Haia prometeu inaugurar uma era de controle de drogas. A Bayer interrompeu a produção de heroína em 1913. Os Estados Unidos seguiram com seu próprio Harrison Narcotics Act em 1914, que regulamentava a importação, venda e distribuição de opiáceos e produtos de coca.

Uma era de consumo conspícuo e socialmente aceitável de opiáceos havia acabado. O

xarope calmante da Sra. Winslow não seria mais tão fácil de obter quanto um litro de leite. Em 1924, os Estados Unidos baniram a heroína de uma vez por todas.

Mas não importa. Uma geração já estava fisgada e mais se seguiria. As salvaguardas das leis e restrições de prescrição ainda não impedem as mortes por opiáceos. Em 2015, 33 mil pessoas morreram nos Estados Unidos devido ao uso de opioides, e metade delas tomava analgésicos prescritos.

Os medicamentos para reverter as overdoses de opióides, como o Narcan, estão amplamente disponíveis fora dos departamentos de emergência, com ou sem receita. Mas é apenas uma solução temporária. A sociedade continua a lutar contra as drogas ilegais e também contra o equilíbrio traiçoeiro entre o controle da dor e os efeitos colaterais mortais. Enquanto ainda existirem vastos campos de papoula e a medicina moderna não puder produzir uma classe mais segura de medicamentos para matar a dor, a batalha continuará.

Portanto, da próxima vez que você vir a aspirina Bayer nas prateleiras do seu supermercado, saberá como ela foi ofuscada em sua infância pela heroína, o suposto herói que acabou sendo o vilão do mundo do vício.

# 7

## Estricnina

De maratonistas envenenados, árvores mortais, estimulantes sexuais, cervejeiros nefastos e levantadores de peso indianos

Em um dia quente e úmido no Missouri em 1904, uma miscelânea de corredores se alinhou no início da maratona olímpica. Suas fileiras incluíam um postmaster cubano endividado que havia pegado carona para o evento, dois tribais africanos que estavam na cidade como parte de uma exibição da Guerra dos Bôeres e o corredor de longa distância americano Thomas Hicks.

A corrida começou e terminou no estádio de St. Louis, mas, fora isso, foi disputada inteiramente nas estradas rurais do Missouri. O calor estava nos anos 90. Com inúmeras colinas e estradas em más condições, agravadas pelas nuvens de poeira levantadas pelos motoristas que passavam, a maratona de 1904 foi provavelmente a mais difícil da história olímpica.

Quanto aos postos de socorro? Havia um poço em algum lugar por volta das milhas onze.

Um poço de pedra. Tipo, com um balde.

Então Hicks, nosso garoto americano, estava sofrendo muito na milha quatorze quando seus treinadores decidiram dar-lhe um pequeno impulso. Drogas para melhorar o desempenho, longe de serem proibidas, ainda eram amplamente usadas em competições atléticas na época. Os treinadores de Hicks misturaram o equivalente a uma bebida energética de 1904: uma dose

de 1 miligrama de estricnina (sim, estricnina) com claras de ovo para controlar seu amargor extremo. Ele bebeu e continuou correndo.

Mesmo quando Hicks tinha uma generosa vantagem de quilômetros de seu competidor mais próximo, ele estava reduzindo a velocidade a cada colina extenuante. Em seguida, houve a desidratação crescente. Seus treinadores negaram que ele bebesse água durante a corrida, oferecendo generosamente para lavar a boca com "água destilada morna". Então, quando outra dose de estricnina era necessária para o corredor que lutava, os treinadores de Hicks obviamente não conseguiam misturá-la com água. Sua solução?

Um coquetel de estricnina e conhaque.

A emocionante conclusão da maratona olímpica de 1904!

Hicks, em algum milagre da resistência humana, conseguiu seguir em frente. Nas últimas três milhas, um oficial da corrida escreveu que ele estava “correndo mecanicamente, como uma peça de máquina bem lubrificada. Seus olhos estavam opacos, sem brilho; a cor acinzentada de seu rosto e pele havia se aprofundado; seus braços pareciam pesos bem amarrados; ele mal conseguia levantar as pernas, enquanto seus joelhos estavam quase rígidos. "

Sim, porque o corredor estava quase morto. A essa altura, Hicks estava beirando um nível tóxico de envenenamento por estricnina. Combinado com o calor de agosto, a desidratação paralisante e o simples esforço físico de correr uma maratona em um nível olímpico, Hicks estava literalmente morrendo. Seus treinadores - de forma chocante - debateram sobre dar-lhe uma terceira dose de estricnina, um movimento que quase certamente o teria matado.

Na reta final, ele precisou do apoio físico de seus treinadores para mantê-lo na posição vertical. Uma foto sobrevivente de Hicks naquele momento

mostra uma expressão tensa e rígida em seu rosto. Essa seria a intoxicação por estricnina, que produz espasmos prolongados dos músculos faciais.

Mancando, alucinando e três quilos mais leve do que quando começou, Hicks foi declarado o vencedor da maratona de 1904.

## Bebidas energéticas de estricnina

Embora pareçam absurdos hoje, os treinadores de Hicks acreditavam, junto com a comunidade médica mais ampla do início do século XX, que a estricnina poderia aumentar a energia. E eles não estavam totalmente errados. Em pequenas doses, a estricnina atua como um estimulante de curto prazo, causando um choque no sistema nervoso semelhante à cafeína. Ao contrário da cafeína, no entanto, não é preciso muita estricnina para matá-lo. Cinco miligramas, para ser exato.

Por causa dessa força, a estricnina também tem sido usada desde a era medieval como um método particularmente eficaz - e particularmente brutal - de envenenar ratos, gatos, cães e outras criaturas indesejadas. Ao impedir a operação eficaz da glicina - a substância química que envia sinais nervosos aos músculos - uma alta dose de estricnina causa espasmos musculares graves e dolorosos. Se não forem controlados, esses espasmos aumentam de frequência e força, matando a vítima em poucas horas por asfixia ou pura exaustão pelas convulsões brutais.

Resumindo, o que você precisa para um pequeno estímulo para a maratona olímpica.

Ou uma bebida energética potente para um estudante estudando para uma prova.

A estricnina, brevemente funcionando como uma versão vitoriana de Adderall, causou sensação entre os ambiciosos estudantes de medicina do

final do século XIX, tentando vencer a necessidade de dormir. Leonard Sandall, no entanto, foi um pouco longe demais com sua dosagem de estricnina em 1896.

Embora tenha vivido para contar a história, não foi uma experiência agradável: Três anos atrás, eu estava lendo para um exame e me sentindo "esgotado". Tomei 10

minutos [cerca de 0,02 onças fluidas] de solução de estrínquia (BP) com a mesma quantidade de ácido fosfórico diluído bem diluído duas vezes ao dia. No segundo dia de tomada, já ao anoitecer, senti um aperto nos “músculos faciais” e um gosto metálico peculiar na boca. Havia grande inquietação e inquietação, e senti vontade de caminhar e fazer alguma coisa, em vez de ficar quieta e ler. Deitei na cama e os músculos da panturrilha começaram a se enrijecer e se contrair. Meus dedos se encolheram sob meus pés e, conforme eu me movia ou virava minha cabeça, flashes de luz continuavam disparando em meus olhos. Então eu soube que algo sério estava se desenvolvendo. . . Todo o meu corpo suava frio, com ataques de angústia na região precordial e uma sensação de “estar com raiva”. . . . Pouco tempo depois, perdi a consciência e caí em um

"sono profundo", acordando de manhã sem sintomas desagradáveis, sem dor de cabeça etc., mas com um desejo de "estar em movimento" e uma leve sensação de rigidez na mandíbula . Isso funcionava durante o dia.

E isso, em poucas palavras, é a sensação dos primeiros estágios do envenenamento por estricnina. Relatos de sobrevivência dessas experiências são bastante raros no registro histórico porque, bem, você tem que sobreviver para escrever um relato. Sandall teve sorte. Muitas pessoas não foram.

## A planta por trás do veneno

O alcalóide estricnina ocorre naturalmente nas sementes da árvore estricnina (Strychnos nux-vomica), uma árvore caducifólia nativa da Índia e do Sudeste Asiático. A árvore de tamanho médio atinge 12 metros de altura e se parece inocentemente com uma pereira crescida demais. Suas flores

têm um odor nitidamente desagradável e são substituídas por frutos esféricos, cada um dos quais contém cinco sementes envoltas por polpa branca.

Cada parte da árvore estricnina é venenosa. Mesmo as plantas parasitas que se aderem à árvore absorvem quantidades significativas de veneno. Em 1840, um marinheiro inglês estava se recuperando de gonorréia em um hospital de Calcutá. Entediado e moralmente falido, o marinheiro começou a espancar os empregados do hospital durante seu amplo tempo de inatividade.

O paciente favorito de todos logo recebeu um novo remédio para sua doença: a folha em pó de kuchila molung, uma planta parasita que se adere à árvore estricnina.

Quatro horas depois, o marinheiro estava morto. A equipe do hospital descreveu o incidente como um "erro lamentável".

Enemas com estricnina e outros choques no sistema

Embora as sementes da árvore de estricnina estivessem gotejando para a Europa e fossem usadas como veneno animal desde o período medieval, foi somente em 1811 que seu potencial médico humano foi seriamente investigado pelo Dr. Pierre Fouquier em Paris. A planta havia sido amplamente ignorada pelos médicos franceses até Fouquier teorizar que o choque quase elétrico de energia da estricnina poderia levar os membros de pacientes paralíticos a funcionar normalmente novamente.

Armado com um extrato alcoólico de estricnina, Fouquier forçou dezesseis pacientes paralisados no Hôpital de la Charité. Ele começou seus experimentos com um estofador de 34 anos, que estava confinado à cama

sob uma paralisia estranha e disseminada que começou nas extremidades e subiu até a pélvis. Fouquier dosou o estofador com o extrato, primeiro com pouco efeito, mas logo, com quantidades aumentadas, o paciente começou a sofrer convulsões que pareciam ter “chocado” seu sistema para o funcionamento normal. Após três meses, durante os quais consumiu 314 grãos de estricnina, o estofador sentou-se na cama e saiu do hospital, sem paralisia. (Provavelmente não muito cedo.) Acima: Dr. Fouquier fazendo uma pausa no envenenamento de pacientes. Abaixo: Estricnina corretamente rotulada como veneno!

Os outros experimentos de Fouquier foram menos bem-sucedidos. Considere o infeliz M. Vanhove, que foi escolhido para enemas com estricnina (deixe isso cair por um momento). Vanhove, surpreendentemente, foi relatado como tendo feito algum progresso com sua paralisia, quando acidentalmente recebeu pílulas de estricnina além do enema. Embora ele - chocantemente - não tenha morrido das horríveis convulsões que logo se seguiram, Vanhove foi abruptamente retirado do relato de Fouquier depois que sua saúde parou de melhorar.

Os experimentos perturbadores de Fouquier encorajaram outros cientistas franceses a investigar mais, e em 1818 o alcalóide estricnina foi isolado pela primeira vez das sementes. Os médicos franceses iniciaram uma vigorosa série de experimentos para investigar a eficácia da estricnina pura como medicamento. Não saiu muito bem. A dose usual de estricnina estava entre 1 e 3 miligramas; no entanto, os cientistas perceberam rapidamente que apenas 5 miligramas podem produzir um envenenamento fatal. Foi fácil ir longe demais. E muitos médicos fizeram.

Os riscos extraordinários de tomar estricnina logo sobrecarregariam seu potencial como medicamento. Enquanto a estricnina estava caindo em desuso no hospital, porém, sua popularidade estava crescendo na farmácia e nas ruas.

Seu jogo de eufemismo é forte: consuma um pouco de “ânimo noturno” com pílulas energéticas de estricnina!

## Começando com estricnina

Depois que o alcalóide estricnina foi extraído, não demorou muito para que os cientistas franceses começassem os experimentos sobre suas aplicações sexuais. A ideia era se beneficiar do impulso sensorial iniciado por uma pequena dose. Este não era um conceito inteiramente novo: rumores sobre as propriedades sexuais da planta haviam seguido sua importação para os mercados ocidentais da Índia e do Sudeste Asiático na era vitoriana. “Eu ouvi falar de alguns dos mais devassos entre os Rajpoots, usando a nux vomica como um estímulo”, escreveu um observador na Índia na década de 1830.

Os doutores Trosseau e Pidioux registraram o caso de um homem de 25 anos que durante dezoito meses só conseguiu manter uma “comunicação fraterna” com sua esposa. Sob a influência da estricnina, o homem conseguiu superar a situação, habilidade que perdeu novamente depois que parou de tomar a droga. No mundo pré-Viagra, você podia pelo menos confiar na estricnina.

Na década de 1960, a empresa All Products Unlimited, sediada em Miami, topou com a antiga reputação vitoriana da estricnina como estimulante sexual. Na esperança de tirar vantagem da revolução sexual que estava surgindo, eles lançaram um suposto afrodisíaco chamado Jems em 1966.

Estranhamente anunciado como “Comprimidos Nature Energizer Pep para homens e mulheres casados”, Jems incluiu pequenas doses de estricnina em cada comprimido.

A empresa logo foi levada ao tribunal sob a acusação de fraude postal, não por incluir estricnina em sua lista de ingredientes, veja bem, mas por fazer alegações infundadas sobre os benefícios sexuais de tomar Jems. A empresa não se preocupou em contestar as acusações e foi prontamente indiciada.

Estricnina no Gabinete de Medicina do Ditador

Quando a estricnina se tornou popular, muitos vigaristas começaram a lucrar com essa nova e estimulante droga. Fellows & Company, uma equipe de pai e filho que começou no Canadá e mais tarde emigrou para Londres, produziu vários remédios caseiros duvidosos, como Worm Lozenges, Dyspepsia Bitters e o maravilhosamente vago Golden Ointment. A empresa de fato encontrou ouro, no entanto, com o desenvolvimento do Xarope Composto de Hipofosfitos de Fellows, um medicamento patenteado enormemente popular no início do século XX que incluía estricnina em seu conteúdo. Impulsionado por um depoimento pessoal do próprio James Fellows, que alegou ter sido vítima de "consumo pulmonar de estágio secundário" (isto é, tuberculose) antes de o uso do xarope o curar completamente, o produto foi um sucesso instantâneo.

O xarope de Fellows 'foi anunciado como eficaz "no tratamento de anemia, neurastenia, bronquite, gripe, tuberculose pulmonar e doenças debilitantes da infância e durante a convalescença de doenças exaustivas".

Ao criar um plano de marketing fortemente baseado na força de "testemunhos", a empresa Fellows obteve um lucro considerável com sua fórmula de estricnina sem prescrição, que era vendida por sete xelins a garrafa de 15 onças. O preço era exorbitante para os padrões da época, mas o selo de gelatina carmesim na garrafa (pausa para "oohs" e "ahs") fazia tudo valer a pena.

Embora não seja tão popular, um tônico concorrente chamado xarope de Easton continha cerca de duas vezes a quantidade de estricnina que o de

Fellows. A 6 onças fluidas por litro em 1911, demorou apenas um quarto de litro para produzir uma dose fatal.

Outro tônico de estricnina chamado Metatone foi lançado em 1930 e incluía estricnina de 1/25 de grão por onça. Ainda facilmente disponível hoje no Reino Unido, Metatone é anunciado como um tônico para restaurar a saúde e vitalidade após uma doença. A estricnina, no entanto, está visivelmente ausente de sua lista de ingredientes, tendo sido silenciosamente removida em 1970.

A estricnina também se infiltrou em uma droga alemã para problemas de digestão chamada Antigas Tablets do Dr. Koester. No início da década de 1940, o Dr. Theodor Morell começou a prescrever esses comprimidos a um de seus pacientes que sofria de constipação e flatulência por causa de

uma dieta vegetariana. O médico recomendou que seu paciente tomasse entre oito e dezesseis comprimidos por dia, o que ele fez, fielmente, por nove anos, até que se suicidou em um bunker sob Berlim, no final da Segunda Guerra Mundial.

Sim, Adolf Hitler estava consumindo doses quase letais de estricnina durante seu reinado de terror. Com o tempo, o pó de estricnina teria se acumulado em quantidades cada vez maiores em seus intestinos e, por sua vez, possivelmente levaria ao comportamento cada vez mais errático que Hitler demonstrava ao se aproximar do fim de sua vida.

Bitter Brews: Escândalos da cerveja com estricnina

Em 1851, começaram a circular rumores de que um grande produtor de cerveja britânico, Allsopp's Ales, estava adulterando suas IPAs com estricnina para aumentar o amargor. India Pale Ales, como todos os amantes da cerveja sabem, são cervejas muito lupuladas, muito amargas. A Allsopp's foi acusada de suplementar o lúpulo em suas preparações com estricnina, uma alternativa mais barata e venenosa.

Os rumores eram tão exagerados que o próprio Henry Allsopp encomendou um relatório independente a dois proeminentes químicos britânicos para provar que Allsopp ales não continha de fato qualquer estricnina, uma declaração que desafia o antigo mantra "Não existe má imprensa".

No que deve ter sido uma surpresa para alguém em algum lugar, os químicos britânicos descobriram que Allsopp's Ales não tinha estricnina. Portanto, Allsopp estava livre de qualquer acusação pendente de envenenamento em massa. Mas a base para esse boato tinha alguma verdade. Embora Allsopp's Ales não misturasse sua cerveja com estricnina, os proprietários de pubs em toda a Grã-Bretanha o faziam. Freqüentemente. No século XIX, o dono de um bar vendia cerveja para seus clientes ao mesmo custo que pagava ao cervejeiro. Então, como ele poderia ter lucro? Bem, ele poderia aguar a cerveja, com certeza, mas ele não manteria seus clientes por muito tempo. Mas e se houvesse uma maneira de diluir a cerveja sem que o gosto fosse diluído?

Digite estricnina.

Este pó mágico, dissolvível em água, adiciona o amargor associado ao lúpulo e fornece um impacto inebriante semelhante ao da cerveja não adulterada. Em outras palavras, a coisa certa para o dono de um pub ganancioso e ansioso por lucrar. Muitos alcoólatras britânicos morreram de um tipo diferente de intoxicação no século XIX.

Queda da estricnina

No início dos anos 1970, a estricnina estava finalmente saindo de moda, conforme os argumentos do British Medical Journal defendiam sua completa remoção de qualquer uso na medicina humana.

Hoje, a estricnina é evitada no Ocidente, mas ainda a testamos na urina de atletas. Um século depois da corrida de Hicks, o doping com estricnina voltou à tona em 2001, quando um levantador de peso indiano foi banido da competição por seis meses depois que a estricnina foi encontrada em sua urina.

Aquela atleta, Kunjarani Devi, também teve que devolver a medalha de ouro que conquistou em uma competição asiática de levantamento de peso. Devi fez a afirmação duvidosa de que ela simplesmente havia bebido muito café. Ela argumentou, sem embasamento científico, que a estricnina ocorre em pequenas quantidades no café. O mais provável é que Devi tenha tomado uma grande dose de nux vomica, ainda um remédio homeopático amplamente disponível na Índia.

Devi não estava totalmente errado, no entanto. Embora o alcalóide estricnina não seja realmente encontrado no café, a cafeína está muito presente em nossa bebida matinal favorita. E a cafeína e a

estricnina são moléculas notavelmente semelhantes. Ambos atuam como inibidores da glicina no corpo humano. A estricnina é apenas mais forte. Muito mais forte.

Portanto, se você quiser experimentar uma sensação ligeiramente semelhante a um envenenamento por estricnina, experimente engolir alguns litros de café forte. Enquanto seu coração dispara, seus sentidos se aceleram e seus músculos se contraem, você pode desfrutar do mesmo chute estimulante perseguido por estudantes de medicina franceses no século XIX e maratonistas olímpicos no século XX. . .

sem os efeitos colaterais infelizes de convulsões horríveis e morte agonizante.

Mas, novamente, você pode ter uma arritmia cardíaca e acabar no pronto-socorro, então pode ser melhor apenas fazer um experimento mental.

# 8

# Tabaco

De receitas de cigarro, rapé cremoso e fumaça de fumaça na sua bunda

“Mais médicos fumam Camels do que qualquer outro cigarro!”

“20.679 médicos dizem que os sortudos são menos irritantes!”

“Dê férias à sua garganta, fume um cigarro novo!”

Essas foram as afirmações efusivas sobre os benefícios do tabagismo para a saúde, encontradas em anúncios coloridos em revistas de todo o país do início a meados do século XX. Era de se admirar que mais de 50% da população masculina adulta fumava em 1955? Os próprios médicos eram fumantes ávidos; mais ou menos na mesma época, 30% dos médicos relataram fumar pelo menos um maço de cigarros por dia.

Duas gerações depois e, pelo menos nos Estados Unidos, os níveis de tabagismo estão agora em níveis históricos. É uma mudança sísmica em sessenta anos para uma substância altamente viciante que as pessoas estavam convencidas de que era uma ajuda à saúde nos cinco séculos anteriores.

Mas não nos interpretem mal: o tabaco ainda é a planta mais letal conhecida pela humanidade, diretamente responsável por mais de 6 milhões de mortes a cada ano em todo o mundo. Embora amplamente reconhecido hoje como um assassino, o tabaco também tem uma longa história como erva

medicinal e foi adotado tanto no Velho quanto no Novo Mundo por suas propriedades curativas até o século XX.

## Notícias alegres do novo mundo encontrado

Nativa das Américas, as sessenta espécies de Nicotiana são cultivadas há milhares de anos. Na época em que os exploradores espanhóis chegaram, no século XV, o tabaco era amplamente utilizado na América do Norte e do Sul como um auxílio ritual, uma droga recreativa e uma erva medicinal.

Membros da tripulação de Colombo observaram os indígenas Taíno da atual Cuba e Haiti queimando folhas de tabaco em tochas para evitar doenças e desinfetar casas e locais rituais. A tripulação também teria visto o Taíno inalar grandes quantidades de tabaco seco, um processo que resultou

em uma rápida perda de consciência e foi possivelmente empregado por médicos locais como uma forma de nocautear alguém antes de realizar uma cirurgia de trepanação. (Embora ainda haja algum debate sobre a origem da palavra tabaco, a palavra Taíno para as próprias folhas de tabaco ou para o cachimbo usado para fumá-las é um forte concorrente.)

Exploradores posteriores continuaram a observar o uso medicinal generalizado do tabaco em todo o Novo Mundo. No México, era usado como antidiarréico, purgante e emoliente. A planta não era apenas seca e defumada, mas suas folhas também eram aplicadas localmente para ajudar a curar feridas e queimaduras, e versões em pó eram engolidas para aliviar o acúmulo de muco na garganta. Na Califórnia, tribos do deserto esmagaram folhas de tabaco para criar cataplasmas para tratar doenças inflamatórias, como reumatismo, e também infecções de pele, como eczema. As folhas também eram fumadas para curar o resfriado comum e eram consideradas particularmente eficazes se misturadas com folhas de salva. (E agora você tem uma alternativa agradável para engolir uma garrafa de DayQuil no próximo inverno.)

A “descoberta” do Novo Mundo foi como uma injeção de adrenalina para os médicos europeus, que praticamente tropeçaram em si mesmos em sua empolgação para descobrir as propriedades curativas da cornucópia de novas plantas repentinamente adicionadas a seus armários de remédios. O tabaco foi uma das primeiras safras campeãs do Novo Mundo, calorosamente abraçada pelos médicos europeus e apelidada de panacéia (embora certamente não tenha sido a última).

O médico espanhol Nicolás Monardes publicou uma história popular das plantas medicinais do Novo Mundo na década de 1570, que incluía uma seção brilhante sobre o tabaco. O título eufórico do livro, Notícias alegres do novo mundo encontrado, diz muito sobre os sentimentos gerais em relação às novas descobertas de plantas. O tabaco, insistia Monardes, poderia curar mais de vinte doenças, incluindo o câncer, que é uma das declarações mais profundamente irônicas já feitas na literatura médica.

(Cerca de dezessete pessoas morrerão de câncer de pulmão induzido pelo fumo nos Estados Unidos na próxima hora).

Uma parteira Pawnee usa tabaco medicinal em uma mulher em trabalho de parto.

O rapé certo: primeiros campeões do tabaco

Outro dos primeiros campeões médicos do tabaco foi o embaixador francês na corte portuguesa Jean Nicot, cujo nome foi eternamente exaltado nos anais da literatura médica como a origem da palavra nicotina. (A nicotina é uma das mais de quatro mil substâncias químicas geradas quando as folhas de tabaco são queimadas, mas é a mais desagradável do grupo porque é o que estimula o cérebro e o sistema nervoso dos fumantes, preparando o terreno para o vício.)

Nicot chegou a Lisboa em 1559, onde conheceu rapidamente o tabaco. Um homem curioso com uma inclinação acadêmica, Nicot ficou profundamente

intrigado com esta planta do Novo Mundo e os primeiros experimentos portugueses com suas propriedades médicas. O embaixador / médico em formação decidiu tentar ele mesmo, então ele preparou uma pomada de tabaco, depois prendeu um homem local com um tumor e fez com que o homem aplicasse a pomada regularmente em seu tumor indesejado. (A opinião do homem local sobre o assunto se perdeu na história.) O ungüento funcionou, persuadindo Nicot de que ele estava no caminho certo.

Convencido de que o tabaco era uma panacéia e uma cura potencial para todos os tipos de doenças, Nicot embrulhou algumas plantas de tabaco e fez um retorno triunfante à França, onde Catarina de 'Medici governava como rainha. Em 1561, Nicot presenteou Catherine com folhas de planta de tabaco e instruções sobre como pulverizá-las e inalá-las pelo nariz para aliviar dores de cabeça. Catherine, que sofria de terríveis dores de cabeça (envenenar todos os seus inimigos tem esse efeito), seguiu o conselho de Nicot.

Seu rapé de tabaco funcionou, transformando Catarina e, por extensão, toda a corte francesa, em convertidos ao tabaco da noite para o dia.

Como os franceses estavam estabelecendo tantas modas no século dezesseis quanto no século vinte e um, o rapé rapidamente tornou-se obrigatório em todas as cortes da Europa. Dificilmente havia uma festa aristocrática a que você pudesse comparecer no final dos anos 1500, onde alguém não lhe oferecesse uma chance dessa coisa. E era apenas uma questão de tempo antes que a droga da moda descesse as camadas sociais e caísse no abraço das massas. Com fama e fortuna asseguradas, Nicot retirou-se para o campo e começou a trabalhar em sua próxima obsessão: compilar um dicionário de francês.

Em 1773, o botânico sueco Carl Linnaeus nomeou o gênero de cultivares de tabaco Nicotiana em homenagem a Nicot, uma homenagem ao seu papel na popularização da planta. Seria uma honra duvidosa, no entanto, uma vez que o poder sedutor da nicotina fosse devidamente compreendido.

Apesar de Catherine de 'Medici espalhar o evangelho do tabaco, nem tudo era sol e rosas para a planta, que teve seus opositores na Europa desde os primeiros dias de adoção. Uma das vozes antitabaco mais proeminentes foi o velho desmancha-prazeres do Rei Jaime I da Inglaterra, que, escrevendo em 1604, chamou o fumo de tabaco de "repugnante". James continuou, em uma passagem particularmente presciente, descrevendo o tabaco como "prejudicial para o cérebro, perigoso para os pulmões".

Os sentimentos de James I sobre o tabaco começaram a se popularizar. Com o passar dos séculos XVII e XVIII, a planta deixou de ser vista como uma panacéia universal. A fumaça do tabaco, no entanto, ainda era recomendada por alguns médicos para fins específicos. Primitive Physick, por exemplo, um livro médico popular de meados do século XVIII até meados do século XIX, recomendava a fumaça do tabaco - e este é um de nossos remédios favoritos - para aliviar dores de ouvido. Se você sofreu de dor de ouvido, tudo o que tinha a fazer era pegar um amigo e, em seguida, fazer com que ele acendesse um cachimbo e soprasse a fumaça bem no fundo do seu canal auditivo. (Experiência divertida: tente acompanhar seu colega de trabalho em sua próxima pausa para fumar e pedir o mesmo remédio.) As miríades de maravilhas da planta do tabaco.

Soprando fumaça na sua bunda

Os canais auditivos não eram a única abertura do corpo apenas esperando para receber uma forte dose de fumo passivo. Você conhece a frase “soprando fumaça na sua bunda”? Bem, você pode repugnar seu próximo encontro às cegas com a verdadeira origem médica dessa frase. Porque literalmente soprar fumaça na bunda de alguém era um método de reanimação sancionado no século XVIII. A prática era tão popular que kits de enema de fumaça de tabaco foram fabricados e disponibilizados para venda às famílias interessadas. É sempre melhor estar pronto para uma emergência médica e nada diz "preparado"

como ter um kit de enema de fumaça de tabaco ao lado de seu material de primeiros socorros.

Os enemas com fumaça de tabaco tiveram seus dias de sol no século XVIII, quando foram adotados pela comunidade médica britânica para um propósito muito particular: a ressuscitação de afogados. Aqueles eram os dias em que afogar-se no rio Tamisa era uma ocorrência tão frequente que uma sociedade foi realmente formada e fundada com o único propósito de promover a ressuscitação de pessoas afogadas. Elaboradamente apelidado de A Instituição para Proporcionar Socorro Imediato a Pessoas Aparentemente Mortas por Afogamento, seus membros rondavam as margens perigosas do Tamisa, com seus kits de enema de fumaça de tabaco prontos para o caso de qualquer pobre alma tropeçar no rio e precisar ser reanimada. Se isso acontecesse, os membros da sociedade pulariam para o resgate, puxando a pessoa aparentemente afogada para fora do rio, arrancando todas as suas roupas, rolando-a de bruços, enfiando um tubo de enema em sua bunda, e golpeando o fumigador e o fole.

O kit de enema de fumaça. Nenhuma casa está segura sem um.

O fole, aliás, foi uma adição bem-vinda ao kit de enema. Antes da inclusão do fole, você mesmo soprava a fumaça na bunda de alguém. Deus te livre de inalar acidentalmente. Os resultados não seriam apenas repugnantes, mas também potencialmente mortais. Se sua vítima tivesse cólera, por exemplo, você também estaria condenado por sugar a bactéria da cólera. E isso, meus amigos, leva a melhor sobre a

“pior maneira de morrer” apresentada neste livro.

Lembre-se de não inalar.

O pensamento médico por trás dos kits parecia bastante sólido para seus promotores, particularmente o Dr. William Hawes e o Dr. Thomas Cogan,

que fundou a brigada de resgate do Tâmisa.

Pensava-se que a fumaça lançada nos corpos dos aparentemente afogados atendia a dois objetivos médicos: aquecer a vítima e estimular a respiração.

É claro que soprar fumaça na bunda de alguém não atinge nenhum desses objetivos, e é por isso que a frase foi adotada hoje para significar um elogio insincero. É um gesto sem sentido e sem sentido. Mas deu muito aos salvadores do século XVIII. . . visão íntima da área privada de uma pessoa em uma época em que os tornozelos eram considerados picantes, o que provavelmente explica parte da popularidade da sociedade.

Se o enema de fumaça não reviveu a vítima, os membros da instituição recorreram a um método muito mais confiável que realmente salvou vidas: a respiração artificial. A respiração boca-a-boca, no entanto, era amplamente desaprovada pela comunidade médica como "vulgar", em comparação, digamos, com soprar fumaça na bunda de alguém. Os aspirantes a ressuscitadores usavam foles para bombear ar para os pulmões dos quase afogados. As parteiras, no entanto, sabiam melhor e praticavam regularmente a respiração de resgate boca-a-boca para reanimar bebês. Felizmente, o resto da comunidade médica acabou alcançando as parteiras, o boca a boca perdeu sua conotação "vulgar" e, como resultado, inúmeras vidas foram salvas.

Fume um cigarro, limpe sua casa!

Embora os enemas contra a fumaça do tabaco nunca tenham sido uma boa ideia, o tabaco teve um breve desempenho como desinfetante, um uso intrigante de sua fumaça que pode não ser ineficaz. A tripulação de Colombo observou o povo Taíno de Cuba usando folhas de tabaco queimando para desinfetar as casas onde as pessoas estavam doentes, e sua reputação como desinfetante migrou com a planta para a Europa.

Durante um surto de peste em Londres em 1665, os alunos foram instruídos a fumar em suas salas de aula como uma forma de evitar a doença. No que foi possivelmente a única vantagem de estar vivo em Londres durante um surto de peste, os alunos não precisaram matar o tempo para obter sua dose de nicotina.

Da mesma forma, em 1882, em um surto de varíola em Bolton, todos os residentes de uma determinada casa de trabalho receberam tabaco para ajudar a manter o estabelecimento livre de germes.

O potencial do tabaco como desinfetante foi examinado apenas ocasionalmente pelos médicos. Em 1889, um autor anônimo que escreveu no British Medical Journal mencionou que o composto piridina, presente na fumaça do tabaco, mata os germes e, por sua vez, parece reduzir o risco de fumantes de tabaco para doenças infecciosas como difteria e tifo. Em 1913, um artigo no The Lancet examinou mais detalhadamente a piridina na fumaça do tabaco, mais uma vez demonstrando que a fumaça do tabaco matava a bactéria causadora da cólera.

Ambos os artigos, no entanto, também foram rápidos em mencionar que os efeitos nocivos do fumo do tabaco superavam seus benefícios potenciais, um argumento que em grande parte interrompeu qualquer investigação posterior sobre o uso potencial do tabaco como desinfetante.

Pasta de dente de tabaco

Algumas tribos de índios americanos combinaram o tabaco em pó com cal ou giz para criar uma espécie de pasta de dente para a limpeza dos dentes, um benefício potencial não desfrutado pelos usuários de tabaco de hoje, que freqüentemente têm dentes manchados por mascar ou fumar tabaco.

A pasta de dente para tabaco ainda é usada no Sul da Ásia, onde empresas como a IPCO a comercializam. O creme dental da IPCO, Creamy Snuff, além de ter o melhor nome de creme dental já criado (veja isso, Colgate), contém óleo de cravo, glicerina, hortelã, mentol, cânfora e, claro, tabaco. O

Snuff Cremoso é particularmente popular entre as mulheres do Sul da Ásia, algumas das quais usam a pasta de dentes de oito a dez vezes por dia, sob o incentivo do fabricante para "deixá-lo permanecer" na boca. (O

tabaco em Creamy Snuff não é a única entrada, aliás, na competição para o pior ingrediente de pasta de dente encontrada neste livro. Confira a pasta de dente radioativa perfilada no capítulo Rádio e Radon para outro concorrente.)

A indústria do tabaco acalma os médicos

O século XIX parecia o início do fim do tabaco medicinal. Em 1811, o cientista inglês Ben Brodie descobriu que a nicotina era prejudicial ao coração. Em 1828, os pesquisadores passaram a isolar o alcalóide da nicotina, uma descoberta que rebaixou ainda mais a opinião médica sobre a planta, já que o impacto negativo da nicotina no cérebro e no sistema nervoso agora podia ser observado.

No início do século XX, começaram a surgir preocupações sobre os riscos do tabagismo para a saúde. Uma alarmada indústria do tabaco, em um esforço para acalmar os temores dos consumidores, forjou uma poderosa aliança com os médicos. Os médicos, que fumavam quase com a mesma frequência que o público em geral, ainda estavam digerindo a safra recente de pesquisas que indicavam os riscos potenciais do fumo à saúde, com o curioso fato de que nem todo mundo que fuma fica doente. Não foi terrivelmente difícil, portanto, encontrar médicos dispostos a oferecer depoimentos para as empresas de tabaco, especialmente quando foram oferecidas caixas de cigarros para alimentar seus próprios hábitos em troca de seu apoio.

Começando com uma campanha bem-sucedida da American Tobacco Company, que anunciava Lucky Strikes como sendo “menos irritante”, os médicos começaram a aparecer em anúncios coloridos em revistas promovendo cigarros. Na década de 1930, a Philip Morris, uma novata no jogo, fez seu nome com uma grande e bem-sucedida campanha publicitária relatando que um “grupo de médicos”

descobriu que seus cigarros melhoravam ou eliminavam completamente a irritação do nariz e da garganta causada pelo fumo. A campanha quase sozinha transformou a Philip Morris em uma grande marca.

O frenesi da propaganda de médicos com cigarros chegou ao auge com a campanha

“Mais médicos fumam Camel do que qualquer outro cigarro”, lançada pela RJ Reynolds Tobacco Company.

Entre 1946 e 1952, os anúncios Camel foram liderados por este slogan gerado a partir de uma "pesquisa independente". A pesquisa, como se constatou, foi na verdade conduzida pela William Esty Co., uma subsidiária da RJ Reynolds, que questionou os médicos sobre sua marca de cigarro favorita depois de lhes fornecer pacotes de cigarros Camel de cortesia.

Tabaco Hoje

“Mais médicos fumam camelos do que qualquer outro cigarro!”

O “Mais médicos. . . ” campanha foi o começo do fim. À medida que mais e mais estudos surgiam mostrando os efeitos nocivos do tabagismo, o tabaco estava saindo pela porta dos médicos.

Os médicos fizeram a transição do uso do tabaco em tratamentos para a compreensão e, em seguida, o combate aos inúmeros efeitos nocivos do tabagismo (câncer, enfisema, doenças cardíacas, asma e diabetes, para citar alguns).

Nesse ínterim, no entanto, abraçamos o fumo recreativo de tabaco em escala global.

Embora os efeitos nocivos do fumo tenham sido bem compreendidos e fortemente promovidos por décadas, ainda há 1,3 bilhão de pessoas em todo o mundo que fumam regularmente, e a indústria global do tabaco é um rolo compressor de US $ 300 bilhões. Portanto, os médicos estão compreensivelmente ocupados demais lutando contra os impactos negativos do fumo no corpo humano para fazer mais experiências com quaisquer propriedades positivas do tabaco.

E, felizmente, para os caminhantes modernos ao longo do rio Tâmisa, os enemas com fumaça de tabaco não são mais o método de ressuscitação preferido para os que quase se afogam. Todos nós podemos nos sentir um pouco mais seguros ao visitar o Tâmisa, sabendo que não há um monstro esperando nos bastidores para soprar a fumaça do tabaco em nossas bocas se cairmos nele.

# 9

# Cocaína

Experimentos eufóricos com cocaína, Sigmund Freud, gotas para dor de dente com cocaína, Vin Mariani e um presidente moribundo

Uma semana depois que Robert E. Lee se rendeu a Ulysses S. Grant, uma das últimas batalhas da Guerra Civil foi travada no rio Chattahoochee, separando o Alabama da Geórgia. Poucas coisas na vida são tão irônicas quanto ser forçado a participar de uma batalha depois que uma guerra acabou.

Graças às linhas de comunicação glacialmente lentas, no entanto, a Batalha de Colombo aconteceu uma semana inteira depois que Lee rendeu suas tropas no Tribunal de Appomattox.

Na batalha, um tenente-coronel confederado de 34 anos chamado John Pemberton quase perdeu a vida durante um ataque de cavalaria. Pemberton levou um ferimento feio de sabre no peito que poderia facilmente tê-lo matado, mas felizmente para ele e para os futuros entusiastas de refrigerantes, ele sobreviveu.

Acima: Tenente Coronel John Pemberton, mais barba. Abaixo: Um arbusto de coca inocente, perfeito para seu quintal.

Enquanto se recuperava de seus ferimentos, Pemberton, como muitos de seus camaradas em ambos os lados da Guerra Civil, tornou-se viciado em morfina. Ao contrário de muitos de seus companheiros soldados feridos, no entanto, Pemberton foi farmacêutico em sua vida civil. Como tal, ele teve

acesso a uma variedade de medicamentos e suplementos de ervas com os quais poderia experimentar. (E o experimento que ele fez, inventando uma variedade de medicamentos patenteados, como Botanic Blood Balm, Tripex Liver Pills, Globe Flower Tough Syrup e Indian Queen Hair Tye.) Depois de se recuperar, ele estava determinado a encontrar - e patentear - um analgésico alternativo para morfina. Algo um pouco menos, sabe, opiáceo.

Pemberton começou extraindo cocaína da coca, uma planta antiga popular na América do Sul e recentemente adotada na França como um estimulante e uma cura para tudo na forma de vinho de coca (mais sobre isso depois). Logo ele inventou uma alternativa americana caseira ao vinho francês de coca, uma bebida alcoólica com cocaína que ele levou para vender em Atlanta.

Aquela pequena bebida que ele patenteou chamava-se Coca-Cola.

Estimulante da natureza: dos Andes à Áustria

A cocaína - “o caviar das drogas de rua” e uma das drogas recreativas mais populares do planeta - tem sido empregada como estimulante desde pelo menos 3.000 aC. A cocaína é derivada da planta Erythroxylum coca, nativa das montanhas andinas da América do Sul. A planta parece decididamente normal, quase inocente, apenas mais um arbusto em um mar de plantas arbustivas. Mas aquele pequeno arbusto, que não pareceria deslocado em seu jardim paisagístico, fez inúmeras fortunas e arruinou inúmeras vidas.

As folhas da planta da coca foram amplamente mascadas pelos incas no Peru por seu efeito estimulante, uma prática que foi sumariamente proibida pela Igreja Católica da Espanha após a chegada dos conquistadores no século XVI.

O plano deles, entretanto, não funcionou muito bem. O uso frequente e em grande escala de folhas de coca acabou forçando o governo colonial

espanhol a admitir a derrota. Como escreveu um conquistador em 1539:

A coca, que é a folha de uma pequena árvore que se assemelha ao sumagre encontrado em nossa própria Castela, é uma coisa que os índios nunca ficam sem na boca, que dizem que os sustenta e lhes dá refresco, para que, mesmo sob o sol não sentem o calor, e vale o seu peso em ouro por essas partes, respondendo pela maior parte dos dízimos.

O uso de coca era endêmico. Eventualmente, os espanhóis apenas disseram dane-se e começaram a ficar chapados com as folhas. Eles também começaram a tributar e regulamentar sua venda e uso, uma estratégia inteligente de governança de narcóticos.

Os conquistadores também trouxeram folhas de coca com eles para a Europa, onde foram quase totalmente ignorados por causa de todo o ouro e prata brilhantes que carregavam seus navios.

Não ajudou o fato de que se as folhas de coca em um cacho ficarem úmidas, todo o lote irá apodrecer rapidamente, o que foi um desafio particular para o transporte marítimo. Então demorou um pouco para o resto da Europa começar a investigar aquelas folhas engraçadas da América do Sul.

À medida que a ciência da extração de alcalóides avançava no início do século XIX, entretanto, era inevitável que alguém acabasse voltando sua atenção para as folhas do arbusto de coca. Em 1859, uma grande quantidade chegou à Alemanha e às mãos de um jovem e brilhante estudante de doutorado chamado Albert Niemann, que precisava de uma tese. O estudante de graduação decidiu tentar extrair o ingrediente ativo das folhas de coca. Ele teve sucesso, isolando a cocaína e obtendo seu doutorado de uma só vez, ao mesmo tempo se tornando a primeira e a última pessoa a obter um diploma avançado por criar uma droga recreativa altamente viciante. (E se criar cocaína não fosse um legado terrível o suficiente, o médico de 26 anos começou a fazer experiências com etileno e dicloreto de enxofre, eventualmente inventando o gás mostarda e se matando no processo.)

No mesmo ano em que Niemann extraía cocaína, um médico italiano chamado Paolo Mantegazza também se apaixonou pela planta da coca, viajando para o Peru e se oferecendo com entusiasmo como um rato de laboratório para testar os efeitos das doses da folha de coca. Sem fugir dos extremos, Mantegazza registrou diligentemente sua reação a doses pequenas, moderadas, altas e ridiculamente altas de folhas de coca. Ele notou sua fome reduzida e melhorou sua energia com doses pequenas e moderadas e comentou com alegria sobre a "adrenalina" que recebia de grandes doses, escrevendo: Zombei dos pobres mortais condenados a viver neste vale de lágrimas enquanto eu, carregado nas asas de duas folhas de coca, voava pelos espaços de 77.438 palavras, cada uma mais esplêndida que a anterior. . . . Deus é injusto porque tornou o homem incapaz de sustentar os efeitos da coca por toda a vida. Eu preferiria viver uma vida de dez anos com coca do que uma de 100.000 (e aqui eu inseri uma linha de zeros) sem ela.

Esse entusiasmo, publicado por Mantegazza em seu panfleto “Sobre os valores higiênicos e médicos da coca”, não passou despercebido pela população europeia. E ele está certo, a cocaína faz com que seu usuário se sinta extremamente confiante, decidido e cheio de energia - características essas úteis para muitas profissões.

Não é surpresa que o uso de cocaína tenha se tornado popular entre intelectuais, artistas, escritores e outras pessoas que dependiam de um cérebro altamente funcional para sua produção de trabalho. O mais famoso defensor da cocaína como estimulante no século XIX foi ninguém menos que Sigmund Freud, que se tornou um viciado total aos vinte e trinta anos. Freud escreveu a um colega em 1895, após “uma cocainização da narina esquerda”, que “nos últimos dias me senti incrivelmente bem, como se tudo tivesse sido apagado. . . . Tenho me sentido muito bem, como se nunca tivesse acontecido nada de errado. ” Freud desistiu quando tinha quarenta anos, antes de escrever as principais obras de psicologia que o tornaram um nome conhecido. Os estudiosos ainda debatem, no entanto, o impacto de

longo prazo do vício em cocaína de Freud sobre o brilho de suas idéias posteriores.

## Chega de dor com cocaína

O jovem Freud defendeu o uso da cocaína não apenas como estimulante, mas também como anestésico local, outra coisa em que ele é muito bom. Ele passou seus conhecimentos ao oftalmologista Karl Koller, que usou cocaína como anestésico tópico durante cirurgias oculares com grande sucesso, cujos resultados foram publicados na revista médica britânica The Lancet.

Um jovem médico americano chamado William Stewart Halsted (conhecido por ter fundado o Hospital Johns Hopkins e pioneiro na mastectomia radical) leu sobre os experimentos de Koller e fez uma tentativa, usando cocaína para anestesiar a dor da cirurgia dentária e praticando a técnica em seus alunos de pós-graduação ( temos certeza de que agradeceram o privilégio).

Naturalmente, as habilidades para aliviar a dor da cocaína levaram ao seu entusiasmo pelos produtores emergentes de remédios patenteados no final do século XIX e no início do século XX. A cocaína era um ingrediente importante em muitos medicamentos populares, incluindo o Remédio para Pilha de Cocaína de Roger e Gotas para Dor de Dente de Cocaína de Lloyd. (Os consumidores tinham certeza de que esses produtos não continham, de fato, nenhuma droga que causasse dependência. *Tosse* ) O Remédio para Pilha de Cocaína de Roger tinha o objetivo de reduzir hemorróidas grandes e dolorosas. A pílula, tomada como supositório, provavelmente foi um tanto eficaz porque a cocaína tem a capacidade de reduzir o tecido inflamado.

Lloyd's Cocaine Toothache Drops - anunciado como uma “cura instantânea!” - foram provavelmente inventados na esteira dos experimentos bem-sucedidos do Dr. Halsted com cocaína em cirurgia

dentária. Ao custo de US $ 0,15 o pacote, os colírios para dor de dente eram bastante acessíveis. Eles também foram orgulhosamente comercializados para uso com crianças.

O resultado terrivelmente trágico dos experimentos de Halsted com cocaína foi seu próprio vício. O médico começou a injetar cocaína diretamente nas veias por seus efeitos estimulantes,

tornando-se rapidamente um viciado. Eventualmente, ele foi enviado para o Hospital Butler em Providence, Rhode Island, onde o tratamento reconhecido para o vício em drogas era injetar no paciente grandes doses de morfina.

Halsted acabou deixando o sanatório como um homem quebrado, aleijado pelo vício em morfina e cocaína. Não que ele tenha deixado que isso o impedisse de praticar medicina.

A doce inocência de uma época passada.

Dr. Jekyll e Sr. Hyde

Há algumas evidências que sugerem que Robert Louis Stevenson escreveu ao Dr.

Jekyll e ao Sr. Hyde durante uma farra de cocaína de seis dias; na verdade, para alguns leitores, a história parecia uma metáfora para o próprio vício em cocaína. (Adivinhe qual versão do protagonista simboliza o viciado.) Oscar Wilde escreveu sobre a novela: “A transformação do Dr. Jekyll parece perigosamente como um experimento do The Lancet”. Um artigo do JAMA em 1971 examinou de perto essa alegação, observando que, no momento da escrita, Stevenson era basicamente um inválido, confinado por seu médico em repouso na cama e sob instruções estritas de nem mesmo falar por medo de perturbar suas "hemorragias pulmonares". No entanto, apesar disso, Stevenson escreveu a novela em um período de tempo surpreendentemente curto, em que nem parou para comer ou dormir por seis dias. Esse fato,

combinado com a natureza da própria novela, torna-se um caso bastante convincente de que Stevenson estava drogado como uma pipa de cocaína durante sua composição.

Bottoms Up: Aventuras em cocaína potável

À medida que a cocaína foi adotada pela comunidade de medicamentos patenteados, tônicos à base de cocaína começaram a pipocar em toda parte. Considere o convidativo Coca Beef Tonic, que deveria ser um substituto da carne. Se você não pudesse comprar uma boa fatia de filé mignon, poderia, em vez disso, tossir alguns centavos por uma bebida com sabor de carne. O tônico compensou a falta de carne em sua dieta, contendo cocaína e 23% de álcool. Poucas coisas combatem a fome tão bem como ficam alucinadamente bêbados e drogados ao mesmo tempo.

Um método muito mais popular de distribuição de cocaína, entretanto, era o vinho.

Angelo Mariani, químico francês que leu sobre a eufórica autoexperimentação de Mantegazza com folhas de coca, decidiu jogar algumas folhas em uma boa garrafa de Bordeaux e ver o que acontecia a seguir. O etanol do vinho extraía a cocaína das folhas de coca, que então se dissolviam e se transformavam em uma bebida inebriante. Mariani, satisfeita com o efeito, começou a engarrafar Bordeaux com folhas de coca, chamou o produto de Vin Mariani, anunciou a mistura como um vinho tônico e recostou-se para colher uma fortuna.

Porque, surpreendentemente, Vin Mariani foi um sucesso. Com 10% de álcool e 8% de extrato de cocaína, como poderia ser outra coisa? Vin Mariani era tão popular que transformou o químico francês em um multimilionário, talvez a primeira grande fortuna fundada no golpe.

Cocaína dissolvida em álcool! “Fortifica e refresca o corpo e o cérebro.”

A bebida também atraiu uma ampla gama de endossos de celebridades e foi parcialmente responsável por um grau substancial da produção literária do final do século XIX: Arthur

Conan Doyle, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Henrik Ibsen e Robert Louis Stevenson eram todos bebedores dedicados e entusiasmados , um fato que vale a pena lembrar da próxima vez que você estiver tropeçando em clássicos excessivamente longos do final do século XIX. A cocaína, lembre-se, torna o usuário extremamente confiante em suas decisões e, no caso de um romancista, menos inclinado a editar.

A rainha Vitória era fã de Vin Mariani, assim como os papas Leão XIII e Pio X.

Thomas Edison bebeu o vinho porque o ajudou a mantê-lo acordado durante seus experimentos noturnos com eletricidade. (O gênio comprometido dormia apenas quatro horas por noite. Ele realmente precisava dessas coisas.) E o ex-presidente Ulysses S. Grant, morrendo lentamente de câncer na garganta, bebia garrafa após garrafa de Vin Mariani para amenizar a dor enquanto completava suas memórias.

Vin Mariani estava em alta. E produtos que estão na moda tendem a atrair concorrentes. Concorrentes, por exemplo, como o French Wine Coca de John Pemberton, acabou encurtado para Coca-Cola. Quando a Coca-Cola foi vendida pela primeira vez no mercado em 1886, sabemos que continha cocaína. O que não sabemos - e o que ninguém vivo agora sabe - é quanto. (Os autores estão inclinados a pensar que continha bastante.) A bebida foi anunciada como um “tônico para o cérebro e bebida intelectual” e foi creditada por aliviar as cólicas menstruais. Em 1905, descobriu-se que continha 1/400 de um grão de cocaína por onça de xarope. E em 1929, a Coca-Cola estava oficialmente livre de cocaína. (A propósito, a parte cola do nome vem de outro ingrediente da mistura: o extrato de nozes de cola africanas, que contêm cafeína e são mastigadas na África Ocidental para produzir um efeito estimulante suave.) Beba sua Coca, participe da História

Hoje, a Coca-Cola ainda contém extrato de coca, mas sem a parte divertida. Embora a receita exata seja um segredo comercial bem guardado, a empresa importa folhas de coca legalmente da Companhia Nacional de Coca do Peru. Depois que a cocaína é extraída e vendida para uso farmacêutico por especialistas em olhos, ouvidos, nariz e garganta como anestesia tópica, o sabor restante das folhas de coca é envolvido na receita secreta.

Então, embora você não possa mais beber vinho com cocaína legalmente, é bom saber que um copo refrescante de Coca-Cola gelada - a maior história de sucesso na história das bebidas - ainda tem um toque de folhas de coca em seu gosto. Aquele pequeno toque de história em cada lata de Coca-Cola conecta você com uma história de cinco mil anos sobre humanos ficando altos com cocaína.

# 10

## Álcool

De Homens das Cavernas, Gladiadores Estripados, Peste Negra, Enfermeiras Húmidas Bêbadas e Injeções de Conhaque

Por milhares de anos, a humanidade lutou por sua existência, apenas tentando matar mamutes suficientes para passar a semana talvez com um fogo relaxante para ansiar no fim de semana.

Então, em algum dia glorioso perdido para as brumas do tempo, um homem das cavernas do Neolítico acidentalmente deixou de fora um frasco de barro com um pouco de suco de amora por alguns dias. E assim o álcool foi descoberto e a humanidade de repente teve um novo motivo para se levantar pela manhã.

Desde aquele dia auspicioso, o álcool - especificamente o etanol - tem sido um alimento básico em nossa dieta e em nosso armário de remédios. Os primeiros humanos, além de perceber o

agradável impacto do álcool no cérebro, perceberam que era um anti-séptico eficaz quando aplicado em feridas e ligeiramente anestésico quando era necessário costurar os ferimentos novamente.

“O pequeno Billy foi atacado por um tigre dente-de-sabre de novo? Vamos pegar o vinho de frutas ”.

Não demorou muito para que os humanos percebessem que o álcool também era um excelente solvente, particularmente bom para extrair ingredientes ativos de ervas. E assim as sementes foram lançadas para unir

medicina e álcool ao longo da história. Aqui estão algumas das paradas ao longo do caminho entre o suco de baga fermentado do homem das cavernas do Neolítico e a taça de vinho de hoje depois do trabalho.

## Vinho

Quando os humanos ainda estavam a alguns milênios de descobrir a destilação, o vinho era o álcool preferido para misturas medicinais. Realmente, a única escolha. Assim, os remédios antigos, do Egito à Grécia e Roma, recomendavam infundir ervas no vinho para uma infinidade de doenças.

Mas foi a Roma antiga que realmente aperfeiçoou a arte da vinificação e proclamou em voz alta seus benefícios para a saúde. Depressão, problemas de memória, tristeza? Beba um pouco de vinho. Inchaço, prisão de ventre, problemas urinários, diarréia, gota? Beba mais vinho. Mordidas de cobra?

Tênias? Vamos ser esmagados.

Uma receita, descrita por Cato, era uma infusão de vinho para ajudar na constipação: trate as videiras com uma mistura de cinzas, esterco e heléboro (uma planta profundamente venenosa). Você pode imaginar a descrição do sommelier?

“Levemente frutado, com notas de cinzas, esterco e veneno.”

Cato prosseguiu sugerindo que os problemas urinários podiam ser curados misturando vinho velho com bagas de zimbro e fervendo-as em uma panela de chumbo. O envenenamento por chumbo e a gota saturnina foram bônus adicionais.

Galeno, brevemente responsável pelo atendimento médico de gladiadores em Pérgamo, usava vinho para desinfetar feridas - incluindo embeber as entranhas de gladiadores gravemente feridos com vinho antes de colocá-los de volta em seus corpos. (Uma maneira extrema de ficar bêbado ainda não adotada pelas fraternidades americanas.)

Não foi tudo apenas uma grande bacanália, no entanto, e alguns escritores romanos descreveram os impactos negativos de beber muito vinho, que eles sentiram que aumentava os defeitos de personalidade do bebedor. A embriaguez pública era desaprovada durante as funções oficiais, como o Senado, onde Marco Antônio já teve tanta ressaca que vomitou.

A reputação do vinho como curandeiro saiu de Roma e entrou na Idade das Trevas na Europa, onde os mosteiros mantiveram a tradição de usar o vinho como remédio. O frade Roger Bacon do século XIII escreveu que o vinho pode “preservar o estômago, fortalecer o calor natural, ajudar na digestão, defender o corpo da corrupção, preparar a comida até que ela se transforme em sangue”.

Bacon, no entanto, também alertou contra o excesso de vinho: Se for bebido demais, ao contrário, causará um grande dano: pois escurecerá o entendimento, afetará o cérebro, tornará o vigor natural lânguido, trará esquecimento, enfraquecerá as articulações, gerará tremores do membros e bleareyedness; escurecerá e enegrecerá o sangue do coração, de onde surgem o medo, o tremor e muitas doenças.

Parece que Bacon conhecia a embriaguez.

Baco brinda à sua saúde.

O vinho manteve seu lugar no arsenal medicinal até o século XX, onde lutou um pouco (a proibição era dura), mas teve um renascimento recente no campo médico, onde a recomendação frequentemente repetida de um copo de vinho tinto por dia foi sugerido para reduzir o risco de doenças cardíacas.

Roger Bacon no trabalho. Vantagem de trabalho para cientistas medievais: mantos legais.

Gin

As bagas de zimbro gozam de uma longa associação com a cura. No antigo Egito, acreditava-se que eles curavam a icterícia. Na Grécia antiga, eles eram prescritos para cólicas e como um pequeno reforço de desempenho antes das lutas de luta livre. As bagas finalmente chegaram a misturas alcoólicas na Roma antiga, onde Dióscórides prescreveu bagas de zimbro embebidas em vinho para ajudar a curar dores no peito.

No primeiro século, Plínio, o Velho, também escreveu sobre os benefícios para a saúde de infundir álcool com bagas de zimbro, embora, em seu caso, ele tenha notado que embeber bagas em vinho tinto "agiria de forma adstringente nas entranhas".

A adstringência do zimbro, no entanto, tornou-se um favorito dos médicos, e quando a Peste Negra varreu o seu caminho pela Europa, levando cerca de 100 milhões de vidas com ela, os médicos recomendaram aos pacientes que queimassem incenso de zimbro, esfregassem óleo de zimbro em seus corpos, usam máscaras contra a peste com bagas de zimbro recheadas e bebem cordiais de zimbro para fumigar seus corpos e fortalecer suas constituições.

Acontece que mais ou menos na mesma época em que a Peste Negra atingiu seu auge (meados do século XIV), os destiladores holandeses estavam

fazendo experiências com a fabricação de conhaque. Talvez o desespero da população atingida pela peste tenha levado esses destiladores a tentar jogar bagas de zimbro em suas misturas como uma proteção potencial (bônus!) Para acompanhar o conhaque.

Passando rapidamente do conhaque, que dependia de uvas (não é particularmente fácil de cultivar no clima do norte da Holanda), os holandeses começaram a fazer experiências com álcool destilado de grãos, o tempo todo mantendo as bagas de zimbro como ingredientes adicionados.

E assim nasceu o proto-gin. Os holandeses rapidamente colocaram essas bebidas de zimbro em seus gabinetes médicos, onde eram bêbadas para diversos fins. As mães que amamentam e amas de leite bebem até gim para passar algumas das propriedades curativas do zimbro para os bebês sob seus cuidados. De acordo com William Worth, um destilador holandês-inglês: É um costume geral na Holanda, quando a criança é perturbada com opressões do vento, para a mãe enquanto a criança está sugando, beber dos poderes ou espíritos de zimbro, pelos quais a criança é aliviada.

No século XV, a maioria das cidades holandesas tinha seu próprio destilador produzindo essa invenção alcoólica específica, que eles chamavam de genebra. Embora suas origens iniciais fossem médicas, o gim rapidamente se tornou preferido em todo o norte da Europa por seu sabor e impactos agradáveis na mente.

Quando o genebra fez seu caminho para a Inglaterra, a classe trabalhadora britânica, acostumada a beber cerveja aguada, ficou literalmente chocada com o alto teor alcoólico da bebida. E assim começou a mania do gim no início do século XVIII, que iria arruinar um número impressionante de vidas e, no processo, fazer a transição do gim firmemente para fora do armário de remédios para a loja de gim.

Hoje, sabemos que o consumo excessivo de gim - ou realmente de qualquer álcool -

também pode levar ao aparecimento de "flores de gim". Sim, às vezes isso significa uma dose tarde da noite de sentimentalismo e “Ei, ciúme” repetidos enquanto você fica nostálgico sobre os anos Clinton, mas também, o que é mais prejudicial, o gim brota em seu rosto. Essas flores de gim são as linhas e pontos vermelhos nos rostos de quem bebe muito, que são capilares dilatados causados pelo consumo excessivo de álcool.

Bagas de zimbro a caminho de se tornarem algo incrível.

O cadáver explodindo de Guilherme, o Conquistador

William, o Conquistador (1028–1087) não estava realmente sentindo a parte

“conquistador” de seu nome à medida que avançava nos anos e seu peso o alcançava. Quando William ficou tão gordo que passou a ter dificuldade em cavalgar, decidiu que era hora de conquistar seu próprio corpo.

Com uma dieta. Uma dieta pesada que consiste apenas em álcool. William deitou-se na cama e basicamente começou a se embriagar demoradamente. E funcionou. Ele logo perdeu peso suficiente para andar a cavalo de novo, uma ironia, porque andar a cavalo o levou à morte prematura. Em 1087, a barriga de Guilherme (ainda bastante corpulenta), bateu no punho de sua sela com tanta força que causou danos internos. William acabou morrendo devido ao ferimento. Em uma nota lateral histórica horripilante para categorizar em "como os poderosos caíram", o corpo já inchado de William provou ser grande demais para seu sarcófago arranjado anteriormente. Quando seus assistentes tentaram forçar seu corpo no caixão, o corpo literalmente estourou, enchendo a igreja com um fedor terrível e uma variedade de fluidos corporais nojentos. Desnecessário dizer que foi um funeral breve.

conhaque

O conhaque é universalmente considerado superior a todas as outras bebidas alcoólicas do ponto de vista medicinal. . .

—The Lancet, 1902

Brandy e sal: a panaceia universal. Você não quer se parecer com ela?

Antes da chegada dos mouros ao sul da Europa no século VIII, a Europa era estritamente um lugar para vinho e cerveja. Os norte-africanos, além de reintroduzir a Europa na ciência e na matemática, trouxeram consigo a fina arte da destilação. Em busca de novos remédios, os mouros tentaram destilar quase tudo que puderam colocar as mãos - incluindo os vinhos locais na Espanha, onde haviam feito suas fortalezas.

Quando você destila o vinho até sua essência, obtém um licor altamente concentrado, que hoje chamamos de conhaque. Quando os espanhóis reclamaram a Península Ibérica, os mouros deixaram para trás as suas práticas de destilação e o gosto local por esta nova bebida alcoólica. Os mosteiros espanhóis mantiveram a tradição de destilar vinho em conhaque e começaram a enviá-lo ao mundo cristão, inclusive ao Vaticano, onde o médico papal começou a prescrevê-lo como um tônico para prolongar a vida. Logo o conhaque se tornou uma bebida saudável por si só.

Pelas próximas centenas de anos, o conhaque recebeu o maior elogio de todas as bebidas alcoólicas do mundo médico. Era considerado um estimulante e muitas vezes o primeiro item a ser usado em caso de desmaio. Lady Arabella desmaiou e desmaiou com a sua entrada precipitada? Reviva-a com uma dose de conhaque.

Os médicos também utilizavam o conhaque quando enfrentavam pacientes com hemorragia, porque se acreditava que o álcool promovia a coagulação. Conhaque às vezes era até mesmo injetado diretamente no braço de uma paciente, em sua bunda ou por via intravenosa durante uma gravidez difícil. É fácil imaginar mães nas agonias do parto dias antes das epidurais gritando "Apenas me dê a maldita injeção de conhaque!"

O conhaque também era considerado um estimulante em casos de hipotermia, reputação que tornava o conhaque uma parte crítica dos suprimentos para as primeiras explorações do Ártico. O problema é que, embora o álcool faça você se sentir mais quente, ele na verdade contribui para a perda de calor dilatando os vasos sanguíneos no início. Mais tarde, pode apertar os vasos e agravar a ulceração pelo frio. No entanto, ainda hoje, quando esse processo biológico é mais bem compreendido, você ainda encontrará caçadores em climas frios com um frasco de álcool na sacola de suprimentos. Eles estão combinando duas ideias terríveis em um pacote horrendo: misturar armas e álcool e beber para "ficar aquecido".

Embora o efeito vasoativo do álcool o torne uma escolha ruim para casos hipotérmicos, grama por grama, o álcool fornece mais calorias do que proteínas ou carboidratos. Esse fato, combinado com sua tendência a acalmar pacientes doentes intoxicando-os, levou muitos médicos do século XIX a incluir o álcool em seu arsenal médico.

Mesmo no início dos anos 1900, os médicos ainda prescreviam conhaque como um tônico geral para a saúde. No final da Primeira Guerra Mundial, porém, à medida que a patologia era mais bem compreendida e novas misturas intravenosas surgiam, o conhaque caiu de seu lugar de honra na prateleira do médico.

O Mito de São Bernardo Carregadores de Barril

Uma pintura histórica de uma inexatidão histórica.

Os cães São Bernardo eram mantidos em um monastério no remoto e perigoso Passo de São Bernardo, nos Alpes, para ajudar nas missões de busca e resgate para os muitos viajantes presos por tempestades de neve ou avalanches. Os cães eram extremamente bons neste trabalho, capazes de farejar humanos e mantê-los aquecidos até que a ajuda pudesse chegar. De acordo com a lenda popular, os São Bernardo também carregavam álcool em barris ao redor do pescoço para ajudar a aquecer e reanimar as pessoas hipotérmicas que encontravam. Embora seja uma história agradável - e realmente, a visão de um cachorro quente e um barril de álcool despertaria o espírito se você ficasse preso em uma tempestade de neve

- é pura lenda. Nenhum documento histórico sobreviveu registrando essa prática. O que provavelmente é o melhor, considerando o impacto do álcool em pacientes hipotérmicos.

## Cerveja

Apesar de estar no mercado possivelmente por mais tempo do que o vinho, a cerveja nunca desfrutou da mesma reputação médica. Até os médicos de outrora pareciam reconhecer que as desvantagens superavam os benefícios. De acordo com o médico italiano Aldobrandino de Siena em 1256:

Mas o que quer que seja feito, seja de aveia, cevada ou trigo, prejudica a cabeça e o estômago, causa mau hálito e estraga os dentes, enche o estômago de vapores ruins, e como resultado qualquer um que o beba junto com o vinho é bebido rapidamente; mas tem a propriedade de facilitar a micção e tornar a pele branca e macia.

Aldobrandino tem um bom argumento sobre cerveja facilitar a micção. Basta perguntar ao cara andando pelo centro da cidade em uma noite de sexta-feira com aquele olhar urgente em seus olhos.

A cerveja medicinal como conceito surgiu, de maneira um tanto bizarra, durante a Lei Seca, quando um punhado de grupos de interesses especiais se uniram em torno da causa comum de tornar o álcool - na verdade qualquer tipo de álcool - disponível para compra médica. Tendo desistido de qualquer coisa mais difícil do que vinho ou cerveja, os defensores começaram a promover os benefícios medicinais da cerveja na esperança de que uma exceção à Lei Volstead (aprovada em 1919 para proibir o consumo de álcool) pudesse surgir do governo. Embora a cerveja medicinal acabasse ganhando um lugar nos hospitais atuais, onde os médicos às vezes prescrevem cerveja aos pacientes para evitar a abstinência, os alcoólatras da era da Lei Seca não tiveram tanta sorte.

“Desde que a Lei Seca entrou em vigor, fui abordado por vários médicos que me pediram cerveja alegando que era absolutamente necessária para o bem-estar de seus pacientes”, disse o Coronel Jacob Ruppert, um cervejeiro que por acaso também era dono do Ianques de Nova Iorque. Ruppert, infelizmente, informou ao New York Times que "não estava em posição de ajudá-los".

Literalmente, os melhores sinais de protesto de todos os tempos.

# 11

## terra

Of Death Row Deals, Terra Sigillata, Traveller Miners, Poisoning Dogs e Dirt-Eaters Em 1581, os dias do jovem Wendel Thumblardt estavam contados. Condenado na cidade de Hohenlohe, Alemanha, por uma série de roubos, Thumblardt foi condenado à forca. Ele tinha mais uma carta na manga, no entanto. Ele tinha ouvido falar de um antídoto de veneno poderoso chamado terra sigillata, ou “terra selada”, que estava circulando pela Alemanha. Ele propôs que, em vez de enforcá-lo, usassem seu corpo como um rato de laboratório.

Thumblardt sugeriu que o envenenassem com "o veneno mais mortal que poderia ser inventado". E então um "julgamento perfeito pode ser feito sobre o valor desta terra medicinável". Era uma aposta inteligente: se ele morresse, bem, era para onde estava indo de qualquer maneira. Mas se ele vivesse, ele seria um homem livre.

Wolfgang II, príncipe do distrito, ficou suficientemente intrigado. Alguns dias antes, um mineiro alemão que se tornou médico viajante chamado Andreas Berthold apareceu na cidade, vendendo pequenas tábuas de argila conhecidas como terra sigillata. De acordo com Berthold, esses comprimidos eram uma panacéia para quase tudo que o afligia, mas sua habilidade especial era servir como um antídoto para o veneno. Antídotos eram muito importantes na época, quando envenenar alguém era tão fácil quanto ir ao boticário local, um pouco de pó em uma taça de vinho e Bob é seu tio. Como qualquer bom governante do

século XVI, quando os Medicis estavam no poder em toda a Europa, Wolfgang II levou a sério os antídotos de veneno.

Ele concordou com o pedido do criminoso.

Thumblardt foi arrastado de alguma masmorra infernal e forçado a ingerir uma dose e meia de "sublimado de mercúrio, misturado com conserva de rosas". O prisioneiro realmente realizou seu desejo de receber "o veneno mais mortal que poderia ser inventado." O envenenamento por mercúrio é uma forma cruel e terrível de morrer, completa com horrendo dano renal e corrosão profundamente dolorosa das membranas mucosas e revestimento do estômago. . . enquanto você ainda está consciente. A quantidade que eles forçaram ao criminoso, cuidadosamente combinada com uma conserva de rosa para torná-lo mais fácil, era três vezes a dose necessária para matar alguém.

Wolfgang II não queria correr nenhum risco.

Depois de engolir seu veneno, Thumblardt recebeu imediatamente um pouco de vinho no qual 4 gramas dos tabletes de terra sigillata de Berthold haviam sido dissolvidos.

Vejam só, Thumblardt sobreviveu para ver outro dia, embora não antes de "o veneno o atormentar e vexe extremamente". Descobrindo que o envenenamento por mercúrio sobrevivente era provavelmente um impedimento de roubo suficiente, Wolfgang II fez sua primeira ordem de trabalho para colocar Thumblardt aos cuidados de seus pais. Seu segundo movimento foi comprar um suprimento vitalício de terra sigillata do caixeiro-viajante. Ele até deu a Berthold uma carta com seu selo de aprovação para que ele pudesse se mover com segurança pela Alemanha anunciando suas tábuas de terra.

Terra Antiga, Terra Sagrada

Terra sigillata de Lemnos, ofuscada por uma grande xícara.

A prática da geofagia - isto é, comer terra - é consideravelmente antiga, remontando a pelo menos 500 aC, quando os habitantes de Lemnos, uma ilha grega no Mediterrâneo, colhiam argila medicinal vermelha de uma colina específica em um dia especial a cada ano . Com funcionários do governo supervisionando o processo, a argila foi lavada, refinada, enrolada até uma espessura específica e, em seguida, transformada em pequenos tabletes. As sacerdotisas da ilha intervieram em seguida, abençoando e carimbando os comprimidos com seu selo oficial (daí o nome terra sigillata, que significa “terra selada”) antes de distribuí-los para o equivalente em Lemnos das farmácias, onde a argila era vendida como um auxiliar medicinal.

Para que? você pode perguntar. A argila é usada como antídoto desde a antiguidade, pois retarda a absorção de drogas no trato digestivo. É até útil para curar feridas. A parte charlatã vem do significado religioso concedido às pequenas tabuinhas de argila, o foco geográfico especial alegado para aumentar seu poder e os recursos de cura para tudo atribuídos a eles. A argila pode ser eficaz em certas situações médicas, mesmo que não seja abençoada e carimbada por uma sacerdotisa ou escavada nas colinas de Lemnos.

Vários selos para terras sigillatas em toda a Europa. Colete-os todos!

O próprio Hipócrates menciona as propriedades curativas da ingestão de tabletes de argila, em seu caso fazendo referência à argila da ilha de Samos. Ele foi seguido por Dioscórides, que recomendou argila como antídoto, adstringente e antidiarreico, e Galeno, que viajou a Lemnos para assistir

pessoalmente a produção de terra sigillata. Ele ficou impressionado. Tão impressionado que levou de volta vinte mil comprimidos para Roma em 167 dC.

A distribuição da Terra sigillata diminuiu com a queda do mundo clássico, não reaparecendo até que voltasse para a Europa por meio das forças invasoras dos turcos otomanos, que estavam convencidos de que uma argila especial da Armênia era a cura para a peste. Embora ingerir argila armênia fosse tecnicamente ineficaz contra o ataque bacteriano da peste bubônica, o efeito placebo de ingerir algo sagrado ou especial pode de fato ter contribuído para a recuperação ocasional.

Uma área ocupada pelos turcos? As terras ao redor da Striga (atual Strzegom, Polônia), onde Andreas Berthold viveu e trabalhou como mineiro.

Rápido, você acabou de ser envenenado e tem três opções para seu antídoto de terra sigillata: prata, ouro ou vermelho.

Construindo um Império de Clay

Berthold apareceu em várias cidades da Alemanha, anunciando sua terra sigillata aos líderes locais. Em seu rastro, ele deixou uma série de cães mortos, que eram os animais de laboratório escolhidos quando os habitantes da cidade queriam ver se a argila misteriosa realmente funcionava como um antídoto de veneno. Os cães que receberam os comprimidos sobreviveram aos envenenamentos; os outros cães, bem, nem tanto.

Na Renascença, a terra sigillata foi usada em toda a Europa, não apenas como um antídoto para o veneno, mas também para o tratamento de disenteria, ulceração, hemorragia, gonorréia, febre, problemas renais e infecções oculares. A maioria desses tratamentos teria sido ineficaz do ponto de vista biológico e provavelmente eram subprodutos do entusiasmo por essas pequenas pastilhas de argila que às vezes funcionavam como um antídoto. Se é poderoso o suficiente para resgatar alguém envenenado por sublimação de mercúrio, bem, por que não ver se funciona também com a gonorréia?

Depois de passar para as grandes ligas com seu julgamento humano em Hohenlohe, a fama e a fortuna de Berthold aumentaram. Ele se tornou imparável como um programa de vendas de sujeira de um homem só no final do século XVI. Claro, um problema óbvio em entrar no negócio de venda de argila é que ele não é exatamente um mineral raro. O material é muito fácil de encontrar. Portanto, era importante para Berthold - e para aqueles que o seguiram - atribuir alguma qualidade especial ou, melhor ainda, mágica aos seus depósitos de argila. Berthold afirmou que as propriedades medicinais especiais de sua terra sigillata se deviam à sua origem geográfica nas colinas ao redor da Striga.

Vaso de cerâmica para armazenamento de terra sigillata.

Em outras palavras, não era apenas uma sujeira qualquer. Você certamente não obteria os benefícios médicos extraordinários cavando o jardim do seu vizinho. Não, você precisava de terra sigillata, a verdadeira, especialmente carimbada com um selo, tirada das colinas ao redor da Striga. O plano de marketing inteligente de Berthold foi inicialmente um sucesso e, em poucos anos, o Strigan terra sigillata estava à venda em farmácias de Nuremberg a Londres.

## Os Comedores de Sujeira do Sul

Em 1984, o New York Times publicou um artigo sobre a tendência de declínio da geofagia. Se você acha que as pessoas comeriam um punhado de terra apenas nas circunstâncias mais

terríveis, então você não conheceu a sra. Glass. “Ele sempre teve um gosto tão bom para mim”, disse a Sra.

Glass, uma residente na zona rural do Mississippi, em sua entrevista para o Times. “Quando é boa e retirada do lugar certo, a sujeira tem um gosto amargo fino.”

Por muitos anos, a geofagia fez parte da tradição culinária do sul rural, onde a prática havia sido importada com o tráfico de escravos da África Ocidental. O consumo de sujeira era relativamente comum no final do século XIX e início do século XX, e quase exclusivamente praticado por mulheres pobres que se acostumaram, até preferencialmente, ao sabor.

A mesma Sra. Glass, que estava no momento de sua entrevista em vias de desistir da prática, acrescentou melancolicamente: "Há momentos em que realmente sinto falta. Eu gostaria de ter um pouco de sujeira agora. "

A terra escolhida pelos sulistas era a argila, que de fato contém algumas qualidades medicinais; dependendo da fonte, pode ter altos níveis de cálcio, cobre, magnésio, ferro e zinco, todos importantes para a saúde humana e, no caso de mulheres grávidas, que ocasionalmente se envolvem em geofagia entre grupos culturais, crucial para isso. Os solos da África Ocidental e do Sul dos Estados Unidos são ricos nesses minerais, o que pode explicar o desenvolvimento e a continuação da prática.

O efeito placebo foi potencializado pela estética: De Lemnos à Striga, os pedaços de terra sigillata também eram objetos bonitos, tanto que parte de sua eficácia podia ser atribuída à crença do paciente em uma qualidade mágica, quase talismânica das pequenas tabuletas de argila .

Havia até uma magia especial que resultou apenas de estar perto da terra sigillata.

Alguns médicos, pairando na linha indistinta do renascimento entre a ciência e a magia, simplesmente recomendavam que seus pacientes usassem um comprimido de terra sigillata ao redor do pescoço para desfrutar de suas propriedades curativas.

Não poderia durar para sempre, porém, e logo muitas cidades estavam entrando em ação, colhendo argila elas mesmas, colocando seu próprio selo

especial nele e proclamando que seus comprimidos continham suas virtudes medicinais particulares. O império de Berthold começou a desmoronar.

O envenenamento gradualmente se tornou menos comum (yay, humanos!) E os avanços da medicina no início da era moderna trouxeram tratamentos mais eficazes para disenteria, ulceração, hemorragia, gonorréia, febre, problemas renais e infecções oculares. E assim a terra sigillata gradualmente caiu em desuso, com o punhado de comprimidos que sobreviveram sendo pego por ricos antiquários em Grand Tours of Europe no século XIX e eventualmente chegando a gabinetes de curiosidades e museus.

Terra sigillata, mais latim.

Coma sua argila

Embora seja improvável que seja recomendado pelo seu médico, comer argila para fins medicinais ainda está muito vivo nas terapias alternativas. Os proponentes afirmam que a ingestão de argila pode ajudar a desintoxicar seu corpo ao adsorver e, em seguida, passar através de metais pesados que se acumularam em seu interior.

O problema, entretanto, é que realmente precisamos de alguns metais em nosso sistema - ferro, por exemplo - e a argila não é muito boa em discriminar entre os tipos de metal. Também nem sempre é fácil saber exatamente o que mais está na argila que você está comendo. Ele pode transportar

parasitas, bactérias ou mesmo, ironicamente, metais pesados como o chumbo. Como resultado, a prática não é normalmente recomendada por médicos hoje.

Mas isso não impediu a atriz Shailene Woodley de proclamar seus próprios experimentos com comer argila em uma entrevista no Late Show com David Letterman e em uma postagem no blog para o site de beleza Into the Gloss em 2014:

Então, descobri que a argila é ótima para você porque seu corpo não a absorve e, aparentemente, fornece uma carga negativa, por isso se liga a isótopos negativos. E isso é loucura: também ajuda a limpar os metais pesados de seu corpo. Minha amiga começou a comer e no dia seguinte ela me ligou e disse: “Cara, minha merda cheira a metal”. Ela estava muito preocupada, mas fizemos algumas pesquisas juntos e tudo dizia que quando você começa a comer argila, seus movimentos intestinais, xixi e até mesmo você, vai cheirar a metal.

Se você quiser experimentar fazer sua merda cheirar a metal, cuidado: comer pequenas quantidades de argila processada é considerado inofensivo, mas se empolgue com isso e você vai acabar com prisão de ventre. . . ou pior. A melhor maneira de obter cálcio e outros minerais não é de uma cova que você cava fora de casa.

O veneno está em toda parte. Naturalmente ou não, pode estar no solo (arsênico), no ar (monóxido de carbono), em suas bebidas (chumbo) e em sua comida (cianeto). Com tanto perigo ao redor, não é de se admirar que os humanos tenham ficado obcecados em encontrar um antídoto universal - a única coisa que poderia nos salvar de todas as toxinas. Imagine que você é um príncipe medieval prestes a herdar o trono. Provavelmente, há muitos wannabes sedentos de poder esperando nos bastidores. Um pouco de arsênico ou cicuta pode ser seu melhor amigo ou seu pior pesadelo. Por precaução, é melhor ter um antídoto de prontidão.

Por milênios, uma certa quantidade de pensamento mágico foi empregada ao se armar contra o veneno porque a ciência era inconvenientemente lenta para alcançá-la. Então pegue seu chifre de unicórnio e um bezoar e vamos dar uma olhada.

## O Salão dos Antídotos da Vergonha

### Bezoars

Os bezoares são usados há séculos como antídotos para os venenos. Um bezoar é uma massa sólida de alimento não digerido, fibras vegetais ou cabelos encontrados no trato digestivo de animais, incluindo veados, porcos-espinhos, peixes e, sim, humanos. Qualquer pessoa com um gato está familiarizada com a versão felina menos legal: bolas de pelo.

Bezoares e outros itens parecidos com pedras criados por animais costumam ter uma boa história por trás deles. Lendas contavam sobre cervos que comiam cobras venenosas e se tornavam imunes ou choravam lágrimas que se solidificavam em pedras que curam o veneno. O autor árabe do primeiro século, al-Birumi, afirmou que os bezoares podem proteger contra um veneno chamado “ranho de Satanás”, que esperamos nunca encontrar. No século XII, quando a Europa foi atormentada por, uh, pragas, o bezoar se infiltrou nas farmacopeias como panacéias e alexifármicos (antídotos venenosos).

Bezoars era uma ideia sedutora para os ricos e reais, que corriam o risco de serem assassinados. As pedras eram freqüentemente fechadas com joias de ouro para exibição ou usadas como amuletos. Os bezoares indianos, em particular, eram procurados por causa de febres fatais, picadas venenosas, sangramento, icterícia e melancolia. Os consumidores também eram conhecidos por raspar um pouco de bezoar e adicioná-lo a suas bebidas para a saúde do coração e pedras nos rins. Esses tônicos às vezes eram adulterados com mercúrio ou antimônio tóxico, o que causava vômito e diarreia, fazendo com que os compradores pensassem que eram eficazes.

Mas foram eles? Uma equipe de pesquisadores embebeu bezoares em uma solução com arsênico e descobriu que as pedras absorveram o arsênico ou

que o veneno foi neutralizado. É difícil dizer se funcionou bem o suficiente para curar uma dose fatal. Ambroise Paré, um dos mais proeminentes

médicos franceses do século XVI, também duvidou. O cozinheiro do rei, que estava roubando prata, teve a escolha entre enforcamento ou ser o rato de laboratório de Paré. Ele escolheu o último. Depois que o cozinheiro consumiu o veneno, Paré observou enquanto um bezoar era enfiado em sua garganta. Seis horas depois, ele morreu devastado pela dor. Talvez ele tenha escolhido. . . mal?

Bezoar indiano montado em ouro, século XVII. As bolas de cabelo nunca pareceram tão elegantes.

Mitrídates

Este antídoto recebeu o nome de Mitrídates VI, o rei de Ponto e da Armênia Menor.

Nascido em 134 aC, ele praticamente inventou a frase “o que não te mata, te torna mais forte” ao consumir venenos diariamente para prevenir seu próprio assassinato. Sua casa real estava repleta de espinhos de arraia, cogumelos tóxicos, escorpiões, venenos minerais e um jardim repleto de plantas venenosas. Ele era tão inocente que depois que seu filho assumiu o controle de seu reino e ele enfrentou a execução, ele não poderia nem mesmo cometer suicídio por envenenamento! Ele implorou a um guarda que o matasse a facadas.

(Funcionou.)

Embora a receita real do rei para o antídoto não seja encontrada em lugar nenhum, versões começaram a circular após sua morte e se tornaram sinônimos do próprio rei. Os compostos com listas de ingredientes longas e caras prevaleciam, incluindo íris, cardamomo, anis, olíbano, mirra, gengibre e açafrão. No primeiro século, Plínio, o Velho, observou sarcasticamente: “O antídoto mitridático é composto de cinquenta e quatro ingredientes. . . . Qual dos deuses, em nome da Verdade, fixou essas proporções absurdas? . .

. É claramente um desfile vistoso da arte e uma ostentação colossal da ciência. ”

Vistosa ou não, as pessoas pegavam a extensa mistura de ervas, amassavam com mel e comiam uma porção do tamanho de uma noz para se curar. Pelo menos isso os dotou de um hálito de cheiro caro.

## Chifres

Os chifres de unicórnio são considerados parte da lenda do antídoto desde que a besta mítica galopou para a literatura por volta de 300 AC. Por séculos depois, bestas terrestres reais sacrificariam suas vidas e seus chifres para saciar nossa sede pelo animal milagroso e inexistente, incluindo rinocerontes, narvais e órix. Até amonites fossilizados foram usados. Acreditava-se que os recipientes feitos de tais chifres poderiam neutralizar os venenos, e as feridas poderiam ser curadas segurando-os por perto. No século XVI, Maria, Rainha dos Escoceses, supostamente usou um chifre de unicórnio para protegê-la de envenenamento.

Pena que não a impediu de ser decapitada.

## Pérolas

As pérolas são consideradas antídotos poderosos. Uma linda e rara joia criada pela ostra caseira, uma pérola nasce do aborrecimento (o molusco secreta nácar iridescente para cobrir um irritante, como um parasita ou grão de areia). Por mais bonitos que sejam, são tão úteis quanto os comprimidos antiácido calcários na mesa de cabeceira; ambos são feitos principalmente de carbonato de cálcio. Bom para uma dor de estômago depois de um pouco de comida picante, mas não exatamente milagroso.

O pó de pérola tem sido usado na medicina tradicional chinesa para tratar uma variedade de doenças, e os médicos ayurvédicos o usaram como

antídoto na Idade Média. Também foi relatado que tornava as pessoas imortais. Uma velha receita taoísta recomendava pegar uma longa pérola e mergulhá-la em malte, “fel de serpente”, favo de mel e pedra-pomes. Quando amolecido, ele seria puxado como caramelo e cortado em pedaços pequenos para comer, e voilà! De repente, você não precisaria mais de comida para permanecer vivo. Cleópatra bebeu uma pérola grande e cara dissolvida em vinagre de vinho,

embora nesse caso ela não estivesse evitando o veneno. Ela não queria perder uma aposta com Antônio - o que poderia ter ferido fatalmente seu orgulho.

Theriac

Theriac era uma mistura de ervas criada no primeiro século pelo médico do imperador Nero, Andromachus, que, segundo consta, tinha as notas secretas de Mitrídates. Era uma fórmula amassada de cerca de setenta ingredientes, incluindo canela, ópio, rosa, íris, lavanda e acácia à base de mel. No século XII, a theriac made in Venice foi considerada especialmente especial, e o melado veneziano (derivado de uma tradução da theriac para o inglês médio) tornou-se uma mercadoria quente. Sua produção dramática pública freqüentemente atraía multidões curiosas.

No século XVIII, o xarope de ouro mais barato substituiu o mel. À medida que o melado começou a perder seu brilho como tratamento, sua definição como remédio herbal desapareceu do vernáculo comum. Mas o xarope doce permaneceu. É por isso que, quando pensamos em melaço, pensamos em tortas de melaço, não um meio extravagante de nos salvar de um envenenamento mortal.

Saboroso antídoto, alguém?

O que realmente funciona

Felizmente, a ciência nos trouxe uma ampla gama de antídotos para muitos itens aos quais não devemos ser expostos em quantidades perigosas, se é que devemos ser expostos. A N-acetilcisteína, carinhosamente chamada de NAC pelos médicos, nos salva de overdoses de paracetamol. O

etanol pode tratar o envenenamento por anticongelante. A atropina, ironicamente um dos principais componentes das plantas da família da erva-moura tóxica (como a mandrágora), pode tratar o envenenamento por alguns fertilizantes perigosos e agentes químicos nervosos usados como armas. Durante anos, os envenenamentos foram tratados com eméticos, embora aconteça que o carvão velho - na forma de carvão ativado - pode adsorver venenos (os venenos aderem à superfície do carvão) no sistema digestivo antes de serem dissolvidos e digeridos pelo corpo.

Enquanto o mundo natural e seus humanos continuarem fazendo coisas para nos matar, continuaremos desenvolvendo métodos para não morrermos prematuramente.

Vamos apenas deixar as bolas de cabelo extravagantes de fora da lista.

Ferramentas

Fatiar, cortar em cubos, mergulhar e drenar

# 12

## Sangria

Do Réquiem de Mozart, Humores divertidos, A origem do poste de barbeiro, Homens de ferro reais e Frio ruim de George Washington

Em agosto de 1791, com a idade de trinta e cinco anos, um enfermo Wolfgang Amadeus Mozart recebeu a comissão para compor uma missa de réquiem para um patrono anônimo. Mozart, que vinha sofrendo de perda de peso, anemia, dores de cabeça e desmaios, ficou paranóico por estar sendo contratado para escrever seu próprio réquiem.

Semanas depois, sua personalidade já mal-humorada não foi a única coisa que piorou.

Em novembro, ele não conseguia sair da cama. Ataques violentos de vômito, diarreia e artrite, além de inchaço nas mãos e nos pés, impossibilitaram a continuação da composição. As canções de seu amado canário de estimação tornaram-se insuportáveis. Ele estava convencido de que estava sendo envenenado.

Seus médicos tentaram salvá-lo, mas um dos tratamentos populares na época pode ter sido a própria causa de sua morte: o derramamento de sangue. Alguns estimam que ele pode ter perdido mais de quatro litros de sangue em sua última semana de vida. Sua cunhada, Sophie Haibel, observou: “Eles o sangraram e aplicaram compressas frias em sua cabeça, após o que suas forças o abandonaram visivelmente e ele perdeu a consciência, que ele nunca recuperou”. Mozart morreu vinte e quatro horas depois e foi enterrado em uma sepultura não identificada.

Sem uma autópsia, ninguém jamais saberá a verdadeira causa de sua morte, mas muitos acreditam com certeza que o derramamento de sangue ajudou a acabar com uma vida extraordinária.

Um retrato póstumo de Mozart.

Sangue ruim

Sangue vazando dos braços lancetados de pacientes enfermos. O cheiro de ferro no ar.

O gotejamento pegajoso do líquido em uma tigela de cerâmica, com entalhes nas laterais para caber em um braço flácido. Hoje, o ato de cortar um vaso sanguíneo para derramar sangue - propositalmente, voluntariamente - vale uma moderna sacudida de cabeça de incredulidade. Desde a antiguidade, o sangue é considerado o componente essencial da vida. Até mesmo a Bíblia afirma que “a vida da carne está no sangue”, o que torna a prática do derramamento de sangue tão fascinante. Afinal, por que remover o que você precisa para viver?

Primeiro, você deve se colocar na mentalidade dos médicos antigos. A primeira evidência de derramamento de sangue - entre os egípcios por volta de 1500 aC - é de uma época em que o funcionamento interno do corpo era um mistério. Eles estavam tirando conclusões de informações limitadas.

Os antigos romanos pensavam que a menstruação de uma mulher era uma forma natural de remover toxinas do corpo, então remover o sangue das pessoas parecia uma maneira razoável de mantê-las saudáveis. E

porque isso foi muito antes de descobrirmos que o sangue circula por todo o corpo, os textos da Dinastia Han (206 aC-220 dC) discutem como o sangue pode se tornar "estagnado" e como remover sangue velho e

"deteriorado" era uma maneira de corrigir isso estase.

Ou talvez os doentes estivessem apenas desequilibrados e precisando de um bom expurgo. Assim foram as teorias de Hipócrates e seus quatro humores. Muito sangue, catarro, bile amarela ou bile negra? Purgue por meio de sangramento, vômito ou limpeza dos intestinos.

Também um fã de toda a teoria do “sangue demais”, Erasístrato - que nem mesmo defendia o derramamento de sangue - inadvertidamente deu um impulso à prática no século III aC, propondo que muitas doenças derivavam da pletora ou da sobrecarga de sangue. Embora ele recomendasse vômito, dieta ou exercícios para corrigir a abundância, muitos médicos recorreram à sangria.

Era apenas uma questão de tempo antes de entrarmos no território que cura tudo. No século II dC, Galeno declarou que o sangramento era a solução para tudo de errado com o corpo - inclusive a hemorragia. Deixe aquele cozinhar um pouco.

A anatomia e a fisiologia tinham um longo caminho a percorrer, obviamente.

Freqüentemente, a sangria era feita de maneira razoável - excluindo crianças pequenas e os muito velhos ou tentando evitar a remoção de quantidades excessivas - mas nem sempre foi assim.

Houve muitos erros sangrentos em nosso caminho para a flebotomia moderna. Claro, o porquê do derramamento de sangue era perturbador, mas o como era assustador também.

Então, quem estava fazendo todo esse sangramento, afinal?

Ferramentas de um comércio encharcado de sangue

Qualquer coisa que pudesse cortar era usada para derramamento de sangue. Dentes de animais, pedras, pedaços de madeira afiados, penas, conchas. Conforme o processo evoluiu, o mesmo aconteceu com as ferramentas. No século XVII, os praticantes tinham o procedimento reduzido a uma ciência: primeiro, um torniquete era aplicado e, em seguida, a veia basílica do braço era aberta. E o que foi usado para cortar essa veia? Vamos ver. . . .

A lanceta foi uma das ferramentas mais sofisticadas dos últimos séculos. Era uma lâmina curva ou pontiaguda na ponta de um cabo. Até hoje, uma das revistas médicas internacionais mais populares leva o nome deste instrumento amado: The Lancet. As lancetas de polegar eram versões de bolso que se dobravam em uma bonita caixa de marfim ou tartaruga para o sangrador da moda em movimento.

Uma lanceta com mola.

A flâmula era uma engenhoca com várias lâminas e vários tamanhos, usada para cortes maiores e, muitas vezes, para sangrar objetos maiores, como cavalos.

Um raio de ferro do século XIII.

Com um nome que poderia ser confundido com um filme de terror dos anos 1980, o escarificador era uma caixa com várias lâminas acionadas por mola, frequentemente usadas antes da ventosa (induzindo vácuo sob um copo de vidro) para extrair mais sangue.

O exterior de um escarificador.

Cada ferramenta tinha seus fãs leais. JE Snodgrass proclamou em 1841 sua adoração por sua lanceta com mola:

Eu te amo, manchado de sangue, amigo fiel! . . .E eu vou te amar até o fim!

Talvez não houvesse ninguém na hora para dizer a ele Arranja um quarto.

Barba, corte de cabelo e sangramento

Na Roma antiga, estilistas multitalentosos, conhecidos como tonsuras, eram responsáveis por polir seus clientes, cortando cabelos, aparando unhas e calosidades, arrancando dentes podres e sangrando. Por um preço, você saiu com uma mani-pedi, um sorriso sem dentes e um caso de anemia.

Na Europa medieval, o barbeiro-cirurgião tornou-se a pessoa certa não apenas para serviços cosméticos, mas também para amputações, escavações, leeching e drenagem de fervura. Varíola é um problema? Sangre-o. Epilepsia? Sangre isso também. Praga? Entre, ignore os trapos ensanguentados no chão e, por favor, não morra na minha cadeira.

Inicialmente, o derramamento de sangue era frequentemente feito pelo clero para si e para outros. Monges e clérigos eram celibatários, e o derramamento de sangue parecia domar ainda mais sua libido (o anti-Viagra da época!). Mas depois de 1163, o papa Alexandre III proibiu o clero de se envolver em estudos de natureza física. O cânone declarou que “a igreja abomina o sangue” e, a partir daí, os clérigos não realizavam cirurgia ou sangria, nem estudavam anatomia. Na Inglaterra, os cirurgiões-barbeiros assumiram o papel. O Bloodletter cheiraria, tocaria e sentiria o gosto do sangue (vamos levantar um ewww coletivo aqui) para diagnosticar o paciente. Tigelas de sangue ficavam nas janelas dos barbeiros para atrair clientes antes que uma lei fosse aprovada exigindo que eles jogassem o sangue no rio Tâmisa silenciosamente.

O poste de barbeiro moderno, já se tornando uma antiguidade em nossos dias com suas espirais vermelhas, azuis e brancas (ou apenas vermelho e branco), é um retrocesso a esses barbeiros-cirurgiões, que colocavam os mastros fora de seu local de trabalho para anunciar seus vocação. O mastro simbolizava o bastão que o paciente apertaria para facilitar o sangramento, com uma tigela no fundo para coletar o líquido derramado. Alguns dizem que a listra branca simbolizava o torniquete, a azul representava a veia e a vermelha, sangue.

Da próxima vez que você for ao seu barbeiro, peça uma boa hemorragia e veja se ele entende a piada histórica.

O clássico poste de barbeiro, vestígio do papel da profissão na sangria.

Sangre-se para a bem-aventurança

É o século dezessete e você foi abandonado pelo cavalheiro que pensava ser certamente o Escolhido. Oh, o que poderia consertar este coração partido? Um pouco de conhaque e fofoca com um bom amigo? Um litro do equivalente da era barroca ao Ben & Jerry's? Fechar! Um coração partido pede meio litro de alguma coisa; simplesmente não é tão agradável quanto o Chunky Monkey.

Em 1623, o médico francês Jacques Ferrand escreveu um livro inteiro sobre curas cirúrgicas para a doença de amor, especialmente se o sofredor fosse "rechonchudo e bem alimentado". Ele recomendou sangramento até o ponto de insuficiência cardíaca (literalmente, insuficiência cardíaca) e observou que “a abertura das hemorróidas é o remédio mais seguro”. Porque de alguma forma ele descobriu que desgosto e hemorróidas andam de mãos dadas.

Esta não foi a primeira vez que o derramamento de sangue entrou no reino da saúde mental. Como a anatomia, a psicologia também há muito tempo é

um mistério para os médicos. Doenças confusas e aparentemente incuráveis, como desgosto, melancolia e mania, fizeram com que muitos médicos

tentassem pegar sua lanceta. Os textos de Huang Di Nei Jing da Dinastia Han prescreviam derramamento de sangue para sintomas de “riso incessante” ou mania, porque uma pequena hemorragia certamente o acalmaria. Mais tarde, Galeno pensou que diferentes tipos de “loucura” - frenesi, mania, melancolia e fatuidade (tolice) - eram devidos a desequilíbrios humorais e, portanto, precisavam de sangramento.

No século XVIII, um dos hospitais psiquiátricos mais infames do mundo, o St. Mary of Bethlehem em Londres, foi notoriamente apelidado de “Bedlam” pelos horríveis comportamentos, condições e tratamentos encontrados dentro dele. O escritor Alexander Cruden foi institucionalizado várias vezes por comportamentos chocantes, como tentar namorar viúvas e ficar chateado com o incesto. Como ele ousa? Ele havia notado que "As prescrições comuns de um médico betlemítico são uma purga e um vômito, e um vômito e uma purga novamente e, às vezes, um sangramento". Infelizmente, isso foi antes de o desodorizante ambiente em aerossol ser inventado.

Benjamin Rush, médico e pai fundador, recomendou "terapia de esgotamento heróico"

(ver Mercúrio, página 3) para muitas doenças, incluindo esta receita para mania: "20 a 40 onças de sangue

[dois litros e meio] podem ser tomados de uma vez . . . sangramento precoce e abundante são maravilhosos para acalmar as pessoas. ” Ele está certo. Afinal, pessoas de todos os temperamentos ficam calmas quando estão muito cansadas e anêmicas para se importar.

Até mesmo o Sushruta Samhita, o antigo texto em sânscrito, observou que o derramamento de sangue é seguido por uma sensação de alegria no paciente. E quem não quer isso? Passe a faca.

Bem, talvez ainda não. Aqui estão algumas pessoas que provavelmente não descreveriam sua experiência como "alegre".

As vidas exanguinadas dos ricos e famosos

Maria Antonieta sangrou depois de dar à luz diante de uma sala cheia de observadores da corte. (Se você acha isso impressionante, lembre-se de que se ela tivesse as redes sociais, poderia ter dado à luz na frente de milhões.) A rainha acabou desmaiando e foi reanimada pelo derramamento de sangue, ou pelo menos pela dor disso.

Alguns tiveram resultados muito piores, especialmente quando a sangria foi empregada como último recurso desesperado. Em 1685, Carlos II da Inglaterra sucumbiu a “ataques” ao se barbear. Seus quatorze médicos estavam sob grande pressão para mantê-lo vivo. Além de sangrar, o pobre rei suportou enemas, purgativos e xícaras e teve que comer a pedra biliar de uma cabra das Índias Orientais.

Emplastros feitos de excremento de pombo foram cuidadosamente aplicados em seus pés. Eles sangraram grandes quantidades dele repetidamente, uma vez até mesmo abrindo suas veias jugulares. No final, ele ficou quase sem sangue antes de morrer, embora talvez sua alma estivesse simplesmente correndo aos gritos dos cataplasmas de cocô de pássaros. Trinta anos depois, a sobrinha de Carlos II, a rainha Anne - então no trono -

foi sangrada e purgada depois de ter ataques e cair inconsciente; ela sobreviveu apenas dois dias após a chegada dos médicos.

Lord Byron, sofrendo de um violento resfriado com febre e dores no corpo, travava uma batalha contínua com seus médicos sobre derramamento de sangue. Ele recusou veementemente, afirmando que não tinha ajudado em doenças anteriores. Finalmente, ele cedeu às suas resmungos e proclamou: “Venha como você está; Eu vejo um maldito conjunto de açougueiros. Tire

tanto sangue quanto você quiser, mas acabe com ele. ” Depois de sangrar vários litros ao longo de três sangramentos, seus médicos ficaram surpresos com a piora de Byron. Desesperado, os médicos o encheram de bolhas e aplicaram sanguessugas em suas orelhas. Lord Byron morreu pouco depois, e seus médicos prontamente o culparam por adiar o sangramento por muito tempo.

"Breathing a vein" em 1860.

George Washington foi mais uma vítima famosa de derramamento de sangue. Três anos depois de se aposentar de sua presidência, ele contraiu febre após cavalgar sob neve. Ele tinha dificuldade para respirar, provavelmente devido a um surto de epiglotite severa. Seus médicos o sangraram agressivamente, experimentaram um gole de melaço, vinagre e manteiga (que quase o sufocou até a morte), fizeram-lhe bolhas, sangraram-no novamente, experimentaram laxantes e eméticos e o sangraram um pouco mais para garantir. Um dia depois, ele sangrou novamente. Ao todo, ele pode ter sangrado de cinco a nove litros de sangue e morreu pouco depois. Um preço e tanto a pagar por uma doença que começou como um forte resfriado.

Uma variedade de instrumentos de sangria

O sangramento diminui para um gotejamento

Mesmo em face de seus críticos, o Dr. Benjamin Rush manteve sua defesa veemente e ruidosa do derramamento de sangue, e seu paisagismo provou isso. No auge da epidemia de febre amarela na Filadélfia, o gramado da frente havia tanto coagulado, derramado sangue que fedia e zumbia com moscas.

Nenhum programa da HGTV poderia ter consertado esse desastre. Infelizmente para os pacientes de Rush, o médico superestimou muito o volume de sangue do corpo - em 200 por cento. Ele costumava remover de quatro a seis litros de sangue em um único dia (o homem humano médio tem cerca de doze litros). E lembre-se, ele costumava sangrar vários dias seguidos. A taxa de mortalidade por tratamento dele foi tão alta que um crítico chamado William Cobbett lamentou: “Os tempos são realmente agourentos, quando grasnidos de grasnados purgam e sangram.” Cobbett chegou a dizer que a chamada terapia heróica de Rush era "uma perversão dos poderes de cura da natureza". Queimar!

Embora sangrar tenha sido uma arma bem-amada entre os médicos por mais de dois milênios, detratores como Cobbett sempre estiveram por perto. Erasístrato achava que a perda de sangue enfraqueceria os pacientes (ele estava certo). No século XVII, um estudioso italiano chamado Ramazzini afirmou: “Parece que o flebotomista [sangrador] agarrou a Espada Délfica em sua mão para exterminar os inocentes.”

Nos séculos XVIII e XIX, a oposição de muitos médicos e cientistas começou a virar a maré da mudança. Louis Pasteur e Robert Koch mostraram que a inflamação vinha de uma infecção e não seria curada com derramamento de sangue. Em 1855, John Hughes Bennett, um médico de Edimburgo, usou estatísticas para mostrar que a mortalidade por pneumonia diminuía com o declínio do derramamento de sangue. Com a compreensão atual da fisiologia e patologia humana, as práticas médicas no Ocidente começaram a se afastar das idéias antiquadas da medicina humoral.

Hoje, a sangria, ou flebotomia como é chamada (palavra grega para “cortar um vaso sanguíneo”), ainda é usada em todo o mundo. A Califórnia teve que proibir o derramamento de sangue por acupunturistas em 2010. E ainda é uma prática moderna com o Unani, um ramo da medicina árabe-persa que remonta ao século XIII. O sangramento com a terapia com ventosas, a ventosa úmida, ainda é feito na medicina tradicional árabe, com alguns estudos positivos. (Nos Jogos Olímpicos de 2016, o nadador Michael Phelps foi visto coberto de hematomas por "escavação seca", usando apenas

sucção sem sangrar.) Com nossa compreensão moderna do corpo humano, faria sentido que a sangria melhorasse os sintomas de pressão alta e, ocasionalmente, de insuficiência cardíaca; em vez disso, temos pílulas não invasivas que não exigem o corte da veia. Mas, para algumas doenças, a sangria continua sendo um remédio adequado. A hemocromatose, um distúrbio que causa um perigoso acúmulo excessivo de ferro, é tratada com sangramento regular que esgota o corpo desse elemento. A flebotomia também pode ser usada para policitemia vera, que causa um aumento patológico nos glóbulos vermelhos. Depois de tudo que Galeno escreveu, descobriu-se que muito sangue é realmente um problema sangrento.

É uma pena que os derramadores de sangue do passado não tenham percebido que, na maioria das vezes, é melhor deixar o sangue dentro do corpo do que fora.

# 13

# Lobotomia

Of Ancient Holey Heads, the Stone of Madness, Neural Eggbeaters, Kitchen Ice Picks, and Walter Freeman's Lobotomobile

Ninguém duvida que os Kennedys eram a própria família real da América. Bonitos e bonitos, bem educados e bem relacionados, eles tinham dinheiro, pedigree, inteligência e laços políticos para deixar uma marca indelével na história e na consciência cultural de nossa nação. Eles também tinham segredos a esconder.

Por décadas, Rosemary Kennedy foi a menos conhecida de todos os irmãos de John F.

Kennedy. Fotos de sua aparição na corte do Rei George e da Rainha Elizabeth em 1938 a mostram sorrindo, seu cabelo escuro penteado perfeitamente, luvas brancas e vestido de alta costura ajustando-se perfeitamente a seu corpo curvilíneo. A imprensa britânica era louca por sua beleza. Rapazes elegíveis a cortejavam em eventos. À primeira vista, ela ofuscou facilmente sua própria mãe patrícia e irmã mais simples, Kathleen.

Mas o que a maioria não sabia é que muito do mundo interior de Rosemary era mantido em segredo. Seu nascimento foi atrasado e sua mãe manteve suas pernas fechadas até que o médico pudesse chegar duas horas depois - a conselho de uma enfermeira e apesar do fato de que o bebê estava coroando. Muitos culpam isso pelas deficiências mentais de Rose, talvez por falta de oxigênio durante aquelas horas cruciais. Seus irmãos eram atletas e realizadores, mas Rosemary não atingiu seus marcos de

desenvolvimento a tempo, se é que atingiu. Quando adulta, ela possuía a inteligência de uma criança da quarta série e escrevia cartas com uma caligrafia simplista e crivada de erros ortográficos. Seu pai, Joe Kennedy, embaixador na Inglaterra, pode ser visto segurando o braço dela com força em algumas fotos, evidência de suas tentativas de manter o comportamento de Rosemary sob controle.

Aos vinte e poucos anos, todos os ganhos cognitivos de anos de aulas particulares e vigilância constante estavam lentamente se esvaindo. Ela escaparia do colégio interno do convento e vagaria pelas ruas à noite. Suas inesperadas explosões de emoção - às vezes gritando, às vezes socando (e os socos doíam, pois ela era forte e saudável) - estavam se tornando muito difíceis de conter. Para uma família da elite de Boston tão socialmente ativa quanto os Kennedys, ter um filho incontrolável com deficiências mentais

“vergonhosas” poderia significar um suicídio social. Eles só precisavam que ela ficasse calma, previsível e muito mais. . . Como Kennedy.

Acontece que uma nova técnica neurocirúrgica estava despertando entusiasmo e interesse. Um artigo do Saturday Evening Post em 1941 afirmou que poderia ajudar os pacientes que eram

"problemas para suas famílias e aborrecimentos para eles próprios".

Joe Kennedy ligou para o Dr. Walter Freeman pedindo ajuda, sem o conhecimento de sua esposa, que estava no exterior. Em novembro de 1941, Rosemary Kennedy foi lobotomizada e desapareceu dos olhos do público.

Kathleen, Rose e Rosemary Kennedy em 1938.

Uma breve história de Holey Heads

A forma mais antiga de cirurgia, trepanação (também chamada de trepanação, ambas do grego trypanon, que significa perfurar ou perfurar), era realizada raspando o crânio, cortando uma forma quadrada para remover o centro, perfurando um círculo de pequenos orifícios como um selo perfurações ou perfuração de um círculo. As ferramentas usadas podem ser sílex, obsidiana, metal ou concha. Supostamente, não era uma cirurgia cerebral. Sem intenção de brincadeira - sério, não era. O cérebro, seus vasos sanguíneos e a cobertura semelhante à pele, as meninges, não foram tocados. As pessoas pareciam entender que, se você mexesse com um pudim de cérebro, coisas ruins aconteciam.

Por que o procedimento foi feito? Por uma série de boas razões: há muitas evidências de que eles foram realizados após fraturas do crânio, possivelmente para remover fragmentos quebrados e aliviar a pressão por meio da remoção de coágulos sanguíneos. Na verdade, muitos crânios mostraram evidências de ossos em cura, o que significa que os pacientes sobreviveram.

As más razões para trepanar? Dores de cabeça aleatórias. Epilepsia. Melancólico.

Doença mental. E também - ferimentos leves na cabeça. Hipócrates recomendou o procedimento quando tudo o que foi sofrido foi uma pancada na cabeça. Apenas no caso de. (De repente, a piada “Eu preciso disso como eu preciso de um buraco na cabeça” faz um pouco mais de sentido.) Durante o Renascimento, o uso de armas de fogo aumentou o número de lesões traumáticas na cabeça e o tratamento com trepanação. Infelizmente, no século XVIII, a trepanação tornou-se uma perspectiva perigosa. A Europa pré-antissepsia era um lugar bastante sujo. Alguns estimaram que 50%

dos trepanados morreram (ao contrário dos crânios antigos encontrados antes - que se vangloriavam de uma taxa de mortalidade de 20%). Foi uma situação tão bárbara que, em 1839, o cirurgião Sir Astley Cooper argumentou: “Se você fosse trefinar, deveria ser trefinado por sua vez”.

Embora a trepanação ainda seja usada para o tratamento de lesões cerebrais traumáticas, algumas poucas pessoas se desviaram dessa estratégia óbvia de salvar vidas e, em vez disso, se entediaram por causa da agitação. Em 1965, um holandês chamado Bart Huges pensou que isso poderia levá-lo a um estado de consciência superior. Usando uma furadeira elétrica, faca e agulha hipodérmica, ele começou a trabalhar. Posteriormente, ele declarou: “Eu me sinto como antes dos quatorze anos”. (Como se quiséssemos reviver nossos anos hormonais mais estranhos - para sempre.) Esse incidente ocorreu depois que ele foi reprovado na faculdade de medicina e antes de escrever Trepanation: The Cure for Psychosis.

Outros seguiram o exemplo, mas felizmente a maioria das pessoas razoáveis prefere LSD à neurocirurgia para assistência psicodélica existencial. É muito menos bagunçado.

## Perfurando até a raiz da loucura

Para entender melhor o destino de Rosemary, precisamos recuar na linha do tempo até as origens da cirurgia do cérebro, o primeiro tipo de cirurgia de todos os tempos: a prática de trepanação (veja o quadro “Uma breve história das cabeças furadas”, ao lado). Trepanar é o processo de criação de um buraco no crânio. É o primeiro procedimento cirúrgico registrado na história. Os crânios dos tempos mesolíticos (possivelmente de 8.000 a 10.000 aC) mostram inequivocamente sinais do procedimento, que sabemos ser praticado em várias civilizações antigas, incluindo Mesoamérica, Grécia, Império Romano, Índia e China.

Para cada uso sonoro de trepanação, como remover pedaços de osso em fraturas do crânio ou aliviar a pressão, havia muitos disparos errados. A boa notícia é que as pessoas teorizaram corretamente que o cérebro era a sede do pensamento e da emoção; a má notícia é que tínhamos métodos horríveis de consertar um processo de pensamento desordenado. Um cirurgião grego do século XII recomendou trepanar para a melancolia e a loucura. Um texto cirúrgico grego do século XIII recomendava

que aqueles com epilepsia fossem trepanados para que "os humores e o ar possam sair e evaporar". Tão fácil quanto deixar o ar sair de um balão, certo? Demônios que causam doenças também foram pensados para fugir com uma pequena ajuda de uma escotilha de fuga craniana.

Durante a Renascença, surgiu a teoria de que uma pedra residindo no cérebro era a sede da loucura, da idiotice e da demência. Remova-o e você pode evitar a contaminação do resto da mente.

Na pintura de 1475 de Hieronymus Bosch, Cortando a Pedra, também chamada de A Extração da Pedra da Loucura, uma pobre alma se senta amarrada a uma cadeira chique, olhando com um olhar decidido para o observador. Um médico (que, por razões desconhecidas, está usando um funil de metal) está cortando sua cabeça. Várias outras obras de arte durante este e o próximo século retratam essa cirurgia promissora. Não está claro se as pinturas eram de natureza teatral ou representavam verdadeiras tentativas cirúrgicas de remover aquela pedra danificada (e inexistente).

Demonstração e ferramentas Trepanning, para o DIYer.

A vida passou a imitar a arte, entretanto, quando o médico suíço Gottlieb Burckhardt cortou seis cérebros em 1888. Sem experiência cirúrgica, Burckhardt operou pacientes com esquizofrenia e alucinações psicóticas. Como os antigos médicos de outrora, ele usou uma trefina (basicamente, uma serra de osso semelhante a um cortador de biscoitos em uma vara) para fazer furos perto das têmporas, mas foi aqui que ele partiu: ele então cortou a dura-máter do cérebro e retirou partes do córtex cerebral com, em alguns casos, uma colher afiada. Sim, colheradas de cérebro foram removidas. Embora alguns dos pacientes tenham ficado “mais calados” e não mais alucinados, muitos ficaram com problemas neurológicos persistentes, morreram devido a complicações subsequentes ou até mesmo cometeram suicídio. Um psiquiatra na época comentou que “[Burckhardt] sugeriu que os pacientes inquietos poderiam ser pacificados por arranhar o córtex cerebral.”

O procedimento de Burckhardt foi a primeira lobotomia, embora esse termo só fosse cunhado décadas depois. Ao contrário da trepanação, que visava apenas abrir um buraco no crânio sem perturbar o cérebro ou sua cobertura meníngea, essa nova abordagem da cirurgia era uma outra chaleira de, er, colheres. (E picadores de gelo. E batedeiras de ovo. Mais sobre essas outras ferramentas em breve.) Também marcou o início da psicocirurgia - danificando o cérebro de propósito para curar doenças mentais -

uma nova invenção que acompanhou descobertas emocionantes sobre as ligações entre nossos cérebros e comportamentos (veja o quadro “Phineas Gage, o cara gostoso com um buraco na cabeça”, página 147) e outros desenvolvimentos na neuroanatomia.

A comunidade médica considerou Burckhardt um bárbaro e recebeu seu trabalho com frio horror. Ele nunca mais realizou os procedimentos. Passariam-se quase cinquenta anos antes que alguém tentasse outra lobotomia.

O que mudou? O mundo havia entrado em uma crise de saúde mental.

A Lobotomia: Uma Invenção Americana (Roubada)

No final dos anos 1930 e no início dos anos 1940, os médicos nos Estados Unidos estavam desesperados. O número de pacientes com doenças mentais institucionalizados cresceu para mais de quatrocentos mil. Os pacientes psiquiátricos ocupavam mais da metade dos leitos hospitalares em todo o país. Não havia bons tratamentos farmacológicos, e esses pacientes causavam enormes prejuízos emocionais, físicos e financeiros às famílias e aos asilos. Os pacientes foram tratados em condições muitas vezes horríveis. Seu salvador? Um neurocientista português cheio de gota com uma seringa cheia de bebida.

Em 1935, Egas Moniz tentou outra cura psicocirúrgica para doenças mentais: a leucotomia (palavra grega para “cortar o branco”, como na

substância branca do cérebro). A primeira paciente escolhida foi uma mulher institucionalizada que sofria de anos de depressão debilitante. Com as próprias mãos deformadas pela gota, Moniz contratou um cirurgião para fazer um orifício no cérebro do

paciente perto do topo da cabeça e injetar etanol puro para matar partes do lobo frontal. (Sim, é o mesmo álcool encontrado no seu vinho, mas não, você não mata as células do seu cérebro depois de um copo de vinho rosé. Portanto, pare de entrar em pânico.)

Em procedimentos posteriores, eles usaram um instrumento chamado leucótomo, que era uma barra de metal bacana que, quando empurrada em seu cérebro mole, disparava uma alça de arame que girava e produzia um bom batedor. Era menos como um batedor de ovos mexendo um bom pudim, e mais como um baller de melão usado em um melão maduro demais. A textura do cérebro foi mais tarde descrita pelo cirurgião americano James Watts como "como fica a manteiga quando fica fora da geladeira por um tempo". Ai está. Agora, acabamos com o pudim, o melão e a manteiga também.

Mais tarde, Moniz recebeu o Prêmio Nobel por seu trabalho, apesar do fato de que muitos de seus pacientes acabaram voltando para os hospícios onde começaram. Embora a comunidade médica tenha ficado novamente horrorizada, Moniz não recuou como Burckhardt. Ele espalhou a palavra.

Um dos médicos que ouviu o evangelho de Moniz foi Walter Freeman, o neurologista americano que acabaria por lobotomizar Rosemary Kennedy. Freeman fez parceria com o neurocirurgião James Watts para continuar o trabalho de Moniz em solo americano. Em 1936, depois que seu primeiro paciente sobreviveu e parecia curado (sua ansiedade diminuiu e ela parecia saudável, mas “astuta e exigente com o marido”), eles seguiram em frente. Mas muitos pacientes tiveram melhora zero ou apenas fugaz.

Muitos perderam a espontaneidade. As alucinações freqüentemente continuavam.

Esses contratempos não impediram a dupla otimista. Depois de apenas seis operações, Freeman e Watts iniciaram uma campanha publicitária agressiva para mostrar o que haviam feito. Artigos apareceram no Washington Post e na revista Time. “Médicos com bolsos cheios e mentes agitadas” foram relatados como tendo comparecido às reuniões em massa. Não importava que eles tivessem tido um revés terrível com seu quinto paciente, que não apresentou melhora, mas ganhou epilepsia e incontinência.

Eles logo se tornaram celebridades, e Freeman até mesmo cunhou um novo termo para a cirurgia: lobotomia. Ao rebatizar a leucotomia de Moniz, Freeman se distanciou do médico português e, ao fazê-lo, o termo tornou-se intimamente associado a ele. Muito bem, Dr. Freeman. Ele também foi um publicitário e vendedor brilhante, enviando milhares de cartas e artigos a instituições psiquiátricas nos Estados Unidos e aproveitando todas as oportunidades para falar sobre o procedimento.

Em 1938, Freeman e Watts decidiram mudar a cirurgia. Em vez de buracos no topo do crânio, eles começaram a operar nas têmporas. O leucótomo de Moniz não era rígido o suficiente para o procedimento. Às vezes, ele parava no cérebro. Em vez disso, eles usaram o que parecia ser uma faca de manteiga estreita. Este foi o instrumento exato usado em Rosemary Kennedy. De acordo com a biografia de Kate Clifford Larsen de Rosemary, a “espátula flexível de um quarto de polegada de largura” foi inserida através de buracos em suas têmporas. "Watts se virou e arranhou enquanto se movia mais fundo em seu cérebro." Rosemary foi instruída a recitar histórias, versos e até cantar uma música durante o procedimento.

Mas depois de uma fatia a mais, “ela ficou incoerente. Ela lentamente parou de falar. "

Rosemary, como eles a conheciam, se foi.

Ela não conseguia andar ou falar após a cirurgia e foi internada para sempre. Ela desapareceu das cartas da família Kennedy, como se tivesse sido esquecida à força. Mas esses

“contratempos” não impediram Freeman. Ele estava prestes a embarcar em algumas atualizações importantes para o procedimento.

Phineas Gage, o cara gostoso com um buraco na cabeça

Em 13 de setembro de 1848, um belo capataz chamado Phineas Gage estava trabalhando para uma empresa ferroviária em Vermont. Ele e sua equipe fariam furos na rocha, baixariam os explosivos, enchiam o buraco com areia e comprimiam tudo com uma barra de ferro.

Era assim que deveria funcionar. Gage estava socando levemente o pó antes de adicionar a areia e, em um momento de distração, ele virou a cabeça para verificar seus homens, o crânio suspenso acima da barra de ferro parecida com um dardo. Quando a haste acidentalmente raspou a lateral do buraco, ela faiscou contra a rocha, e a explosão que se seguiu fez a haste explodir em sua bochecha esquerda, atrás de seu olho esquerdo e no topo de sua cabeça.

Milagrosamente, ele acordou momentos depois. Depois de algumas convulsões, ele conseguiu falar. Seu globo ocular esquerdo projetou-se para fora da órbita. Tecido cerebral foi espalhado ao longo da haste, que pousou a 25 metros de distância. O médico da cidade o examinou logo depois e notou que “Sr. G se levantou e vomitou. O esforço de vomitar pressionou cerca de meia xícara de chá do cérebro, que caiu no chão. ” Splat.

O mais interessante, além de sua sobrevivência, foi a mudança em sua personalidade.

Antes do acidente, ele possuía “uma mente bem equilibrada. . . astuto, inteligente. . . Muito energético."

Depois disso, ele se tornou “intermitente, irreverente, às vezes entregando-se à mais grosseira profanação (o que não era seu costume), manifestando

apenas pouca deferência por seus companheiros, impaciente com restrições ou conselhos. . . . Uma criança em sua capacidade intelectual e manifestações, ele tem as paixões animais de um homem forte. ”

Gage, como eles disseram, “não era mais Gage”. Ele se tornaria um estudo de caso fascinante na compreensão da fisiologia do cérebro e prepararia o terreno para uma exploração mais científica da cirurgia do lobo frontal.

O caminho do ferro de socar através do crânio de Gage.

Freeman Goes Solo

Um dia, Freeman estava vasculhando a gaveta da cozinha e encontrou um furador de gelo. Era o instrumento perfeito, ele pensou. Afiado, mas não muito afiado; forte, com a circunferência certa.

O leucótomo de Moniz tinha o hábito de se quebrar, e o método da faca de manteiga exigia a incômoda adição de um neurocirurgião de verdade. Freeman decidiu que não precisava dessas complicações.

E assim começou a "lobotomia com picador de gelo".

Depois de deixar seus pacientes inconscientes com a terapia de eletrochoque, Freeman acessava os lobos frontais levantando a pálpebra, inserindo o picador de gelo, batendo suavemente com um martelo para cutucar o osso orbital fino acima do globo ocular e empalando o tecido cerebral (aqui, ele geralmente parava para tirar uma fotografia). Ele balançava o picador de gelo para a esquerda, direita, para cima, para baixo e, em seguida, repetia o procedimento do outro lado. O paciente sairia com olhos machucados de guaxinim e, com sorte, um comportamento mais calmo.

Walter Freeman realizando uma lobotomia. Detalhe: suas confiáveis picaretas de gelo.

Seu ex-parceiro, Watts, estava furioso porque essa nova abordagem não exigia uma sala de cirurgia ou ele, mas Freeman não se importou. Ele agora estava livre para fazer quantas lobotomias pudesse, enquanto anunciava seu tratamento milagroso em todo o país. Ele tinha até um carro que chamou de

“lobotomóvel”, que equipou com todo o seu equipamento para usar durante as viagens. Ele se referiu a seus pacientes lobotomizados como "troféus". Oh, que arrogância!

No entanto, Freeman não estava sem adversários. Muitos pensaram que cortar e embaralhar o tecido cerebral não poderia, por definição, trazer de volta a normalidade. Os médicos o atacaram verbalmente nas reuniões da American Medical Association (AMA). Um médico lamentou mais tarde: “Fico perturbado ao ver o número de zumbis que essas operações geram. Eu imagino que lobotomias acontecendo em todo o mundo causaram mais inválidos mentais do que curaram. ”

Embora seus métodos fossem insensíveis, Freeman não era um charlatão. Ele realmente acreditava que a lobotomia resolveria o maior obstáculo da psiquiatria - o grande número de pacientes doentes sobrecarregando famílias e sociedades. Mas muitos pacientes ficaram completamente incapacitados pelo procedimento ou morreram de hemorragia. Uma proporção indevida de pacientes era do sexo feminino. Até crianças, cujos cérebros não estavam completamente desenvolvidos, foram lobotomizadas, a mais jovem com apenas quatro anos de idade. Parentes “problemáticos” ou crianças com baixo QI ou temperamento difícil eram lobotomizados, como a pobre Rosemary Kennedy. Howard Dully, que escreveu uma autobiografia intitulada My Lobotomy, era um menino de 12 anos de idade mentalmente sã, cuja madrasta o desprezava e seu comportamento imperfeito. Ela queria uma lobotomia realizada nele, apesar de seis psiquiatras afirmarem que Howard não tinha doença mental. Quatro

disseram a ela que ela precisava de tratamento. Ela convenceu Freeman a realizar a lobotomia, de qualquer maneira.

E você pensava que madrastas más existiam apenas em contos de fadas.

## Psicocirurgia Hoje

Freeman continuou a realizar lobotomias até que seu último procedimento matou uma mulher em 1967 de hemorragia cerebral. Mas o uso do procedimento de lobotomia já vinha tendo uma morte lenta. Porque? Por causa do nascimento de uma pequena pílula chamada clorpromazina, nome comercial Thorazine (em homenagem ao deus nórdico do trovão, Thor). Thorazine foi o primeiro antipsicótico eficaz e, embora não fosse perfeito, era muito mais humano do que a lobotomia.

A neurocirurgia hoje é uma ciência bem ajustada, intimidante e exigente, muito distante dos procedimentos de raspagem de crânio do passado. Quanto à psicocirurgia? A melhor compreensão atual das complexidades do cérebro, das doenças mentais e do arsenal de terapeutas e medicamentos multidisciplinares transformaram a psiquiatria. Procedimentos cirúrgicos existem, mas seu uso é escasso.

Os furadores de gelo, felizmente, já se foram.

# 14

# Cauterização e bolhas

De cabeças quentes, óleo fervente, despertares de rude coma, mosca espanhola e ervilhas passando fio dental no seu pus

Digamos que você tenha uma dor de cabeça persistente. Qual você prefere?

1. Um ferro incandescente e incandescente aplicado em sua têmpora até carbonizar sua pele

2. Óleo fervente pingou em sua testa, fazendo sua epiderme morrer e descascar 3. Uma pasta de besouro verde brilhante espalhou-se pelo seu couro cabeludo até formar bolhas e escorrer

4. Um pouco de ibuprofeno, uma soneca em uma sala silenciosa e paz mundial Se você escolheu 4, então claramente está perdendo alguns remédios horríveis. A própria ideia de usar esses tratamentos é intrigante. Quando se trata de bolhas, a maioria das pessoas deseja manter a pele intacta, de preferência sem borbulhar com pus ou secreção aquosa. E cautério? Bem, uma das principais tarefas do sistema nervoso humano é puxar a mão daquela panela quente que você acabou de tocar. Deixando os exercícios aeróbicos de lado, ninguém realmente quer sentir a queimadura. Mas essas

“curas” eram comumente usadas para tratar todas as doenças humanas, desde a fadiga até o enjôo. Pronto para um pouco de carne escaldante e bolhas estourando? Continue lendo, amigo.

Ye Olde Arte de fazer Yew Screame

Usar metal em brasa ou cauterização induzida eletricamente para parar o sangramento, cortar carne, carbonizar um tumor até a morte ou aniquilar o que quer que esteja fazendo uma ferida apodrecer - tudo isso faz sentido científico. Na verdade, hoje em dia, a cauterização é comumente usada com sucesso em cirurgia por muitas dessas razões. Nos últimos milênios, entretanto, não foi um procedimento tão legal. Mesmo quando as intenções dos médicos eram boas, suas ferramentas eram muito rudes para executar a tarefa de uma forma diferente de um pesadelo. Que pesadelo? Vamos dar uma olhada rápida na história da queima de humanos.

Ao chamuscar a carne fisicamente com metal quente ou eletricidade, o procedimento é denominado cautério real. Se você está imaginando seu programa de culinária favorito em que é dito para

“selar a carne para selar os sucos”, bem, você não está longe. Basta substituir "carne" por "humano" e "selar nos sucos" por "queimar tudo o que os está incomodando". Delicioso!

Como foi feito? Digamos que você seja uma copeira com uma forte dor de cabeça e tenha escolhido a opção 1 antes. O médico ou boticário enfiava uma longa barra de ferro (ou, menos comumente, cobre ou platina, se quisesse) na lareira ou em um braseiro cheio de carvão quente. Quando o instrumento era aquecido até o vermelho, ele o colocava em sua têmpora até que chiasse e fritasse a pele. E

se você tivesse uma ferida aberta na cabeça? O médico queimaria as extremidades abertas dos vasos sanguíneos até o fechamento, vaporizando a ferida até a secura e, se tudo corresse bem, deixando um bom carvão fumegante para trás. Você estaria gritando um assassinato sangrento, mas ei, pelo menos você está vivo! (Por enquanto.) Quanto à dor de cabeça, quem diabos se importa? Você está muito ocupado lidando com aquela pele carbonizada em seu rosto.

Ou talvez você tenha escolhido a opção 2? Você é o sortudo vencedor do pacote de cauterização em potencial! Essa técnica envolve queimar a carne quimicamente com métodos “mais suaves”, como ácidos e óleo fervente. Primeiro, você se deitaria enquanto seu médico aquecia o óleo em um frasco de cobre. Uma vez que estava fervendo - pense em temperaturas amigáveis para batatas fritas - ele colocava uma pequena quantidade em um recipiente menor e então pingava-pingava-pingava em sua testa. E se a situação exigisse uma substância cáustica, ele colocaria uma minúscula pepita de uma substância química em chamas sob um gesso enfaixado. Ao contrário do cautério real, este seria um sabor muito mais lento de tortura, porque demorou para a cáustica se dissolver e queimar o tecido.

Obviamente, os dois tipos de cautério nem sempre correram conforme o planejado. Se a carne carbonizada grudasse no ferro, a ferida seria totalmente aberta quando o ferro fosse removido. Pena que o spray de cozinha antiaderente não estava disponível naquela época. Você ficou sangrando e com um ferimento ainda maior - não exatamente o ponto de cauterizar para começar. E se o ferro não fosse aquecido à temperatura certa, todo o processo “não geraria nada além de dor e angústia”, afirmou o cirurgião do século XVII James Yonge. Se isso não bastasse, poderia haver febres, cicatrizes terríveis e morte após a aplicação do cautério. Também nem sempre corrigia o problema. Ao usar óleo fervente, o óleo pode pingar no tecido perfeitamente normal, causando “dores, inflamações e outros sintomas horríveis”, de acordo com o famoso cirurgião francês Ambroise Paré.

Mencionamos que houve muitos gritos envolvidos?

Representação do cautério no século X em uma prancha de surfe. JK.

Curas de fogo e outras prescrições dolorosas

Você deve estar se perguntando que tipo de monstro submeteria seus pacientes a tanta dor. O pai fundador da medicina, por exemplo. No século IV aC, Hipócrates usava ferros em brasa para incinerar hemorróidas dolorosas (ou pilhas, como eram chamadas as hemorróidas). “Quando o cautério é aplicado”, ele instruiu, “a cabeça e as mãos do paciente devem ser seguradas de forma que ele. . . deveria gritar, pois isso fará com que o reto se projete mais ”. Felizmente, não temos nenhuma ilustração para este exemplo. De nada. Depois, ele recomendou um cataplasma de lentilhas e vegetais aplicado no ânus. Ah bem.

Risque a sopa de lentilha da lista de coisas que você vai comer esta semana.

Também podemos agradecer a Hipócrates por inspirar gerações de médicos a alcançarem os pokers escaldantes. Um de seus famosos aforismos no Corpus elogia a cautério como uma panacéia que os médicos deveriam experimentar quando outras opções não funcionavam: “Tantas doenças quantas as drogas não curam, a faca cura; tantos quanto uma faca não cura, o fogo cura; tantos quanto o fogo não cura, eles devem ser considerados incuráveis. ”

No primeiro século, Celsus realmente pegou essa teoria do “fogo cura tudo que é curável” e a seguiu. Ele observou: “Todas as aflições. . . quando inveterados, dificilmente admitem a cura sem cauterização ”. Um ferro cautério pode ser aplicado na cabeça para dores de cabeça até a ulceração da pele. Está com tosse forte? A cautela deve ser usada sob o queixo, no pescoço, nos seios e abaixo das omoplatas. Epilepsia? Apoplexia? Cauterize aquele pobre paciente.

Com a invenção da arma, os médicos se depararam com um problema novo e mortal do qual Hipócrates nada conhecia: ferimentos a bala. Os antigos fundadores da medicina não precisaram lidar com armas de fogo, então os praticantes dos séculos XV e XVI tiveram que improvisar. Na verdade, tempos de desespero exigiam suposições e óleo fervente - até que Ambroise Paré entrou em cena.

Com a tenra idade de 27 anos e ainda sem juramento como cirurgião, Paré foi implantado durante a terceira guerra entre a França e o Sacro Imperador Romano, Carlos V, em 1537. Ele tratou de ferimentos a bala de acordo com os escritos de famosos cirurgiões Hieronymus Brunschwig e Giovanni da Vigo - cauterizando as feridas porque se acreditava que a pólvora era venenosa.

Mas Paré teve um probleminha. Ele ficou sem óleo de sabugueiro para cauterização.

Em vez disso, ele usou a receita pós-cauterização de gema de ovo, óleo de rosa e terebintina nas feridas e foi para a cama, com medo de que os soldados feridos estivessem todos mortos pela manhã. Ele acordou com uma surpresa - os pacientes cauterizados tinham feridas horríveis, úmidas e excruciantes, mas os que não foram cauterizados estavam se recuperando sem dor. Isso é demais para a teoria do "ferimento por arma de fogo envenenado". Paré começou a duvidar da prática de longa data, observando que o cautério causava

"sintomas horríveis. . . e muitas vezes a morte é sozinha. "

A descoberta de Paré foi um marco, mas os praticantes ainda não estavam jogando fora seu óleo e ferros. A cauterização ainda era usada para ferimentos à bala e amputações mais de duzentos anos depois, durante a Guerra Civil Americana. Apesar do fato de Paré ter mostrado que os vasos de ligação (amarrando-os fechados) funcionavam melhor em amputações, os tempos de guerra impunham métodos baratos, rápidos e fáceis. Infelizmente, essa lista não incluiu os indolores.

Contra-intuitivamente, foi a dor do cautério que o tornou tão popular para alguns.

Deixe-nos apresentar a você o conceito desconcertante de contrairritação.

Uma variedade de instrumentos de cautério (de tortura).

Ambroise Paré, cirurgião francês, enfrentou os “horríveis sintomas” da cautério no século XVI.

Chave de St. Hubert

Digamos que você seja atacado por um Chihuahua raivoso. Entendemos, você está tendo um dia ruim. Afinal, a raiva é praticamente incurável. Mas antes de começar a espumar glamourosamente pela boca, e porque você não tem nada a perder, que tal enfiar uma unha ardente em sua ferida?

A ideia remonta ao século I dC, quando Celsus prescreveu cautério real para curar mordidas de cães loucos. E se você realmente quisesse eliminar a raiva, pegaria uma réplica da chave de St.

Hubert.

A ferramenta parecia um prego com esteróides e recebeu o nome de um belga do primeiro século que era o santo padroeiro dos caçadores, matemáticos, oculistas e metalúrgicos. (Aleatório, mas David Lee Roth acabou como paramédico, então ...) Aparentemente, depois que São Pedro lhe deu a chave, São Hubert a usou para curar um caso de raiva, tornando-o famoso. Durante séculos, as pessoas criaram réplicas da ferramenta, alegando que uma chave de St. Hubert escaldante poderia prevenir a raiva se cauterizasse a ferida de uma mordida de cachorro. Uma boa ideia, exceto que o tratamento contra a raiva também incluía cortar a testa perfeitamente não mordida da pessoa mordida, colocar um fio da roupa de St.

Hubert e cobrir a ferida com um pano preto. As chaves foram até penduradas em casas para proteção.

Infelizmente, a superstição se estendeu ao ponto em que cães e pessoas foram marcados como uma medida preventiva, para evitar a raiva.

A chave para curar a raiva?

Queime isso, não aquilo: contrairritação

Em 1882, um paciente problemático consultou o Dr. AR Carman, de Nova York. A jovem estava acamada há semanas. Ela não poderia trabalhar com lucro em sua posição de professora e foi inutilizada por violentas dores de cabeça, insônia incapacitante e aquele termo genérico útil para quando tudo parece simplesmente horrível - mal-estar. Claro, as farmácias estavam cheias de tratamentos que poderiam ter ajudado - tônicos para animar o espírito e animar o fígado, doses de sedativos para aliviar o paciente em um bom sono drogado ou em um estupor à tarde - mas o Dr. Carman tinha uma ideia melhor. Pacientes semelhantes tiveram uma recuperação milagrosa após receberem uma série de queimaduras na coluna vertebral.

Então, como ela fez? Bem, ela também experimentou uma recuperação surpreendente após seus tratamentos de cautério e voltou imediatamente ao trabalho. Em retrospectiva, está claro que pode ter havido outros fatores em jogo. (Se alguém ameaçasse queimar você com ferros quentes novamente se você ficasse na cama por mais um dia, você não iria pular e correr de volta para o trabalho?) Para os médicos da época, porém, era um estudo de caso clássico no maravilha da contrairritação via cautério.

A contrairritação, às vezes chamada de contra-estimulação, não é quando você dá um tapa em alguém por dizer algo rude e recebe um bom tapa de volta (na verdade, isso seria contrairritação dupla e um convite para um processo judicial). Segundo a teoria, se você fornecer uma fonte de irritação ou estímulo além de onde está o problema real, isso atrai a doença agressiva para outro lugar, de modo que a área original possa ser curada. Os livros estão cheios de anedotas, como o sujeito com "frenesi" (considerado irritação cerebral) curado "pela aplicação casual de fogo nas partes inferiores". Casual? Como isso é casual?

Mas às vezes, a teoria parecia um pouco branda em face do óbvio. Em 1875, o Dr.

Charles-Édouard Brown-Séquard usou cautério para “acordar as pessoas” de coma profundo (o que tecnicamente não funcionaria - ele provavelmente apenas acordou pacientes dormindo). A contrairritação via cautério também foi usada para tratar a melancolia e a suspeita de lobisomem "quando todos os outros remédios falham". Os praticantes afirmam que até cura dores de cabeça, insolação e paralisia.

Certamente, porém, o cautério conferiu um forte efeito placebo, ou pelo menos uma distração do problema real. Em 1610, Jacques Ferrand recomendou cauterizar a testa com um ferro em brasa para o apetite. Para o inchaço, um médico do século XII recomendou não menos que vinte queimaduras em todo o corpo, incluindo têmporas, tórax, tornozelos, lábio, clavículas e quadris. . . . Você entendeu a ideia.

Não deveria ser surpresa que a contrairritação não fosse exatamente um sucesso entre os pacientes. O Dr. Carman fez uma nota final sobre cautério que diz tudo: “Às vezes é difícil convencer uma pessoa tímida de que não é um procedimento terrível.”

Concordou. Mas o fogo nem foi o pior de tudo. Alguns métodos antiquados de contrairritação e contra-estimulação eram terrivelmente terríveis. E queremos dizer bolhas.

Blistering: A Beetle Tale

Agora, digamos que você escolheu a opção 3 dessas opções de cura para a dor de cabeça. Talvez você tenha pego um ferro em brasa nas costas de alguém para tirá-la da cama um pouco domesticada? Então você terá o prazer de conhecer Lytta vesicatoria, um tipo de besouro da bolha, também conhecido como mosca espanhola.

A reputação da mosca espanhola como afrodisíaca é bem conhecida, mas seu uso como agente causador de bolhas remonta a séculos. O besouro é uma coisa bonita - meia polegada de comprimento, com um dorso verde iridescente. No entanto, é melhor olhar e não tocar: seu corpo contém um composto chamado cantharidina, que causa bolhas quando aplicado na pele. Os machos da espécie têm mais cantharidina do que as fêmeas. Eles geralmente oferecem um pacote romântico de secreções misturadas com cantharidina para envolver os ovos da fêmea para mantê-los protegidos de predadores.

Fly Spanish, ao seu serviço.

Um dispensário de Londres do início de 1800 ofereceu uma receita contendo meio quilo de pó de besouro, meio quilo de cera e meio quilo de banha. Toothsome. Essa pasta foi aplicada na pele pelo tempo que levou para formar uma bolha. Onde? Dependia. Geralmente, o objetivo era formar bolhas perto do problema para trazê-lo à superfície. Portanto, o abdômen estava cheio de bolhas devido a problemas de estômago ou a parte inferior das pernas devido à gota. Se o paciente delirasse, ele teria bolhas na cabeça.

Infelizmente para alguns, as bolhas causaram gangrena, onde a carne subjacente simplesmente morreu e enegreceu.

Por que bolha? Um livro de medicina de 1845 descreve uma teoria importante do Dr.

Charles Williams: Muitas doenças, como o sarampo, não melhoraram até a erupção da pele. Em vez de um

sintoma, a erupção foi considerada o caminho real para a cura. Conseqüentemente, inúmeros curandeiros pensaram que irritar a pele poderia curar, e essas teorias remontavam aos antigos médicos gregos.

E quanto maior a bolha, melhor. Agentes de formação de bolhas - conhecidos como vesicantes - eram tão abundantes quanto os sabores de

Jelly Belly. O tártaro emético, um composto de antimônio normalmente usado para causar vômito (ver Antimônio, página 15), também foi aplicado como uma pomada para produzir bolhas cheias de pus que se assemelhavam à varíola. Ácidos fortes foram eficazes, mas confusos e difíceis de controlar. Mesmo com jatos de água fervente; óleo fervente também funcionou. Ambos formaram bolhas agradáveis e dolorosas por meio de queimaduras de espessura parcial.

Como a maioria das curas de charlatães, bolhas eram usadas como último recurso de tratamento para quase tudo: histeria, laringite, hipocondria, inflamação, febres, difteria, encefalite e até mesmo o vício em opiáceos até 1929. E depois? Bem, às vezes as bolhas eram cortadas para permitir a drenagem contínua de fluidos ou pomadas com bolhas eram usadas para criar uma safra de bolhas para manter uma “drenagem constante de. . . humours ”, de acordo com uma materia medica inglesa do século XVIII. Às vezes, os fluidos eram coletados e, em um processo raramente usado, chamado fitenoterapia, o líquido da bolha era bizarramente injetado de volta no paciente.

Bolhas não são para você? Escolha inteligente. Eu acho que você finalmente decidiu que a opção 4 era realmente o caminho a seguir. Paz mundial, FTW.

Ervilhas, Alguém?

Às vezes, a formação de bolhas ou cautério não era suficiente para prolongar o problema. Quanto mais humores ruins derramarem de uma ferida, melhor, certo? Por isso, ocasionalmente, a bolha não era coberta ou um ferro de cautério era usado para criar um pequeno sulco na pele. Uma ervilha seca foi então enfiada dentro. A ervilha causaria mais irritação, com sorte produzindo pus abundante. (Os autores gostariam agora de se desculpar por sua incapacidade de comer ervilhas nas próximas semanas.) Ocasionalmente, a ervilha era substituída ou complementada por um seton, um fio que passava na pele, de preferência na nuca. O fio - tornado mais

irritante com uma camada de pomada à base de resina - seria então “passado fio dental” diariamente na nova ferida. Basicamente, era como colocar resina em um arco de violino e tocar uma ferida. O som que o acompanhava deve ter sido horrível. Basta pensar em todo aquele pus mole, sem falar no choro humano.

## Bolhas e cautela hoje

A cautela continua hoje, embora seja decididamente um procedimento menos terrível.

Em parte porque temos que agradecer à anestesia e em parte porque abandonamos a teoria humoral e não entramos mais em pânico em nosso desamparo diante da doença. Os cirurgiões manejam instrumentos modernos de eletrocauterização com precisão. Seus velhos ferros de engomar há muito tempo foram deixados para esfriar em museus de todo o mundo.

As pessoas ainda empregam um tipo de distração e contrairritação esfregando pomadas com mentol, capsaicina, cânfora ou salicilato de metila (com o cheiro revelador de gaultéria) para dor ou congestão corporal. Essas pomadas tendem a causar sensações leves de formigamento e queimação em vários graus, mas não são absorvidas em quantidades suficientes para atingir com precisão as vias respiratórias ou o ombro dolorido.

Quanto à formação de bolhas, há uma boa razão para ela não ter lugar nas caixas de ferramentas modernas. A formação de bolhas não pode realmente “retirar” uma doença do corpo. E é óbvio por que as distrações mais suaves das pomadas medicinais para os músculos estão nas prateleiras, em vez das pomadas espanholas contra mosca. Remendos e fricções modernas realmente são agradáveis, contanto que você não esteja cobrindo manchas gigantescas de pele com os remédios (sim, você pode realmente ser envenenado até a morte por essas fricções com cheiro de menta). Eles são relativamente seguros e, felizmente, não haverá uma bolha borbulhante, gotejante e úmida à vista.

# 15

## Enemas e Clysters

De Autointoxicação, Medo de Ptomaína, Enemas Públicos, uma Almofada Retal Explosiva e Guardiões do Ânus

Nesta terra, agora, existe uma lâmpada de enema de oitocentos quilos. sim. É uma estátua de latão situada na cidade termal de Zheleznovodsk, na Rússia, famosa por seus colônicos. O bulbo do enema tem cerca de um metro de comprimento e é sustentado por três anjos angelicais, que o apontam amorosamente para o céu. É como se estivessem convidando tentadoramente algumas nádegas celestiais para a terra para um bom banho anal. Que homenagem dourada e testamento à nossa obsessão com o enema!

Desde o início dos tempos registrados, os humanos têm fixação em seus intestinos. Os médicos sempre lutaram contra a besta chamada prisão de ventre, e sua espada nessa luta costuma ser o enema. Claro, a prisão de ventre é um problema incômodo que ninguém quer, mas pensava-se que os enemas curavam todos os tipos de problemas, além das fezes lentas.

A palavra enema se origina de uma palavra grega que significa "jogar" ou "enviar".

Mais tarde, o significado latino tornou-se sinônimo de enemas: injetar. O termo do século XVII para enema era clister, talvez uma palavra um pouco mais bonita, que surgiu da palavra grega para "lavar".

Ao longo da história, os enemas contiveram uma variedade de agentes, incluindo água, misturas de ervas, leite, melaço, terebintina, mel, cerveja, sabonetes, vinho e óleos. O que eles trataram? Tão colorida uma gama de doenças - tuberculose, hidropisia, hérnias, apendicite, depressão, má nutrição, dores de cabeça (o pai de Mozart disse uma vez - "o rabo cura a cabeça"), obesidade, lentidão, problemas respiratórios, doenças transmitidas pela febre, disfunção sexual, afogamento e tosse com sangue. Em algum lugar naquela caverna traseira do humano enfermo, havia um lugar escuro que prometia saúde, se fosse simplesmente lavado com energia com uma mão hábil.

Vaso espanhol, c. 1600s. A inscrição afirma: “Eu sou o jarro de Don Joaquin Hernandez. Através de intensa devoção à minha constituição, encontro-me nesta ocasião vergonhosamente seringado nas mãos de um servo. ”

O sistema de entrega começou como mais rudimentar, com cabaças ocas, ossos em forma de tubo ou bexigas de animais. Pensativamente, algumas pessoas foram empregadas como

“sopradores” para dar aos líquidos medicamentosos um pequeno empurrão oral para seus destinos sombrios.

Em séculos mais recentes, havia seringas de clister de metal e marfim lindamente construídas com até trinta centímetros de comprimento, ou tubos com câmaras de bombeamento decoradas, ou cadeiras em que você se sentava que injetavam o líquido. . . rio acima. A maioria das pessoas pode reconhecer os designs de sacos de borracha com tubos flexíveis e lâmpadas enema emborrachadas que ainda existem hoje.

A gama de produtos e líquidos medicamentosos era vasta. Os mais famosos e infames os usaram (Hitler usava chá de camomila, não para beber, mas como enemas para “limpar” e possivelmente

perder peso). Então, por que a obsessão por enemas?

Galen administra um clister. O cão parece bastante entretido!

Autointoxicação: Não, não é beber um galão de cerveja

Muito da atração dos enemas se deve ao conceito de autointoxicação, a teoria de que as fezes estão cheias de toxinas e agentes nocivos. Agora sabemos que nossos próprios intestinos não nos intoxicam naturalmente, mas demorou alguns milênios para descobrir isso.

Os antigos egípcios o chamavam de whˇdw, um elemento putrefato encontrado nas fezes que causava doenças e, portanto, purgava o corpo por meio de eméticos e enemas três dias por mês, de acordo com os escritos de Heródoto no século V aC. Hipócrates, mais ou menos na mesma época, teria dito que a doença surgia dos vapores produzidos por alimentos não digeridos no cólon.

No segundo século, Galeno pensava que os humores do corpo apodreceriam nas condições adequadas, e expulsá-los nas fezes ajudava. Depois, havia a teoria de que essas partículas de putrefação poderiam estar no ar, prontas para causar doenças. Além de se originarem nas entranhas, esses

“miasmas” eram considerados ares transmissores de doenças vindos de pântanos fétidos ou de vegetação apodrecida. Também chamados de ar ruim ou ar noturno, os miasmas foram considerados a causa de muitas epidemias, incluindo cólera e a peste negra. Este conceito foi amplamente aceito por séculos. Em Jane Eyre, o tifo que matou metade dos órfãos cresceu de "névoa e pestilência gerada pela névoa". Ma Ingalls em Little House on the Prairie advertiu Pa contra comer melancia porque "crescia no ar noturno" e poderia causar-lhe a

"febre e febre" (febre e malária, o próprio italiano para "ar ruim") que estava abatendo colonos. O pai comeu a melancia mesmo assim e sobreviveu.

É fácil entender por que a prisão de ventre era uma fonte teórica de putrefação - lixo humano, para a maioria das pessoas, é totalmente revoltante, e saber que aquela pilha nojenta de merda veio de dentro de você, bem, deve significar que o próprio excremento é uma coisa perigosa. Talvez se as fezes passassem mais tempo no cólon e os movimentos intestinais ocorressem com pouca frequência, essas toxinas sujas escapariam para o corpo. Os elementos putrefativos seriam então absorvidos pela circulação, causando febre e pus, insanidade e hemorragia, depois guerras mundiais e, em seguida, invasões alienígenas. . . . Você entendeu a ideia.

Em 1700, Johann Kämpf proclamou em voz alta que todas as doenças vinham de fezes impactadas (fezes secas e duras que estão "presas" no cólon). Portanto, se você os expulsasse mais rápido com enemas, era menos provável que adoecesse.

Ou assim vai a teoria.

Em 1800, o medo febril de "ptomaines" piorou essas crenças sobre o mal que se esconde em nossas entranhas. Ptomaines são os produtos químicos - putrescina e cadaverina (nomes saborosos!) - que fazem coisas podres cheirar mal e foram consideradas as partículas que causaram doenças graves. Basicamente, a suposição era que os germes consumiam matéria orgânica em seu intestino e que as ptomaínas eram o subproduto. Da palavra grega pto¯ma para "corpo caído" ou "cadáver", ptomaines eram responsabilizados por toda e qualquer doença de origem alimentar. Não apenas eram considerados erroneamente como causadores de intoxicação alimentar, mas também acreditava-se que as ptomaínas surgiam nas fezes constipadas. (A autointoxicação ataca novamente!) Isso se somava ao medo de que apenas as fezes internas deixassem as pessoas doentes, em vez de serem o produto final de um processo fisiológico saudável. A limpeza retal poderia consertar tudo, pois se a sujeira fosse a causa raiz da doença (verdade, em muitos casos), a limpeza interna do cólon poderia evitá-la. Um pequeno problema, porém - a teoria da ptomaína estava errada. As bactérias e suas toxinas, não as ptomaínas, na verdade causam intoxicação

alimentar, de modo que a teoria caiu em desuso. Lavando as mãos? Uma ótima maneira de prevenir infecções. Lavando dois pontos? Não muito.

Além da autointoxicação, havia a teoria humoral generalizada. Por vários séculos,

“clister, sangrar, purgar” era o tratamento para tudo, especialmente se a bile negra / humor melancólico estivesse fora de controle. Métodos de cura que faziam a bile fluir para fora do ânus governavam. O clister era considerado um salvador retal de todas as coisas erradas no corpo humano. O amor por enemas tornou-se tão extremo que O Inválido Imaginário de Molière zombou disso em 1673. Quando o médico é repetidamente questionado sobre como curar a hidropisia, depois pulmões doentes, depois doenças crônicas, sua resposta é sempre "Dê um clister e sangre o paciente, depois purgá-lo. Rebelou-o, renegociou-o e reclisou-o. ”

A cena é um editorial engraçado e de língua afiada sobre a medicina atual e suas curas tamanho único que duraram muito tempo.

Campeões da porta retal

No antigo Egito, a preocupação com a saúde e a digestão era tão importante que o enema era uma parte indispensável da vida. Documentos de 1600 a 1550 aC descreviam enemas e como os faraós tinham seu próprio funcionário especializado em cuidados de saúde - o honrosamente nomeado

"Guardião do Ânus". Podemos rir dessa ideia, mas, ao contrário de hoje, a saúde do trato digestivo inferior no antigo Egito era apreciada com um toque muito menos cômico.

Hipócrates também elogiou os benefícios do amado enema, para “febres ardentes” ou febres intermitentes frequentemente vistas com a malária. Se isso não funcionar, "limpe com o leite de asno fervido". Galeno, no século

II dC, descreveu seus cuidados a uma senhora doente que tossia sangue. Além de esfregar seu corpo e dar ópio, "eu pedi um clister forte." Ai.

Na Idade Média, começamos a ver representações artísticas do uso de clister e enema.

Há uma ilustração do século XV de Galeno derramando fluidos por um funil no reto de alguém enquanto outros se movem na sala. Perto dali, um cachorro está uivando ou rindo; não está claro.

Os Clysters haviam se tornado de rigueur e à la mode na França dos séculos XV e XVI

- talvez porque a realeza os amasse tanto. Dizia-se que o rei Luís XIV havia desfrutado de dois mil tratamentos em sua vida. Dois mil. No auge da loucura na França, muitos clisters usavam até três vezes por dia para "manter a saúde". A simplicidade do procedimento foi ilustrada de maneira famosa pela Duquesa da Borgonha. Ela fez seu servo abaixar-se sob as saias para administrar um clister. Na frente do rei.

Naturalmente, ela foi modestamente coberta enquanto o clister foi dado. Mas isso o deixa bastante feliz por não ter feito parte da corte real de Luís XIV ou um dos servos encarregados dos clusters - não importa o quão sangrado essas seringas estivessem.

Em meio ao caos das rebeliões protestantes do século XVII, Luís XIV recebe um clister enquanto está sentado no mundo.

DIY Enemas

No final dos anos 1800, os shysters começaram a explorar nossos medos de autointoxicação com uma variedade de produtos. Alcinous Burton Jamison vendeu seu "limpador de cólon ansioso", bem como seu "banho de fonte interna" em forma de ferradura, ao mesmo tempo em que tentava assustar seus clientes sobre a "pestilência do veneno absorvido" dentro dos

intestinos. Pacientes ansiosos eram amarrados a mesas inclináveis como o "West Gravitiser", em um esforço para manter as coisas se movendo na direção certa - para baixo e para fora. Ou considere "Dr. Young ", cujos tratamentos foram, bem, na outra direção. Seus "dilatadores retais autorretíveis" (ver Sexo, página 244) eram pequenos bastonetes em forma de falo de tamanho crescente, anunciados para curar constipação e hemorróidas. Porque nada acalma as dores das hemorróidas do que enfiar uma haste de borracha grossa no traseiro.

Faremos agora um breve interlúdio para conhecer o Dr. Charles A. Tyrrell (1843–

1918), que talvez use a coroa do charlatanismo por causa de seus artigos de constipação. A história começa com ele contando sua própria história, é claro. Ele afirmou que antes de sua carreira médica, ele viajou para locais exóticos, incluindo Nova Zelândia, África do Sul e Extremo Oriente; ele jantou com povos indígenas e teve doenças como "febre da selva" (malária), febre tifóide e disenteria. Ele também ficou paralisado por um ferimento à bala na Índia. Mas foi só em 1880, quando um segundo ataque de paralisia ocorreu, por razões desconhecidas, que os enemas vieram em seu socorro. Ele leu um tratado de um médico exaltando a natureza do enema que cura tudo. Após anos de autotratamento e recuperação da paralisia, ele teve uma epifania proctológica. Tyrrell abriu o Hygienic Institute na cidade de Nova York e anunciou: "Há apenas uma causa para a doença", e era a constipação.

Enemas para o resgate! (Toque as trombetas!)

Uma cura para hemorróidas? Não.

Continuando com as teorias de autointoxicação de outrora, Tyrrell acreditava que doenças como convulsões, dores nas articulações, cólera e disenteria eram devidas aos miasmas podres que surgiam do intestino, de

modo que medidas extremas eram necessárias para eliminá-los. A maioria das bolsas de enema da época consistia em uma bolsa de borracha cheia de líquido que usava a gravidade para inserir seu conteúdo em um paciente reclinado, por meio de um tubo e bocal. Mas o "JBL Cascade" de Tyrrell era diferente. JBL significava "alegria, beleza, vida" e prometia fornecer um "banho interno" por meio de uma grande garrafa de borracha que continha cinco litros de líquido. Um bocal projetava-se para fora do centro, de modo que um buscador de saúde poderia se empalar nele enquanto estivesse sentado. O

peso da pessoa comprimiria o reservatório e explodiria suas entranhas, com a frequência que quisesse. Ele recomendava o Cascade até quatro vezes por semana e estava feliz em promover seus produtos usando cotações de clientes satisfeitos. A esposa de um homem salvou a Cascade - e apenas a Cascade - de um incêndio em uma casa. Felizmente, eles não tiveram filhos. Outro cavalheiro presenteou sua filha com um Cascade para seu casamento. Quão amoroso e totalmente nojento. Infelizmente para nós, não está disponível nos registros de casamento da Bed Bath & Beyond.

Mais tarde, no século XX, o médico alemão Max Gerson continuou a cruzada de desintoxicação e teve um lucro considerável. No início de sua carreira, uma dieta baseada em vegetais acabou com suas enxaquecas, e ele afirmava que curava um incômodo ataque de tuberculose cutânea. Ele culpou os poluentes ambientais no corpo. Na década de 1920, ele propôs que o câncer também poderia ser curado e recomendou sucos de vegetais, vitaminas, enzimas pancreáticas, enemas com café e óleo de rícino, além de tratamentos com gás ozônio retal. Por que usar um enema de café? Aparentemente, ajudou a desintoxicar o fígado (o que realmente não acontece).

Gerson acabou morrendo em circunstâncias misteriosas - sua filha afirma que ele foi envenenado por arsênico. No entanto, o Instituto Gerson ainda apregoa suas reivindicações e muitas pessoas estão dispostas a acreditar na eficácia dos enemas de café. Encha-o até a borda com um bom cuppa joe? Se ao menos a Starbucks o tivesse em seu menu drive-through.

“Joy, Beauty, Life,” através de uma explosão de enema.

## Enemas hoje: a extremidade traseira

A ideia de autointoxicação é difícil de matar. Hoje, as pessoas continuam recebendo altos níveis de cólon em nome da “desintoxicação”, apesar dos fatos. Uma vez que a constipação pode realmente ser ajudada (embora não necessariamente curada) com enemas, eles são um esteio no mundo

médico e estão disponíveis em todos os lugares. O reto e o cólon inferior têm a capacidade de absorver fluidos e medicamentos, daí a existência de medicamentos supositórios. O que mudou, no entanto, é por que legitimamente fazemos enemas.

A medicina humoral e o “sangramento, purgação e clister” não são mais considerados formas cientificamente precisas de tratar doenças, agora que temos um entendimento mais firme de suas causas. A ideia de ptomaínas caiu da consciência pública porque a maioria das pessoas aceita que a intoxicação alimentar ocorre por patógenos como Salmonella e E. coli.

Em 1912, o Dr. Arthur J. Cramp escreveu um artigo no JAMA que espetou Tyrrell e sua Cascade. Os testemunhos profissionais de Tyrrell mal eram legítimos, escritos por fabricantes de remédios patenteados não médicos ou por pessoas que estavam convenientemente mortas na época. Tyrrell se autodenominava médico quando fundou o Instituto de Higiene, embora tenha sido anos depois, no final dos cinquenta anos, quando se graduou em medicina pelo duvidoso Instituto Eclético. Não foi exatamente Harvard.

E em 1919, um artigo do JAMA pelo Dr. Walter C. Alvarez desmascarou a autointoxicação de uma vez por todas. Ele criticou os médicos que ignoraram a hipertensão, os tumores uterinos e as doenças renais e se concentraram apenas na constipação como causa de tudo. Alvarez observou que a parede intestinal não era uma porta porosa aberta para toxinas e que a flora do cólon era benéfica, não prejudicial. Um médico precisava ouvir a

razão antes de "inocular seus pacientes com medo" e desconsiderar os "cirurgiões prontos que causaram um curto-circuito em alguns cólons".

Mesmo assim, o conceito de remoção de toxinas e “limpeza” pelas entranhas continua sendo uma indústria de bilhões de dólares, graças ao boca a boca, depoimentos e excelente marketing. Pode-se dizer que o cólon permanece tanto na consciência da raça humana quanto antes.

A ideia de Gerson de usar enemas de café para o câncer também ainda é um regime de tratamento praticado ativamente por terapeutas alternativos, apesar de um estudo do National Institutes of Health mostrar que os pacientes com câncer de pâncreas viveram mais com a quimioterapia convencional.

Sempre haverá partidários do enema do café.

Mas, por favor, pelo amor de Hipócrates, não use café bem quente.

# 16

## Hidropatia e a cura da água fria

De Badasses austríacos, Estabelecimentos de cura de água e um número surpreendente de maneiras de se molhar em água fria

Vincenz Priessnitz tinha apenas oito anos quando seu pai ficou cego em 1807. Quando essa tragédia foi seguida quatro anos depois pela morte de seu irmão mais velho, deixou Vincenz o principal cuidador da família e de sua fazenda nos Alpes austríacos.

Um dia, quando Priessnitz tinha dezoito anos, ele dirigia uma carroça carregada de aveia para uma fazenda vizinha quando seu cavalo se assustou. Ele saltou para acalmar o cavalo, mas o animal chutou as patas traseiras, arrancando-lhe os dentes da frente e jogando-o diretamente na frente da

carroça, que prontamente rolou por cima dele. O menino desmaiou com a dor de várias costelas quebradas e danos internos significativos.

Vincenz Priessnitz, vestindo-se como um fodão.

Quando ele acordou, sob os cuidados de um cirurgião visitante, Priessnitz foi declarado um provável caso perdido. Com sorte, o cirurgião responsável pensou que ele poderia viver, mas certamente seria um inválido para o resto de sua vida.

Vincenz Priessnitz, no entanto, era um austríaco durão. Ele não ia desistir tão facilmente. Depois de jogar de lado as compressas quentes do cirurgião

ao redor de suas costelas quebradas, que estavam apenas aumentando sua dor, Priessnitz levantou-se da cama, colocou uma cadeira de madeira contra seu abdômen, respirou fundo e. . . empurrado (parando aqui para um suspiro coletivo).

E funcionou. O adolescente literalmente colocou suas próprias costelas de volta no lugar, liberando a terrível pressão sobre seus órgãos internos.

Enquanto estava deitado na cama se recuperando de ser um fodão, Priessnitz lembrou de uma cena na floresta uma tarde, onde observou um cervo retornar várias vezes a uma fonte fria para lavar uma ferida. Aplicando a mesma lógica à situação atual, passou a tratar seus ferimentos com uma série de compressas feitas de toalhas de linho embebidas em água fria, em nítido contraste com as compressas de água quente preconizadas por seu médico. Ele também começou a beber grandes quantidades de água fria e a trocar regularmente as bandagens.

Como resultado, talvez previsivelmente para o público moderno, Priessnitz evitou a infecção, evitou que a febre criasse raízes e se curou suficientemente de seus ferimentos para poder supervisionar o trabalho agrícola poucos dias após o acidente.

Embora ainda não tivesse percebido, Priessnitz também acabara de descobrir a “cura da água fria”, um fenômeno que logo varreu a comunidade médica do início do século XIX e o tornou um homem rico e famoso.

Fique desconfortável

Hoje, em grande parte consideraríamos as conclusões médicas de Priessnitz como bom senso. Bebe muita água? Verificar. Troca regularmente suas bandagens? Verificar. Limpar suas feridas?

Verificar. Mas no mundo de sua juventude, nenhuma dessas práticas era ainda aceita como lugar-comum.

Priessnitz reconstruiu sua casa em um sanatório, apelidado de Cura da Água de Gräfenburg, em 1826. A notícia se espalhou rapidamente pelos Alpes austríacos de um menino que havia voltado da beira da morte, um curandeiro que podia curar doenças e ferimentos com água fria.

A popularidade e a taxa de sucesso de Priessnitz foram fenomenais, o que mais do que qualquer outra coisa nos dá uma visão das terríveis condições sanitárias da Europa no início do século XIX.

Imagine os dias em que você poderia ter uma carreira de sucesso como médico simplesmente aconselhando as pessoas a tomarem mais alguns banhos. Em breve, Priessnitz tinha até a realeza europeia fazendo fila para participar da cura da água de Gräfenburg.

Os imitadores surgiram em toda a Europa. Na Inglaterra, várias curas de água -

apelidadas de "institutos hidropáticos" - abriram para negócios, atraindo a atenção e críticas elogiosas de uma variedade de luminares vitorianos, como Thomas Carlyle, Charles Dickens e Alfred Lord Tennyson.

Cada instituto hidropático era basicamente uma ligeira variação de um tema comum: tomar banho com mais frequência e beber mais água. Técnicas específicas variam, no entanto, de um lugar

para outro. Embora os conceitos de banho e hidratação sejam sólidos, como tantos tratamentos charlatões, a cura pela água costumava levar suas boas idéias a proporções desconfortáveis e perigosas. Aqui estão alguns dos métodos de cura pela água que você encontraria em institutos de hidropatia no século XIX: Rub-a-dub-dub. . .

. . . . três homens e uma banheira.

Lençol úmido Em um tratamento aparentemente inspirado pelos sintomas que as vítimas de febre sofrem, um paciente foi enrolado em um lençol embebido em água fria e depois instruído a deitar-se. Depois que o lençol secava, o paciente começava a suar profusamente por causa do envoltório que o apertava. Por fim, o lençol foi removido e o paciente jogado em uma piscina com água fria, seguido de uma secagem rigorosa. Esse tratamento frio-quente-frio era uma boa maneira de ficar acordado, mas provavelmente não seria a melhor ideia se você estivesse gripado, ou com febre, ou realmente qualquer coisa.

Vestido molhado Uma camisola folgada, embebida em água fria, era usada pelo paciente enquanto ele ou ela caminhava pelo instituto, assim introduzindo a moda o perenemente popular

"look de camiseta molhada". (Felizmente, para se adequar aos padrões vitorianos de decoro, havia alas separadas para homens e mulheres.) Às vezes, os pacientes até dormiam com roupas molhadas. Este vestido esvoaçante tornou-se tão popular na era dos espartilhos e anáguas que levou a uma declaração de moda feminina inteiramente nova: calções (assim chamados em homenagem à jornalista Amelia Bloomer, que escrevia apaixonadamente e frequentemente sobre a versão streetwear do vestido molhado apresentado por Elizabeth Smith e Elizabeth Cady Stanton). O único benefício real de usar um vestido molhado era uma pausa refrescante para o corpo dos confins esmagadores de um espartilho. Quanto a estar com frio e úmido?

Esse foi apenas um obstáculo a ser superado pelo seu corpo para que você pudesse desfrutar daquele vestido esvoaçante.

Banho frio Esta prática, familiar ao leitor de hoje, foi um choque e tanto para o paciente da cura pela água do século XIX. Lembre-se de que essa era a era de “Acho que tomei banho em janeiro passado, então ainda estou bem por um tempo”. Não é exatamente uma cultura de banho. Alguns institutos de hidropatia mergulharam na água fria do rio para mergulhar nos pacientes de uma altura de pelo menos três metros acima de suas cabeças, uma prática

que literalmente achatou alguns banhistas pobres no chão. No inverno (e os estabelecimentos de cura com água não fechavam para o inverno, aliás), os pacientes também precisavam se esquivar dos pingentes de gelo que caíam. Sobreviver ao tratamento com banho frio em um instituto de hidropatia foi, na verdade, uma conquista sua.

Enema de água fria Autoexplicativo.

Charles Darwin

Charles Darwin foi um defensor entusiasta da cura pela água. O cientista sofreu durante toda a vida de uma doença misteriosa e não diagnosticada com uma série de sintomas bizarros.

Como resultado, Darwin gastou muito de seu tempo tentando novos desenvolvimentos médicos, incluindo hidroterapia. (Observação: depois que o tópico confundiu os historiadores médicos por muitos anos, muitos especialistas agora concluem que Darwin sofria da doença de Crohn.)

Darwin escreveu sobre seu tratamento em um instituto de hidropatia: “Não consigo entender como a hidropatia pode agir como certamente age em mim. Isso entorpece o cérebro de uma pessoa esplendidamente, não pensei em uma única espécie de qualquer tipo desde que saí de casa. ”

Na verdade, um grande elogio de alguém obcecado com a evolução das espécies.

O poder do choque

Embora os tratamentos que os pacientes encontravam nos institutos de hidropatia fossem freqüentemente desconfortáveis, eles eram, no mínimo,

voluntários. Você pode ir e vir como quiser.

Essas simples liberdades de escolha e movimento, no entanto, não eram luxos desfrutados pelos pacientes em asilos de loucos no século XVIII e no início do século XIX, onde eram repetidamente encharcados com água fria ou quase afogados em banhos na tentativa de gerar medo ou "corrigir" comportamento.

À medida que o século XIX avançava, um ponto de vista comparativamente mais esclarecido desceu sobre os médicos asilares, que começaram a usar a hidroterapia de maneira não punitiva.

Ou pelo menos é o que eles acham disso. Os médicos asilares começaram a empregar uma variedade de técnicas hidropáticas para acalmar os pacientes, “chocar” a loucura para fora de seus cérebros ou aliviar o calor aparentemente febril da insanidade. Os pacientes, no entanto, provavelmente achavam que as seguintes técnicas hidropáticas eram muito punitivas:

Derramamento de água fria Recomendado pelo Dr. Benjamin Rush, o “Pai da Psiquiatria Americana”, o derramamento de água fria tentava “estabelecer governança sobre os pacientes perturbados” despejando jatos de água fria nas mangas de seus casacos.

Banho quente contínuo Imagine estar preso em uma banheira de hidromassagem da qual não pode escapar. O paciente foi baixado para uma banheira com fluxo contínuo de água mantido entre 95 e 110 graus. A banheira era então coberta com um lençol que tinha um orifício para o paciente enfiar a cabeça. O paciente foi mantido na banheira por algumas horas a algumas semanas. Uma enfermeira sueca lembrou-se do tratamento: “Os pacientes podiam morar lá por três semanas seguidas no banho. Eles também dormiam nas banheiras. Nós os alimentamos no banho e levamos o copo à boca. . . . Eles urinaram e defecaram na água, é claro. . . . Alguns pacientes ficaram mais calmos com isso, realmente ficaram! Isso os exauriu. ”

Douche Um tipo diferente de idiota do que o que acabou de surgir em sua mente. Essa ducha era um jato de água fria caindo continuamente na cabeça de um paciente contido. Era muito temido, freqüentemente produzindo desmaios, vômitos, exaustão física e choque.

Ducha pélvica Um jato de água de alta pressão direcionado aos órgãos genitais e uma alternativa muito mais agradável à técnica de “ducha” listada acima. A “ducha pélvica” foi empregada para curar todos os tipos de “distúrbios femininos”, como o diagnóstico generalizado de histeria que se espalhou no século XIX. O objetivo, é claro, era obter os benefícios eufóricos de um orgasmo, embora ninguém envolvido em duchas pélvicas o tivesse chamado assim na época. Escrevendo em 1843, um médico francês descreveu a popularidade da ducha pélvica entre suas pacientes: “A reação do organismo ao frio, que causa rubor na pele, e o restabelecimento do equilíbrio [nota do autor: o melhor eufemismo do orgasmo de todos os tempos] todos criam para muitas pessoas uma sensação tão agradável que é necessário tomar precauções para que não ultrapassem o tempo prescrito, que normalmente é de quatro ou cinco minutos ”.

Drenching Lembra-se de participar do desafio do balde de gelo em 2014, que arrecadou muito dinheiro para ALS? O encharcamento era basicamente um desafio involuntário de balde de gelo, não por uma boa causa, e repetido ad nauseam. (Literalmente.) Máquina de gotejamento Um balde posicionado acima da cabeça do paciente goteja lenta e continuamente em um ponto específico da testa do paciente. E sim, esta é a mesma técnica mais

comumente rotulada de “tortura chinesa da água” (embora, para ser justo, isso foi supostamente inventado por um italiano em algum momento do século XV ou XVI).

Oito copos? Tente trinta.

A ingestão vigorosa de água fria foi um dos tratamentos de assinatura em um instituto de cura pela água. Nosso conselho médico moderno para beber

“oito copos de água por dia” se origina de tratamentos de hidropatia, embora seja um pouco mais moderado em sua quantidade. Em um instituto de água, um paciente relatou ter bebido trinta copos de água - antes do café da manhã!

Claro, era inevitável que alguns charlatães pegassem uma boa ideia, como beber água, e a empurrassem em excesso. Entra o Dr. Fereydoon Batmanghelidj, cujo livro popular Your Body's Many Cries for Water foi lançado em 1992. Batmanghelidj afirmou que a desidratação era a causa de “muitas doenças degenerativas dolorosas, asma, alergias, hipertensão, excesso de peso corporal e alguns problemas emocionais, incluindo depressão." A cura? Beber água. Muita água.

Batmanghelidj reivindicou para si uma história de origem convincente: embora o médico fosse um prisioneiro político no Irã, ele era frequentemente instruído pelos guardas a tratar seus companheiros de prisão. Na falta de ferramentas médicas adequadas, o médico voltou-se para a única coisa disponível para ele: água. Ele concluiu que a dor é realmente a maneira do corpo pedir mais água. Portanto, a água se tornou a cura de Batmanghelidj para, bem, basicamente tudo.

A ciência do médico, porém, estava um pouco errada. Ele afirmava em seu livro que a água era a principal fonte de energia para o cérebro e o corpo por meio da produção de energia

“hidroelétrica”, totalmente sem base. Ele também afirmou ter uma ampla experiência em pesquisa médica, uma formação que era misteriosamente elusiva quando outros médicos tentaram verificar suas credenciais. E

a conexão entre beber água e curar o panteão de doenças alegado em seu livro não tem base científica alguma.

No entanto, o livro de Batmanghelidj foi um best-seller na década de 1990 e continua sendo impresso e popular até hoje.

Na esteira de Batmanghelidj veio o Millennium Oxygen Cooler, que estreou no início de 2000 com afirmações efusivas para oxigenar sua água. O refrigerador ostentava uma concentração de oxigênio 600 por cento maior do que a água da torneira comum. Os benefícios proclamados desses níveis elevados incluíam o fornecimento de mais oxigênio às células sanguíneas "para aumentar a capacidade do corpo de combater bactérias, micróbios e vírus infecciosos". A água oxigenada poderia até mesmo limpar

"excrementos e as toxinas deixadas no corpo". O fabricante até incluiu a afirmação bizarra de que o nível de oxigênio no ar hoje é "muito menor do que nos tempos antigos (o conteúdo de oxigênio era de 38 por cento há dez mil anos em comparação com os 21 por cento que é agora)."

Já está em pânico? Não sinta. O conteúdo de oxigênio da atmosfera terrestre é quase o mesmo de dez mil anos atrás. E seu corpo não consegue extrair oxigênio da água, mesmo que isso seja benéfico. Humanos não são peixes. Se você quiser inspirar mais oxigênio, tente esta sugestão simples: respire fundo.

Água mineral

A tendência da água engarrafada do século XXI, uma indústria de US $ 15 bilhões em 2015, também tem suas origens na medicina do século XIX. No final dos anos 1800, os americanos beberam litros de água mineral de mais de 500 fontes em todo o país. Seu objetivo era ser curado de todos os tipos de doenças, mas mais particularmente daquele esgotamento nervoso generalizado, um termo melhor entendido agora como estresse.

A popularidade da água mineral cresceu à medida que se espalhou a crença geral de que os minerais que ocorrem naturalmente na água da nascente são curativos e uma escolha muito melhor para beber do que a água bruta da cidade. (Considerando o estado geral de limpeza da cidade no final do século XIX, eles provavelmente tinham um bom argumento.) Os médicos recomendavam que os pacientes

bebessem água mineral durante a "fase inativa" da doença, a uma taxa de cerca de dois a quatro copos por dia .

As alegações médicas sobre a água mineral, no entanto, não foram realmente baseadas em evidências científicas, e os fabricantes de água mineral atraíram a ira da American Medical Association, que emitiu um relatório contundente em 1918: “Nenhuma água mineral será aceita pela profissão médica para alegadas propriedades medicinais apoiadas apenas por depoimentos de estadistas bucólicos e velhinhas românticas ”. Ai. Como resultado, a água mineral engarrafada saiu de moda, mas ressurgiu novamente na década de 1980, quando os americanos estavam sofrendo de uma ressaca coletiva após uma década de consumo excessivo de álcool entre 1970 e 1980. A água mineral engarrafada tornou-se uma alternativa popular para uma bebida forte em o fim da noite. E a prática permaneceu conosco desde então.

A cura da água hoje

Muitos dos princípios da cura pela água ainda estão entre nós hoje. As práticas regulares de banho foram introduzidas pela hidropatia, e poucos americanos no século XXI considerariam passar um único dia sem tomar banho. (Para ver até onde chegamos, aqui está um trecho de uma carta ao Boston Moral Reformer em 1835: “Durante o inverno passado, tive o hábito de tomar um banho quente a cada três semanas. segue o ano todo? ”) Roupas não restritivas foram adotadas em massa. Os spas modernos

- e as terapias hidropáticas disponíveis na maioria das academias e clubes esportivos - são descendentes diretos dos institutos hidropáticos do século XIX. Beber bastante água todos os dias é outro dado universal na prática médica moderna, embora a quantidade exata de água que você deve beber ainda atraia debates vigorosos.

Apesar da chegada de charlatães na cena da cura pela água, os hidropatas originais estavam no caminho certo. Eles surgiram no momento certo na progressão da história para trazer mudanças tão necessárias na higiene

pessoal. Bebendo água, praticando muitos exercícios e tomando banhos regulares, as pessoas podem, de fato, prevenir algumas doenças e levar uma vida mais saudável.

Na próxima vez que você contar seus copos de água para um determinado dia, estará na verdade participando de uma curiosidade médica do século XIX. Só não despeje baldes de água fria em seu amigo alegando que você o está ajudando a esfriar o fogo em seu cérebro.

# 17

## Cirurgia

De bisturis de besta, a necessidade de velocidade, taxas de mortalidade de 300 por cento, o teatro da cirurgia e casacos cobertos de pus

Provavelmente, você fez uma cirurgia. Se não? Apenas espere. Você provavelmente irá algum dia. O que antes era uma disciplina limitada, reservada para as mais extremas doenças médicas, agora é comum. Eletiva, frequentemente. Presumimos que tudo será estéril e indolor, que nossos cirurgiões serão qualificados (e na verdade cirurgiões, duh). Mas, em tempos cheios de pus, a cirurgia não era tão organizada e precisa.

A cirurgia está rompendo a barreira mortal definitiva - o próprio corpo. Cortar a pele, cutucar os globos oculares, serrar ossos e ligar vasos sanguíneos significa alterar a natureza e a história natural de doenças e traumas. É um pouco divino? Eh, vamos deixar essa resposta para os psicanalistas.

Atirando uma flecha no pescoço do paciente com uma besta. . . bem, parecia uma boa ideia na época.

Desde os tempos antigos, os médicos recorreram à cirurgia para consertar ossos quebrados, tratar lesões traumáticas e cortar membros doentes. Fizemos furos em crânios para dores de cabeça e epilepsia, cauterizamos amputações com ferros escaldantes e até atiramos flechas para fora de corpos. Isso mesmo. Os ferimentos de flechas foram o principal problema desde os tempos pré-históricos até o advento das armas. Remover a flecha

era uma tarefa complicada e, às vezes, os médicos decidiam cuidadosamente que usar uma besta era o método ideal de remoção. Uma ilustração medieval mostra uma pobre alma agarrada a um pilar enquanto a flecha incrustada em seu pescoço é presa a uma besta para removê-la. E você pensou que estava tendo uma semana ruim.

Aqui, estaremos nos concentrando no alvorecer da cirurgia moderna, começando no século dezesseis, quando a descoberta, o desespero e a engenhosidade (e ocasionalmente egos) colidiram. Na grande, sangrenta e fedorenta história da sala de cirurgia, há vários pontos de parada que nos deixam bastante perplexos. Pelas lentes dos dias atuais, os anais da cirurgia estão repletos de práticas e charlatões cientificamente infundados. Vamos entrar e dar uma olhada.

Instrumento cirúrgico alemão do século XVII. Ou tesouras do mal. Você escolhe.

"Time Me, Cavalheiros!" Os custos de velocidade e desempenho A amputação foi talvez o procedimento cirúrgico mais comum realizado por milhares de anos. Diante de feridas nas pernas e gangrena mortal, muitas vezes era a melhor chance de sobrevivência, mesmo que a taxa de mortalidade fosse tão horrível quanto 60 por cento ou mais (durante a guerra franco-prussiana em 1870, a taxa de mortalidade por amputações era impressionante 76 por cento).

Instrumentos de amputação e instruções úteis.

Até o século XIX, não havia anestesia confiável, o que significava que as amputações tinham que ser rápidas para minimizar o pesadelo do paciente ao acordar. Em nome da velocidade, muitas vezes tudo era cortado no mesmo nível, denominado corte ou amputação guilhotina. Como se esse termo não fosse horrível o suficiente, na Primeira Guerra Mundial, os

cirurgiões franceses o chamaram de amputação em saucisson, o que comparou o procedimento a cortar uma salsicha ao meio. Saboroso.

Uma amputação de 1793. Observe como o paciente é contido por pessoas e cordas.

Embora possa parecer assustador, se você fosse um soldado gravemente ferido, também gostaria de uma costeleta de salsicha rápida. Do século XVI ao século XIX, uma amputação típica de perna ocorreria assim: o paciente era pressionado à força para evitar o movimento (e talvez mudando de ideia e cambaleando), enquanto um torniquete era aplicado para bloquear a artéria principal da perna .

Usando uma lâmina curva, o cirurgião cortava a pele e o músculo ao redor do osso, idealmente em um único corte, e então cortava o osso. Os vasos abertos às vezes eram cauterizados (por ferros quentes, óleo fervente ou quimicamente com vitríolo), e a carne era deixada como está ou costurada fechada.

Tudo isso foi feito em menos tempo do que leva para assistir a um videoclipe no YouTube. O cirurgião escocês do século XVIII Benjamin Bell poderia amputar uma coxa em seis segundos.

O cirurgião francês Dominique Jean Larrey foi comparativamente lento. Mas em sua defesa, durante as guerras napoleônicas, ele realizou duzentas amputações em um período de 24 horas - uma a cada sete minutos.

Claro, a velocidade reduzia o tempo que o paciente passaria em dores insuportáveis.

Mas também levou a um trabalho desleixado. Freqüentemente, o osso ficava protuberante porque a carne se retirava do plano de corte. A carne cortada pode ser irregular, retardando o processo de cura. A velocidade do

procedimento e o posicionamento desajeitado para contornar o membro significavam cortes acidentais em outro lugar. E não importa o quão rápido o cirurgião, as operações geralmente eram acompanhadas pelos gritos horripilantes do paciente.

Às vezes, os gritos vinham de outra pessoa que não o paciente.

Deixe-nos apresentar a você Robert Liston, também conhecido como “a faca mais rápida do West End”.

Liston era um personagem grandioso, meio cirurgião e meio apresentador da sala de operações da Escócia dos anos 1840. Suas cirurgias de amputação foram bem atendidas por alunos que espiavam pelas galerias. Liston, ocasionalmente com a faca cerrada nos dentes, gritava para os espectadores:

"Tempo, senhores, tempo!"

Hora dele eles fizeram. Liston foi rápido (suas amputações geralmente levavam menos de três minutos desde o primeiro corte até o fechamento da ferida). Sua velocidade era tão poderosa que uma vez ele cortou acidentalmente os testículos do paciente. Uma castração gratuita, para começar! Em outra ocasião, ele acidentalmente cortou os dedos de seu assistente (que muitas vezes segurava a perna no lugar); durante o procedimento, um dos espectadores caiu morto de terror quando a faca cortou perto o suficiente para cortar seu casaco. Infelizmente, o paciente morreu. O pobre assistente também morreu mais tarde de gangrena por amputações de dedo e, assim, Liston tornou-se o orgulhoso cirurgião que agora podia ostentar uma impressionante taxa de mortalidade de 300% em uma única cirurgia.

Robert Liston na sala de operações.

A atmosfera em torno das cirurgias extravagantes de Liston não era única; com o advento da cirurgia moderna, o público estava se aglomerando para ver essas estrelas do rock em ação.

Londres e Paris também ostentavam cirurgias que eram mais parecidas com shows da Broadway. Houve vendas de ingressos, com altas taxas para os cirurgiões mais divertidos, dezenas a centenas de espectadores e apresentações pré-operatórias de celebridades. O cirurgião foi recebido com aplausos antes e durante o procedimento. Honoré de Balzac, um contemporâneo, comentou que “a glória dos cirurgiões é como a dos atores”. Esse sabor de exibicionismo é inimaginável hoje, embora a ideia do médico famoso certamente não o seja.

Orgulho de Pus

Todos provavelmente já viram uma sala de cirurgia moderna na vida real ou na TV -

meticulosamente estéril e brilhante, com equipamentos afiados, bem como máscaras e luvas destinadas a serem usadas apenas uma vez e depois incineradas. As salas de cirurgia do século XIX eram nojentas, e as pessoas preferiam assim.

Do início a meados de 1800, você veria uma mesa quase enegrecida de sangue e pus de inúmeras cirurgias anteriores. Nenhuma luva cirúrgica foi usada - elas ainda não tinham sido inventadas.

Os instrumentos muitas vezes eram enxaguados apenas com água, se é que eram, e as mãos dos cirurgiões quase sempre ficavam sujas. E o casaco do médico? Muitas vezes estava tão endurecido em camadas de sangue que era duro - um sinal de um "bom cirurgião".

Mesmo os próprios cirurgiões não estavam isentos dos perigos que espreitavam nos hospitais e escolas de medicina. O professor Jakob

Kolletschka morreu em 1847 de sepse depois de cortar um de seus próprios dedos durante uma autópsia. Estudantes de medicina do Hospital Geral de Viena em 1840 levavam as mãos sujas diretamente das autópsias para a enfermaria de obstetrícia, matando uma em cada três mães de febre puerperal. Em contraste, a enfermaria administrada por alunas de obstetrícia tinha uma taxa de mortalidade de 3%. Quando os alunos mudaram de ala, as taxas de mortalidade horríveis seguiram os alunos de medicina e suas mãos carregadas de bactérias. O médico Ignaz Semmelweis, observando isso, fez com que a equipe fizesse algo simples, mas milagroso: lavar as mãos com sabão e uma solução de cloro. Voilà - as taxas de mortalidade despencaram. Mas, tragicamente, ninguém ouviu.

No século XIX, Joseph Lister baseou-se na teoria das doenças dos germes do microbiologista Louis Pasteur e acabou revolucionando a cirurgia ao introduzir o conceito de antissepsia.

Muitos cagaram com a ideia de bactérias. Um professor de Edimburgo bufou: “Onde estão essas feras. . .

alguém já os viu? ” Outro cirurgião insistiu que “há boas razões para acreditar que a teoria de M. Pasteur, na qual Lister baseia seu tratamento, é incorreta”. Mas as teorias e os fatos de Lister - ocorreram menos mortes quando foram usados produtos químicos anti-sépticos, como ácido carbólico e limpeza asséptica geral -

acabaram vencendo na virada do século XX. Eles até batizaram um anti-séptico bucal em sua homenagem: Listerine. E agora muitos de nós balançamos e cuspimos em sua homenagem.

Infelizmente para nosso vigésimo presidente, James Garfield, seus médicos não ficaram tão impressionados com Lister. Depois de sofrer um ferimento não letal de bala, Garfield foi examinado por médicos que sondaram a área com dedos e instrumentos sujos. Pus começou a se formar na ferida enquanto ele tentava se recuperar, e os médicos examinaram mais uma vez com as mãos sujas. Morreu meses depois, em 1881, devido a complicações da infecção.

Logo, até mesmo os teatros de operação públicos e suas superfícies imundas desapareceram. A limpeza, a lavagem das mãos e as luvas cirúrgicas tornaram-se de rigueur. A cirurgia não seria mais o último recurso, mas uma manobra tática bem desenvolvida na luta contra a doença.

## Uma litotomia para lembrar

Bransby Cooper era sobrinho do mais famoso e respeitado cirurgião Sir Astley Cooper.

O sobrinho não era um bom cirurgião, mas aparentemente seu tio insistiu em sua consulta no Guy's Hospital, em Londres.

O procedimento consistia em uma simples remoção do cálculo da bexiga, chamada litotomia. Normalmente, eles podem ser feitos em cerca de cinco minutos. Normalmente, o pobre paciente era amarrado com os joelhos amarrados com um pano atrás do pescoço, os órgãos genitais em flor (daí o uso moderno da posição de litotomia, pela qual as mulheres dão à luz em hospitais). Normalmente, o cirurgião faz um corte entre o ânus e o saco escrotal (uma área chamada períneo), na bexiga, tira a pedra e sutura tudo enquanto o paciente grita o inferno.

Não foi exatamente isso que aconteceu quando Bransby Cooper tentou o procedimento. Ele não conseguiu encontrar a bexiga. Então ele não conseguiu encontrar a pedra. Todos os instrumentos cirúrgicos disponíveis foram usados antes de Cooper rastejar com os dedos, tentando pescá-los.

O paciente então gritou: “Oh! Deixa para lá! Ore, deixe isso continuar! ” Mas não adiantou. Cooper culpou o paciente por ter um períneo profundo antes de gritar com o assistente: "Dodd, você tem um dedo comprido?" Ele finalmente encontrou a pedra, mas depois de impressionantes cinquenta e

cinco minutos. No dia seguinte, o paciente morreu, sem dúvida com um buraco do tamanho de uma cratera em sua região inferior.

Depois que o criador do The Lancet, Thomas Wakley, expôs publicamente a incompetência de Cooper, o médico o processou por £ 2.000. Ele acabou ganhando, mas apenas £ 100

insignificantes.

Seria o primeiro julgamento por negligência médica da história - mas certamente não o último.

Uma litotomia em andamento, 1768.

Primeiro nao faça nenhum mal . . . Oh, deixa pra lá

Algumas inovações cirúrgicas foram arrepiantes, mas brilhantes. No Samhita, escrito pelo cirurgião indiano Sushruta em 500 aC, ele recomendava: “Formigas pretas grandes devem ser aplicadas nas margens da ferida e seus corpos então separados da cabeça, depois de terem mordido firmemente a parte com suas mandíbulas”. Voilá. Mandíbulas de insetos como grampos naturais para o fechamento de feridas.

Gênio, certo?

Mas muitos livros de história cirúrgica falam de histórias não tão engenhosas de alterar cirurgicamente o que provavelmente não deveria ser alterado. A gagueira é um exemplo clássico. No século XIX, o cirurgião alemão Johann Friedrich Dieffenbach cortou uma cunha triangular perto da raiz da língua para curar a gagueira. Outros tentaram “redimensionar” a língua ou cortar o frênulo, o delicado pedaço de tecido entre a língua e o assoalho da boca. Nenhum desses procedimentos funcionou.

Em 1831, um certo Sr. Preston decidiu que seria uma boa ideia amarrar uma artéria carótida do lado onde o paciente teve um derrame. Só há um problema: os derrames costumam ocorrer por falta de fluxo sanguíneo para o cérebro. Tentar ajudar cortando o suprimento de sangue é como ajudar uma seca dizendo a uma nuvem de chuva para fazer negócios em outro lugar. O paciente sobreviveu de alguma forma. Preston também recomendou que talvez ambas as artérias carótidas fossem amarradas para tratamento de derrames, epilepsia e insanidade. Felizmente, ninguém seguiu seu conselho.

À medida que o medo da autointoxicação - a teoria de que os produtos finais normais da digestão contêm veneno (ver Enemas e Clysters, página 163) - crescia, muitos tentaram curar a constipação com uma miríade de dispositivos e purgantes na virada do século XX. Um cirurgião britânico, Sir William Arbuthnot Lane, deu um passo adiante. Ele cortou o cólon completamente. Ele realizou mais de mil colectomias, principalmente em mulheres. Certamente, dois pontos lentos eram a causa das deficiências mentais das mulheres, como estupidez, dores de cabeça e irritabilidade. Felizmente, você pode cortar seu cólon e sobreviver, mas provavelmente terá o efeito colateral de muita diarreia. Como a maioria das partes funcionais do corpo, é melhor deixá-los intactos.

Sondas uretrais, por volta de 1870.

Lane também defendeu a correção de órgãos perdidos. Sim, você ouviu isso corretamente. No início do século XX, muitos acreditavam que um vago desconforto abdominal e de corpo inteiro poderia ser devido a órgãos “caídos” ou “perdidos”. O rim foi talvez o órgão mais extraviado de todos os tempos. Lane culpou a queda de rins, ou nefroptose, por causar suicídio, homicídio, depressão, dor abdominal, dores de cabeça e os sintomas físicos mais óbvios de problemas urinários. A remoção de um único rim matava muitos pacientes, então os cirurgiões realizaram uma “nefropexia” - mais

ou menos fixando os rins de volta no lugar usando suturas e, ocasionalmente, elásticos e chumaços de gaze. Na década de 1920, esse procedimento estava caindo em desgraça com alguns cirurgiões, alegando que "a complicação mais séria da nefroptose é a nefropexia" e que os urologistas pareciam ter "uma orgia de fixação de rins".

(Para ser justo, parte do trabalho de um urologista é fixar-se nos rins, mas a parte da orgia foi um pouco dramática.)

Os rins não eram a única parte do corpo com a qual os cirurgiões mexiam atrozmente.

As amígdalas, as glândulas na parte posterior da garganta, também foram removidas em número excessivo em um esforço para acabar com todas as infecções infantis - um objetivo bem-intencionado, mas equivocado.

Claro, a tonsilectomia tem seu lugar como uma terapêutica moderna em casos de apneia do sono e amigdalite recorrente, mas como último recurso. A maioria ficaria chocada com o fato de que, em 1934, um estudo em Nova York mostrou que, de mil crianças, mais de seiscentas delas haviam feito amigdalectomias. Também não eram cirurgias isentas de risco; muitas crianças morreram anualmente devido ao procedimento. A promessa de sorvete pós-operatório não valia a pena.

E nenhuma discussão sobre cirurgia desnecessária estaria completa sem uma história de mexer nas delicadas regiões inferiores dos homens. John Harvey Kellogg, médico de saúde e inventor de cereais, recomendou a circuncisão para reprimir os desejos malignos de se masturbar se outros métodos -

incluindo enfaixar os órgãos genitais, cobri-los com gaiolas e amarrar as mãos - falhassem. O procedimento deve ser feito “sem a administração de um anestésico, pois a breve dor que acompanha a operação terá um efeito salutar sobre a mente, especialmente se estiver ligada à ideia de punição”. Uau. Bem, como qualquer homem circuncidado pode lhe dizer, o procedimento não impede a masturbação.

## A atração do bisturi continua

O público sempre foi atraído pela promessa de um golpe rápido para consertar tudo.

Algumas pessoas adoram ser pacientes a ponto de entrarem na faca em busca de sintomas falsos, enquanto outras voltam repetidamente à sala de cirurgia em busca de uma perfeição física fantasmagórica. Mas, ao contrário dos séculos anteriores, cirurgiões e hospitais estão sob escrutínio rigoroso para limpeza, treinamento de qualidade, baixas taxas de mortalidade e resultados que resistem ao teste do tempo e às lentes de aumento científicas. E, graças ao desenvolvimento da anestesia, não precisamos mais da pressa de cortar e serrar de dois minutos. Graças a Deus por isso.

# 18

# Anestesia

De Sufocação, Esponjas Soporíficas, Clorofórmio, Gás Risonho, Dopagem de Animais de Estimação, Brincadeiras com Éter e Peidos Nocivos

Vencer a dor não é tarefa fácil. A anestesia, das palavras gregas para “ausência de sensação”, é procurada desde que a humanidade se atreveu a fazer um furo na cabeça para uma cirurgia. A China antiga usava haxixe. Os egípcios se voltaram para o ópio. Dioscorides recomendava mandrágora

mortal com vinho. Na Idade Média, havia até receitas para uma “esponja soporífica”, embebida em mandrágora, meimendro, cicuta e ópio, depois seca ao sol. Em seguida, foi enxaguado em água quente, espremido, mas deixado úmido, e aplicado no nariz do paciente para inalação.

O problema de usar álcool ou outras substâncias como essas é que você precisa de muito - como em quantidades venenosas - para evitar que alguém acorde durante a cirurgia. Portanto, outros métodos foram desenvolvidos. Contam-se histórias de homens sendo golpeados na cabeça por um sono induzido por concussão antes da castração na China antiga. Obviamente, tínhamos um longo caminho a percorrer.

Foi preciso muita tentativa, erro e mais do que alguns animais dopados para chegar à nossa era moderna de procedimentos médicos indolores. Vários capítulos nos anais da anestesia foram escritos por alguns personagens sociopatas festeiros e limítrofes. Portanto, da próxima vez que você acordar com felicidade de uma cirurgia, lembre-se de agradecer aos estranguladores de crianças, aos bufadores de esponja e aos brincalhões de éter do passado. Deixe-nos apresentar alguns deles.

Dióxido de carbono vai derrubar você

Henry Hill Hickman era um matador de cachorros. Um dos pais da anestesia moderna, o médico britânico testou suas teorias de “animação suspensa” em animais no início do século XIX. Ele usou gás carbônico (que agora é conhecido como dióxido de carbono) como um inalante, desta forma: Peguei um cachorrinho de um mês. . . e colocou uma tampa de vidro para impedir o acesso do ar atmosférico; em dez minutos, ele mostrou grandes marcas de inquietação, em 12 a respiração tornou-se difícil, e em 17 minutos cessou completamente, aos 18 minutos tirei uma das orelhas. . . e o animal não parecia ser o menos sensível à dor.

Vamos parar por um momento para chorar pela cobaia.

Oh, pelo amor de Deus, pobre cachorrinho!

Então, sim, Hickman estava sufocando filhotes - às vezes até a morte. Mas ele não foi o primeiro a usar asfixia como anestesia: alguns afirmam que os assírios costumavam estrangular crianças até a inconsciência para realizar circuncisões - também uma prática na Itália até o século XVII.

(Estrangulamento antes do corte genital? Não, não, não. Claro que não.) E a verdade é que funcionou!

Quando você está profundamente inconsciente por falta de oxigênio, você também pode ter sua orelha ou suas regiões inferiores cortadas sem dor.

Mas o problema era que matou também. Hickman inteligentemente incluiu apenas os resultados positivos quando relatou seus métodos. Mas a comunidade médica percebeu a charada: ele foi ignorado ou recebeu críticas contundentes. Este do The Lancet, intitulado “Surgical Humbug”, disse que o mundo “riria dele se ele recomendasse um homem que estava

prestes a ter um dente para ser previamente enforcado, afogado ou sufocado por alguns minutos , para que ele não sinta dor durante a operação. ” O

escritor também chamou o trabalho de Hickman de “tecido do charlatanismo” e “farsa” e assinou este trabalho, “Eu sou, & tc, ANTIQUACK.”

Ai. Alguém pode se perguntar se Hickman deu a si mesmo uma dose de dióxido de carbono para ficar sem sentido depois daquela queimadura. Ainda assim, é bom que a ideia de Hickman não tenha decolado. Afinal, o dióxido de carbono como anestésico é tão bom quanto usar um laço. Asfixia fatal é um efeito colateral irreversível.

Henry Hill Hickman. Observe o cachorro inconsciente ou possivelmente morto sob o vidro.

Clorofórmio: Inale profundamente. . .

O médico de Edimburgo, James Young Simpson, foi outro pioneiro da anestesia no século XIX. Ou seja, se ser pioneiro significava inalar substâncias aleatórias com seus colegas, só para ver o que aconteceria. Depois de pescar uma garrafa de clorofórmio debaixo de uma pilha de lixo (ele presumiu que provavelmente não valia a pena tentar antes), ele e seus amigos começaram a cheirar profundamente. O

clorofórmio tem um cheiro adocicado e enjoativo, e em pouco tempo a tontura se instala com um zumbido nos ouvidos e nos membros pesados. Os inaladores começaram a rir (o “estágio preliminar de empolgação”, explicou Simpson), depois a falar demais, antes de bam! Todos eles caíram inconscientes e, no processo, destruíram a sala de jantar onde ocorreram as cheiradas.

James Young Simpson e amigos encontram seu par no clorofórmio.

Depois que acordaram, eles decidiram que o clorofórmio era muito bom, então eles cheiraram várias vezes para se certificar de que os tornava tão tolos e inconscientes quanto antes. A sobrinha da Sra. Simpson juntou-se a eles, exclamando: “Eu sou um anjo! Oh, eu sou um anjo! ” antes de desmaiar.

O clorofórmio é uma molécula simples. Pegue o metano (o principal componente do gás natural), substitua três de seus hidrogênios por três clores e você obtém clorofórmio. Simpson logo começou a defender o clorofórmio como anestesia em cirurgia, e ele se tornou uma atração durante as festas de meados do século XIX, que também incluíam a inalação de éter (mais sobre isso depois).

Como acontece com a maioria dos medicamentos que mascaram a dor, não demorou muito para começarmos a confundir conforto com cura. Talvez as pessoas tenham pensado: se isso me deixa tonto e entorpecido, com certeza é bom para mim. O clorofórmio começou a aparecer em vários produtos farmacêuticos, como as pastilhas de alcaçuz e clorofórmio de linhaça da Gibson e o xarope de pinheiro branco e alcatrão da marca Bee. Eles alegaram ajudar todas as doenças da garganta e pulmões (embora o clorofórmio seja bastante irritante) e curar a tuberculose (eles não o fizeram). Outras panacéias prometiam ajudar doenças como vômitos, diarréia, insônia e dor. Como sedativo, fazia sentido para essas últimas queixas, mas o clorofórmio está longe de ser a cura para tudo. É mortal.

A “morte súbita do farejador” matou muitos pacientes que receberam clorofórmio.

Pacientes saudáveis morreram inexplicavelmente, devido a arritmias cardíacas, bem como insuficiência respiratória e cardíaca. O clorofórmio também pode causar toxicidade hepática e renal e provavelmente é cancerígeno. No século XX, ele caiu em desgraça devido aos seus perigos e

agora é um resquício dos mistérios do assassinato como um agente assassino favorito (embora imperfeito).

Rolando no chão rindo do meu gás

Aparentemente, encontrar novos gases para as pessoas inalarem estava na moda no Reino Unido no século XVIII. A Pneumatic Institution for Relieving Diseases by Medical Airs foi inaugurada no final dos anos 1700 em Bristol, e seus fundadores tentaram muitos tratamentos duvidosos.

Humphry Davy, que se juntou a eles em 1798 e contribuiu com avanços na fisiologia respiratória e anestesia, tinha um método assustador para descobrir se certos gases eram seguros ou não: ele mesmo os inalou. (Você está percebendo um padrão com os pioneiros da anestesia?)

O monóxido de carbono era um desses gases. Ele observou: “Eu parecia estar afundando na aniquilação”, mas felizmente não morri. Com o gás hidrogênio: “Um espectador me informou isso. . . minhas bochechas ficaram roxas. ” Cara valente. Mas ele percebeu que o óxido nitroso, também conhecido como gás hilariante, aliviava a dor de dente em 1800. Ele também percebeu que podia causar náuseas, depois que bebeu pensativamente uma garrafa de vinho em apenas oito minutos, tomou uma dose de cinco litros de gás hilariante, e vomitou imediatamente.

O título original desta peça era “Receita para esposas que repreendem”. Os direitos das mulheres ainda tinham um longo caminho a percorrer.

Ah, e a instituição pneumática? Ele fechou depois de nenhum dos gases que eles experimentaram curar doenças pulmonares, incluindo tuberculose. A pesquisa de Davy foi esquecida por algum tempo, em parte por causa do fracasso total da Instituição Pneumática em curar qualquer pessoa e em

parte porque Davy mudou sua mente curiosa de assuntos soporíferos para um campo de estudo mais estimulante - a eletrofisiologia.

O óxido nitroso para fins medicinais foi arquivado por enquanto. Mas se tornaria uma droga recreativa usada em festas por várias décadas no século XIX. Não foi até 1844 que o dentista americano Horace Wells decidiu continuar investigando as propriedades anestésicas do gás anteriormente não reconhecidas por Davy. Wells teve seu próprio dente extraído com óxido nitroso e, descobrindo que era indolor, foi a público. Ele construiu um aparelho respiratório e pediu ao cirurgião John Collins Warren (fundador do Massachusetts General Hospital e do New England Journal of Medicine and Surgery) que realizasse uma amputação usando o gás. Quando o paciente recusou, um estudante de medicina voluntário da multidão permitiu que um dente fosse extraído. O gás não foi dado corretamente - talvez o novo aparelho de Wells tenha falhado - e o aluno sentiu tudo.

O pobre Wells sofreu um constrangimento horrível e acabou se tornando viciado em clorofórmio. Ele ficou mentalmente instável e, depois de jogar ácido sulfúrico em prostitutas, suicidou-se na infame prisão de Tombs, na cidade de Nova York.

Mais tarde, na década de 1860, os dentistas deram ao óxido nitroso outra chance.

Outros profissionais médicos o adotaram no lugar do éter e do clorofórmio, ambos problemáticos. Talvez Wells durma mais profundamente em seu túmulo sabendo que o óxido nitroso continua a ser usado como sedativo até hoje.

Talvez não.

No sentido horário, a partir do canto inferior esquerdo: aparelho de Boyle, que permitia maior controle do fluxo da anestesia (1917); o inalador Junker,

primeiro a usar um fole de borracha para mover o ar sobre o líquido (1867); máscara facial de anestesia (início de 1900); o inalador Ombredanne, com esfera metálica de feltro para absorção de éter líquido (1907); outra máscara facial, com frascos de clorofórmio.

Sem farsa? Vamos brincar!

William Morton era um dentista de Boston que compareceu à demonstração fracassada de Horace Wells. Morton não cometeria o mesmo erro. Em vez de óxido nitroso, ele investigou a inalação de éter. O "óleo doce de vitríolo", também conhecido como éter dietílico, éter etílico ou simplesmente éter, foi sintetizado pela primeira vez no século XVI pela adição de ácido sulfúrico ao etanol. Foi usado (inutilmente) para o tratamento de infecções respiratórias, cálculos vesicais e escorbuto no século XVIII. Mas, na década de 1840, seu uso como anestésico finalmente chegou.

Morton colocou gotas dele nas gengivas de seus pacientes antes das extrações de dentes e descobriu que anestesiava a área. O próximo passo? Ele começou a molhar seu peixinho dourado de estimação com ele. Sua esposa, Elizabeth, não ficou feliz com isso, mas Morton continuou. Ele começou a observar seu spaniel de estimação, Nig. Elizabeth colocou o pé no chão, mas Morton anestesiou o pequeno Nig de qualquer maneira. Pode-se imaginar que o casamento não foi exatamente feliz na casa dos Morton.

Em 16 de outubro de 1846, Morton levou suas descobertas a uma exposição pública com o mesmo Dr. Warren que executou o procedimento malsucedido com Wells e óxido nitroso. Em uma sala cirúrgica no Massachusetts General Hospital, Warren removeu um tumor no pescoço de um paciente sob

anestesia com éter, dirigido por Morton. No final da cirurgia, quando o paciente acordou sem dor, o Dr.

Warren anunciou: "Senhores, isso não é uma farsa!"

(Devíamos ter mencionado que a definição de farsa é um comportamento enganoso ou falso. Também é um doce de hortelã, mas certamente o Dr. Warren se referia ao primeiro.) Uma réplica do inalador de éter de Morton.

O teatro cirúrgico em Mass General logo foi apelidado de “The Ether Dome” (não um filme de Mad Max) e a data histórica, Ether Day. Infelizmente, Morton levou sua descoberta por um caminho explorador e charlatão. Ele coloriu o éter e adicionou aditivos para mascarar o cheiro, rebatizando-o de

"Letheon" em homenagem ao rio grego mítico, Lete, que transmitia esquecimento e esquecimento aos bebedores. Ele patenteou o Letheon um mês depois daquela fatídica introdução ao mundo, embora logo ficasse óbvio que sua patente era simplesmente para o éter. A comunidade médica na América e no exterior zombou de Morton por tentar impedir que a descoberta - uma substância facilmente criada - beneficiasse a humanidade. A reputação de Morton nunca se recuperou.

Mas a reputação do ether continuou a ganhar terreno. Pouco depois da demonstração inicial bem-sucedida de Morton, Oliver Wendell Holmes cunhou o termo anestesia em uma carta particular para ele. O éter logo foi usado extensivamente para anestesia cirúrgica, o que é ótimo, exceto por três problemas - era altamente inflamável, causava náuseas e vômitos e irritava os pulmões (o que é interessante, visto que os médicos o usavam para tratar a inflamação pulmonar um século antes) . Além disso, ele tinha um odor realmente fedorento que grudava nos pacientes.

Ele havia desenvolvido outra reputação - uma reputação de abuso recreativo e remédios charlatões.

O éter apareceu nas prateleiras para tratar cólicas e diarreia. Dizia-se que as gotas de Hoffman, contendo uma parte de éter para três partes de álcool,

curavam doenças femininas, como cólicas, mas facilmente se tornavam uma cura para todos os vícios.

O que era pior, o abuso do éter era socialmente aceitável. Em meados do século XIX, festas chamadas de brincadeiras de éter ou jags tornaram-se comuns. Os participantes inalariam éter, deixando-os tontos, intoxicados e muitas vezes inconscientes. Um dos médicos que participaram, Crawford Long, foi um nojento sobre isso. Depois de conseguir um suprimento, ele se gabou: “Temos algumas garotas em Jefferson que estão ansiosas para vê-lo levado, e você sabe que nada me daria mais prazer do que recebê-lo na presença deles e receber alguns beijos doces”. Que lech.

Não era só brincar com homens nojentos. Os usuários recreativos acordam com hematomas e ferimentos. Alguns morreram. Um cavalheiro, infelizmente, fumou tabaco enquanto usava éter, e um observador observou: "Vencido um dia depois de uma dose de uv, ele acendeu seu cachimbo e o berço de fogo sua respiração e o fogo de tuk dentro."

Um médico, o Dr. Kelly, da Irlanda, decidiu que o éter seria a cura para o alcoolismo.

Claro, basta trocar uma substância viciante por outra; isso vai servir. “Dr. Remédio de Kelly ”foi dado aos pacientes como uma alternativa não alcoólica. Era uma "bebida alcoólica com a qual um homem pode se embriagar com a consciência limpa". Claro que foi. Mas muitas cidades começaram a cheirar com o fedor de éter, literalmente (tem um cheiro pungente, doce, mas com um odor desagradável de solvente). Finalmente, o governo britânico classificou o éter como um veneno e começou a regulamentar sua venda em 1891.

Boa coisa também. Além de ser viciante, inflamável e ocasionalmente mortal, o éter causava alguns arrotos, soluços e peidos nocivos bem profundos.

Uma reconstituição da primeira cirurgia de Morton e Warren com éter.

## Anestésicos Hoje

Hoje, a maioria de nós terá usado anestésicos em algum momento de nossas vidas, seja para arrancar um dente ou para uma cirurgia. Devemos muito às experiências horríveis e aos ocasionais finais infelizes que acompanham essas histórias. Anestésicos com clorofórmio e éter foram retirados das prateleiras e hospitais, como medicamentos mais seguros, incluindo agentes sedativos-hipnóticos como o propofol (apelidado de "leite de amnésia" por sua cor branca), opióides como o fentanil, benzodiazepínicos como o midazolam e muitos outros os substituíram. Tornamo-nos cada vez mais específicos na forma como os anestésicos são usados. Drogas bloqueadoras de nervos locais, como a novocaína, tornam os procedimentos odontológicos indolores. A anestesia raquidiana e peridural minimiza os efeitos colaterais, como problemas respiratórios ou riscos cardíacos da anestesia geral. Embora extremamente segura nos dias de hoje, a anestesia geral inerentemente traz consigo riscos específicos do medicamento, incluindo morte - o que aumenta quanto mais doente você vai para a cirurgia.

Deixar o corpo humano em um estado de coma de curto prazo com um final feliz de Lázaro não deve ser feito descuidadamente ou com qualquer droga. E para que conste, é uma coisa boa que as festas de gás hilariante / clorofórmio / éter tenham acabado. As pessoas teriam que encontrar outras maneiras legais (ou ilegais) de brincar.

## Salão da Vergonha da Saúde Masculina

O Oxford English Dictionary define viril como “ter força, energia e um forte impulso sexual”. Merriam-Webster vai direto ao ponto, definindo

virilidade simplesmente como "masculinidade".

Podemos agradecer a Grécia e Roma antigas, onde a força muscular foi combinada com autocontrole, confiança, envolvimento político, proliferação sexual e altos níveis de energia para criar um ideal masculino que - com algumas variações - foi passado para nós através dos tempos .

Agora, é claro, alcançar o ideal masculino de virilidade é repleto de complicações e o potencial para inseguranças. Homens em todos os lugares são atormentados por perguntas incômodas de dúvida: e se eu perder esta competição? E se eu não conseguir esse emprego? E se eu não conseguir deixar crescer a barba? E se eu ficar careca? E se eu não conseguir “levantar”?

Esses são os pensamentos que mantiveram os homens acordados à noite ao longo da história da civilização ocidental. E esses medos sempre foram explorados para ganho financeiro por médicos charlatães. Anexo A: Um anúncio para o “desenvolvedor perfeito de órgãos masculinos” (um dos primeiros aparelhos a vácuo para disfunção erétil) afirmou corajosamente que “Um homem sexualmente fraco não é adequado para se casar. Homens fracos se odeiam. ” O que se segue são algumas maneiras endossadas por charlatães para os homens fracos se odiarem um pouco menos.

Ferro Nuxado

O que o grande jogador do beisebol Ty Cobb, o campeão de boxe Jack Dempsey e o Papa Bento XV têm em comum? Todos os três ofereceram endossos de alto nível para "Ferro Nuxado".

Apegando-se às eternas buscas masculinas por vitalidade e virilidade, “Ferro Nuxado” afirmava restaurar “o vigor físico ou mental” aumentando os níveis de ferro em sua corrente sanguínea. Embora o produto realmente contivesse sulfato ferroso (ferro) e um saboroso toque de óleo de canela, também continha nux vomica (estricnina), uma neurotoxina que, se tomada em uma dose alta o suficiente, envenenaria você.

Terrivelmente. (Veja Estricnina, página 72.)

Ferro Nuxado endossado pelo papa, pessoal.

The Stephenson Spermatic Truss

O Stephenson Spermatic Truss entrou em cena em 1876, pronto para ajudar a refrear os homens de suas tendências masturbatórias, fornecendo uma forma incômoda e inconveniente de amarrar o pênis à perna. Aparentemente, o dispositivo não era eficaz o suficiente, já que as versões posteriores incluíam pequenos espinhos que mordiam seu pênis caso você tivesse o azar de ficar excitado.

Dispositivo de autotratamento The Stringer

O dispositivo de autotratamento Stringer, de nome duvidoso, combinava todos os métodos possíveis para manter o pênis ereto em um pacote. A empresa o promoveu como “quatro em um -

vácuo, calor úmido, vibração e eletricidade”. E o dispositivo conseguiu combinar água quente, uma bobina de indução, uma corrente elétrica, um vácuo e até mesmo um eletrodo que poderia ser revestido com vaselina e inserido alguns centímetros no reto para o benefício adicional de uma "massagem da próstata". A empresa garantiu aos consumidores que "foi a descoberta mais maravilhosa desde o início do mundo".

O Dispositivo Bowen em toda a sua terrível glória.

O Dispositivo Bowen

Com a intenção de desencorajar a masturbação, o Bowen não pareceria deslocado no baú de brinquedos sexuais de uma dominatrix hoje. Era basicamente uma tampa de pênis presa aos pelos pubianos por pequenas correntes. Quanto mais excitado você fica, mais as pequenas correntes puxam seus pelos pubianos. Ai.

O primeiro anel peniano

Por volta de 1200, os primeiros anéis para pênis foram inventados na China.

Criativamente feitos de, entre todas as coisas, as pálpebras de uma cabra, os anéis de pênis propositalmente deixavam os cílios intactos para aumentar o prazer sexual. Deixe esse visual penetrar por um momento.

Algumas centenas de anos depois, os chineses mudaram para os anéis de marfim, uma melhoria óbvia para homens e cabras.

O Aquecedor da Glândula Próstata

A Electro Thermal Company of Ohio fabricou um aquecedor de glândula retal chamado Thermalaid, que dirigia uma corrente elétrica, regulada por uma lâmpada, através de seu exterior de borracha dura em um esforço para “estimular o cérebro abdominal”.

“Se um dilatador retal for usado, ele fornecerá um calor constante à anatomia retal, causando uma estimulação suave dos vasos sanguíneos capilares e a melhora da condição nervosa local resultante.”

A lâmpada reguladora inevitavelmente levou a alguns encontros estranhos. "Oi, querida, estou em casa, vi que você teve uma luz acesa tarde e - ai meu Deus, o que você está fazendo?"

O Rotor Recto

Este dispositivo de aparência cruel foi inserido no reto, onde lubrificaria a próstata e o cólon e "massagearia os músculos da região retal". Os anúncios garantiam aos consumidores que poderiam ser usados pelo próprio paciente “na privacidade de sua casa”, poupando o usuário do constrangimento de usar um Rotor Recto em público. O tamanho do rotor também foi anunciado como "grande o suficiente para

ser eficiente, pequeno o suficiente para qualquer pessoa com mais de quinze anos". E isso levanta todo tipo de questões preocupantes, não é?

Cabelo em spray

Se você teve uma festa do pijama em algum momento da década de 1990, provavelmente assistiu a um infomercial tarde da noite em que a calvície e o cabelo ralo eram ocultados por uma lata de aerossol de "spray de cabelo". O produto, chamado GLH (abreviação de "Cabelo com aparência ótima"), era tão ridículo quanto parece (apenas US $ 39,92!), Mas vale a pena rastrear o infomercial no YouTube em busca do depoimento de um jovem profundamente infeliz com tainha e uma linha fina recuando, que corajosamente afirma que depois de usar o GLH "os bebês estão de volta." Cabelo em spray ainda tem um mercado hoje. Obrigado, homem da tainha.

Estimuladores musculares

Procurando tonificar seus músculos sem realmente fazer nada? As máquinas de estimuladores eletrônicos de músculos (EMS) “trabalham” os músculos sacudindo-os com eletricidade, causando contrações involuntárias. O modelo Executive Briefcase da Executive Fitness Products, no entanto, também causou outra reação involuntária: arritmias cardíacas. O FDA ordenou a destruição das máquinas em 1996.

Geradores de barba

Provavelmente, a pior época da história para se viver como um homem que não conseguia deixar de crescer pelos faciais foi a Inglaterra vitoriana (ou Portland, Oregon, nos anos 90), quando barbas na altura do peito, costeletas espessas e bigodes elaborados estavam na moda.

Para ajudar, um anúncio de um tratamento tópico chamado Gerador de Barba do Professor Modevi foi veiculado em jornais de Londres, alegando que gerava um crescimento robusto de barba por apenas quatro a seis semanas de uso, mesmo por "homens jovens com menos de dezessete anos de idade". [Ingredientes não declarados.]

Observe um menino se tornar um homem diante de seus olhos.

Animais

Rastejantes assustadores, cadáveres e o poder de cura do corpo humano 19

Sanguessugas

De pingentes de sanguessuga, mordidas de Mercedes-Benz, clube de luta de sanguessugas, vermes canibais bêbados e a situação difícil da falta de burro Em 1850, Londres, um médico faz uma visita domiciliar a uma mulher com uma dor de garganta persistente. Claramente, as amígdalas inchadas são as culpadas. Claramente, descongestioná-los e encolhê-los resolverá o problema. Claramente, a resposta para o problema é. . . sanguessugas.

De uma jarra de barro portátil, ele retira uma única sanguessuga escura, viscosa e se contorcendo, com cerca de sete centímetros de comprimento. Ele se contorce energicamente de fome. Ele perfura a extremidade da cauda

com uma agulha de linha de seda, em seguida, empurra o "pingente" da sanguessuga se contorcendo em um tubo de vidro transparente, para direcionar a boca faminta da sanguessuga para a amígdala ofensiva. A sanguessuga afunda suas minúsculas mandíbulas dentadas no tecido inchado, mas o paciente mal sente a mordida. Afinal, o melhor ataque do sanguessuga é ser o mais inofensivo possível. Morder furtivamente é uma coisa boa.

Há uma sensação de cócegas ao se contorcer. A sanguessuga incha cada vez mais, até ficar cheia de sangue. Ele se desprende alegremente e é puxado por sua corda. A paciente sente um filete de sangue salgado no fundo da boca por uma hora ou mais.

Essa cena digna de piada foi incrivelmente comum na história. Afinal, a sanguessuga tem sugado sangue da raça humana, com nossa permissão, há muito, muito tempo.

As Origens do Leechcraft

Acredita-se que sanguessugas e sangrias realizam o mesmo objetivo - aliviar o corpo

“congestionado” de sangue e inflamação. Ao sangrar o sangue “ruim”, você pode potencialmente eliminar o problema. Algum problema. As razões para a sanguessuga eram muitas, incluindo doenças venéreas, inflamação do cérebro, epilepsia, histeria, doenças de órgãos e tuberculose.

Então, quem é o responsável por trazer sanguessugas para nossas vidas? Você pode começar com os egípcios, cujas tumbas documentam o uso mais antigo de sanguessuga, para curar doenças transmitidas pela febre e flatulência, já em 1500 aC. Na Ilíada de Homero, Podalirius, um dos filhos de Asclépio, era um curandeiro e conhecido como sanguessuga. Depois, há a antiga história chinesa que afirma que a terapia com sanguessugas começou quando o rei Hui (falecido em 430 aC) acidentalmente engoliu

uma em sua salada e ficou surpreso ao descobrir que suas doenças estomacais melhoraram.

Mas a sanguessuga realmente decolou com as teorias de Hipócrates no século IV aC e, mais tarde, Galeno no século II dC. Ambos os médicos estabeleceram firmemente a ideia de que o sangramento pode trazer equilíbrio aos humores. Esses elementos corporais distintos, considerados a fonte de saúde e doença, impulsionaram as teorias da assistência médica ocidental por quase dois séculos.

Depois de Hipócrates e Galeno, começamos a ver cada vez mais evidências do uso de sanguessugas para tudo, desde a remoção de espíritos malignos (Themison de Laodicéia, Síria) até o tratamento da perda auditiva (Alexander de Tralles). Um médico medieval chegou a afirmar que “aguça a audição, pára as lágrimas,. . . e produz uma voz musical. ” Se pudéssemos apenas aplicar um sugador de sangue contorcido e nos tornar Beyoncé.

Portanto, se a sangria e a sangria atingem o mesmo objetivo, por que usar uma criatura viscosa em vez de uma lanceta para permitir que o sangue flua?

Jarra de sanguessugas do século XIX.

Leech vs. Lancet

Primeiro, considere o próprio animal. Hirudo medicinalis, o nobre nome latino para a sanguessuga médica comum, nasceu para sugar sangue. Para começar, sua saliva contém um anticoagulante (hirudina) que impede a coagulação do sangue e garante um fluxo amplo. E para digerir a refeição? Essas criaturas envergonham os mamíferos e seus um, dois ou três estômagos por terem dez estômagos para digerir. A sanguessuga também

está superando os dentes. Possui três mandíbulas, com cerca de cem dentes por mandíbula. É uma mordida de trezentos dentes, o que deixa uma marca no formato do ornamento do capô da Mercedes-Benz.

Ao contrário de lancetas, escarificadores ou escarificadores, uma mordida de sanguessuga era relativamente indolor, graças à sua saliva. Uma invenção genial de produtos químicos, o cuspe sanguessuga contém anestésicos para manter seu hospedeiro confortável e inconsciente, úteis na natureza quando um arranhão irritante de um hospedeiro pode interromper uma alimentação antes de começar. O antigo texto sânscrito Sushruta Samhita, que discutia o uso de sanguessugas em vez do derramamento de sangue regular em “imbecis” e “pessoas de temperamento extremamente tímido”, elogiava a prática como uma terapia “mais gentil”.

Sanguessugas também permitiam um sangramento mais preciso e direcionado. A sangria geralmente era feita na parte superior do braço, mas em áreas menores e mais apertadas, algo menor e mais organizado era necessário. Como os praticantes de sanguessugas pensavam que o derramamento de sangue deveria ocorrer mais próximo da área do problema, os sugadores de sangue foram colocados nas têmporas para dores de cabeça, atrás das orelhas para vertigens, na parte de trás da cabeça para letargia, na barriga para doenças de estômago e sobre o baço para epilepsia. E para aflições menstruais, eles seriam colocados na parte superior das coxas, vulva e, às vezes, diretamente no colo do útero. Na verdade, as cadeiras de sanguessugas foram criadas com orifícios na área do assento para a aplicação de sanguessugas anais.

Comece a cruzar as pernas desconfortavelmente agora.

Oh, não se preocupe! A situação fica pior, o que nos leva ao nosso próximo ponto: as sanguessugas podem ir onde as lancetas não podem - dentro do corpo. Às vezes, um bom sangramento anal não era suficiente. O manejo interno era necessário, especialmente para inflamação intestinal e problemas de próstata. Havia apenas um obstáculo: os vermes seriam,

ahem, ejetados com força. Um médico inteligente criou uma haste de metal ranhurada projetada para segurar e inserir sanguessugas roscadas com bons resultados. Era bem chique, com uma bela alça de couro. Em 1833, o Dr. Osborne descreveu o procedimento.

Depois de empurrar as sanguessugas profundamente no ânus, "O instrumento é retirado e as sanguessugas permanecem até ficarem cheias de sangue". Parece que “sofreu” é a palavra adequada neste cenário. Pobres coisas. Pobre pessoa.

Sanguessugas também eram usadas na vagina para estimular o fluxo menstrual ou tratar menstruações dolorosas, mas foi observado que esse uso específico deve ser "restrito a mulheres casadas" e "uma enfermeira inteligente deve ser ensinada a aplicá-las." Esperamos sinceramente que ela tenha sido bem paga por isso.

A anatomia de uma sanguessuga

Uma sanguessuga tem três mandíbulas, 300 dentes e uma mordida distinta em forma de logotipo Mercedes.

Tirando o máximo proveito de sua sanguessuga

Quanto às condições primárias de sanguessugas, as sanguessugas preferem morder a pele limpa e recém-raspada. Sem barba por fazer! “Eu descobri que as pontas afiadas dos fios de cabelo incisos os aborreciam”, declarou o Sr. Wilkinson, um especialista em sanguessugas em 1804 em Londres.

Algo para lembrar quando vadear em lagoas lamacentas - pernas espinhosas podem ser uma coisa boa. Mas mesmo com a pele mais lisa, as feras delicadas às vezes precisavam de um pouco de persuasão. The Lancet relatou em 1848 que eles mordiam mais vigorosamente se mergulhados em

uma boa cerveja escura ou algum vinho diluído. A área da pele pode ser banhada com leite, água com açúcar ou, melhor, um pouco de sangue fresco. Mesmo uma pequena joelhada na ponta de uma faca poderia resolver o problema. Esta última técnica ainda é usada hoje.

Após cerca de quinze minutos, a sanguessuga cheia de sangue geralmente caía do paciente, mas ocasionalmente o médico tinha que removê-la. Uma pitada de sal de cozinha sobre a cabeça da sanguessuga ajudou porque arrancá-lo poderia traumatizar a pele. Se a sanguessuga parecia ter adormecido de um coma alimentar, um forte movimento do dedo e um jato de água rapidamente o reanimaram.

Freqüentemente, depois que as sanguessugas eram removidas, mais sangramento era coagido das picadas envolvendo a área em linho quente para dilatar os vasos sanguíneos do paciente. Outros recomendaram perpetuar a secreção submergindo o paciente em um banho quente.

Em 1816, o Dr. James Rawlins Johnson publicou seu Tratado sobre a Sanguessuga Medicinal. Além dos métodos de uso de sanguessugas mencionados anteriormente, ele estudou a própria sanguessuga com extremo cuidado. Ele testou para ver se eles eram canibais (eram); ele os congelou com ou sem sal para ver se eles morreriam (neve mais sal era pior). Ele até travou lutas de sanguessugas entre sanguessugas corpulentas e sanguessugas medicinais (as sanguessugas venceram). Ele também os torturou com ácido carbônico, mercúrio, bombas de gasolina e azeite de oliva, e ficou surpreso ao descobrir que a sanguessuga “é muito tenaz de vida”. (Os autores pararam de ler depois de chegar a esta frase escolhida: “A impregnação hermafrodita pode ocorrer em uma única sanguessuga.” O visual é ... deixa pra lá. Só não faça.) Como observado anteriormente, sanguessugas eram usadas tanto dentro como fora do corpo. Isso, é claro, levanta a questão: como remover os parasitas? Philip Crampton, um praticante ávido em 1822, teve uma solução: Enfie as coisas pobres. Depois de aplicar essas sanguessugas diretamente nas amígdalas inchadas, ele observou que a rosca "faz com que mordam com ardor aumentado e, de fato, podem ser usadas para estimular sanguessugas entorpecidas".

Eles não precisavam se preocupar: se uma sanguessuga fosse engolida, provavelmente seria digerida pelo ácido estomacal. Mas, sem saber disso, os praticantes medievais recomendavam gargarejar com urina de cabra, persuadir a sanguessuga a sair com um ferro de cautério ou deixar o paciente com sede como uma "isca" para sair engatinhando para um gole de água refrescante. Os fins não justificavam os meios de forma alguma, porque não funcionava. Pensando bem, nada justifica beber urina de cabra.

Havia também a questão da reciclagem. As sanguessugas nem sempre eram lançadas após a alimentação. Eles poderiam ser reutilizados até cinquenta vezes se os animais fossem “encorajados” a despejar: basta colocar um pouco de sal na boca (o que está realmente começando a soar como sanguessuga equivalente a aplicar ácido clorídrico em um ser humano). As sanguessugas então vomitariam como Ozzy Osbourne em seu apogeu. A economia de custos foi considerável. Outros médicos jogavam as sanguessugas ingurgitadas em vinagre (um banho completo de ácido!) E eles se animavam. Ou assim imaginamos. Dessa forma, eles poderiam ser usados duas vezes por semana por até três anos.

Cuidar e cuidar de sanguessugas não era uma tarefa fácil. O Sr. Wilkinson explicou:

“Em suma, é necessária muita paciência, bem como destreza, no manejo desses animais caprichosos, ou melhor, irritáveis.”

Parece que o Sr. Wilkinson queria morder as sanguessugas de volta.

Desvantagens e a queda do wormy

Leeching tinha suas desvantagens. O clássico sinal de mordida da Mercedes-Benz não era exatamente um símbolo de honra. Apesar do pouco

tempo em que as sanguessugas estavam na moda (as formas das sanguessugas eram bordadas em vestidos no século XIX), as pessoas muitas vezes cobriam suas mordidas em público.

Lembra-se de toda aquela coisa de “reutilizar”? Antes que as “sanguessugas de uso único” e outros equipamentos médicos fossem introduzidos, as sanguessugas de uso único podiam criar mais problemas do que consertar. Um relatório em 1827 mostrou como uma sanguessuga foi usada para um paciente sifilítico e depois reutilizada para tratar uma criança, que então contraiu a doença.

Outra limitação da sanguessuga era o fato de que só conseguia absorver cerca de uma colher de sopa de sangue. Para manter um fluxo contínuo, pode-se cortar a cauda e deixar o sangue ingerido fluir livremente. É uma espécie de método de Sísifo para fazer sanguessugas. Eles comem e comem, e nunca ficam satisfeitos, e ficaram completamente sem bunda. E então eles morrem. Que vida.

Alguns pacientes morreram de sangramento exagerado, como no caso de uma menina de dois anos em 1819, que morreu de hemorragia em uma única mordida. Por causa das propriedades de diluição do sangue de longa duração na saliva das sanguessugas, os pacientes podem continuar a sangrar bem após a sangria. Muitas vezes, um único tratamento não era suficiente. Os números podem ser surpreendentes.

François-Joseph-Victor Broussais, um dos médicos mais sanguinários do século XIX, aplicou até cinquenta sanguessugas de cada vez. Outro médico aplicou 130 sanguessugas no testículo de uma pobre alma para tratamento de gonorreia. É, talvez, uma das melhores propagandas para campanhas de sexo seguro para DST.

Se isso não bastasse, as próprias picadas podem ser contaminadas com infecções perigosas e potencialmente fatais. A literatura médica do século XIX está repleta de relatos de casos em que as mordidas se tornaram o foco dos problemas.

Ao contrário das lancetas, as sanguessugas exigiam muita manutenção. Afinal, eles eram comedores enjoados e um tanto imprevisíveis. Não é fácil fazer uma sanguessuga morder exatamente onde você deseja e, portanto, tubos de sanguessuga de vidro personalizados foram usados para a aplicação.

Frascos especiais eram usados para transportá-los pela cidade. Muito trabalho!

Em meados do século XIX, uma multidão crescente de médicos começou a denunciar seriamente a "terapia de esgotamento heróica", graças a uma compreensão mais sólida da fisiologia, da patologia e de algo chamado estatística. Um dos fundadores da medicina baseada em evidências foi Pierre Louis, que era um defensor ferrenho dos fatos sobre as teorias vagas. Ele não encontrou nenhuma evidência convincente de que o derramamento de sangue fosse eficaz. Outros, como John Hughes Bennett, seguiram o exemplo.

No início do século XX, sangramentos e sanguessugas para qualquer doença aleatória haviam, bem, sangrado.

Sanguessugas frescas à venda!

Onde alguém adquiriu uma sanguessuga? Na virada do século XIX, as pobres crianças inglesas mergulhavam na água doce turva e vendiam as sanguessugas agarradas às pernas para ganhar dinheiro no bolso. Mas logo, as sanguessugas tornaram-se raras. Mesmo iscando sua linha de peixe com pedaços de fígado não adiantou.

Na década de 1830, o consumo de sanguessugas na Inglaterra atingiu um recorde histórico. Sanguessugas estavam sendo importadas da Turquia, Índia, Egito e Austrália. Quarenta e dois milhões de sanguessugas foram importados da França para a Inglaterra em um único ano. Os Estados

Unidos também adoravam sugar, mas sua Macrobdella decora caseira tinha uma mordida menor e tirava menos sangue, então eles também importaram Hirudo medicinalis.

Logo, a hirudicultura, ou cultivo de sanguessugas, surgiu para atender à demanda.

Nessas “sanguessugas”, vacas, burros e cavalos decrépitos eram levados para águas lamacentas ou pântanos, às vezes cortados com cortes para estimular a alimentação. Em 1863, o British Medical Journal observou,

com razão, que “a Hirudicultura é um negócio toleravelmente nojento”. Hoje, a criação de sanguessugas é bem definida, completa com sistemas de água filtrada e reprodução cientificamente organizada. Nem uma criança pobre ou um cavalo decrépito à vista.

A “ponta cortante” moderna da medicina hoje

Muitos ficariam chocados e surpresos ao saber que sanguessugas ainda são usadas por motivos legítimos. (Além disso, graças a Deus pelos antibióticos. Ninguém realmente quer uma sanguessuga sugando sua garganta inflamada, certo?)

Por um lado, houve a descoberta da hirudina por John Berry Haycraft em 1884. A hirudina é a principal proteína que dilui o sangue na saliva das sanguessugas. Agora, ordenhar sanguessugas pequenininhas para suas secreções orais, ao estilo da cascavel, não é realmente possível. Assim, os cientistas, em vez disso, sintetizaram versões da hirudina e ainda as usam hoje como anticoagulantes anticoagulantes e anticoagulantes.

A capacidade da sanguessuga de morder pequenas áreas do corpo, remover sangue indesejado e prevenir a coagulação do sangue é benéfica na situação certa. Após cirurgias reconstrutivas em áreas delicadas e pequenas, como dedos, orelhas e pontas do nariz, as sanguessugas podem descomprimir suavemente os tecidos cheios de sangue e, ao fazer isso, melhorar o fluxo

sanguíneo e a taxa de sobrevivência desses tecidos. Em reconstruções com retalho livre, onde seções inteiras de carne e pele, junto com seus vasos sanguíneos e nervos, são costuradas em novas áreas (como reconstruções de cabeça e pescoço após a remoção de um câncer que salva vidas), as sanguessugas impedem que tecidos inchados sejam cortados delicado suprimento de sangue.

Então, em alguns casos, sanguessugas são boas para você! Quase dá vontade de se aconchegar com uma criatura viscosa para agradecer.

# 20

## Canibalismo e medicina do cadáver

De verdadeiros vampiros, suco de gladiador, um papa não tão inocente, geleia de sangue, musgo de crânio e remédios para múmias

O ano era 1758. James e Walter White, com idades entre vinte e três e vinte e um, foram condenados a ser executados por enforcamento em Kennington Common, em Londres. Os enforcamentos eram uma forma maravilhosa de lembrar às pessoas que não deveriam cometer crimes e, além disso, eram uma excelente fonte de entretenimento. Como muitas execuções na época, os criminosos provavelmente foram levados até a forca em uma carroça, os pescoços envolvidos por uma corda forte que seria amarrada à viga alta instalada no pátio comum. Em pouco tempo, a carroça seria puxada e aqueles que já foram criminosos se balançariam e se sacudiriam com a brisa até se tornarem cadáveres sem vida.

Enquanto os corpos eram pendurados, a edição de abril de 1758 da The Gentleman's Magazine relatava, “uma criança, com cerca de nove meses, foi posta nas mãos do carrasco, que nove vezes,

com uma das mãos de cada um dos cadáveres, acariciou o criança na cara. ” A criança sofria de wens, crescimentos na pele (provavelmente furúnculos). E a esperança era que os mortos pudessem curá-los.

Isso pode parecer grotesco, mas o uso de partes do corpo humano para fins medicinais era popular desde a Grécia e Roma antigas, abrangendo a Idade Média e desaparecendo (ha!) Antes do século XX. Os cadáveres eram procurados, não apenas para tocar, mas para comer, beber e muito mais.

Chame isso de canibalismo, chame de antropofagia, chame de remédio para cadáveres. Faça sua escolha.

Ao longo da história, as pessoas procuraram consumir o que desejam - juventude, vitalidade, força. Para muitos dos maiores porta-estandartes da medicina, consumir pedaços de humanos mortos se encaixa em suas filosofias de restauração da saúde. O modelo galênico de humores apoiava a ideia de que muito sangue pode ser ruim, mas muito pouco pode ser corrigido com um longo gole do fluido.

Hipócrates mencionou o uso de algo poluente - “comida de cadáver” ou o “sangue poluído da violência”

(isto é, sangue de criminosos) - para combater impurezas ou doenças. E mais tarde, Paracelso pensou que os remédios contendo humanos curavam por meio dos “espíritos” e essências internas. Um simples toque mágico funcionou também. No século dezessete, Robert Fludd observou que "Uma mão de cadáveres tocando verrugas, eles vão tingir." Jan Baptiste van Helmont, um cientista e médico flamengo na mesma época, acreditava que o cadáver humano possuía "uma vitalidade obscura", que a força vital de alguma forma permanecia no sangue e no corpo, especialmente se os cadáveres tivessem morrido de forma violenta. Em outras palavras, nenhuma energia foi desperdiçada em uma doença ou debilidade persistente. É por isso que os criminosos que encontraram fins prematuros eram uma mercadoria tão quente.

Por causa desta discussão, vamos nos concentrar no uso do corpo e do sangue, retirados involuntariamente, em sua maior parte. É claro que havia receitas para urina, ensaios sobre leite materno para adultos, cataplasmas fecais, elixires de suor e discussões em abundância sobre pílulas de placenta - mas esses itens um tanto “excretores” podem ser dados sem causar danos ao doador.

O sangue também pode ser administrado sem danos. Afinal, os humanos doaram generosamente no século passado para salvar inúmeras vidas. Mas

o uso de sangue no passado não era tão puro ou altruísta. Foi uma bagunça sangrenta.

## Blood Jam e outros petiscos de vampiro

Temos a tendência de pensar nos vampiros como sugadores de sangue dotados de caninos brilhantes e charme sedutor, mas, na realidade, os humanos que bebiam sangue eram um tipo totalmente menos glamoroso. No primeiro século, Plínio, o Velho, escreveu que "o sangue dos gladiadores é bebido pelos epilépticos como se fosse o rasgo da vida", um exemplo perfeito de um doente que deseja a saúde primordial de um espécime belo e musculoso da humanidade. Por que sangue? Não está claro, mas quando estudioso após estudioso insiste que "Funciona porque ouvi que funciona", então as pessoas acreditam. Ah, o poder da anedota! Além disso, as crises epilépticas costumam ser episódicas. Seria fácil acreditar que qualquer medicamento era eficaz quando alguém ficava sem convulsões por alguns meses após uma dose.

Plínio, o Velho, acha que você deveria chupar dois gladiadores e ligar para ele pela manhã.

O sangue era o mais nobre dos humores e também cunhou o elixir vitae, ou o elixir da vida. O estudioso italiano do século XV Marsilio Ficino achava que o sangue jovem poderia restaurar o vigor dos idosos. Devem "sugar, portanto, como sanguessugas, um ou dois gramas de uma veia mal aberta do braço esquerdo. . . . " Oh, mas e se você acha que beber sangue é repugnante? Então, Ficino aconselhou, você deve "deixar [o sangue] primeiro ser cozido junto com o açúcar, ou misturado com açúcar e moderadamente destilado em água quente e depois bebido".

Aqueles que não tinham gladiadores mortos à sua disposição deveriam ser mais engenhosos. Um inglês chamado Edward Browne testemunhou várias

execuções em Viena no inverno de 1668. Após uma decapitação, ele viu "um homem correr rapidamente com um pote na mão e enchendo-o de sangue, mas jorrando do pescoço [do cadáver], ele atualmente bebeu. " Outros mergulhavam lenços no sangue, na esperança de se curar da epilepsia ou, como eles chamavam, "a doença da queda".

E as histórias continuam.

Mas se houver alguma validade no velho ditado de que “a verdade é mais estranha que a ficção”, então talvez uma história - não confirmada - seja selvagem o suficiente para ser real. Em 1492, o Papa Inocêncio VIII estava em seu leito de morte. Ele não era exatamente um santo. Um político inescrupuloso, ele esgotou o tesouro papal por meio de suas disputas com os estados italianos, teve dezesseis filhos ilegítimos e se envolveu com a perseguição às bruxas e a escravidão. Não é exatamente um cara adorável para começar. Dizia-se que, como último recurso, seu médico subornou três meninos com uma moeda de ouro cada. Eles foram sangrados copiosamente e o papa doente bebeu seu sangue. Os meninos morreram. O papa morreu. E o médico tinha uma péssima reputação depois (alguns dizem que o boato se espalhou como uma campanha anti-semita de difamação contra o médico). O Papa Inocêncio VIII, um homem com enorme poder e moral duvidosa, teria permitido a morte de alguns jovens em uma tentativa desesperada de permanecer vivo? Possivelmente.

O sangue humano não estava apenas bêbado. Também era seco, moído até virar pó, misturado a alimentos e pomadas e cheirado pelas narinas. O médico italiano Leonardo Fioravanti achava que os produtos sangüíneos podiam "tão bem quanto ressuscitar os mortos". Ele morreu em 1588, então provavelmente não funcionou para ele. Plínio descreveu como os reis egípcios tentaram curar suas infecções parasitárias, que causaram um enorme inchaço chamado elefantíase, banhando-se em sangue humano. O

sangue era usado para infecções de pele, febres e para fazer o cabelo crescer. Em outros lugares da Europa, às vezes o sangue era cozido e transformado em geleia pegajosa. sim. Blood Jam. Quer saber como

preparar um lote? Uma receita de 1679 de um boticário franciscano mostra como: 1. Deixe o sangue secar em uma massa pegajosa.

2. Corte em rodelas finas e deixe escorrer a parte aquosa.

3. Misture até formar uma massa no fogão com uma faca.

4. Passe por uma peneira da mais fina seda e feche em uma jarra de vidro.

Eles não mencionam se deve ser comida com torradas ou bolinhos. Mas eles dizem onde conseguir o sangue: de uma pessoa com uma "pele manchada e vermelha". Na verdade, o sangue das vítimas ruivas era especialmente procurado. Amantes do mundo Weasley, desviem o olhar. Nós te imploramos.

Uma breve história da alimentação humana pela saúde

Tenha pena daqueles ruivos. Outra receita para cadáveres ruivos vem de um médico alemão no início do século XVIII. “Escolha a carcaça de um homem vermelho, inteiro, claro e sem mancha, de vinte e quatro anos de idade, que foi enforcado, quebrado em uma roda ou atravessado.” A carne deve ser cortada em pedaços, polvilhada com ervas como mirra e aloé e amassada em vinho. Posteriormente, foi curado a seco em um local com sombra, onde se tornaria comparável à carne defumada "sem fedor". Se você está imaginando o charque, então você teve a ideia certa, embora comer o charque não seja o ponto final.

Uma tintura vermelha seria então obtida da carne seca e usada como um tratamento restaurador de feridas ou para uma série de outras doenças.

Isso nos leva à antropofagia - o consumo de humanos. Quando esses gladiadores caíam, as pessoas bebiam mais ou menos meio litro de sangue,

mas também comiam os fígados frescos dos atletas, novamente na esperança de curar a epilepsia. O fígado era frequentemente considerado um órgão

onde residia a coragem e repleto de sangue útil. O puritano Edward Taylor (falecido em 1729), graduado em Harvard e bastante famoso por sua poesia, era menos conhecido por seu “dispensatório” médico. Nele, ele descreveu como o corpo humano morto continha uma riqueza de curas para os vivos. A medula óssea era boa para cólicas. A vesícula biliar "alivia na surdez". Epilepsia curada com coração seco. E a lista continua.

Depois, havia a possibilidade de humanos cristalizados. A lenda do “homem melado”, ou homem melificado, vem do texto de um farmacologista chinês do século XVI chamado Li Shizhen. Ele escreveu sobre um boato de que havia uma prática árabe de mumificar um ser humano com mel.

Aparentemente, o corpo teve que vir voluntariamente de uma pessoa idosa. Sem o auto-sacrifício, o remédio seria inútil. O voluntário não comia nada além de mel por dias e dias, até que seus excrementos se transformassem em mel, seu suor se transformasse em mel e eles urinassem em mel (totalmente impossível, mas, ei, é uma lenda). E então, depois de morrer (como seria, eventualmente), o corpo seria sepultado em um caixão cheio de mel. Depois de exatamente cem anos, o corpo embalsamado seria consumido, pedaço por pedaço. Quem não gostaria de um pedaço de homem cristalizado? Na verdade, não responda a isso.

O mel é um antibacteriano e conservante fantástico, e tem sido usado para fins medicinais em culturas há séculos. Então, talvez combiná-lo com remédio para cadáveres fizesse algum sentido mórbido de confeitaria. É claro que não há evidências de que “homens melificados” tenham existido, mas dada a história de canibalismo médico, é de se perguntar.

O poder de cura da “gordura do homem”

Os cadáveres não serviam apenas para uma bebida sangrenta ou um toque de cura. Os executores ganhavam muito dinheiro com a pele e a gordura dos criminosos despachados. Os boticários gostavam especialmente de “óleo de gordura humana”, também chamado de graxa de homem, gordura de pobre pecador e pomada de carrasco. Era usado para curar feridas, alívio da dor, câncer, poções do amor, gota e reumatismo. Uma velha rima alemã dizia: “Gordura humana derretida é boa para membros aleijados.

Se alguém os esfregar com isso, eles ficam certos novamente. ” A gordura também foi apontada como uma cura para a hidrofobia (medo de beber água), muitas vezes sinônimo de raiva. A “graxa de homem” poderia até ser usada em cosméticos, principalmente se você tivesse cicatrizes de varíola, e era considerada um ótimo remédio antiinflamatório.

Os algozes que matavam também recomendavam que a pele humana pudesse ajudar as mulheres grávidas - sim, eles eram sua própria marca de ceifador / boticário, e ninguém duvidava da pureza de seus produtos. Algumas mulheres acreditavam que usar a pele bronzeada ao redor da barriga ajudava nas dores do parto. A pele humana também pode ser usada ao redor do pescoço para evitar bócio ou aumento da tireoide. A esposa de um carrasco usou gordura humana para tratar a mão quebrada de uma mulher no século XVIII. E na América colonial, o médico Edward Taylor - ele da abordagem perturbadoramente engenhosa do canibalismo médico - acreditava que a pele curava "Paixões histéricas".

O que podemos dizer? Isso realmente faz sua pele arrepiar. Você precisa de uma capa dura para ler isso. Graxa é a palavra certa? Ok, vamos parar agora.

Acima: Vasos farmacêuticos dos séculos XVII ou XVIII para gordura humana.

Esquerda: Ampolas de gordura humana.

Comida para o seu Noggin (ou vice-versa)

Considere o cérebro de um jovem que morreu uma morte violenta, junto com as membranas, artérias, veias e nervos. . . e esmague-os em um pilão de pedra até que se tornem uma espécie de

papa. Em seguida, coloque o máximo de espírito de vinho que possa cobri-lo. . . [então] digeri-o meio ano em esterco de cavalo.

Receita para "Essence of Man's Brains" de The Art of Distillation (1651), John French Esta receita - para uma garrafa de cérebro e vinho envelhecido em uma pilha de merda de cavalo quente em decomposição - é apenas uma das muitas tentativas de tratar a epilepsia usando cérebros e crânios. Muito da lógica por trás do canibalismo médico veio da teoria homeopática do "semelhante cura como", de modo que o cérebro e o crânio eram fundamentais para a cura de doenças que se pensava ter origem na própria cabeça. Muitos achavam que o crânio era particularmente importante; como descreveu o médico flamengo Jan Baptist van Helmont, após a morte “todo o cérebro é consumido e dissolvido no crânio” e “adquire tais virtudes”.

A receita do século XVII para o nariz sangrando: raspe um pouco de musgo de um crânio e enfie nas narinas.

Dos antigos gregos, que supostamente usavam pílulas de cérebros de mortos, a Cristão IV da Dinamarca, que supostamente se tratava com o crânio em pó, a batalha contra a epilepsia, também conhecida como "ataques", foi travada usando o próprio cérebro. Dado que os médicos (corretamente) presumiram que os sintomas epilépticos eram devidos a uma doença cerebral, a cura fazia sentido. Além do estado em pó, os crânios também eram raspados como raiz de gengibre ou, às vezes, usados como um recipiente para beber água. Se você bebesse vinho dos crânios adornados com joias e prata de São Teódulo ou São Sebastião, poderia curar seus ataques e febre.

Do século XVII ao XIX, os crânios eram freqüentemente encontrados pendurados à venda em farmácias na Inglaterra e em toda a Europa. E o macabro armário de remédios de um não estaria completo sem um pouco de musgo no crânio. Um musgo fofo e esverdeado que crescia em uma calota craniana exposta aos elementos por longos períodos de tempo, dizia-se que o musgo parava um sangramento nasal quando entupia suas narinas. O mesmo aconteceria com um lenço de papel amassado, mas de qualquer maneira.

O rei Carlos II da Inglaterra (ver Bloodletting, página 129), que se dedicou à química no século XVII, comprou uma receita específica de um químico chamado Jonathan Goddard. O elixir era conhecido como "espírito da caveira" e por anos como "gotas de Goddard", mas depois que Carlos II comprou a receita, ele ficou mais conhecido como "gotas do rei". Sua receita consistia em cozinhar pedaços de caveira em um recipiente de vidro. Depois de muito processamento, o líquido destilado resultante pode ser usado como uma panacéia, mas mais especificamente para gota, insuficiência cardíaca, inchaço e epilepsia. Uma triste senhora chamada Anne Dormer escreveu em 1686 que quando se sentia desanimada, inquieta e mansa, ela tomava “as gotas do rei e [bebia] chocolate”. Obrigado, mas preferimos o chocolate.

Nos anos 1700, as recomendações para o espírito do crânio humano abundavam para desmaios, ataques apopléticos e ataques nervosos. As gotas do rei foram usadas até a era vitoriana, quando desapareceram das farmacoepias. Afinal, a reputação do produto parecia inconvenientemente carecer de um ponto importante. Em seu leito de morte, Carlos II tomou suas próprias gotas de rei em um esforço para se curar e, bem, ele morreu.

Ai mamãe

Falando de mortos de muito, muito tempo atrás, um item encontrado na matéria médica européia por centenas de anos foi um ingrediente chamado mumia. Isso mesmo. Múmias. Se esse ingrediente realmente veio de

múmias egípcias reais, depende do item, do período de tempo e, em alguns casos, da etimologia. Vamos discutir.

Um dos primeiros ingredientes da medicina árabe era o piche mineral chamado mumiya, da palavra persa mu¯m, ou cera. É uma forma de petróleo preta pegajosa, às vezes semissólida, usada para cataplasmas e antídotos. Por volta do século XI, as pessoas começaram a identificar erroneamente outra suposta fonte desse piche mineral, uma substância escura encontrada na cabeça e nas cavidades do corpo de corpos embalsamados do antigo Egito. Chamado de múmia ou múmia, logo se tornou sinônimo de todo o cadáver embalsamado ou de qualquer produto dele proveniente.

Qual o gosto dos minerais do crânio de uma múmia? Uma farmacopéia de Londres em 1747 o descreveu como "acre e amargo". Obrigado Senhor. Porque se tivesse gosto de donut de creme de Boston, cabeças girariam.

A múmia das múmias estava em alta demanda em seu pico de popularidade na Europa dos séculos XV e XVI, em parte por ser entendida como “o remédio soberano” de acordo com Paracelso. O

médico e seus seguidores acreditavam que o espírito do corpo poderia ser destilado fisicamente em sua forma mais elevada e que essa “quintessência” poderia curar quase tudo. Bem, não realmente - não há base biológica para que funcione. Mas o canibalismo médico de Paracelso avançou de qualquer maneira e se tornou uma prática inteiramente aceitável, com a múmia em seu centro. Os médicos afirmam que ele pode curar úlceras, tumores, cuspir sangue, hematomas, gota, peste, envenenamento, micose e enxaquecas. Você deixou cair o telefone no banheiro? Talvez a múmia pudesse consertar isso também.

Jarra de boticário do século XVIII.

Cataplasmas com infusão de múmias eram usadas para curar picadas de cobra, feridas sifilíticas, dores de cabeça, icterícia, dores nas articulações e, mais uma vez, epilepsia. Em 1585, o cirurgião real francês Ambroise Paré exclamou que, quando se tratava de curar hematomas, a múmia era “o primeiro e último remédio de quase todos os nossos médicos”.

A demanda levou a um comércio animado e às vezes ilícito. Tumbas no Cairo foram invadidas e os cadáveres fervidos para recuperar a substância oleosa que flutuava no topo. Cabeças de múmias foram vendidas por ouro. Havia até um imposto de importação de múmias na Inglaterra. Centenas de libras de partes de múmias foram vendidas para boticários de Londres. Alguns pensaram que os ingredientes usados para embalsamar as múmias - pomadas, aloés, mirra, açafrão - aumentavam a mística e a riqueza da fonte.

Depois de muitos saques, as múmias tornaram-se raras. As falsificações começaram a aparecer na forma de outros corpos - mendigos, leprosos e vítimas da peste, seus cadáveres recolhidos e depois recheados com aloés, mirra e betume, depois cozidos ou secos em uma fornalha e mergulhados em piche. Os compradores não sabiam de nada, mas foram aconselhados a “escolher o que é de um preto brilhante, não cheio de ossos e sujeira, e com um cheiro bom”. A necessidade de múmias se expandiu para incluir aqueles viajantes infelizes que morreram no deserto africano devido a tempestades de areia mortais.

Chamados de “múmias árabes”, esses cadáveres foram naturalmente embalsamados pelo ambiente seco.

Felizmente, o comércio de múmias acabou no final do século XVIII. Uma vez que a lógica de Paracelso começou a falhar com os médicos modernos, os produtos de múmia desapareceram. O

conhecimento médico progrediu e as qualidades mágicas do corpo humano foram substituídas por verdades anatômicas racionais. A repulsa - e o fato de que múmia não funcionou - certamente teve um papel também.

Não coma o que você é

O “golpe do carrasco” terminou na Inglaterra em abril de 1845. Eles podiam não saber na época, mas aquelas poucas mulheres sortudas na execução foram as últimas a ter suas mulheres esfregadas por um cadáver (pelo menos legalmente). A cena foi descrita como "extraordinária e revoltante de se ver".

A ingestão de cadáveres, o cozimento de cérebros e a sucção de sangue são coisas impensáveis hoje. No entanto, é comum e bastante aceitável usar partes do corpo de outras pessoas para fins medicinais. A doação e o transplante de órgãos são milagres que se tornam realidade. As transfusões de sangue ocorrem diariamente. E estamos ficando cada vez menores em nosso foco ao usar o corpo de outras pessoas - células-tronco, medula óssea e doação de óvulos e esperma, por exemplo. Pegamos emprestado o útero de outras pessoas para a barriga de aluguel. E, no entanto, muitas pessoas se contorcem com a ideia de bancos de leite materno. Somos uma sociedade de contradições.

Ocasionalmente, artigos horríveis surgem sobre “pílulas fetais” contrabandeadas da China, com o objetivo de aumentar a resistência e curar qualquer tipo de doença. Ainda existem histórias de órgãos roubados para transplante no mercado negro. Felizmente, nos Estados Unidos, as leis estão do lado dos falecidos para honrar seus desejos sobre a doação de órgãos e não permitir que eles acabem misteriosamente no armário de remédios de alguém.

Mas não é de se admirar que os humanos tenham olhado para si mesmos - literalmente

- para curar tudo que deu errado. A busca desesperada para encontrar saúde às vezes traz o melhor - e o pior -

da humanidade.

# 21

## Medicamentos derivados de animais

Do Vendedor de Óleo de Cobra Original, Cérebros de Boi e Todos os Tipos de Testículos

Em toda a agitação da Exposição Colombiana de 1893 em Chicago, local onde a banda de John Philip Sousa tocava todas as noites, a primeira cozinha elétrica estava em exibição e o Pabst Blue Ribbon estreou, Clark Stanley precisava causar uma boa impressão.

Vestido com esmero em um estilo vistoso e pioneiro, Stanley subiu em um palco na frente da multidão e enfiou a mão em um saco a seus pés. Ele puxou uma cascavel, mostrando ao público seu corpo venenoso se contorcendo, então habilmente cortou a cobra com sua faca e a mergulhou em um tanque de água fervente atrás dele. Conforme a gordura da cobra subia à superfície, Stanley a retirou, misturou-a em potes de linimento previamente preparados e vendeu-a ao público como “Linimento de óleo de cobra de Clark Stanley”.

A multidão que compareceu à estreia de Stanley na feira foi provavelmente os únicos compradores de seu óleo de cobra - e haveria milhares nos anos seguintes - que realmente tinham partes de cobra em seu produto. O linimento de Stanley, como os investigadores federais descobririam 24 anos depois, normalmente continha muito menos cobra. Como em nenhum.

O inquérito oficial finalmente revelou o conteúdo: óleo mineral, gordura bovina, pimenta vermelha e terebintina. Embora fossem boas notícias para

as cascavéis, eram más para os muitos consumidores de Stanley, que haviam sido enganados pelo primeiro vendedor de óleo de cobra do mundo.

Em 1897, Stanley publicou uma autobiografia que fazia parte de sua própria mitologia, parte poesia de cowboy e parte anúncio promovendo seu próprio óleo de cobra. Em A vida e aventuras do caubói americano: a vida no faroeste, Stanley afirmou ter aprendido sobre os grandes e misteriosos poderes de cura do óleo de cobra da tribo Hopi.

Embora seja uma história de origem magistral para Stanley, o autodenominado “Rei Cascavel”, a verdade era mais complicada.

Durante a onda de imigração chinesa para o oeste americano em 1800, os americanos foram alternadamente repelidos e intrigados pelas práticas medicinais tradicionais chinesas. O óleo de cobra era um medicamento tópico popular e legítimo usado por trabalhadores chineses para aliviar a dor, reduzir a inflamação e tratar a artrite e a bursite. O óleo de cobra chinês, feito com a gordura das cobras d'água chinesas - rico em ácidos graxos ômega-3 - era na verdade um antiinflamatório eficaz.

Mas o problema com as cobras d'água chinesas é que todas vivem na China. Então, quando acabar o óleo de cobra que trouxe com você através do Oceano Pacífico, o que você fará a seguir?

Você procura uma cobra local. E se você estiver em qualquer lugar a oeste das Montanhas Rochosas, é provável que essa cobra local tenha um chocalho em sua cauda.

As cascavéis, infelizmente, contêm muito menos ácidos graxos benéficos, cerca de três vezes menos do que a cobra d'água chinesa média. Portanto, o óleo de cobra feito de cascavéis não foi tão eficaz.

O que foi ainda menos eficaz, entretanto, foi o Linimento de Óleo de Cobra de Stanley, porque não continha óleo de cobra. Não importa. O “Rei Cascavel” era um mestre em autopromoção (quando um repórter o visitou em Massachusetts, ele fez questão de ter seu escritório cheio de cobras, rastejando por toda a sala e até mesmo em seus braços), e ele foi feliz sobre seu negócios por duas décadas, fazendo uma fortuna arrumada. Ele até viu bons onze anos em operação depois que o Pure Food and Drug Act de 1906 começou a colocar muitos de seus colegas charlatães fora do mercado. Os federais não alcançaram Stanley até 1917, quando apreenderam uma remessa de seu linimento de óleo de cobra, analisaram o conteúdo e emitiram seu relatório condenatório.

Stanley foi acusado de uma multa colossal de US $ 20 por violar a Pure Food and Drug Act por "falsificar a marca" de seu produto.

Ele pagou a taxa, deu de ombros e saiu das páginas da história como um homem rico.

Insano na membrana, Insano no cérebro do boi

Stanley dificilmente foi o primeiro charlatão a alcançar o animal mais próximo, estripá-lo e anunciar seu conteúdo como uma panacéia. Nos últimos milênios, para fins médicos legítimos e ilegítimos, temos esmagado, testado, massacrado e torturado animais. Esse processo de uso de produtos de origem animal na medicina é chamado de “zooterapia”, mas não é uma viagem ao zoológico.

Ocasionalmente, a pesquisa com animais levou a descobertas significativas, até mesmo cruciais. A mosca da fruta desempenhou um papel crítico nos primeiros estudos de genética de Thomas Hunt Morgan, Ivan Pavlov demonstrou a relação entre a estimulação dos sentidos e as funções do corpo com seus cães, e Edward Jenner desenvolveu a primeira vacina contra a varíola de vacas (e prontamente cunhou o termo vacinação do Vacca latina para “vaca”). Também empregamos animais para auxiliar nossos próprios processos de cura: Sanguessugas, por exemplo (ver

Sanguessugas, página 211), foram por muitos anos consideradas uma arma importante no arsenal medicinal, os caracóis têm sido eficazes na cura de queimaduras, teias de aranha podem ser usado para curar feridas e, ainda hoje, larvas são usadas para limpar feridas.

Mas para cada vaca que ajudou a humanidade a evitar a varíola, alguns milhares morreram em nome do charlatanismo. Por exemplo, pegue esta receita para a loucura da era renascentista: Asse um pão, remova a parte interna e substitua por um cérebro de boi. Amarre este pão com cérebro de boi na cabeça do paciente. Insanidade curada.

Sim, aquele boi acabou de morrer para que uma pessoa com problemas mentais pudesse colocar o cérebro na cabeça dele.

O pouco de magia simpática em exibição aqui (isto é, colocar o cérebro calmo de um boi perto do cérebro doente de uma pessoa) conduziu muitos animais à morte prematura, ao mesmo tempo que não funcionou nos humanos que eles estavam tentando curar.

No entanto, temos mantido uma crença teimosa ao longo dos séculos no poder da magia simpática para superar nossas experiências médicas. Se o animal for forte, ele passará sua força para nós. Se o animal for sábio, ele passará sua sabedoria para nós.

E se o animal for viril, ele passará sua virilidade para nós. E qual é a parte mais viril de um animal viril?

Ora, os testículos, é claro.

A Tale of Two Testes

"Você deseja continuar como um pneu furado sexual?" perguntou anúncios na década de 1930. Se não, recorra ao “Doutor” John Romulus Brinkley, que ofereceu uma solução particularmente de cair o queixo para o antigo problema da impotência masculina. Brinkley - contra todo tipo de razão e lógica -

convenceu um número embaraçosamente grande de homens de que tudo de que precisavam para restaurar sua virilidade masculina era um novo par de testículos. Testículos de cabra, para ser exato.

Brinkley abriu o saco testicular do homem, implantou pedaços de testículos de cabra e costurou o paciente de volta. E assim os pneus furados sexuais foram bombeados de volta e Brinkley se tornou um multimilionário.

O charlatão americano estava seguindo os passos de Serge Voronoff, um médico russo nascido na França e no Egito no início do século XX. Voronoff se convenceu no início de sua carreira médica de que o processo de envelhecimento era acelerado pela diminuição da atividade hormonal. Se, em vez disso, você pudesse aumentar a produção de hormônios ou rejuvenescer as glândulas envelhecidas, talvez pudesse reverter o processo de envelhecimento.

Com a idade relativamente jovem de trinta e três anos, Voronoff, em uma demonstração valente de autoexperimentação, injetou-se com testículos triturados de cães castrados e porquinhos-da-índia para ver se isso deteria seu próprio processo de envelhecimento. Não foi o que aconteceu.

Apesar do completo insucesso, o experimento de alguma forma convenceu Voronoff de que o princípio era válido. Assim, no início de 1913, o médico recorreu à família dos macacos, transplantando os testículos de um babuíno para o escroto envelhecido de um homem de 74 anos.

Para ser justo, Voronoff não sobrecarregou o escroto do pobre homem com testículos de babuíno em tamanho real. Ciente de que tal cirurgia invariavelmente levaria o corpo humano a rejeitar o material estranho, o médico propôs uma estratégia mais contida. Ele transplantou “slithers” de testículos de babuíno que mediam dois centímetros por meio centímetro. Os slithers finos poderiam assim ser absorvidos pelo tecido humano, ele raciocinou, e o processo de rejuvenescimento poderia começar. A parte da absorção é verdadeira, o processo de rejuvenescimento. . . menos. O tecido morreu e os resultados médicos eram inexistentes. O efeito placebo, entretanto, foi poderoso.

Voronoff classificou a operação como um sucesso, e cerca de setecentos médicos presentes no Congresso Internacional de Cirurgiões de Londres em 1923 "ooh" e "ahhed" quando Voronoff apresentou suas novas técnicas cirúrgicas, adicionando um ar surpreendente de legitimidade temporária às afirmações totalmente malucas de Voronoff. O cirurgião professou que o transplante bem-sucedido levou a um aumento no desejo sexual (aquele problema perene do envelhecimento masculino que tem sido explorado por charlatães durante séculos), bem como aumento de energia, melhor visão e vida mais longa.

Enquanto isso, os loucos anos 20 estavam acontecendo e o clima global entre os ricos era de otimismo desenfreado e uma disposição alegre para experimentar novas ideias. Era exatamente o

momento e o lugar certos para a cirurgia da glândula de macaco encontrar um ponto de apoio cultural. Ou melhor, se alguma vez houve o momento e o lugar certos para o transplante de testículo de macaco, foi na década de 1920. Os transplantes de glândulas de macaco se tornaram a moda entre os ricos e Voronoff se tornou um cirurgião-celebridade fabulosamente rico, ocupando todo o primeiro andar de um hotel caro em Paris, atendido por uma legião de criados e secretárias.

Um cirurgião notou que “jantares da moda e confabulações de biscoitos, bem como reuniões tranquilas da elite médica, fervilhavam com o sussurro

- 'glândulas de macaco'. Voronoff realizou sua cirurgia de $ 5.000 em algo entre quinhentos e mil homens na década seguinte, mais comumente em uma clínica especial que ele havia estabelecido em Argel. (Os testículos de macaco, a propósito, foram colhidos de animais mantidos na "fazenda de macacos" especial de Voronoff no rio italiano.) Várias pessoas notáveis realizaram a cirurgia, incluindo Harold Fowler McCormick, presidente da International Harvester Company, que esperava que o procedimento iria ajudá-lo a acompanhar sua nova esposa, muito mais jovem, a cantora de ópera polonesa Ganna Walska. Outro famoso participante cirúrgico foi Frank Klaus, um campeão de boxe peso médio que estava lutando uma batalha perdida contra o início da meia-idade.

Voronoff exaltando um chimpanzé.

Apesar de sua popularidade, à medida que a década de 1920 avançava, tornou-se cada vez mais óbvio que a cirurgia da glândula de macaco como um “realce” masculino era um fracasso total.

Voronoff mergulhou na obscuridade e quando morreu em 1951, poucos jornais publicaram seu obituário.

Sofremos terrivelmente com a memória de curto prazo, no entanto, e foi apenas poucos anos após a queda da glândula do macaco que um novo charlatão estava anunciando as habilidades de rejuvenescimento do testículo de outra criatura inteiramente: a cabra.

E agora voltamos a John Romulus Brinkley. Em vez de se matricular em uma faculdade de medicina sancionada pela American Medical Association, Brinkley optou por uma rota mais barata e charmosa - a Eclectic Medical University em Kansas City. Brinkley estava procurando fama e dinheiro, e a resposta veio com um balido retumbante.

As nozes de cabra Randy, quando transplantadas para o escroto dos homens, certamente restaurariam a virilidade e a juventude masculinas. É

claro que não - o tecido transplantado foi rejeitado pelo corpo, mas os resultados do efeito placebo foram mais uma vez surpreendentemente potentes.

E quanto aos pacientes que foram permanentemente feridos por um cirurgião que na verdade não possuía uma licença médica? Bem, essa parte da história foi convenientemente varrida para debaixo do tapete.

Brinkley levou seu show de cabras na estrada, em turnê nacional e internacional na década de 1930. Suas reivindicações foram chamadas de “podridão” por um ex-presidente da AMA. Quando questionado no tribunal como ele sabia que suas cirurgias funcionavam, Brinkley respondeu: "Não posso explicar ... Não sei." (Nunca diga que você quer ouvir de alguém que você está pagando para cortar seu escroto.)

Apesar de sua ambição ininterrupta (ele esteve perto de ganhar uma licitação para governador do Kansas e abriu uma estação de rádio de grande sucesso na fronteira com o México), Brinkley faliu em 1942 após uma enxurrada de ações judiciais.

"Enfermeira, me dê os testículos de cabra." A cirurgia de Brinkley em ação.

Testículos de castor e âmbar cinzento

Poucos itens eram mais cobiçados pelos dispensários médicos medievais do que testículos de castor e âmbar cinza. Tanto os castores quanto as fêmeas excretam um líquido amarelo chamado

“castóreo” de seus sacos de mamona, um tipo de glândula odorífera. Para os castores, o castóreo é útil para demarcar seu território. Para os humanos, bem, estamos convencidos de que o castóreo é útil para praticamente todas as condições médicas em algum momento da história. Também estávamos convencidos de que o castóreo foi encontrado dentro dos testículos do

castor. (Dica interessante: não é.) Estávamos tão envolvidos com a colheita de testículos de castores que uma lenda medieval popular dizia que os castores, cansados de serem caçados, apenas mastigavam seus testículos ao ver os humanos e jogavam as partes do corpo recém-libertadas diretamente em seus opressores. Embora o conto popular dê aos castores um grau invejável de malícia, também é totalmente falso.

O âmbar cinzento, uma substância excretada dos intestinos do cachalote, foi, como o castóreo, explorado tanto por fabricantes de perfume quanto por médicos. A rara substância, aproximadamente semelhante em valor por peso ao ouro, era considerada uma panacéia medieval eficaz, curando dores de cabeça, resfriados, doenças cardíacas e epilepsia, para começar. Você pode até carregar uma bola de âmbar cinza para prevenir a praga (se tiver dinheiro para comprar uma).

Um castor se preparando para jogar suas nozes em você.

Glândulas de macaco

As cirurgias da glândula do macaco também deixaram uma marca cultural profunda na década de 1920, levando a um romance satírico (Coração de Cachorro de Mikhail Bulgakov), um famoso coquetel e uma canção dos Irmãos Marx no filme Os Cocoanuts: Deixe-me levá-lo pela mão Para a banda da selva Se você está muito velho para dançar Arranja uma glândula de macaco.

A receita do coquetel da glândula do macaco

Criado pelo famoso mixologista Harry MacElhone, uma glândula de macaco padrão contém o seguinte:

1½ onças de gim • 1 ¼ onças de suco de laranja • 1 colher de chá de granadina • 1

colher de chá de absinto

Agite, coe e sirva.

A civilidade relativa da era moderna

Conforme a medicina ocidental se desenvolveu no início da era moderna, passamos a depender cada vez menos do abate de animais para curas elaboradas, em vez de nos contentarmos em simplesmente trancar os animais em gaiolas e usá-los para experimentação médica. Era muito mais

“civilizado” dessa forma.

Mas não eliminamos completamente os animais de nossas drogas. Na verdade, o vegano dedicado freqüentemente se encontra em um dilema. Para que não nos sintamos muito superiores aos nossos ancestrais, aqui estão algumas curas do século XXI reproduzidas no estilo medieval:

Diabetes Extraia as secreções pancreáticas de um porco recém-morto e injete em uma veia do braço. (insulina)

Olhos secos Extraia o óleo das glândulas da pele de uma ovelha e aplique nos olhos.

(lanolina)

Doença geral Pó uma variedade de ingredientes médicos. Ferva os ossos, ligamentos e tendões de uma vaca ou porco e crie uma cápsula da mistura

resultante. Encha a cápsula com ingredientes médicos, incentive o paciente a engolir. (gelatina)

Ondas de calor pós-menopausa Beba a urina de uma égua fecundada. (Premarin) Impedir a coagulação do sangue Extraia o muco das membranas intestinais de porcos abatidos ou dos pulmões de vacas abatidas. Injetar. (heparina) Então, realmente, não somos tão diferentes de nossos ancestrais, e algumas de nossas curas modernas derivadas de animais podem muito bem se tornar um alvo para livros de charlatanismo no futuro. Nossos antepassados medievais estavam no caminho certo com as teias de aranha e o limo do caracol.

Mas ligar cérebros de bois às cabeças dos doentes mentais? Não muito. No futuro, podemos sentir o mesmo sobre a gravidez de éguas para colher sua urina.

# 22

## Sexo

De orgias gregas, prescrições de massagem pélvica, dilatadores retais, a caixa de orgone e palmadas no seu caminho para a fertilidade

Lembra da música “Sexual Healing” de Marvin Gaye? Bem, o Sr. Gaye estava articulando em seu jeito tão irresistível um sentimento antigo de que o sexo poderia ser terapêutico. Não apenas procriar ou expressar amor ou passar o tempo em uma entediante tarde de domingo, mas curar o corpo de maneira genuína. Embora tenha sido necessário um gênio musical para espalhar essa mensagem bacana para as massas, a ideia na verdade remonta a vários milênios.

Para tudo, desde histeria a hemorróidas, a atividade sexual tem sido prescrita há milhares de anos como cura. Em doses aproximadamente iguais, no entanto, a abstinência também foi prescrita como uma cura. . . frequentemente para as mesmas doenças. Raramente sabemos do que estávamos falando. Sempre foi difícil para nós extrair nossas políticas e preconceitos de nossos diagnósticos sexuais.

Mas estamos melhorando. Lentamente.

O apogeu da intrusão médica no quarto foi no século XIX, quando os vitorianos, em uma impressionante demonstração de hipocrisia psicológica, simultaneamente encorajaram a masturbação feminina (por meio de médicos) enquanto condenavam a masturbação masculina. Nossa relação médica sempre complexa com nosso ato mais íntimo, entretanto, remonta ainda mais às encostas das montanhas da Grécia antiga.

## Uma orgia com os 300

Melampus era um curandeiro estrela do rock que aparece de vez em quando na mitologia grega antiga. Um dia, Melampus foi chamado pelo governante de Argos. A cidade estava em meio a um pequeno problema: todas as suas virgens, após se recusarem a honrar o falo em um ritual religioso, enlouqueceram e fugiram para as montanhas. Melampus disse: “Não se preocupe”, e então rastreou as matilhas de virgens errantes nas encostas, subjugando o lote com heléboro e encorajando-as a fazer sexo com os jovens fortes da Grécia. (Lembra-se do bro-fest de um filme que foi The 300? Sim, Melampus estava basicamente dizendo que você se sentiria muito melhor se fizer sexo com caras que se parecem com isso.) De acordo com a história, o sábio conselho de Melampus foi atendido e realmente funcionou. As mulheres descobriram que sua loucura se dissipou depois de transar com alguns guerreiros gregos atraentes. Eles voltaram das montanhas e retomaram sua vida diária em Argos.

Então, o que essa história realmente nos diz? É uma das primeiras ocorrências registradas da civilização ocidental que se deparou com o antigo problema (criado por homens) da "histeria feminina". A cura das virgens por Melampus foi realmente uma história de origem para a loucura feminina decorrente da falta de sexo. Não foi por acaso, aliás, que Melampus passou a apresentar a adoração a Dionísio, deus da fertilidade, para o resto da Grécia. Sentindo-se ansioso, nervoso, deprimido ou de alguma forma insatisfeito? Pare em uma orgia de bêbados no sábado à noite e você se sentirá muito melhor.

Hipócrates escreveu extensivamente sobre a histeria, um termo cunhado posteriormente no século XIX. Basicamente, colocando todos os problemas de saúde feminina sobre os ombros de um “útero errante”, ele declarou que as mulheres podiam curar uma série de doenças por meio do sexo. O útero, satisfeito com a atividade sexual, parava de vagar e adoecer as mulheres. Pontos de bônus se você engravidar. Mas você tinha que se casar. Virgens,

viúvas e mulheres solteiras estavam sozinhas. Ei, você não pode curar todo mundo.

Hipócrates também achava que fazer sexo alargaria o canal do parto da mulher, levando a um corpo mais limpo e saudável. Ele estava no caminho certo. Pesquisas recentes sugerem que mulheres com canais de parto mais largos, seja por design ou como subproduto do parto, geralmente apresentam cólicas menstruais menos dolorosas.

Em geral, Hipócrates defendia que as mulheres se casassem e desfrutassem de uma vida sexual ativa para se manterem saudáveis. Por outro lado, muitos médicos - principalmente o grego Sorano e o romano Galeno - defendiam a abstinência para a saúde das mulheres. Claro, esses eram médicos do sexo masculino.

Levaria mais mil anos antes que as mulheres pudessem tirar suas próprias conclusões sobre sua saúde sexual (muito menos praticar a medicina de fato), mas finalmente na Itália do século XI encontramos Trota de Salerno, a primeira médica da Europa medieval . Trota também foi o primeiro escritor a apontar que as doenças sexuais talvez fossem um pouco íntimas para as pacientes do sexo feminino discutirem com seus médicos, em sua maioria homens. Ela via a abstinência como causa de doença e aconselhava uma vida sexual ativa dentro dos limites do casamento. Ela também recomendou óleo de almíscar e hortelã para aplacar o desejo sexual, se necessário. Óleo de almíscar e menta não é sua praia? Não se preocupe. Talvez os vitorianos possam oferecer algo que seja mais seu estilo.

Bata no seu caminho para a fertilidade

Segundo Virgílio, durante a festa romana de Lupercalia, basicamente uma orgia pública, homens nus vagavam pelas ruas espancando qualquer mulher que encontrassem. Os romanos também acreditavam que espancar uma nova noiva - com o acompanhamento de pratos, nada menos - era uma

maneira infalível de garantir sua fertilidade. Essa crença chegou até mesmo a uma peça de Shakespeare.

Em Júlio César, que começa em meio a um festival de Lupercalia, o próprio César instrui Marco Antônio a

"tocar" (leia-se: bater) em sua esposa Calpúrnia para que ela conceba: Não te esqueças, na tua velocidade, Antonius, de tocar em Calpurnia; pois os mais velhos dizem: Os estéreis, tocados nesta sagrada perseguição, sacudam sua maldição estéril.

Homem espancando mulher na esperança de produzir um herdeiro.

Os vitorianos para o resgate!

A noção de histeria feminina provavelmente atingiu seu apogeu cultural na era vitoriana, quando as mulheres foram repetidamente diagnosticadas com a condição de uma ampla gama de sintomas genéricos, incluindo fadiga, ansiedade e depressão leve. A epidemia atingiu níveis tão épicos durante a segunda metade do século XIX que o Dr. Russel Trall, um hidroterapeuta, fez a ousada declaração de que 75% das mulheres nos Estados Unidos sofriam de histeria. A cura? Uma "massagem pélvica" de vigor suficiente para, eventualmente, induzir um "paroxismo histérico". Os vitorianos eram mestres no pseudônimo. Na verdade, de acordo com alguns historiadores, as mulheres receberam prescrições de massagens genitais - conduzidas por seus médicos (!) - para induzir o orgasmo.

Agora, você pensaria que isso pode ser parte de algum tipo de ilusão em massa em grande escala com um sonho molhado freudiano de conotações sexuais. Mas aqui está o chute: os médicos não achavam que havia nada de sexual em suas "massagens pélvicas". Na verdade, eles estavam meio irritados por ter que fazer tudo isso. Os médicos reclamaram que a técnica correta era muito difícil de aprender e demorada para inicializar. Alguns

médicos exaustos relataram que uma massagem pélvica levou cerca de uma hora para ser realizada com sucesso e levou a casos de "dor no pulso".

Orgasmo! A chave para a saúde.

Para que não tenhamos pena de nossos pobres médicos vitorianos, massageando laboriosamente os órgãos genitais de suas pacientes, uma importante invenção estava para vir em seu socorro: o vibrador eletromecânico.

Este dispositivo não era brincadeira. Pesando dezoito quilos, era alimentado por uma bateria de célula úmida e vinha com uma variedade de pequenos complementos chamados "vibrátodos".

Inventados pelo Dr. Joseph Mortimer Granville no final do século XIX, os vibradores fizeram sucesso com os médicos porque reduziram o tempo necessário para obter um orgasmo de uma hora para cerca de cinco minutos.

“Ora, eu digo, doutor, tudo isso parece um pouco. . . frente."

Mal sabiam os médicos, porém, que estavam se retirando de cena. Assim que os vibradores se tornaram remotamente portáteis, uma florescente indústria de cozinha na fabricação e venda de vibradores domésticos surgiu em um mercado fértil. Em breve, a mulher moderna do início do século XX

poderia encomendar um vibrador pessoal por alguns dólares do catálogo da Sears. Certamente era melhor do que pagar seu médico para liberá-la, e não demorou muito para que os médicos parassem de oferecer massagens pélvicas.

“Ora, eu digo, doutor, tudo isso parece um pouco. . . frente."

O vibrador tornou-se extremamente popular, tornando-se o quinto aparelho elétrico introduzido na casa moderna. Deixe isso cair por um minuto. A eletricidade chega e logo, para acompanhar os Joneses, você precisa de uma chaleira, uma máquina de costura, um ventilador, uma torradeira e. . . um vibrador.

Os anúncios, veiculados em todas as principais revistas femininas, bem como nos catálogos de suprimentos em geral, como a Sears, continham a maravilhosa hipérbole da época: "O segredo dos tempos foi descoberto na vibração. Grandes cientistas nos dizem que devemos não apenas nossa saúde, mas também nossa força vital, a essa força maravilhosa. A vibração promove vida e vigor, força e beleza. . .

Vibrar seu corpo e torná-lo bem. VOCÊ não tem o direito de estar doente. "

Vibrador de Granville (à esquerda) com bateria. Ligue-a a esta engenhoca e veja o que acontece a seguir.

O conceito de histeria feminina como uma doença diagnosticável desapareceu à medida que o século XX avançava. Sempre uma espécie de diagnóstico abrangente, à medida que as técnicas psicanalíticas melhoravam, os diagnósticos de histeria declinavam. Em seu lugar, surgiram diagnósticos de depressão e ansiedade, bem como casos de epilepsia, esquizofrenia, transtorno de personalidade e transtorno de conversão.

O estratagema dos vibradores como dispositivos estritamente médicos foi arruinado pelos primeiros filmes pornôs da década de 1920, apresentando aos telespectadores. . . usos não médicos deles. A ideia de que os vibradores eram apenas dispositivos médicos tão simples havia se esgotado. O

gabarito estava pronto. Os vibradores se moveram firmemente para o lado dos brinquedos sexuais da equação.

Outros brinquedos sexuais no armário de remédios

Claro, vibradores não eram os únicos brinquedos sexuais no mercado. Na década de 1890, começaram a surgir anúncios em revistas médicas dos Dilatadores Retais Ideais do Dr. Young. Feitos de borracha e vendidos em conjuntos de quatro que aumentaram de tamanho de meia polegada de diâmetro para quatro polegadas, os dilatadores eram, bem, plugues anal vitorianos vendidos sob o pretexto de auxiliares de saúde. Os anúncios afirmavam que os dilatadores retais eram particularmente úteis para casos de constipação crônica e hemorróidas, proclamando: "Se você prescrever um conjunto desses dilatadores em alguns de seus casos obstinados de constipação crônica, os achará necessários em todos os casos deste tipo."

Custando US $ 2,50 “para a profissão”.

Os dilatadores retais vêm em um conjunto de tamanhos variados, então você pode ampliar lentamente o seu, er. . . benefícios para a saúde.

Os dilatadores retais ideais do Dr. Young foram vendidos do final do século XIX até a década de 1940, quando o procurador-geral do Distrito Sul de Nova York apreendeu uma remessa dos dispositivos por terem sido rotulados de maneira enganosa. Não mais satisfeita em simplesmente anunciar os dilatadores retais como remédios para constipação, a empresa manufatureira continuou, da maneira usual dos charlatães, a adicionar uma série aparentemente interminável de alegações médicas às suas embalagens. A empresa ainda prometeu curar, de todas as coisas, mau hálito e gosto ruim na boca. As instruções também declararam ousadamente “Não negligencie o uso de seus dilatadores. . . você não precisa ter medo de usá-los demais. ”

O FDA discordou, argumentando que as alegações de que os dilatadores curariam permanentemente a constipação e as hemorróidas não eram precisas. Na verdade, um dilatador é a última coisa que você quer mexer durante um ataque de hemorróida. O FDA também declarou que eles eram perigosos para a saúde se usados com muita frequência ou por muito tempo.

A remessa foi destruída e os Dilatadores Retais Ideais do Dr. Young interromperam a produção. Não se preocupe, você ainda pode encontrar reproduções na Internet.

The Orgone Box

Não muito depois da queda dos dilatadores retais, um psicólogo com uma filosofia fascinante sobre a energia sexual surgiu para influenciar a cultura ocidental. Dr. Wilhelm Reich, um membro da segunda onda de psicanalistas pós-Freud, desenvolveu uma teoria complexa sobre uma força vital universal que ele chamou de "orgônio", a mesma força vital universal que os acupunturistas podem se referir como "qi", ou simplesmente "O Force ”para os entusiastas de Star Wars. Reich argumentou que o orgone estava presente em toda a matéria viva e que muitas doenças eram o resultado do fluxo de orgone sendo restrito ou não disponível em quantidades suficientes.

A melhor maneira de construir e compartilhar energia orgone? Sexo. Como tal, Reich defendeu fortemente a liberação sexual, vinculando-a também a filosofias complexas sobre a revolução da classe trabalhadora. Ele via a libido como uma força essencial de afirmação da vida, constantemente reprimida pelo Estado.

Reich não foi exatamente um sucesso entre os conservadores.

Ele foi um sucesso, no entanto, com o movimento contracultural emergente na América pós-Segunda Guerra Mundial. The Beat Generation abraçou suas idéias e, particularmente, sua caixa. Sua caixa de orgone. O Instituto Orgone de Reich construiu e vendeu (apenas para doação) "caixas de orgone", também conhecidas como "acumuladores de energia orgone". Eles eram basicamente grandes caixas vazias nas quais você ficava de pé ou sentado por horas a fio. Eles foram construídos com camadas alternadas de materiais orgânicos e não orgânicos dentro das paredes, o que, dizem,

aumentava o acúmulo de energia orgone na caixa. Está se sentindo um pouco deprimido? Com pouca energia? Você poderia simplesmente ficar sentado dentro de sua caixa de orgônio por algumas horas, acumular suas reservas de orgônio e se sentir muito melhor novamente. Aparentemente, eles também eram uma ótima maneira de acumular energia sexual (ou seja, aumentar os níveis de orgone), aumentando sua libido sentando-se por um longo tempo e tendo seus orgones refletidos de volta para você. Bem, ei, depois de ficar sentado em uma caixa por quatro horas, o sexo sem dúvida foi incrível.

Agora, sente-se nesta caixa até sentir-se excitado.

Considerando que estamos literalmente falando sobre uma caixa vazia para sentar, as caixas de orgone foram surpreendentemente populares por um breve período de tempo. Albert Einstein até foi atraído para experimentar um, mas ele rapidamente perdeu a paciência com a caixa - e com as teorias de Reich em geral - depois de um breve período dentro. William S. Burroughs, o autor de Naked Lunch, no entanto, foi um convertido obstinado. Ele construiu sua própria caixa de orgone (tecnicamente contra as regras, mas Burroughs não era exatamente um seguidor de regras) e passava horas dentro de casa como forma de reduzir os sintomas da "doença da droga" (ou seja, abstinência de heroína). Para esse propósito, as caixas de orgone podem realmente ter funcionado muito bem.

Burroughs até apresentou o cantor do Nirvana Kurt Cobain a uma caixa de orgone, e uma foto flutua na Internet até hoje, com Cobain acenando e sorrindo por dentro. O cantor comentou em 1993 que ele precisava que Burroughs matasse todas as aranhas da caixa, antes de entrar.

Por fim, as alegações de saúde de Reich para suas caixas de orgone atraíram a atenção

- e a ira - do FDA, que obteve uma liminar federal proibindo a distribuição de materiais orgone. Reich também foi jogado na prisão por continuar a distribuir suas pesquisas e produtos entre estados, e grande parte de sua pesquisa com orgônio foi destruída. Se você quiser se sentar em uma caixa de orgone hoje, talvez precise fazer uma você mesmo. (Não se preocupe, há instruções na Internet.) Caixas de orgônio vintage da época do Reich Wilhelm são escassas, embora você ainda possa encontrar uma no Reich Museum em Rangeley, Maine, se uma viagem à Nova Inglaterra estiver em seu futuro .

## John Harvey Kellogg: Pró-Cereal, Anti-Masturbação

John Harvey Kellogg foi um médico que fundou um sanatório em Battle Creek, Michigan, promovendo seu estilo de vida saudável. Nome soa familiar? É porque ele, junto com seu irmão Will, inventou os flocos de milho de Kellogg (originalmente chamado de Granula). As ideias de Kellogg para alimentação saudável e manutenção do peso faziam algum sentido - muito exercício, sem calorias excessivas, vegetarianismo e abstinência de álcool e tabaco. Outra coisa que Kellogg pensou veementemente que você deveria se abster? Masturbação. Ele odiava e pensava que era a coisa mais prejudicial que você poderia fazer por seu corpo, mente e alma. Em seu livro de 1877, Plain Facts for Old and Young, Kellogg discute em detalhes os males do que ele chamou de "auto-abuso" e "falta de castidade".

A dieta era, previsivelmente, do criador do Corn Flakes, uma das principais formas de curar os hábitos masturbatórios. Ele escreveu: “Um homem que vive de carne de porco, pão de farinha fina, tortas e bolos ricos e condimentos, bebe chá e café e usa tabaco, tanto pode tentar voar quanto ser casto em seus pensamentos”. Além disso, nunca coma demais. “A gula é fatal para a castidade”, escreveu ele, também considerando todas as especiarias e picles como nocivos. Aparentemente, um mundo sem picles é o mais assexuadamente estimulante que você pode imaginar.

O predecessor de Kellogg, Sylvester Graham, afirmou que o pão branco era desprovido de nutrientes e recomendou um produto de farinha sem aditivos. O pão logo foi transformado em biscoitos em 1829, comido em grandes quantidades por “Grahamites” que praticavam a Dieta de Graham -

vegetariana, com muito trigo integral e alimentos ricos em fibras. Ah, e sem álcool. Os biscoitos também faziam parte de um plano para combater o desejo de se masturbar. Aqueles biscoitos Graham originais eram um pouco diferentes daqueles carregados de açúcar que comemos em fogueiras, junto com marshmallows torrados e chocolate. Se Graham e Kellogg pudessem comer nossos s'mores, com base naquele biscoito casto original, provavelmente teriam um orgasmo mortal.

Sexo é bom para você

Mesmo que você não consiga encontrar uma caixa de orgônio, os médicos demonstraram que você pode desfrutar de benefícios médicos significativos com uma vida sexual saudável.

E você não precisa se sentar em uma caixa por algumas horas para construir seus níveis de orgônio primeiro.

O sexo regular pode melhorar seu sistema imunológico, diminuir sua pressão arterial, melhorar seu sono e diminuir seus níveis de estresse.

Então, pegue seu parceiro, exploda um pouco de Marvin Gaye e vá em frente.

# 23

## Jejum

De Santos em jejum, Morro da fome, o "enigma do Brooklyn", o sabor delicioso do ar e o passado mortal de uma purificação popular

O ano de 1908 foi importante na vida da “especialista em jejum” Linda Hazzard. Foi o ano em que ela escreveu seu primeiro livro, Jejum para a Cura da Doença, que argumentava que o jejum era uma panacéia para praticamente todas as doenças. Foi também o primeiro ano em que uma paciente morreu sob sua supervisão.

Linda Hazzard indo para o lugar a que pertencia.

Hazzard afirmou que as toxinas eram a raiz de todas as doenças e precisavam ser eliminadas por meio do jejum. Seu sanatório em Olalla, Washington, foi rapidamente apelidado de

"Starvation Heights" pelos habitantes locais, já que corriam boatos de enemas que duravam horas, massagens massageadoras e dietas que incluíam nada além de pequenas quantidades de tomate, aspargos e suco de laranja por dias a fio . Embora possa soar como a última tendência de jejum de celebridades inspirada na Goop, foi na verdade uma estratégia de dieta terrível e cruel, e muitas pessoas morreram por causa disso.

Portanto, não tenha ideias.

A primeira paciente a morrer sob seus cuidados foi a imigrante norueguesa Daisey Haglund, que faleceu de complicações relacionadas à fome aos trinta e oito anos. (Nota secundária de curiosidades históricas: o filho de Daisey, Ivar Haglund, que também tinha ocasionalmente sido submetido a

tratamentos de Hazzard, acabou fundando os restaurantes Ivar's Seafood, uma rede de Seattle que ainda funciona hoje. Então, peça uma grande refeição na próxima vez que estiver no Ivar's em celebração de não morrer de fome.)

Infelizmente, levaria mais quatro anos e a morte de uma rica mulher britânica chamada Claire Williamson antes que a lei finalmente pegasse Hazzard. O peso de Williamson no momento de sua morte?

Cinquenta libras.

Como uma mulher adulta.

A irmã de Claire, Dora, ainda estava aos cuidados de Hazzard no momento de sua morte. Ela também havia caído para quase 25 quilos, um peso tão baixo que sentar era doloroso para ela.

Após a morte de sua irmã, Dora conseguiu contrabandear um telegrama pedindo ajuda para sua família. O

jovem Williamson foi resgatado do sanatório e Hazzard foi acusado de homicídio culposo.

Dora Williamson, cujo peso havia caído para quase vinte quilos.

No julgamento subsequente, ficou claro que Hazzard havia forjado o testamento de Claire Williamson, ao mesmo tempo que se ajudava com aproximadamente $ 6.000 em joias de ambas as irmãs. Não foi um incidente isolado: pelo menos quatorze outros pacientes morreram sob os cuidados de Hazzard, mas não antes que ela os tivesse convencido, em seus estados mentais e físicos enfraquecidos, a entregar suas posses terrenas a ela, ou simplesmente forjar seus testamentos ela mesma .

Hazzard foi condenado, sentenciado a dois a vinte anos de prisão e solto em liberdade condicional dois anos depois. Para piorar a situação, ela conseguiu obter o perdão do governador de Washington. Embora tenha sido proibida de praticar medicina novamente, ela abriu uma “escola de saúde”

em Olalla, onde continuou a adotar o evangelho do jejum até 1938, quando morreu de fome enquanto tentava uma cura por jejum. Pelo menos ela praticou o que pregou.

O curioso caso do enigma do Brooklyn

Mollie Fancher, também conhecida como “o enigma do Brooklyn”, foi diagnosticada com dispepsia em 1864 quando tinha dezesseis anos e poucos meses antes de se formar no Seminário de Brooklyn Heights. Os sintomas de dispepsia de Fancher, além de desmaios frequentes e fraqueza no peito, forçaram-na a abandonar a escola.

As coisas só pioraram a partir daí. Mais tarde naquele ano, Mollie foi jogada de um cavalo, ficou inconsciente e quebrou várias costelas. Pouco mais de um ano depois, seu vestido ficou preso no gancho de uma carruagem, arrastando-a por um quarteirão inteiro e mais uma vez deixando-a inconsciente e quebrando várias costelas.

Mollie nunca se recuperou realmente. Ela foi colocada na cama para se curar; seu noivado acabou; e ela começou a manifestar uma série de sintomas bizarros, eventualmente perdendo a maioria de seus sentidos, incluindo visão, tato, paladar e olfato. Por causa da doença ou na tentativa de se recuperar, Mollie também parou de comer. Ela teria passado dezesseis anos inteiros sem consumir qualquer alimento. Os observadores afirmaram que seu estômago "entrou em colapso, de modo que, ao colocar a mão na cavidade, sua coluna vertebral poderia ser sentida".

Enquanto estava deitada em uma posição supina com o braço puxado sobre a cabeça, as pernas torcidas sob ela e os olhos fechados, Mollie também afirmou ser capaz de ler mentes, ler escritos a uma grande distância e fazer profecias. Em um país enfeitiçado pelo movimento espiritualista, ela foi uma sensação da noite para o dia. Entre 1866 e 1875, histórias repetidamente surgiram na imprensa sobre as maravilhosas habilidades espirituais do Brooklyn Enigma, e o caso de Mollie Fancher foi muito debatido nos círculos médicos e sociais.

Em algum momento do final da década de 1880 ou início da de 1890, Mollie aparentemente começou a comer comida novamente e, por sua vez, seus estranhos sintomas começaram a desaparecer. (Reverter a fome é realmente uma cura maravilhosa.) Mollie viveu, sem mais incidentes, até 1916.

O Milagre da Desnutrição: Jejum Através dos Séculos

Hazzard havia levado a um extremo perigoso uma prática médica que, com alguma legitimidade, remontava a séculos.

Na Grécia antiga, Pitágoras argumentava que o jejum periódico era bom para o corpo.

Na era da Renascença, Paracelso se referia ao jejum como "o médico interior". E a velha máxima de

“alimente um resfriado, mate a febre de fome” foi atribuída a um dicionário de 1574 do lexicógrafo inglês John Withals, que escreveu: “O jejum é um grande remédio para a febre”.

Com moderação, Paracelso estava certo: o jejum pode ser bom para o corpo. Os líderes religiosos ao longo da história também reconheceram que pode ser bom para a alma. O jejum como uma prática espiritual surgiu independentemente em todo o mundo como um meio de preparação para rituais religiosos ou para convidar a sonhos e visões extáticas. Procurando

por uma revelação divina? O jejum era visto em várias culturas como uma boa maneira de fazer você chegar lá.

Uma das primeiras pessoas registradas a combinar o jejum para a iluminação espiritual com o jejum para tratamento médico foi Santa Lidwina. Na época de Lidwina, no final do século XIV, a patinação no gelo ainda era o principal método de viagem ao longo dos canais congelados da Holanda durante o inverno. Quando ela tinha quinze anos, Lidwina teve um derrame feio enquanto andava de patins.

Um derramamento muito ruim. Tão ruim, na verdade, que ela nunca se recuperou completamente, tornando-se cada vez mais incapacitada. (Hoje, geralmente se pensa que Lidwina foi um dos primeiros casos de esclerose múltipla.)

Acidente de patinação no gelo de Santa Lidwina.

No que começou como uma tentativa de curar e rapidamente se tornou misturado com conotações religiosas, Lidwina começou um jejum pesado, descendo das maçãs às tâmaras, ao vinho aguado, à água do rio contaminada com sal do mar, para eventualmente respirar sozinha . Sua reputação cresceu como uma curandeira e mulher sagrada, e as autoridades holandesas colocaram guardas ao seu redor para verificar suas alegações de não comer absolutamente nada. Eles concordaram que ela não estava comendo (e talvez até a estupraram enquanto estavam lá, de acordo com alguns relatos). Conforme a doença de Lidwina progredia, ela aparentemente deixou cair várias partes do corpo, que foram rapidamente recolhidas e usadas como ídolos religiosos.

Incluindo seus intestinos.

O jejum continuou a cativar as pessoas por séculos após Santa Lidwina, espalhando-se pelo mundo secular com o surgimento das “garotas do

jejum” na era vitoriana. Casos como Mollie Fancher do Brooklyn (veja o quadro “O Curioso Caso do Enigma do Brooklyn”, ao lado) e Sarah Jacobs do País de Gales rapidamente se tornaram notícia internacional. Jejuando originalmente para fins de cura, ambos se transformaram em celebridades da noite para o dia. (Já ouviu a frase “faminta por atenção”?) Enquanto Mollie voltou a comer e finalmente se recuperou, Sarah não teve tanta sorte. Considerado um milagre pelo campesinato galês, o caso de Sarah chamou a atenção da imprensa e inspirou um guarda 24 horas por dia de várias enfermeiras locais a confirmar que ela realmente não estava comendo. Ela deve ter comido secretamente porque, sob a pressão da vigilância 24 horas, Sarah caiu inconsciente após quatro dias, morrendo de fome pouco depois. Seus pais foram rapidamente condenados por homicídio culposo e enviados para a prisão.

Você pensaria que depois de tais histórias de terror, a humanidade teria aprendido sua lição. Mas o charlatanismo do jejum estava apenas começando.

Uma Placa de Ar e Luz do Sol

O jejum ganhou um impulso no final do século XIX, quando vários médicos de ambos os lados do Atlântico começaram a defender um conjunto de práticas de saúde amplamente conhecidas como

“Higiene Natural”. Com pequenas variações de praticante para praticante, os comportamentos saudáveis recomendados incluíam comer uma dieta balanceada, tomar bastante ar fresco e fazer exercícios, tomar sol e beber muita água. Até agora, tudo bem, certo? Mas o movimento da Higiene Natural também incluiu recomendações para evitar medicamentos prescritos pelo médico quando estiver doente e curar-se por meio do jejum.

Um livro inteiro sobre não comer o café da manhã.

O Dr. Edward Dewey, um americano que exerceu a profissão na segunda metade do século XIX, foi um líder no movimento do jejum terapêutico. Ele delineou sua visão para a saúde em um

livro intitulado The No-Breakfast Plan, que se espalhou pelo mundo. O plano sem café da manhã resumia a saúde a dois princípios básicos: não tome o café da manhã (caso isso não seja óbvio pelo título) e não coma quando estiver doente. A menos que você esteja com fome.

De alguma forma, Dewey estendeu esses dois pontos simples em muitas páginas, principalmente preenchendo-os com depoimentos prolixos de centenas de pacientes que ele afirmava ter curado. Dewey também treinou vários outros jovens médicos em seus métodos. Incluindo uma jovem de Minnesota chamada Linda Hazzard.

Quando Hazzard escreveu sobre a morte de Dewey em 1904, ela criticou seu antigo mentor por perceber os benefícios do enema para a saúde tarde demais. Ela também o repreendeu por morrer de paralisia devido a um "erro na dieta pessoal". Embora Dewey observasse estritamente seu elogiado plano sem café da manhã, ele ignorou “os valores dos alimentos, a adaptabilidade dos alimentos [e] a combinação dos alimentos” em suas duas refeições diárias permitidas. Como resultado, para grande horror de Hazzard,

“carnes e peixes, ovos e leite, pães e doces, com comparativamente poucos vegetais combinados, e estes principalmente dos tipos mais ricos em amido, formaram seu suprimento alimentar. Que maravilha que veias endurecidas, pressão alta e paralisia definitiva tenham se desenvolvido! ” E assim Hazzard forneceu a base para sua filosofia médica em Starvation Heights.

O movimento da Higiene Natural foi posteriormente cooptado para a “Cura Natural”

no século XX pelo Dr. Herbert Shelton, do “Dr. Fama da Escola de Saúde de Shelton ”, que alegou ter curado mais de quarenta mil pacientes com jejum de água.

Shelton escreveu sobre suas experiências educacionais formativas: “Eu me pós-graduei na University of Hard Knocks e saí antes de obter meu diploma. Passei pelo processo normal de lavagem cerebral do sistema escolar em Greenville, Texas, e me revoltei contra todo o sistema político, religioso, médico e social aos dezesseis anos. ”

Shelton obteve um “doutor em terapia fisiológica” (nunca ouviu falar desse diploma?) Em uma faculdade falsa fundada por Bernarr Macfadden. Seu primeiro livro, The Fundamentals of Nature Cure, chegou em 1920 e foi apenas o início de uma prolífica efusão de escritos em apoio a suas idéias.

Alguns deles - comer alimentos com baixo teor de gordura e fibras, beber muita água e sair de casa - tinham mérito. Outras idéias, no entanto, não o fizeram.

De uma das brochuras:

A Higiene Natural rejeita o uso de medicamentos, transfusões de sangue, radiação, suplementos dietéticos e quaisquer outros meios empregados para tratar ou “curar” várias doenças. Essas terapias interferem ou destroem processos vitais e tecidos. A recuperação da doença ocorre apesar das práticas de droga e de “cura”, e não por causa delas.

A mesma brochura também descreveu a abordagem da Cura Natural para o jejum: O jejum é a abstinência total de todos os alimentos líquidos ou sólidos, exceto água destilada. Durante um jejum, as forças de recuperação do corpo são organizadas e todas as suas energias são direcionadas para a recarga do sistema nervoso, a eliminação de acumulações tóxicas e a reparação e rejuvenescimento dos tecidos. Armazenadas nos tecidos de cada organismo, estão as reservas de nutrientes que serão utilizadas para realizar o metabolismo e o trabalho de reparo. Até que essas reservas se esgotem, nenhuma destruição do tecido saudável ou “fome” pode ocorrer.

Shelton obteve um grau substancial de popularidade na metade do século XX, administrando uma escola de saúde em San Antonio, Texas, e concorrendo à presidência como parte do Partido Vegetariano Americano (que elevou a política de uma questão a um nível totalmente novo ) Ele também foi preso, repetidamente, por praticar medicina sem licença. (E não, “Dr.” Shelton, o seu grau de fisiologia terapêutica não conta.)

Em 1942, Shelton foi acusado de homicídio negligente depois que um paciente morreu de fome, mas o caso foi arquivado. Novamente, em 1978, Shelton foi processado por negligência depois que

outro paciente morreu em sua escola. Desta vez ele perdeu. O julgamento subsequente o levou à falência e sua escola de saúde foi fechada, felizmente impedindo que outras vidas fossem perdidas.

Mas o charlatanismo do movimento de Higiene Natural não foi derrotado tão facilmente. Após a queda de Shelton, uma nova tendência surgiu para assumir o manto de perverter o poder do ar fresco e do sol. Com raízes supostamente antigas na medicina ayurvédica, o respirarianismo é a crença de que a vida humana pode ser sustentada exclusivamente pelo cultivo do prana, uma força vital universal encontrada em todas as coisas vivas. Alguns respiradores consideram a luz do sol o principal gerador de prana. O banho de sol, portanto, pode ser um substituto para comer. . . e bebendo. Experiência divertida: experimente cultivar sua planta de casa sem oferecer-lhe água. Veja o que acontece a seguir.

O respirarianismo encontrou um ponto de apoio nos extremos dos movimentos de saúde alternativa no final do século XX e foi cooptado para ganho monetário por charlatões carismáticos como Wiley Brooks, fundador do Breatharian Institute of America, que começou a expor suas ideias malucas no programa de TV É incrível! em 1980. Brooks afirmava comer apenas quando não havia ar fresco para respirar ou quando não conseguia apanhar sol o suficiente. Ele afirmava que os humanos, em seu estado natural, não precisavam de nenhum outro alimento.

Nenhum outro alimento, isto é, exceto um Twinkie, um Slurpee e um cachorro-quente da 7-Eleven, todos os quais foram vistos agarrados nos braços de Brooks por um observador em 1983.

À medida que suas ideias evoluíam, Brooks começou a cuspir algumas bobagens pseudo-filosóficas realmente exageradas para justificar sua dieta saudável de luz, ar e junk food. Comovido espiritualmente pelo Double Quarter Pounder com Queijo no McDonald's, Brooks afirmou que o hambúrguer possuía uma "frequência base" especial útil para os respiradores. Você poderia regá-lo com uma Coca Diet porque o refrigerante feito de aspartame e corante é realmente "light líquido".

Ainda está confuso? Não se preocupe, porque algo entre US $ 100.000 e US $ 1 bilhão fornecerá orientações do próprio Brooks sobre como viver sem comida. No que deve ser um exemplo de escala móvel respiratória, o Brooks's Institute oferece um plano de pagamento para pessoas dispostas a desembolsar US $ 10.000.

Poderíamos devotar um livro inteiro para catalogar charlatões como Brooks. E é aí que está o que torna esse tipo específico de charlatanismo tão perigoso: o problema do jejum, ao contrário de dizer, da neurocirurgia, é que qualquer um pode fazer isso. Muitos profissionais não médicos não qualificados oferecem suas opiniões e conselhos. Até mesmo escritores respeitáveis entram no jogo.

Um dos adeptos mais entusiastas do jejum foi ninguém menos que Upton Sinclair, autor de The Jungle e famoso paciente crédulo, que jogou todo o seu peso em uma variedade de curas de charlatães do século XX (ver também Radionics, página 303). O livro de Sinclair de 1911, The Fasting Cure, detalhou suas experiências pessoais em não comer. Não contente em apenas descrever suas próprias experiências, Sinclair também ofereceu conselhos gerais às centenas de pessoas que lhe escreveram pedindo sua opinião médica - como jornalista - sobre se o jejum ajudaria a curá-los. Ele recomendou longos jejuns para aqueles com "doenças realmente

desesperadoras", como "doença de Bright, cirrose do fígado, reumatismo e câncer". (Embora os médicos modernos discordem veementemente do conselho médico não solicitado de Sinclair, houve alguns estudos promissores recentes sobre o impacto do jejum em ratos com câncer. Estudos em humanos, no entanto, ainda estão faltando.) No prefácio de seu livro, Sinclair recomenda dois lugares para os pacientes em jejum

“serem encarregados”. Além do Healthatorium de Bernarr Macfadden em Chicago, outro endereço está listado:

Dra. Linda B. Hazzard, de Seattle, Washington.

The Detox Box

Desintoxicação, uma forma modificada de jejum destinada a remover toxinas do corpo, é a tendência da dieta diária. Em uma desintoxicação típica, você se abstém de consumir alimentos

por um período de dias, ao invés disso, depende de sucos e *ou água e* ou suplementos específicos para se sustentar. O Liver Cleanse, o Green Smoothie Cleanse de 10 dias, o Colon Cleanse, o Blueprint Cleanse e o Slendera Garcinia Cambogia são variações desse tema.

A limpeza mais famosa, entretanto, é a Master Cleanse, desenvolvida por Stanley Burroughs, que se baseia em beber uma mistura de água de limão, xarope de bordo e pimenta caiena, em conjunto com um chá detox, por dez dias. Os efeitos colaterais de curto prazo do Master Cleanse incluem náusea, desidratação, tontura e fadiga. Os efeitos colaterais de longo prazo do Master Cleanse incluem. . .

morte. Na verdade, foi exatamente isso que aconteceu com um dos pacientes de Burroughs na década de 1980. Um paciente com câncer chamado Lee Swatsenbarg procurou o conselho médico de Burroughs, que recomendou uma limpeza de trinta dias, combinada com a exposição a cores específicas de luz e massagens intensas.

Swatsenbarg seguiu o conselho de Burroughs, embarcando em uma desintoxicação de um mês em que sua saúde piorava continuamente e ele começou a vomitar e a sofrer convulsões graves. Ele morreu antes de poder completar o tratamento, depois de sofrer uma hemorragia maciça no abdômen graças às massagens abdominais que Burroughs aplicou (por uma taxa adicional) em cima do plano de desintoxicação. Burroughs foi condenado por homicídio culposo (e prática de medicina sem licença), um fato que vale a pena lembrar antes de embarcar em sua própria versão do Master Cleanse.

A Clínica Mayo aconselha uma dieta saudável baseada em frutas e vegetais, grãos inteiros e fontes magras de proteína como uma alternativa melhor, com benefícios mais duradouros, do que uma dieta de desintoxicação.

O que não quer dizer que jejuar seja ruim. Estudos recentes com animais demonstraram que o jejum intermitente por curtos períodos de tempo pode retardar o envelhecimento, proteger contra danos causados por AVC e diminuir o declínio cognitivo. Mas o jejum prolongado é, e sempre foi, incrivelmente perigoso.

Basta adicionar pimenta caiena e você tem um Master Cleanse.

O Salão da Vergonha da Perda de Peso

Os humanos há muito tempo estão em uma jornada tumultuada para lutar contra a gula e alcançar uma figura perfeitamente perfeita. As armas que usamos nessa batalha mudam dependendo do ano e dos costumes da sociedade. A história do charlatanismo está repleta de esquemas de perda de peso que tentamos ou dos quais rimos. Esfregue, limpe, tome pílulas, coma apenas repolho - esses esquemas têm passado, presente e, sem dúvida, um futuro. Então relaxe, trapaceie nessa limpeza com um cupcake e entre no Salão da Vergonha para Perda de Peso.

Tênias

A moda da dieta das tênias começou no século XIX. A ideia é que você coma ovos de tênia, e o parasita devora sua comida por você. Freqüentemente, os ovos encomendados pelo correio estavam mortos (ou nem existiam). Uma coisa boa também, porque uma infecção real por tênia pode causar dores de cabeça, inflamação do cérebro, convulsões e demência. As tênias crescem até nove metros de comprimento, vivem décadas e são hermafroditas, o que significa que estão causando mais vermes dentro de você. (Sim, você estaria hospedando uma orgia de tênias!) Então. Não. Que vale a pena. Isto.

Suando

No século XIX, Charles Goodyear inventou a borracha vulcanizada e voilà, a versão sadomasoquista do Spanx nasceu na forma de espartilhos e cuecas de borracha, prometendo ajudar a suar a gordura. Mais ou menos na mesma época, outros métodos surgiram, como banhos de vapor, calor seco e fototerapia (um tratamento sufocante de 145˚F), que oferecia um bom suor para perda de peso. Mas como qualquer bom lutador ou lutador de MMA perdedor de peso dirá a você, suar como meio de perder peso é temporário. O peso retorna, junto com uma sede bastante voraz.

Extratos de tireoide

Estimular o metabolismo por meio de extratos de tireoide era muito popular nos séculos XIX e XX. Uma vez que a glândula tireóide ajuda a regular o metabolismo, glândulas secas e em pó de porcos e vacas foram encontradas em panacéias como os comprimidos para obesidade do Dr. Newman.

Claro, você pode perder peso, mas também pode ter hipertireoidismo por causa de todos os hormônios em excesso, causando palpitações, sudorese, olhos esbugalhados, perda de cabelo e diarreia.

Como o elemento iodo é necessário para produzir o hormônio tireoidiano, alguns remédios patenteados defendiam panacéias contendo iodo para estimular o metabolismo. Eles funcionaram?

Na verdade. Produtos como o Anti-Gordura de Allan continham resíduos da bexiga, uma alga rica em iodo encontrada em muitos oceanos. Boa ideia, mas produtos como esse não mexiam com seu metabolismo se a glândula tireoide já estivesse funcionando bem.

## Dinitrofenol

Um composto chamado dinitrofenol entrou no mercado como medicamento para emagrecer por volta de 1934. Pró: Aumentou rapidamente o metabolismo. Contras: era usado para criar explosivos, era cancerígeno e tinha o péssimo hábito de matar pessoas porque eram "literalmente cozidas até a morte" pelo rápido aumento da temperatura corporal. O prêmio de consolação também não era grande: se você não morresse, poderia ter uma erupção na pele, perder o paladar e ficar cego. Yay! Por causa das mortes e dos terríveis efeitos colaterais, ele desapareceu do mercado apenas quatro anos depois.

## Anfetaminas

A 1-fenilpropan-2-amina, também conhecida como anfetamina, benzedrina e dexedrina, foi sintetizada em 1929. No início, foi comercializada para narizes entupidos, depois para pequenas depressões. Os militares da Segunda Guerra Mundial o receberam para melhorar o humor e o estado de alerta, mas teve um efeito colateral surpreendente de diminuição do apetite e perda de peso. No final da década de 1960, 4 bilhões de doses (disponíveis sem receita) estavam sendo fabricadas por ano.

As pílulas também eram chamadas de “pequenas ajudantes da mãe” para criar donas de casa esguias e enérgicas. Infelizmente, eles também causaram “psicose anfetamínica”, com usuários experimentando alucinações (como vasos sanitários malvados e falantes) à medida que se tornavam viciados.

Em 1970, as anfetaminas finalmente sofreram restrições rígidas, o que provavelmente acalmou um monte de banheiros falantes.

## Mastigação excessiva

Um modismo dietético não era sobre o que você comia, mas quantas centenas de vezes você mastigava. Horace Fletcher (falecido em 1914), chamado de “O Grande Mastigador”, promoveu a mastigação excessiva da comida a ponto de se liquefazer e perder o sabor. Qualquer fibra restante foi cuspida. Se tudo corresse bem com o fletcherismo, você comia muito menos (mastigando muito) e tinha uma vida social deprimente. (Fletcher era um chato nas refeições porque é indelicado falar enquanto mastiga.) Se você fosse um “supermasticador”, poderia ter fezes como as de Fletcher - semelhantes a biscoitos e tão inodoras que você poderia desfilar e mostrá-las às pessoas. Foi o que Fletcher fez.

Que grande idéia! Não.

## Poderes misteriosos

## Ondas, raios e ares curiosos

# 24

## Eletricidade

De cadáveres dançantes, espartilhos elétricos, o Pulvermacher, os banhos galvânicos e a beleza eterna de Margaret Thatcher

Em um dia frio de janeiro em Londres em 1803, George Forster foi enforcado pelo assassinato de sua esposa e filho. Além de ser enforcado “até a morte”, Forster foi condenado a ser dissecado, uma forma de punição que atingiu a vida após a morte, pois a crença geral sustentava que corpos desmontados não poderiam ser ressuscitados no Dia do Julgamento. Mas o corpo de Forster teve outra surpresa no caminho da forca ao túmulo: uma demonstração pública do novo campo científico do galvanismo, ou seja, o uso da eletricidade para estimular os músculos.

Na sombra escura da Prisão de Newgate, o corpo de Forster foi entregue a Giovanni Aldini, um médico italiano com um gosto por teatrais mórbidos, que colocou Forster na frente de uma multidão e correu correntes elétricas pelo cadáver do pobre homem.

O Newgate Calendar relatou o que aconteceu a seguir:

Na primeira aplicação do processo no rosto, as mandíbulas do criminoso falecido começaram a tremer e os músculos adjacentes estavam horrivelmente contorcidos, e um olho foi realmente aberto. Na parte subsequente do processo, a mão direita foi levantada e fechada, e as pernas e coxas foram postas em movimento.

A visão do corpo recém-enforcado de Forster, repentinamente fazendo caretas e se debatendo, causou tal sensação entre os espectadores que muitos acreditaram que Forster havia ressuscitado dos mortos. A preocupação genuína com essa possibilidade foi incorporada em sua sentença. Caso o condenado fosse de fato ressuscitado por Aldini, os algozes estavam de prontidão, prontos para enforcá-lo novamente.

É um milagre! Arrancado das garras demoníacas do inferno pelo poder da eletricidade!

## Do relâmpago ao laboratório

A maravilha e o mistério da eletricidade nos intrigam desde que os primeiros humanos ficaram maravilhados com o poder dos raios. Eles também notaram que, depois que o âmbar era esfregado, ele atraía cabelos e outros objetos leves. Eles estavam testemunhando o que hoje chamamos de efeito triboelétrico, em que os materiais adquirem uma carga elétrica após o contato com outra coisa. A maior parte da eletricidade estática é triboelétrica - da próxima vez que suas roupas grudarem depois de uma sessão na secadora, você estará testemunhando o efeito em ação. Não foi até 1600 que William Gilbert, parte da corte da Rainha Elizabeth I, distinguiu essa reação do magnetismo (sem o benefício de uma secadora de roupas) e cunhou o termo eletricidade do grego elektron, para âmbar.

No século XVIII, a investigação científica voltou-se seriamente para a eletricidade. Os primeiros potes de Leyden foram inventados, resolvendo o problema de como armazenar uma carga elétrica.

E quem poderia esquecer a imagem de Benjamin Franklin com sua pipa no céu tempestuoso da Filadélfia em 1752? Franklin foi seguido por um físico italiano, Alessandro Volta, que inventou a primeira bateria elétrica, e Luigi Galvani (tio de Aldini), que descobriu que os músculos da perna de uma rã morta estremeciam quando atingidos por uma faísca elétrica. Esse

experimento em particular envolveu pendurar um monte de pernas de sapo mortas em um corrimão de metal durante uma tempestade. Galvani não era exatamente um sucesso com seus vizinhos.

Quando Aldini forneceu à multidão em Newgate seu espetáculo horrível e chocantemente antiético com o cadáver de George Forster, ele também estava demonstrando uma descoberta científica muito real, muito importante e muito nova. Pela primeira vez na história, os seres humanos puderam aproveitar o poder da eletricidade para manipular o corpo.

Além de estimular sapos e cadáveres de criminosos, o galvanismo foi adotado por médicos que brilham com as propriedades curativas da eletricidade. A con - temporária de Galvani, Christian Gottlieb Kratzenstein, começou a experimentar com usos médicos de eletricidade através da administração de choques para pacientes que sofrem de reumatismo, febre maligna, ea praga. Kratzenstein observou um aumento no pulso após a administração de choques elétricos, que ele acreditava ter ajudado no processo de cura de algumas doenças. Ele também observou que a eletrificação dos pacientes os deixava, de alguma forma, cansados. Kratzenstein sugeriu que este efeito pode ser benéfico para aqueles cujas "riquezas, tristezas e preocupações os impedem de fechar os olhos à noite". Da próxima vez que você não conseguir dormir, apenas enfie o dedo em uma tomada - brincadeirinha, por favor, não faça isso.

Trecho do livreto de instruções da Ikea para um kit de eletrocução na perna de sapo.

Na França, os médicos começaram a fazer experiências com eletricidade em soldados paralisados. Em 26 de dezembro de 1747, por exemplo, um médico extraiu faíscas de um braço paralisado por duas horas pela manhã e novamente por duas a três horas à tarde. Depois de suportar aquele tratamento por um mês (!), O paciente foi curado com sucesso da paralisia. Outros experimentos foram menos conclusivos, embora a ocasional história de sucesso e o entusiasmo geral sobre o misterioso processo de eletrificação

tenham levado um médico francês a comentar "nesta cidade, todo mundo quer ser eletrificado".

Não demorou muito para que charlatães surgissem para cumprir esse desejo.

Escovas, espartilhos e cintos elétricos

O entusiasmo do público pela eletricidade também era galopante na América, onde uma variedade de dispositivos foram patenteados para ajudar a espalhar o evangelho elétrico, incluindo escovas elétricas (para calvície!), Espartilhos elétricos (para perda de peso!) E cintos elétricos (para ereção

disfunção!). Como as filas fora das lojas da Apple sempre que um novo iPhone é lançado, as pessoas estavam praticamente tropeçando em si mesmas para adquirir dispositivos para autoeletrificação. A nova tecnologia cria empolgação, e a empolgação cria um terreno fértil para o charlatanismo.

Em 1880, um certo Dr. Scott introduziu uma escova de cabelo elétrica, que rapidamente se tornou a moda na América. A escova de cabelo elétrica do Dr. Scott continha uma barra de ferro magnetizada em seu cabo, mas na verdade não continha uma, você sabe, fonte de energia. Era basicamente uma escova de cabelo levemente magnetizada, o que certamente é uma propaganda menos sexy.

Mas Scott, um gênio em marketing, aderiu ao movimento da eletricidade, explorando o fenômeno pouco compreendido para fazer uma fortuna organizada.

“Um sucesso maravilhoso!” “Um pincel lindo!”

Scott, que publicou anúncios em jornais de todo o país, afirmou que não só sua escova elétrica poderia curar os problemas esperados de calvície e dores de cabeça, mas também - e a lógica aqui cai por terra - doenças como claudicação, paralisia e constipação .

Scott distribuiu suas escovas de cabelo com um aviso que, ao mesmo tempo, garantiu um aumento nas vendas e lançou as bases para brigas familiares: “Em nenhum caso mais de uma pessoa deve usar a escova. Se usado sempre pela mesma pessoa, mantém todo o seu poder curativo. ”

Scott mais tarde expandiu seu império elétrico não elétrico para incluir espartilhos.

Como suas escovas de cabelo, os espartilhos “elétricos” de Scott eram apenas levemente magnetizados.

Anunciados como “inquebráveis” - estremece só de pensar em forçar um corpo humano a usar um espartilho

“inquebrável” - os espartilhos elétricos podem curar todos os tipos de doenças improváveis. Os espartilhos também podem, quando "constantemente usados", se tornarem "agentes equalizadores em todos os casos de extrema gordura ou magreza, transmitindo a quantidade necessária de força ódica que a lei da Natureza exige".

Aperte essa cintura com um pouco de eletricidade!

As mulheres não foram as únicas a se beneficiar das propriedades curativas da eletricidade. Os homens receberam cintos elétricos.

Digite o Pulvermacher.

Se você era um homem rico e elegante no final do século XIX, provavelmente tinha um Pulvermacher. Além de ser um excelente nome

para uma banda alemã de death metal, “Pulvermacher”

era uma abreviatura para Pulvermacher Electric Belt, o crème-de-la-crème das correias elétricas da virada do século. Os cintos forneciam “correntes suaves e contínuas” de eletricidade durante as oito a doze horas por dia em que você deveria usá-los. Além das correias, a Pulvermacher Galvanic Company (sediada no Galvanic Establishment em San Francisco) produzia uma variedade de correntes elétricas que podiam ser presas a quase qualquer parte do corpo.

O zelo dos usuários de cintos elétricos até chegou à ficção. No romance Madame Bovary de Gustave Flaubert, o personagem Homais é descrito como “entusiasmado com as correntes hidroelétricas de Pulvermacher; ele próprio usava um, e quando à noite tirou o colete de flanela, Madame Homais ficou bastante deslumbrada diante da espiral dourada sob a qual ele estava escondido, e sentiu seu ardor redobrar por este homem mais enfaixado do que um cita, e esplêndido como um dos os Magos. ”

As correias Pulvermacher, construídas com zinco e cobre e embebidas antes do uso em vinagre, de fato produziam correntes leves de eletricidade ao extrair uma pequena corrente do próprio corpo humano (portanto, era, com bastante precisão, "galvânica"). A corrente era apenas o suficiente para garantir ao usuário que a correia ou corrente estava funcionando.

Essa garantia também foi baseada nos materiais promocionais agressivamente confiantes da Pulvermacher Company, que adquiriu o hábito de preencher seus anúncios “Eletricidade é a vida” com longos endossos de médicos proeminentes. O único problema é que eles nunca atraíram qualquer endosso, então eles apenas inventaram alguns.

É claro que as correias elétricas eram anunciadas como uma cura para todos, atacando doenças dos rins, estômago, fígado, intestinos e, particularmente, dispepsia. Modelos especiais de cintas elétricas também

incluíam uma conexão para o pênis, que poderia ser estimulada à ação pela magia da corrente galvânica. Os fabricantes alimentavam o medo comum do final do século XIX - que os homens tivessem apenas um suprimento finito de sêmen que poderiam distribuir ao longo da vida. A masturbação no início da vida, portanto, foi considerada a fonte de problemas posteriores de disfunção erétil. Felizmente, aplicar uma leve corrente elétrica em um pênis velho e cansado pode ajudar muito a restaurá-lo aos seus dias de glória anteriores.

A delicada preparação do cinto elétrico.

Vamos misturar eletricidade com água!

Se você não estava obtendo os resultados esperados com seus corsets ou cintos, pode aumentar a aposta mergulhando em um banho elétrico. Apesar do princípio geralmente válido de evitar o contato entre a água e a eletricidade, um movimento do século XIX levou ao desenvolvimento de balneários elétricos, ou “galvânicos”. Uma dessas casas de banho - o Therapeutic and Electrical Institute - foi inaugurada por Jennie Kidd Trout, mais tarde comemorada em um selo canadense como a primeira mulher a obter uma licença médica no Canadá. Quando Trout abriu seu instituto em Toronto em 1875, ele incluía seis balneários. Os pacientes submergiam parte ou a totalidade de seus corpos em água morna em uma banheira revestida de metal. Os pacientes então seguraram eletrodos (não submersos, felizmente) conectados a baterias, permitindo que uma corrente de baixo nível eletrifique a água. Era basicamente uma banheira de hidromassagem, mas com eletricidade dentro da água e não fora dela.

É importante notar que Trout, que também administrava um dispensário gratuito para os pobres, era uma médica inteligente e bem-intencionada e não anunciava falsamente as alegações médicas de seus tratamentos. Ela, junto com muitos outros médicos da época, acreditava sinceramente que os tratamentos com banhos elétricos eram úteis para seus pacientes. O cur elétrica - aluguel deveria estimular seus órgãos e circulação, enquanto o

calor da água quente também “abriu seus poros” e induziu a transpiração para ajudar a eliminar as suas toxinas. Assim, os banhos elétricos foram anunciados para ajudar com uma variedade de condições crônicas, como reumatismo, gota e ciática.

Chuveiro elétrico russo. Parece legítimo.

Embora os banhos elétricos não façam mais parte da prática corrente, eles ainda são usados no subsolo médico. Ainda em 1989, um pequeno escândalo estourou quando a Vanity Fair relatou que a primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, tomava banhos elétricos regularmente como parte de uma elaborada rotina de saúde e beleza. O primeiro-ministro visitou uma “certa mulher indiana” que supostamente tratava “as mulheres mais poderosas do mundo”. Thatcher pagou mais de £ 600 por seus tratamentos especiais de banho, onde 0,3 amperes de eletricidade eram executados pela água.

O “Primeiro Ministro Ligado”.

Os tablóides britânicos tiveram um dia de campo com essas notícias, com manchetes como “Guru indiano a mantém ligada - segredos da hora do banho de Maggie” e “O incrível segredo do primeiro-ministro ligado”.

Os banhos funcionaram? Bem, você esperaria que sim por £ 600 por tratamento.

Embora não haja causalidade científica em jogo aqui, Thatcher atraiu infinitas especulações nos tablóides no final de sua carreira sobre sua capacidade de parecer mais jovem à medida que envelhecia. Portanto, foram os banhos elétricos ou o vigor natural gerado pela destruição de um estado de bem-estar e pela destruição das pensões dos trabalhadores.

## Eletricidade Hoje

Embora os banhos elétricos, cintos e espartilhos tenham praticamente desaparecido, o século XX produziu uma variedade de dispositivos elétricos legítimos, incluindo o EKG (eletrocardiograma), que mede a atividade elétrica do coração. A eletricidade também tem sido usada por ortopedistas para ajudar os ossos em seu processo de cicatrização e por cardiologistas para regular os batimentos cardíacos com marcapassos. E, claro, há o desfibrilador, que salvou inúmeras vidas ao longo dos anos ao enviar um choque elétrico vital para o coração.

Portanto, a comunidade médica fez as pazes com a eletricidade. Ainda assim, sente-se falta do Pulvermacher, que cria tendências. Pense em como, naquelas fotos antigas e sérias de empresários de Nova York, em algum lugar sob aquelas roupas abafadas, um cinto elétrico zumbia baixinho.

É um pensamento mais agradável, de qualquer maneira, do que cadáveres dançando sob a forca na prisão de Newgate.

## O Templo da Saúde

O poderoso efeito placebo gerado pela magia invisível da eletricidade foi bem explorado por charlatães, talvez nenhum tão habilmente quanto James Graham, um “médico” escocês que inspirou clientes ricos a apoiar seus planos malucos. Um desses empreendimentos foi o Templo da Saúde e Hímen no Adelphi em Londres em 1780. A experiência incluiu deusas seminuas recitando odes a Apolo e "o maior e mais elegante aparelho médico-elétrico do mundo". Aqui está o chute: a máquina estava lá apenas como uma peça de exibição; Graham não o usava realmente em pacientes. Em vez disso, a máquina acrescentou à atmosfera “penetrando suavemente em todo o sistema com uma maré abundante daquele fogo celestial, totalmente impregnado com as partes mais puras, mais sutis e mais bálsicas dos remédios, que. . .

flua suavemente no sangue e no sistema nervoso, com o fluido elétrico ou essências etéreas restauradoras. ”

Graham também tinha uma cama celestial disponível para casais que lutavam contra a fertilidade. A cama, de 3,6 metros de comprimento por 2,7 de largura, era sustentada por quarenta pilares de vidro colorido e decorada com grandes borlas carmesim. Os perfumes eram soprados em tubos de vidro; música melodiosa tocada à distância. Debaixo da cama havia magnetitas magnéticas - para fornecer o “fogo celestial” - junto com um tubo de vácuo eletricamente carregado que ocasionalmente estalava e, aparentemente, contribuía para a atmosfera erótica. Casais dispostos a pagar £ 50 tinham permissão para usar a cama e garantia de “concepção imediata”.

Apesar das deusas seminuas e da absoluta grandiosidade da audácia de Graham, o templo faliu dois anos depois.

Um encontro caro à noite.

# 25

## Magnetismo animal

De Franz Mesmer, Pai do Inferno, o Fluido Magnético Universal, Grande Teatro e as Origens da Ciência Cristã

Imagine que você é uma nobre francesa rica em 1788, sofrendo daqueles horrores dos horrores: tédio e mal-estar. Você já ouviu seus amigos falando sobre um excitante médico alemão e suas estranhas novas teorias sobre o magnetismo animal. Na verdade, você não ouviu falar de mais nada nas salas e salões de Paris na semana passada. Você decide dar uma chance a este homenzinho engraçado, chegando aos quartos deliciosamente bem equipados na Casa de Mesmer.

A luz é filtrada pelos vitrais do salão espaçoso. Todas as paredes são decoradas com espelhos. O cheiro de flores de laranjeira flutua no ar. À distância, você ouve cantos suaves e o leve dedilhar de uma harpa.

No centro da sala, você vê um grande vaso oval, com cerca de um metro de comprimento e 30 centímetros de profundidade. Dentro, há um grande número de garrafas de vinho, cheias de "água magnetizada". Um assistente entra e derrama mais água na vasilha, enchendo-a até o topo das garrafas. Ele então o cobre com uma folha de ferro cheia de buracos chamada baquet e insere longas hastes em cada abertura. As outras participantes, quase todas mulheres de classe alta como você, são convidadas a pressionar as partes afetadas de seus corpos - pernas, braços, costas e pescoço - contra essas barras de ferro para ativar os poderes curativos da água magnetizada.

Você é incentivado a sentar-se juntos ao redor do baquet, com as pernas tocando as do vizinho, para "facilitar a passagem do fluido magnético".

Uma vez que todos estejam em posição, os “magnetizadores assistentes” aparecem e começam a tocar suavemente os joelhos, as espinhas e, sim, até mesmo os seios dos outros participantes, tudo enquanto olha diretamente em seus olhos. Eles pretendem manipu - final da “fluido universal” dentro de cada um de vocês através do toque. Os mag assistente - netizers, você percebe, é jovem e bonito. Você está chocado e mais do que um pouco escandalizado.

Alguns de seus vizinhos começam a rir histericamente, outros começam a soluçar, alguns gritam, alguns gritam, alguns fogem da sala e alguns desmaiam. Quanto a você, bem, certamente está se sentindo curado (por enquanto) de seu tédio e mal-estar.

Depois que a sala desce para o delírio em massa, você observa o grande profeta em pessoa, Franz Mesmer, finalmente entrar na sala. Um homem atraente na casa dos quarenta anos, ele está vestido com uma longa túnica branca bordada com flores douradas. Em suas mãos, ele segura uma grande haste “magnetizada”. Mesmer se move lentamente de uma mulher para outra, acariciando-a suavemente com a dita vara para restaurá-la à calma novamente. Você observa, um por um, seus colegas pacientes relaxam.

No momento em que Mesmer se aproxima de você, com a haste magnética estendida, você não consegue mais suportar essa cena e foge rapidamente da sala. Ao voltar para a luz da tarde, você reflete que, embora tenha sido talvez a cena mais ridícula que já testemunhou, você tem que admitir que

estava completamente entretido. E agora você terá um novo tópico de conversa chocante em sua próxima festa em casa.

O que acabou de acontecer? Para explicar, temos que voltar um pouco mais no tempo e apresentá-lo ao Pai Inferno.

## Pai do inferno e o nascimento do magnetismo animal

Na década de 1770, Franz Friedrich Anton Mesmer era um jovem médico que praticava medicina em Viena, quando um encontro casual com um padre jesuíta chamado Maximilian Hell mudou sua vida para sempre. Maximilian Hell, ou Pai Inferno, como esperamos que ele preferisse ser chamado, estava conduzindo experimentos médicos com placas magnetizadas de magnetita. O Inferno aplicou essas placas nos corpos nus de pacientes doentes em um esforço para fornecer conforto para doenças como reumatismo.

Mesmer ficou encantado com as manifestações do padre. Ele adotou a teoria magnética do Inferno e a transformou em sua própria filosofia deliciosamente bizarra de que todas as doenças - literalmente todas as doenças - eram o resultado de um desequilíbrio no corpo de um fluido magnético universal que era suscetível à força gravitacional. Mesmer inicialmente acreditava que esses desequilíbrios poderiam ser corrigidos com a aplicação de ímãs, mas logo se convenceu de que o verdadeiro poder de realinhar fluidos magnéticos estava dentro dele.

Chamando esse fluido magnético universal de “magnetismo animal”, Mesmer acreditava que, ao colocar as mãos sobre os pacientes e usar sua força de vontade, ele poderia manipular esse fluido e curar os enfermos.

A ideia de que os corpos humanos continham um fluido misterioso e universal que poderia ser influenciado por forças externas não era nova e era, na verdade, um princípio básico de movimentos ocultos, como astrologia e alquimia. No século XVI, Paracelso sugeriu que nossos sistemas poderiam ser afetados por movimentos planetários. Mesmer desenvolveu essa teoria em sua dissertação na Universidade de Viena em 1766, escrevendo:

O sol, a lua e as estrelas fixas afetam-se mutuamente em suas órbitas; que eles causam e dirigem em nossa terra um fluxo e refluxo não só no mar, mas na atmosfera, e afetam de maneira semelhante todos os corpos organizados por meio de um fluido sutil e móvel, que permeia o universo e associa todos coisas juntas em uma relação mútua e harmonia.

Mesmer afirmava que esse “fluido nervoso”, ou “magnetismo animal”, como ele o chamava, poderia ser manipulado por um médico. Em uma era de incríveis novas descobertas científicas, como eletricidade e gravidade, o evangelho do fluido magnético de Mesmer encontrou um público disposto.

Claro, os satíricos tiveram um dia de campo: aqui, burros trabalhando arduamente como magnetizadores de animais.

Toque Mágico de Mesmer

Depois de convencer o Padre Inferno a fazer algumas placas magnéticas semelhantes para ele experimentar, Mesmer começou a tratar pacientes em Viena. Ele teve um sucesso precoce ao tratar Franziska Oesterlin, uma jovem “histérica” que sofria de convulsões. Durante um ataque, Mesmer aplicou as placas magnéticas em seu estômago e pernas. Oesterlin relatou sentir “correntes dolorosas de um material sutil” viajando por seu corpo, o que reduziu a gravidade de uma convulsão, acabando por pará-la por completo.

Ele tratou de Oesterlin durante muitos ataques nos dois anos seguintes, concluindo eventualmente que as placas magnéticas eram meramente um acessório do próprio toque de Mesmer. Ele descobriu que poderia produzir resultados semelhantes simplesmente passando as mãos ao longo do corpo de Oesterlin ou movendo as mãos na direção que ele queria que o fluido magnético viajasse, mesmo de uma grande distância.

Depois de declarar Oesterlin curado, Mesmer começou a escrever para todas as sociedades eruditas da Europa sobre sua excitante nova descoberta. Era uma teoria deliciosamente simples e bizarra: a saúde humana depende do fluxo ininterrupto do magnetismo animal por todo o corpo. Se esse fluido magnético for bloqueado, o resultado inevitável é a doença. A saúde poderia ser restaurada removendo o bloqueio e manipulando o magnetismo animal por meio de um magnetismo, bem, qualquer coisa.

Mesmer esclareceu isso, mais ou menos, ao escrever para um amigo em Viena: Tenho observado que o magnético é quase a mesma coisa que o fluido elétrico, e que pode ser propagado da mesma maneira, por meio de corpos intermediários. O aço não é a única substância adaptada para esse fim. Tornei papel, pão, lã, seda, pedras, couro, vidro, madeira, homens e cães - em suma, tudo em que toquei - magnéticos a tal ponto que essas substâncias produziram os mesmos efeitos que a pedra-ímã em pessoas enfermas.

Fazendo uma pausa na magnetização de couro e cães, Mesmer conseguiu uma paciente de alto perfil em Maria Theresia von Paradis, uma jovem prodígio do piano que era cega desde a infância.

Ele tentou ajustar o magnetismo animal da jovem e, aparentemente, até fez algum progresso na cura de sua cegueira antes de ser abruptamente dispensado pelos cuidadores do pianista. Os relatos variam quanto ao motivo - alguns teorizam que o médico e o paciente ficaram um pouco próximos demais, o que dificilmente seria uma surpresa, considerando todo aquele toque intenso acontecendo - de qualquer maneira, Mesmer foi mandado embora de Viena.

A ação ininterrupta de facilitar a passagem do fluido magnético.

Inovação americana: do magnetismo à cura pela fé

Em 1862, Mary Patterson estava fraca, emaciada e deprimida por ter passado grande parte de seus 42 anos doente e acamada. Desesperada por uma cura, ela mancou com o corpo dolorido escada acima até o escritório de Phineas Parkhurst Quimby em Portland, Maine.

Alguns anos antes, Quimby havia ouvido uma palestra sobre magnetismo animal de um visitante francês chamado Charles Poyen. Ele foi fisgado. Como um adolescente dos anos 1990 que assistiu a seu primeiro show de Phish e depois desistiu de tudo para seguir a banda pelo país, Quimby se demitiu de seu negócio e se tornou uma groupie de mesmerismo. Ele seguiu Poyen, aprendendo tudo o que podia.

O método de cura magnética de Quimby baseava-se na construção de relacionamento entre médico e paciente, encorajando-os a melhorar sua saúde mental por meio do pensamento positivo. Ele olhava nos olhos de seus pacientes e ouvia com atenção enquanto eles discutiam suas queixas de saúde enquanto ele massageava suas mãos e braços. De alguma forma, Quimby não era visto como assustador.

Muito pelo contrário; depois de simplesmente serem ouvidos por seu médico, muitos pacientes de Quimby foram posteriormente "curados".

Quimby parece ter acreditado genuinamente nas artes de cura mesmérica que praticava. Embora a moral de Mesmer tenha sido engolida em sua corrida louca por dinheiro e celebridade, Quimby tinha fé no procedimento e tentou ajudar o máximo de doentes que pôde.

Incluindo a jovem pobre que entrou em seu escritório naquele dia de 1862.

Para o choque de todos, incluindo ela própria, depois de apenas uma semana com Quimby olhando intensamente em seus olhos e massageando suas mãos, Patterson relatou uma melhora repentina e dramática em sua

saúde. Logo Quimby tinha mais do que um paciente em suas mãos: ele tinha um devoto obstinado.

A recém-energizada Patterson aprendeu tudo o que podia com Quimby antes de desenvolver seu próprio sistema médico influenciado pelo magnetismo animal. Mais tarde, ela se casou e adotou o nome que a história a lembraria por: Mary Baker Eddy. Ah, e aquele pequeno sistema médico que ela inventou? Foi o início da Ciência Cristã, a maior fé de cura já produzida na América, ainda forte em 2017, com uma adesão global de cerca de quatrocentas mil pessoas.

Mary modificou as teorias de cura magnética de Quimby e Mesmer para adicionar um elemento religioso: toda doença é uma ilusão que pode ser curada pela comunhão com Deus. E assim o magnetismo animal continua - embora de uma forma modificada - no século XXI.

Mary Baker Eddy (nascida Patterson).

As Sociedades da Harmonia

Apesar do escândalo na Áustria, Mesmer encontrou um público mais esclarecido na França. Sua atratividade, combinada com sua sofisticação e autoconfiança quase sobrenatural, encontrou uma simpatia natural no povo francês. Em 1778, ele se estabeleceu entre os círculos da moda de Paris e lançou sua prática incrivelmente popular de cura magnética, que consistia em duas partes de teatro e uma parte de cura. (Bem, mais como nove partes de teatro para uma parte de cura.) O drama e os tons sexuais eram perfeitos para o público reprimido. Os programas de Mesmer foram um enorme sucesso e o médico logo se tornou um homem rico. Como tantos charlatães antes e depois dele, à medida que a conta bancária de Mesmer crescia, seus compromissos morais com o avanço da medicina diminuíam. E então eles encolheram um pouco mais.

Mas a audácia nunca faltou a Mesmer, e ele logo escreveu à própria rainha, Maria Antonieta, pedindo um castelo e uma renda anual significativa dos cofres reais para, bem, basicamente ser Mesmer:

Aos olhos de Vossa Majestade, quatrocentos ou quinhentos mil francos, aplicados a um bom propósito, não contam. O bem-estar e a felicidade de seu povo são tudo. Minha descoberta deve ser recebida e recompensada com uma munificência digna do monarca a quem me dedicarei.

Os conselheiros da rainha acabaram respondendo, oferecendo uma pensão de 20.000

francos se Mesmer pudesse provar sua descoberta com sucesso na frente de médicos indicados pelo rei.

Mesmer objetou e, repentinamente proclamando seu desdém pelo dinheiro, fugiu de Paris (e com isso, da possibilidade de uma investigação mais aprofundada) para a cidade belga de Spa. Seguiram-se alguns conversos entusiasmados, onde um deles, chamado Bergasse, abriu um serviço de assinatura em seu nome.

Cada assinante, à razão de cem luíses d'or cada, receberia os segredos de seu líder. Mesmer, esquecendo seu desdém anterior pelo dinheiro, concordou alegremente, recebendo uma fortuna de 140.000 francos de assinantes que queriam espalhar o evangelho mesmeriano.

Com dinheiro nas mãos, Mesmer voltou triunfante a Paris, enquanto seus assinantes abriam o que chamaram de Sociedades da Harmonia em toda a França, onde pretendiam curar doenças por meio do magnetismo. Não foi por acaso que muitos dos assinantes eram libertinos ricos, ansiosos para

estabelecer rituais de cura magnetizados para o prazer depravado de assistir mulheres jovens caindo em estados delirantes.

O retorno de Mesmer a Paris, no entanto, não escapou à atenção da comparativamente austera Academia Francesa de Ciências, que decidiu

examinar essa tendência medicinal abrangente em 1784.

Eles até incluíram o dignitário americano Benjamin Franklin em sua investigação. A chatice de uma conclusão: o fluido magnético não existia. Mesmer foi considerado uma fraude, usando os poderes da sugestão e da imaginação para criar poderosos efeitos placebo em seus pacientes.

Mesmer deixou a França para sempre e caiu na obscuridade, vagando pela Europa antes de morrer na Áustria em 1815. Seu legado, no entanto, continua vivo. Hoje, Merriam-Webster define mesmerizar como “hipnotizar” ou “enfeitiçar”.

Mas o magnetismo não foi feito. Na verdade, Mesmer lançou as bases para uma forma surpreendentemente eficaz de relaxamento e alívio da dor. Como? Para explicar, devemos viajar para Bengala, Índia, onde um médico estava lidando com um problema bastante grande.

Hipnose: atualização moderna do magnetismo

James Esdaile era um médico colonial britânico que trabalhava em Bengala e estava ansioso para fornecer alívio da dor para seus pacientes enquanto tentava drenar grandes tumores escrotais.

Resultado de um surto de filariose, uma doença parasitária de infecções por lombrigas, o problema era de tamanha escala (o tumor escrotal de um homem era tão grande que ele teve que removê-lo por meio de um sistema de corda e roldana) que a comunidade médica estava lutando para fornecer uma solução.

Embora ficasse a milhares de quilômetros de Paris, a notícia se espalhou até os remotos postos avançados do império colonial de um certo Franz Mesmer que estava produzindo estados de transe em pacientes que permitiam procedimentos médicos sem dor.

Esdaile leu sobre Mesmer, então decidiu ele próprio experimentar o magnetismo animal. O médico improvisou um método mesmérico único que incluía elementos da prática indiana local, como respiração e carícias iogues. Depois que o paciente entrou em estado de transe, saiu o bisturi e - com sorte - saiu o tumor escrotal. O engraçado é que funcionou.

Embora Esdaile se considerasse um Mesmerista (o termo hipnose estava entrando em uso na Inglaterra), ele foi o pioneiro no uso da hipnose para anestesia cirúrgica, que floresceu brevemente antes da descoberta do clorofórmio e foi usado com eficácia durante todo o processo. durante a Guerra Civil Americana. Em uma época em que em um dia bom um cirurgião conseguia não matar 50% de seus pacientes, Esdaile perdeu apenas dezesseis dos milhares que operou durante seus seis anos na Índia.

O uso do hipnotismo na medicina ocidental realmente decolou, no entanto, quando o cirurgião escocês James Braid conseguiu elevar as técnicas hipnóticas à prática médica convencional. Como muitos médicos de sua época, Braid foi apresentado às técnicas hipnóticas por meio de uma demonstração pública de magnetismo animal, que ele testemunhou pela primeira vez em 1841. Braid ficou surpreso com o que viu e voltou na semana seguinte para assistir à mesma demonstração novamente. Convencido de que havia observado um fenômeno único, mas insatisfeito com suas explicações de “emanações” ou “fluidos magnéticos” manipulados, Braid buscou suas próprias respostas.

Durante as duas demonstrações de magnetismo animal, Braid percebeu que os olhos do paciente permaneceram fechados. Ele concluiu que o paciente de alguma forma adormeceu devido à exaustão neuromuscular, provavelmente induzida por olhar fixo intenso. Ele decidiu fazer experiências com seu convidado para jantar na noite seguinte, a quem convidou a olhar sem piscar para o topo de uma garrafa de vinho pelo maior tempo possível. O convidado do jantar prontamente adormeceu (e nunca mais voltou para jantar na casa de Braid).

Depois de repetir a experiência com sucesso semelhante com sua esposa e criado, Braid gostou de ter a casa só para si por alguns minutos, colocou os pés na mesa de jantar sem ninguém

gritar com ele e chegou a uma conclusão importante: o estado hipnotizado, que ele apelidou de "sono nervoso", podendo ser entendido como um fenômeno fisiológico e psicológico.

Braid passou os dezoito anos seguintes de sua vida pesquisando a hipnose e empregando-a em uma ampla variedade de aplicações médicas, incluindo o tratamento da curvatura da coluna, surdez e epilepsia. Ele afirmou que seus tratamentos funcionaram e foram gradualmente aceitos pela comunidade médica devido às investigações de Braid e ao fluxo quase constante de publicações em periódicos acadêmicos. O médico lançou as bases para o uso médico ocasional da hipnose, que inclui tratamento para a dor, ondas de calor, fadiga e muitas doenças psicológicas.

Braid foi até o responsável pela popularização do nome pelo qual a história se lembraria da prática: hipnose. É graças a Braid que hoje você procura um tratamento com um hipnoterapeuta e não com um "magnetizador animal".

Não é algo pelo qual devemos ser gratos?

Um fantoche em tamanho real (de um manual francês de magnetismo, 1846).

# 26

## Luz

Of Blue Glass, Kellogg's Light Baths, o Spectro-Chrome Institute, o Surgical Ray e o Bureau of Cosmotherapy

O general-de-brigada Augustus J. Pleasanton era um cidadão respeitável da Filadélfia de meados do século XIX que por acaso passava uma quantidade excessiva de tempo intrigando o céu. “Por muito tempo pensei que a cor azul do céu, tão permanente e onipresente. . . deve ter alguma relação permanente e conexão íntima com os organismos vivos neste planeta. ”

Pleasanton decidiu experimentar essa ideia e começou a trabalhar na construção de uma estufa com painéis azuis alternados em sua propriedade em 1860, enchendo-a de videiras. Suas plantas cresceram a uma taxa surpreendente, embora isso provavelmente se devesse ao fato de que ele construiu uma estufa para elas e não teve nada a ver com os painéis de vidro azul. Pleasanton foi encorajado, no entanto, e suas uvas foram a inveja de seus vizinhos.

Então, em 1869, Pleasanton estava olhando para um porco um dia e pensou consigo mesmo: E se eu iluminasse um porco com luz azul? Assim, o intrépido inventor permitiu que alguns de seus leitões se desenvolvessem em um chiqueiro com vidro transparente e alguns em um chiqueiro com vidro azul. E, vejam só, os porcos-claros azuis cresciam mais rápido e eram mais saudáveis.

Essa foi toda a confirmação de que Pleasanton precisava. Ele estava pronto para proclamar em voz alta o evangelho da luz azul a qualquer pessoa que

quisesse ouvir. Ele logo teve uma visão encantadora, embora totalmente excêntrica, do futuro da raça humana, onde, graças ao aproveitamento do poder da luz azul, nos tornamos gigantes com saúde perfeita, trazendo nossos animais domesticados para o passeio:

Quanta força de vitalidade poderia ser infundida no jovem débil, no inválido maduro e no octogenário decrépito! Quão rapidamente as várias raças de nossos animais domésticos podem ser multiplicadas, e quanto suas porções individuais podem ser aumentadas!

Seu entusiasmo era contagiante. À medida que Pleasanton divulgava seus pontos de vista pelo país em panfletos autopublicados, começaram a gotejar e depois chover relatos de doenças curadas e ferimentos aliviados ao absorver os raios sob as vidraças de vidro azul.

Pleasanton até recebeu uma carta anunciando que um bebê prematuro, nascido paralítico, fora colocado sob um vidro azul por longos períodos e agora era capaz de se mover. Outro atestou um bebê cujo grande tumor havia desaparecido após ser exposto por uma hora a cada dia à luz azul. E assim por diante.

A incrível casa verde (azul) de Pleasanton.

Pleasanton escreveu um livro sobre suas descobertas sobre a luz azul, repleto de depoimentos de pacientes e, em um esforço extraordinário para preencher algumas páginas em branco, suas próprias teorias bizarras sobre eletricidade e eletromagnetismo. O mais legal do livro de Pleasanton, no entanto, e a razão de ser um item de colecionador hoje, é que ele o imprimiu em papel azul com tinta azul

“para livrar os olhos do leitor do grande clarão, ocasionado pelo reflexo da luz do gás à noite, do papel branco geralmente empregado na impressão de livros. ” Foi um gesto atencioso para seus leitores, mas uma escolha infeliz

para os estudiosos modernos que agora devem se esforçar para ler a tinta azul-claro que se desvanece.

Publicado em 1876, A Influência do Raio Azul da Luz Solar e da Cor Azul do Céu lançou a moda da luz azul no mainstream por dois anos brilhantes. A segunda edição do livro de Pleasanton, que afirmava que o vidro azul era uma panacéia universal e poderia curar tudo, da gota à paralisia, saiu no ano seguinte, e os fabricantes de vidro em todo o país fizeram fila para agradecer pessoalmente ao autor.

Da cidade de Nova York a São Francisco, os proprietários começaram a adicionar solários construídos com vidro azul ou, pelo menos, algumas vidraças azuis aqui e ali. Os institutos hidropáticos também cederam à demanda pública por luz azul e começaram a construir solários de luz azul.

A tendência logo se espalhou pela Europa, onde os "banhos de luz" se tornaram muito populares na Inglaterra e os oculistas franceses começaram a fabricar óculos azuis. Em 1877, um jornalista da Scientific American escreveu:

Agora é bastante comum, ao longo de nossas ruas e avenidas, ver molduras de cristais azuis penduradas nas janelas das casas; enquanto, em dias ensolarados, o avô inválido ou outro paciente pode ser notado se aquecendo nos raios etéreos, seu semblante cheio de esperança, embora riscado de azul.

Esse mesmo artigo, no entanto, também foi o começo do fim para a moda da luz azul.

Foi o primeiro de uma série produzida pela revista desmascarando a mania por ser exatamente - e apenas -

isso: uma mania. A Scientific American apareceu anunciando a realidade científica de que ficar parado sob o vidro azul realmente expõe você a menos luz azul, não mais. Se você realmente queria absorver os raios azuis, era melhor ficar do lado de fora ou, pelo menos, sob um vidro transparente.

Na verdade, tudo o que Pleasanton estava fazendo - e tudo o que qualquer outra pessoa estava fazendo, aliás - era um pouco sombreando a luz do sol. Uma semana depois daquela peça condenatória, a Scientific American atacou novamente, proclamando que as supostas curas geradas pela luz azul eram uma combinação dos bem estudados benefícios à saúde de um breve banho de sol e um pronunciado efeito placebo.

Apesar das tentativas de refutação de Pleasanton, o fim estava próximo. Em 1878, o público em geral mudou, e a moda do vidro azul desapareceu com a mesma rapidez com que surgiu. Embora a obsessão com a luz azul tenha morrido, o processo de usar a luz para curar não desapareceu tão

rapidamente. Os charlatães médicos do final do século XIX e início do século XX continuaram com variações sobre o tema geral da “luz como curandeiro”.

Sol artificial: terapia de luz se move dentro de casa

Em 1879, Thomas Edison demonstrou pela primeira vez sua versão da lâmpada incandescente. Embora Edison não tenha sido a primeira pessoa a inventar uma lâmpada, ele foi o primeiro a inventar uma que fosse comercialmente viável, pudesse ser produzida a baixo custo e tivesse uma longa vida útil - mil e duzentas horas. Edison não parou por aí. Ele desenvolveu um sistema de rede elétrica, demonstrando como a eletricidade pode iluminar uma comunidade inteira a partir de um gerador central conectado a cada casa. Ele até criou o primeiro medidor elétrico para medir o uso. Quando ele terminou, Edison disse: "Vamos tornar a eletricidade tão barata que apenas os ricos vão queimar velas".

O trabalho inovador de Edison pavimentou o caminho para os médicos experimentarem o impacto da luz concentrada nas doenças. Alguns usos legítimos da fototerapia foram subsequentemente desenvolvidos, particularmente por Niels Ryberg Finsen, que ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1903 por demonstrar a suscetibilidade do lúpus à radiação luminosa concentrada.

Mas os charlatães também entraram rapidamente em ação.

No final da década de 1890, John Harvey Kellogg inventou “banhos leves” (além do cereal matinal) para uso em seu sanatório em Battle Creek, Michigan. De um artigo de jornal de 1893: As partes necessárias são um gabinete que envolve todo o corpo, exceto a cabeça, e cinquenta lâmpadas elétricas com potência de dezesseis velas ou 110 volts. Eles são dispostos em grupos ao redor do corpo, com uma chave separada para cada grupo, de modo que podem ser direcionados a uma parte específica do corpo. A luz torna o paciente brincalhão e escurece a pele como um banho de mar.

Basicamente, usar o banho era como sentar-se em uma sauna com uma iluminação muito forte. Kellogg acreditava que banhos leves poderiam curar a febre tifóide, escarlatina e diabetes, e poderiam ajudar a tratar a obesidade, o escorbuto e a constipação. Em 1910's Light Therapeutics: Um Manual Prático de Fototerapia para o Aluno e o Profissional, ele escreveu sobre os benefícios do banho de luz:

O banho de luz elétrica prolongado a ponto de produzir uma forte transpiração deve ser empregado duas ou três vezes por semana. . . . Bronzear toda a superfície do corpo por meio da luz de arco será um excelente meio de melhorar a condição vital geral do paciente.

“Aplicações muito curtas sobre o coração são úteis em casos de colapso sob anestesia, envenenamento por ópio e em casos de insuficiência cardíaca.” (Da seção Light Therapeutics sobre como iluminar um arco de luz sobre seu peito.)

Em outras palavras, Kellogg descobriu os benefícios do suor para a saúde. Ele afirmou que seus banhos leves foram adotados por várias das “cabeças coroadas e famílias nobres da Europa” depois que o rei Eduardo da Inglaterra foi aparentemente curado de sua gota tomando uma série de

banhos leves em Hamburgo. Edward, segundo a confirmação de Kellogg, subseqüentemente instalou um banho leve em Windsor e Buckingham. Portanto, agora você tem sua pergunta para o guia turístico na próxima vez que visitar um dos palácios.

Nudez permitida na caixa de luz.

Sem diagnóstico, sem drogas, sem problemas?

Dinshah P. Ghadiali era gerente de palco em Bombaim, Índia, quando leu pela primeira vez sobre cromoterapia. Inspirado, ele saltou em auxílio da sobrinha de um amigo - que estava sofrendo de colite mucosa - com nada mais do que uma garrafa de picles roxa, uma lamparina de querosene e um pouco de leite em um recipiente de vidro azul. Depois que ela foi “curada”, Ghadiali soube que havia encontrado sua vocação e emigrou para os Estados Unidos em 1911 para espalhar o evangelho da terapia das cores - e ganhar um bom dinheiro enquanto estava nisso.

Ghadiali combinou elementos da terapia com lâmpada e a tendência do vidro azul para criar o que ele chamou de Instituto Spectro-Chromo. Por um adiantamento de $ 100 em dinheiro, você pode se inscrever em seus cursos intensivos em espectrocromoterapia e aprender tudo sobre a "restauração do Equilíbrio Humano Radioativo e Rádio-Emanativo por ondas de cores sintonizadas" do próprio Ghadiali -

quem, temos certeza , era um gênio tão inato que, em sua Índia natal, lecionava matemática em cursos universitários quando tinha apenas onze anos. (Ghadiali estava tão apaixonado por si mesmo que adicionou este gigante à sua linha de assinatura: “MD, ME, DC, Ph.D., LLD, ND, D. Opt., DFC, DHT, DMT, Etc.”) Colors!

A premissa básica de sua terapia era que cada elemento exibe uma das sete cores prismáticas. Os seres humanos são compostos principalmente de

oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, que por sua vez correspondem a azul, vermelho, verde e amarelo. Sentindo-se um pouco doente? Uma de suas cores está fora de sintonia. Para curar uma doença, você só precisava ter suas cores desbotadas amplificadas ou suas cores excessivamente brilhantes atenuadas.

Para realizar essa ação, Ghadiali inventou um dispositivo chamado Spectro-Chrome, que era basicamente uma caixa com uma lâmpada de 1.000 watts dentro (veja a página 292 para uma foto).

Os usuários podem colocar placas de vidro coloridas em uma janela da caixa para absorver os raios de luz especificamente colorida. (Assim como a mania do vidro azul, no entanto, ao sombrear a luz o usuário estava realmente absorvendo menos da cor escolhida.) Como uma versão excêntrica de um Easy-Bake Oven, o Spectro-Chrome precisava ficar em pé - nu - na frente do caixa de luz durante fases lunares específicas. O

impacto do ciclo da lua em uma caixa de luz operada eletricamente permanece. . . misterioso.

O Raio Cirúrgico e o Bureau de Cosmoterapia

Mais ou menos na mesma época em que Ghadiali estava transportando sua secretária através das fronteiras estaduais, o vidro colorido voltou quando o Raio Cirúrgico Von Schilling chegou ao mercado. Basicamente, um círculo grosso de vidro colorido semelhante a um espelho de mão, o Raio Cirúrgico pode ser segurado acima da dor ou lesão para concentrar uma determinada cor de luz nele.

Seguindo princípios semelhantes, o livro As Sete Chaves para a Cura pelas Cores: Um Esboço Completo da Prática foi escrito por Roland Hunt do Bureau of Cosmotherapy (você nunca ouviu falar dele?) Em 1940. Hunt usou poesia ruim como forma de enfatizar seus pontos sobre os benefícios da cromoterapia:

Em Frieza, novo, como o orvalho refrescante Tone minha fala, ó Raio de Azul - E

torne-o Verdadeiro, E torne-o Verdadeiro.

A afirmação para a qual Hunt buscava tão desesperadamente a veracidade era a noção de que a água tingida de azul - que ele apelidou de “Ceruleo” - poderia curar a disenteria, o cólera e a peste

bubônica. Como prova, Hunt assegurou a seus leitores (supondo que houvesse mais de um) que em Bombaim milhares de vidas foram salvas da praga pelo consumo de Ceruleo.

Não tem certeza de qual cor usar para sua lesão ou doença em particular? Não se preocupe - o Spectro-Chrome veio com um gráfico especial para ajudá-lo a navegar neste complexo processo de tomada de decisão. A luz amarela auxiliou na digestão dos alimentos, a luz verde estimulou as glândulas pituitárias, a luz vermelha aumentou a hemoglobina, a luz azul aumentou a vitalidade e a luz limão restaurou os ossos. E assim por diante.

De alguma forma, o Spectro-Chrome foi um sucesso: Ghadiali vendeu quase onze mil dispositivos em 1946, ganhando mais de um milhão de dólares. Como Kellogg, que preconizava procedimentos não invasivos e não farmacêuticos, a promessa de Ghadiali de “Sem Diagnóstico, Sem Drogas, Sem Cirurgia” atingiu um público que estava desconfiado do estabelecimento médico. E a instituição médica não gostou disso.

Em 1925, o vendedor de sucesso foi preso após transportar seu secretário de dezenove anos através das fronteiras estaduais para "fins imorais". Não foi seu primeiro - ou último - encontro com a lei. Sob intenso escrutínio da AMA e do FDA, Ghadiali teve problemas legais para o resto de sua vida; sua mente ágil, no entanto, sempre encontrou novas maneiras de vender seus produtos. Em vez de anunciar sua capacidade de “curar”, o material promocional de Ghadiali agora anunciava a influência “normalizadora” do

Spectro-Chrome. Os pacientes não estavam sendo “tratados”, eles estavam tendo seu “equilíbrio radioativo e radiemanativo” restaurado.

Depois que a linguagem foi trocada, ficou cada vez mais difícil para as autoridades governamentais processar Ghadiali por fazer alegações falsas ou enganosas. Se as pessoas realmente queriam jogar fora seu dinheiro na “influência normalizadora” de uma máquina Spectro-Chrome, bem, é um país livre.

Ghadiali morreu em 1966; suas idéias, de alguma forma, sobreviveram a ele. A Dinshah Health Society of Malaga, New Jersey, uma organização sem fins lucrativos administrada pelos herdeiros de Ghadiali, ainda está em operação hoje vendendo uma variedade de livros de terapia de luz e produtos relacionados.

O raio violeta

Na interseção da eletroterapia e da terapia de luz estava o raio violeta, inventado por Nikola Tesla e demonstrado pela primeira vez na Exposição Colombiana Mundial em 1893. O dispositivo aplicava um fluxo de alta voltagem e alta frequência (mas baixa corrente) de eletricidade ao corpo como um agente de cura. Quando o eletrodo de vidro foi energizado, ele emitiu um brilho violeta intrigante e misterioso, que por si só produziu um poderoso efeito placebo (porque, legal!). Os dispositivos foram fabricados por uma variedade de empresas dos EUA e anunciados para inúmeras condições, incluindo

"névoa cerebral", que poderia ser curada pelo seguinte método: Aplicador nº 1 sobre a testa e os olhos. Trate também a nuca e a nuca com uma forte corrente em contato direto com a pele. Trate a coluna e segure o eletrodo na mão. As inalações de ozônio por cerca de quatro minutos também são importantes.

Após vários processos judiciais e a intervenção do FDA, os fabricantes de raios violeta foram forçados a interromper a produção no início dos anos 1950. Hoje, as máquinas de raio violeta são um item muito procurado no mercado de colecionadores por sua associação com Nikola Tesla, que obteve status de cult desde sua morte, e porque é realmente muito legal ver o raio violeta acender um cor púrpura profunda. Enquanto isso, um novo dispositivo apelidado de "varinha violeta", que faz basicamente a mesma coisa que o raio violeta, mas por uma razão completamente diferente, foi adotado pela comunidade BDSM.

Um conjunto Radiolux Violet Ray, por volta de 1930.

Iluminando o caminho a seguir

Hoje, sabemos que a luz ajuda o corpo a sintetizar a vitamina D e a fototerapia é usada por médicos modernos para o tratamento de uma variedade de doenças, incluindo transtorno afetivo sazonal, depressão, jet lag, psoríase e icterícia infantil.

O benefício real que saiu da mania de luz azul do século XIX foi realmente muito simples: a inven - ção da marquise moderna. Porque acontece que os humanos realmente gostam da chance de sentar e absorver os raios no conforto de suas próprias casas.

Eles simplesmente não precisam de vidraças azuis para fazer isso.

Crianças, com enfermeiras, recebem "tratamento de raio" em Londres, 1938.

# 27

## Radionics

De Nickelback, o Dinamizador, o Osciloclasta, um "Pequeno Médico Judeu Ansioso e Excitável", uma Cobaia disfarçada e Cura à Distância

As frequências de rádio são difíceis de entender. Assim como acontece com eletricidade e wi-fi, a maioria de nós fica contente apenas em saber que as ondas de rádio funcionam e não se preocupa com a forma como elas funcionam. Você liga o rádio, disca para uma estação e, como mágica, de repente está ouvindo uma música. E essa música pode ser More Than a Feeling, de Boston, uma das músicas de rádio mais tocadas de todos os tempos. Há algo reconfortante nisso.

No início do século XX, o rádio era a nova tecnologia espalhafatosa e tinha todo o glamour e as especulações que hoje cercam os carros sem motorista ou mesmo os novos iPhones. Graças aos recentes avanços tecnológicos do inventor italiano Guglielmo Marconi, que criou o primeiro sistema de transmissão de rádio comercialmente bem-sucedido em 1895, o entusiasmo popular sobre as ondas de rádio, juntamente com a falta de compreensão sobre como exatamente elas funcionavam, tornou um mercado maduro para exploração. Curas médicas que pretendiam aproveitar essa energia misteriosa encontraram um público disposto. É por isso que homens como o Dr. Albert Abrams conseguiram fazer fortuna alegando diagnosticar e tratar doenças. . . com ondas de rádio.

Más vibrações e o homem para curá-los

Nascido em San Francisco em 1863, Albert Abrams obteve seu doutorado na Alemanha na idade notavelmente jovem de dezenove anos e voltou para sua cidade natal em 1893 para servir como professor de patologia no Cooper College. Quando estava na casa dos quarenta, Abrams havia

construído uma sólida reputação como neurologista e estava a caminho de uma carreira distinta. As rachaduras, no entanto, estavam começando a aparecer.

Depois de perder o cargo de professor devido a um golpe nocturno, Abrams inclinou-se cada vez mais para o charlatanismo, desenvolvendo técnicas questionáveis como martelar ao longo da coluna (espondiloterapia) para estimular os nervos que, por sua vez, se pensava que estimulavam os órgãos e curavam doenças. A prática era considerada uma cura para tudo que o afligia.

Seu tratamento especial, porém, era radiônico. Em 1916, Abrams publicou Novos Conceitos em Diagnóstico e Tratamento, apresentando ao mundo suas teorias. E quais eram essas teorias? A versão resumida: Pessoas saudáveis irradiam energia saudável. Pessoas doentes irradiam frequências de doenças, que os radiônicos como Abrams afirmam poder detectar com máquinas complexas e pesadas. Eles poderiam então curar sua doença - qualquer doença, aliás - ajustando sua frequência de doença de volta para uma frequência saudável.

É como escanear o rádio enquanto você está em uma viagem. Por alguma terrível reviravolta do destino, você pode se encontrar subitamente sintonizado em uma música do Nickelback. Isso é semelhante ao corpo emanando uma frequência doente. Felizmente, é facilmente consertado. Assim como você pode girar rapidamente o botão do rádio novamente, estremecendo ao deixar Nickelback para trás em segurança, um praticante de radiônica com a máquina certa pode facilmente reajustar seu corpo para uma frequência saudável.

Agora, para a versão longa (e por favor, faça uma pausa aqui para respirar fundo): O

corpo humano é feito de átomos; os átomos, por sua vez, são compostos de elétrons. Os elétrons vibram, transmitindo radiação, identificados por profissionais de radiônica como "ERA" ou "reações eletrônicas de Abrams". Se um indivíduo é saudável, seus elétrons vibram a uma taxa “normal”. Se um indivíduo não é saudável, entretanto, os elétrons dessa pessoa vibram a uma taxa “anormal”. Assim, para curar um paciente, o médico tinha que detectar as vibrações prejudiciais à saúde e, em seguida, transmitir de volta à doença a mesma frequência vibratória que os elétrons doentes estavam produzindo. Isso, por sua vez, neutralizaria a doença e permitiria que os elétrons voltassem às taxas de vibração normais.

Voltando ao nosso cenário Nickelback, é como tentar se livrar de uma de suas músicas apontando seu iPod para os alto-falantes do rádio, ligando o Nickelback e explodindo-o de volta.

E funciona quase tão bem.

Nickelback provavelmente está jogando "Fotografia".

Diagnosticando com o Dynamizer

Então, como os praticantes de radiônica detectaram as vibrações anormais? De maneiras previsivelmente absurdas.

Digamos que você acabou de receber um diagnóstico chato de seu médico convencional. Como mecanismo de enfrentamento, você se lembra de que sempre vale a pena obter uma segunda opinião e, ei, esse Dr. Abrams de que você ouviu falar é capaz de curar qualquer coisa. Por que não dá uma chance a ele?

Após uma ligação para o escritório dele, você é instruído a trazer uma amostra de cabelo. Coçando a cabeça com a lógica ali, você arranca um fio de cabelo e segue para o estabelecimento de Abrams em São Francisco.

Quando você chega, a recepcionista pergunta se você coletou sua amostra de cabelo enquanto estava de frente para o oeste. Ela insiste que este é um elemento crucial do diagnóstico. Você não

se lembra para que lado estava olhando, então, relutantemente, você encara o sol poente e novamente arranca alguns fios de cabelo de sua cabeça.

Finalmente satisfeita, a recepcionista o leva ao escritório de Abrams e o orienta a colocar sua amostra de cabelo em uma máquina médica de aparência estranha que ela chama de Dynamizer.

Entra o Dr. Abrams, um homem confiante que se movimenta pela sala, diminuindo as luzes e conectando você ao Dinamizador com uma variedade de fios que, ele garante, detectarão seus “padrões vibracionais”.

Você é mais uma vez instruído a ficar voltado para o oeste, pois isso garantirá o funcionamento adequado da máquina.

Abrams então conecta o Dynamizer a uma série de outras máquinas, incluindo uma que ele chama de Radioclast; sua característica definidora, você decide, é que ele simplesmente tem muitos dials nele. O médico garante que os mostradores serão muito úteis na detecção de “ohmage”, o que, por sua vez, o ajudará a localizar sua doença exata.

Ele então o instrui a desabotoar a camisa e puxar a camiseta. Enquanto você faz isso, Abrams pega um bastão de vidro de sua mesa e começa a acariciar suavemente seu abdômen com ele. Você pergunta o que exatamente ele espera ganhar com isso. O médico diz que está procurando áreas de

"ressonância" ou "embotamento".

Tudo soa muito impressionante, e você pensa consigo mesmo que realmente, se ele está fazendo todo esse alvoroço sobre “ressonância” e “ohmage”, então com certeza deve funcionar. Direito?

Muito ocupado para entrar no escritório de Abrams? Sem problemas. Eventualmente, à medida que a radiônica progredia, a presença do paciente nem mesmo era necessária, e um médico habilidoso poderia detectar a doença apenas passando a amostra de cabelo ou sangue (ou caligrafia) no Dynamizer.

As reações eletrônicas foram notoriamente instáveis. Ao coletar uma amostra, o paciente tinha que ficar voltado para o oeste, é claro, e estar com pouca iluminação, sem nenhum material de cor laranja ou vermelho na sala. Convenientemente, a presença de mentes céticas também pode afastar as reações vibracionais.

A radiônica poderia não apenas detectar supostamente doenças, mas também determinar o sexo de uma pessoa, o estágio da gravidez, a idade, a localização geográfica e, de todas as coisas, a religião da pessoa. Abrams até imprimiu um gráfico em 1922 que mostrava as áreas abdominais embotadas para as várias denominações cristãs.

Além do mais, Abrams afirmou ser capaz de usar uma amostra da caligrafia de uma pessoa morta para identificar o que causou sua morte. O Dynamizer foi ativado com as assinaturas de Samuel Pepys (sífilis), Dr. Samuel Johnson (sífilis), Henry Wadsworth Longfellow (sífilis), Oscar Wilde (sífilis) e Edgar Allan Poe ("o resfriado comum" - brincadeira, " sífilis e uma reação de dipsomania ”).

O Dynamizer estava pronto e disposto a declarar corajosamente que muitos dos luminares da história literária morreram de doenças sexualmente transmissíveis. Se você está balançando a cabeça em total confusão, não o

culpamos. Não se preocupe, porém, porque os cursos caseiros de radiônica estavam disponíveis por $ 200 em dinheiro, pagos antecipadamente.

Albert Abrams parecendo um médico enquanto manipula uma máquina totalmente idiota.

A mentira de uma cura e a ascensão de um culto

Ok, então você tem seu diagnóstico agora, cortesia do Dynamizer, e como era o Dynamizer, você provavelmente acabou de descobrir que tem sífilis. o que fazer a seguir? Digite o Oscilloclast, o nome da máquina radiônica que pode curar seus males (e também deve ser o nome de alguém na WrestleMania). Para curar sua sífilis, você precisaria alugar um Oscilloclast de Abrams, por um pagamento inicial de $ 200 ou $ 250 (era mais alto se conectado por corrente contínua, em vez de alternado), mais $ 5 por mês perpetuamente. No final das contas, o médico estava ganhando US $ 1.500 por mês com as taxas de aluguel pagas a ele por charlatães menores.

As máquinas osciloclasta afirmavam operar direcionando ondas de rádio para o paciente. Essas ondas de rádio foram sintonizadas em frequências específicas que aparentemente matariam a infecção ou doença. “Medicamentos específicos devem ter a mesma taxa vibratória das doenças contra as quais são eficazes”, disse Abrams. “É por isso que eles curam.” Ou assim o médico acreditava. Por extensão, as máquinas Oscilloclast podem ser sintonizadas na mesma “taxa vibratória”, ou seja, radiofrequência, para curar doenças também.

O locado Oscilloclasts, entretanto, tinha uma condição particular, com a qual o locatário deveria concordar. Não foi possível abrir a máquina, que estava "hermeticamente fechada". Abrir o dispositivo interromperia seu funcionamento (e anularia totalmente a garantia incrível do Oscilloclast).

A verdadeira razão pela qual você não conseguia abrir a máquina era que ela não continha nada além de um amontoado de peças elétricas conectadas sem nenhum propósito específico. Era

“o tipo de dispositivo que um menino de dez anos construiria para enganar um menino de oito”, escreveu um físico após quebrar o juramento sagrado dos radiônicos.

O fato de os consumidores estarem essencialmente brincando com brinquedos não importava. Abrams encontrou ouro com o Oscilloclast e o Dynamizer. A popularidade deles se originou em grande parte de um truque psicológico simples que foi habilmente explorado por Abrams e seus seguidores: convencer uma pessoa, por meio de um ritual médico quase religioso, de que ela tem uma doença como o câncer. Em seguida, ofereça-se para curar a pessoa com Osciloclastos. Logo, o paciente está felizmente livre do câncer, uma doença que ele nunca teve. O paciente pode então espalhar a palavra entre seus amigos. “Eu estava tão perto de morrer, você não iria acreditar. Mas, felizmente, ouvi falar dessa nova cura chamada radiônica. Eles me conectaram a uma máquina e, puf, meu câncer se foi! ” Isso é algo poderoso e rapidamente cria uma campanha de marketing boca a boca.

O culto da radiônica foi lançado para os holofotes nacionais quando Upton Sinclair se tornou um crente. Sinclair, autor do romance clássico exposé da indústria de frigoríficos The Jungle, era um nome conhecido quando emprestou sua credibilidade à radiônica ao escrever um artigo intitulado “The House of Wonders” para a Pearson's Magazine em junho de 1922. No artigo, Sinclair elogia e promove Abrams e seus métodos:

Decidi ir para San Francisco e investigar. Planejei passar um ou dois dias, mas o que encontrei lá me segurou por algumas semanas, e poderia ter sido meses ou mesmo anos, se as tarefas urgentes não tivessem me chamado de volta para casa. . . . Esse pequeno médico judeu ansioso e excitável é um dos maiores gênios da história da humanidade ou um dos maiores maníacos. Mas apresente-lhe uma nova ideia, alguma forma de verificar ou

aperfeiçoar seu trabalho, ele se lança sobre ela como um gato. Ele é uma verdadeira encarnação da frase de Nietzsche sobre a alma humana, que “anseia por conhecimento como o leão por seu alimento”. Não há experimento que ele não tente. . . . Falo a verdade literal quando digo que, depois de uma semana na clínica de Abrams, perdi todo o sentimento de horror das três terríveis doenças, tuberculose, sífilis e câncer.

O artigo de Sinclair levou a uma variedade de artigos em revistas de todo o país e na Grã-Bretanha. Conforme a radiônica cresceu em popularidade em ambos os lados do Atlântico, no entanto, ela também começou a atrair o olhar crítico dos céticos. Céticos como a American Medical Association.

Ou o Osciloclast ou uma máquina construída por um menino de dez anos para enganar um menino de oito.

## Radionics perde o sinal

Em uma trama brilhante, a AMA enviou o sangue de uma cobaia macho saudável para um praticante de radiônica para teste, inventando uma história de fundo para a amostra de sangue, alegando que era de uma "Miss Bell". Os resultados do teste chegaram dizendo que Miss Bell tinha câncer ("seis ohms"), além de uma infecção em seu seio frontal esquerdo e uma infecção estreptocócica em sua trompa de Falópio esquerda.

A Scientific American fez o mesmo, lançando uma investigação de um ano sobre as teorias radiônicas. A revista publicou atualizações mensais entre outubro de 1923 e setembro de 1924. Os resultados:

Este comitê considera que as alegações feitas em nome das reações eletrônicas de Abrams, e da prática eletrônica em geral, não são

comprovadas; e acreditamos que eles não têm base em fatos. Em nossa opinião, os chamados tratamentos eletrônicos não têm valor.

Palavras maldosas de uma publicação respeitada, seguidas logo por um relatório semelhante em 1924 de um comitê britânico que considerou a prática "cientificamente incorreta" e

"eticamente injustificada". A imprensa também publicou o caso de um idoso que visitou a Clínica Mayo e foi diagnosticado com câncer de estômago inoperável. O pobre homem recorreu à radiônica e foi informado de que estava “completamente curado” após o uso de uma máquina Oscilloclast. Ele morreu um mês depois.

Sinclair, entretanto, foi rápido em defender Abrams, escrevendo: Ele fez a descoberta mais revolucionária desta ou de qualquer outra época. Ouso arriscar toda a reputação que espero ter de que ele descobriu o grande segredo do diagnóstico e da cura de todas as doenças importantes.

Felizmente para a reputação futura de Sinclair, ele também escreveu uma obra-prima de justiça social, para que todos possamos simplesmente embaralhar os pés desconfortavelmente e fechar os olhos enquanto ele libera seu apoio fervoroso ao charlatanismo descarado. Apesar de Sinclair saltar em sua defesa, a radiônica perdeu muito de sua credibilidade com os relatórios da Scientific American. Seu fundador, no entanto, não estava mais vivo para testemunhar a morte.

Quando Abrams morreu de pneumonia aos 60 anos, logo depois que a radiônica se tornou um enorme sucesso, ele era um homem muito rico. A propriedade de Abrams valia 2 milhões de dólares em 1924, um triste comentário sobre a credulidade da humanidade. Em um pós-escrito curioso, Abrams afirmou ser capaz de prever a data da morte de uma pessoa com o Dynamizer. Ele previu corretamente que morreria em janeiro de 1924.

Pests Be Gone!

T. Galen Hieronymus, um inventor em Kansas City, Missouri, construiu seu próprio dispositivo radiônico em 1949. A “máquina Hieronymus” supostamente poderia detectar “energia elótica”, que se dizia emanar de toda a vida. As máquinas Hieronymus eram usadas na agricultura, de todas as coisas, especialmente como alternativas aos pesticidas.

Para momentos divertidos, pergunte ao seu agricultor orgânico local se ele usou uma máquina Hieronymous!

## O Futuro da Radiônica

No vácuo criado pela morte de Abrams, vários outros imitadores charlatães rapidamente surgiram para lutar por uma fatia do mercado de “cura via ondas de rádio”. Ninguém teve mais sucesso do que Ruth B. Drown, de Hollywood, Califórnia, que criou suas próprias máquinas radiônicas, supostamente capazes de curar qualquer pessoa, não importando onde estivessem no mundo.

Drown também encontrou um público disposto para seu charlatanismo, tratou cerca de 35 mil pacientes em seu tempo e vendeu amplamente suas máquinas, especialmente para outros praticantes da medicina alternativa. Ela também cuidava de casos sem avisar.

No início dos anos 1950, o astro de cinema Tyrone Power e sua esposa ficaram feridos em um acidente de carro na Itália. Drown usou uma de suas máquinas de rádio de longa distância (o Modelo 300, para os curiosos) para enviar ondas de rádio de cura em sua direção. Porque suas máquinas, como o dinamizador de Abrams, exigiam algum tipo de amostra do paciente, Drown usou amostras do sangue do casal poderoso que ela afirmava já ter em sua "biblioteca". (O quê? Como? O quê?) Tyrone e sua esposa se

recuperaram do acidente de carro e voltaram para casa, na América. Uma conta dos serviços de radiônica de Drown os esperava.

A radiônica sempre teve um elemento místico e, apesar de todas as evidências científicas que condenam a teoria, conseguiu reter alguns devotos. Hoje, você pode encontrar praticantes de radiônica espalhados pelos Estados Unidos. O foco, entretanto, mudou para a amplificação de seus pensamentos para a maior consciência do universo. Ao usar a radiônica, você pode supostamente impor sua vontade ao mundo. Você pode usar essa habilidade para melhorar sua saúde ou para encontrar um amante ou para obter uma ótima dica de ações e ganhar uma pilha de dinheiro. Você pode até fazer sua própria máquina radiônica. Uma simples pesquisa no Google trará alguns esquemas gratuitos. Talvez algum dia haja até mesmo um distintivo de escoteiros em "radiônica".

A medicina convencional, por sua vez, obviamente usa ondas de rádio para se comunicar com despachantes e paramédicos. Mas muitos não percebem que a energia térmica impulsionada por radiofrequência é usada para remover ou queimar tecidos problemáticos. Pode curar alguns tipos de arritmias cardíacas, tumores e veias varicosas.

Talvez em algum lugar, o pobre Upton Sinclair esteja se sentindo um pouco vingado por seu entusiasmo com a mania das ondas de rádio.

# 28

## O toque do rei

De Scrofula, Macbeth, Cerimônias Comoventes Reais, um Cavalo Milagroso, Moedas Medicinais e o Braço Decadente de São Luís

A era medieval foi uma época feia para se estar vivo. Sem o benefício da medicina moderna, todos os tipos de doenças horríveis e desfigurantes invadiram a população europeia. Bócio, tumores, erupções cutâneas, edema, lábios leporinosos. Mas uma das piores doenças de pele na Grã-Bretanha e na França era a escrófula, mais conhecida em sua época como o "mal do rei".

Scrofula (derivado da palavra latina scrofa, que significa uma porca reprodutora, porque se pensava que as porcas eram suscetíveis à doença) é uma forma de tuberculose que infecta os

gânglios linfáticos do pescoço, produzindo crescimentos grandes e inadequados que continuam a se expandir com o tempo . Raramente fatal, porém, é bastante desfigurante. A escrófula, assim como uma série de outras doenças de pele misteriosas, era normalmente referida como o “mal do rei” porque exigia o toque de um rei para ser curada.

Scrofula em ação.

Então, você sabe, não se preocupe. Se você tiver um surto de escrófula grande e continuamente crescente em seu pescoço, tudo o que você precisa fazer é encontrar um rei. Uma vez que ele te tocou, você está pronto para ir. Adeus caroços desfigurantes.

Ou assim parecia aos residentes do século XI na Grã-Bretanha e na França, quando a prática dos reis tocando camponeses infectados com a escrófula tornou-se legitimada como prática médica.

Como uma demonstração de suas proezas de cura divinamente concedidas, o Rei Edward, o Confessor da Inglaterra (c. 1000–1066) e o Rei Filipe I da França (1052–1108) começaram a realizar exibições públicas de cura da escrófula. Camponeses sobrecarregados com a doença se reuniram em uma pomposa cerimônia real onde os reis tocaram as vítimas, teoricamente curando-as.

O parlamentar Samuel Pepys descreveu tal cerimônia em 1660, algumas centenas de anos depois, quando Carlos II se sentou no trono:

Sua Majestade começou primeiro a tocar para vós o mal de acordo com o costume, assim: Sua Majestade, sentado sob seu estado na Casa do Banquete, o cirurgião faz com que os enfermos sejam trazidos ou conduzidos ao trono, onde eles, ajoelhados, vós, rei, acaricia seus rostos ou bochechas com ambas as mãos ao mesmo tempo, nesse instante, um capelão em suas formalidades, diz: "Ele colocou suas mãos sobre eles e os curou."

Não doeu que, se não fossem tratados, alguns casos de escrófula pareceriam entrar em remissão. Ou pelo menos com frequência suficiente para fazer parecer que o toque do rei poderia ter contribuído muito para - ou a única razão para - uma cura.

Moedas mágicas.

Outra razão para a popularidade das cerimônias de toque do rei entre o campesinato britânico foi a chance de receber uma moeda de ouro especial apelidada de “Anjo” pela imagem de São Miguel cunhada em sua frente. Depois de ser tocado pelo rei, o camponês recebeu esta moeda especial,

cunhada pela primeira vez em 1465. Essas lembranças viriam a se tornar valiosas heranças de família e presumia-se que mantinham um pouco daquela magia de cura real dentro delas. As pessoas os usavam em correntes especiais em volta do pescoço e esfregavam as moedas no corpo quando sofriam de doenças.

Não é difícil imaginar que o contato físico com um rei - ou rainha, aliás - combinado com o recebimento de uma “moeda mágica”, pode ter inspirado admiração e admiração no campesinato medieval. Profundamente arraigado em uma economia de servidão e sem o benefício da educação moderna, tal experiência poderia gerar um poderoso efeito placebo, possivelmente ajudando a diminuir os sintomas da escrófula.

Mais moedas mágicas.

Os reis e rainhas, entretanto, não parecem ter se preocupado em apanhar escrófulas eles próprios. Concedido, é muito fácil apenas, você sabe, se tocar se você for um rei e curar a doença antes que o resto da população perceba que você a tem. Mas você pode imaginar o pesadelo de relações públicas se um rei que praticava o toque adoecesse com escrófula? Como a prática cessou antes de entendermos como as doenças contagiosas se espalham, é seguro presumir que os reis e rainhas que participaram da cerimônia acreditavam genuinamente que não havia nenhuma chance no inferno de contraírem a escrófula de seus súditos. Na verdade, foi apenas um feliz acaso da história (da perspectiva da monarquia, pelo menos) que nenhum deles, aparentemente, jamais fez.

Legitimidade real por meio do toque ou muito legítima para sair O toque real ainda aparece no Macbeth de Shakespeare, quando um médico informa a Malcolm e Macduff que o Rei Edward, o Confessor, está ocupado tocando em pacientes de escrófula no momento:

Malcolm: O rei vem, eu rezo para você?

O Doutor: Sim, senhor, há uma tripulação de almas miseráveis, Que permanecem sua cura. Sua doença convence O grande ensaio da arte, mas ao seu toque— Tal santidade deu o céu a sua mão—

Eles presentemente se corrigem.

Na verdade, o toque real é uma das razões pelas quais Malcolm e Macduff recrutam o Rei Edward, o Confessor - um "verdadeiro rei" por causa de seus poderes de cura divinamente concedidos -

para ajudá-los a derrubar Macbeth. Shakespeare estava definitivamente saindo das manchetes aqui: ao longo da história, o toque do rei teve o extraordinário benefício político de legitimar o governo de um rei aos olhos do público.

Depois de Eduardo, o Confessor, e Filipe I, no século XI, a capacidade de curar a escrófula pela imposição das mãos passou a ser vista como uma herança divina. Somente o "verdadeiro rei"

poderia fazer isso. Previsivelmente, a habilidade parecia ser transmitida através da estrita descendência familiar de pai para filho, ajudando assim a preservar o controle dinástico sobre um reino.

Tocado por um rei.

O direito divino de governar, demonstrado em parte pelos poderes curativos do toque do rei, tornou-se um aspecto tão importante da legitimidade real que os governantes ingleses o mantiveram por setecentos anos e os franceses por oitocentos anos. Alguém pode argumentar que você pode rastrear a popularidade de uma monarquia pela forma como ela se apega desesperadamente à sua legitimidade real. É

quase como se a população fosse lembrada do toque real sempre que o rei precisava de um aumento em seu índice de aprovação. Engraçado isso.

Veja a Inglaterra. Com a notável exceção de Henrique IV - que atingiu impressionantes 1.500 vítimas em uma única cerimônia - os governantes praticavam o toque do rei com certa indiferença, acariciando apenas um punhado de pacientes a cada ano, até um grande pico no século XVII. Então as coisas ficaram sérias. Carlos II (1630-1685) abriu as comportas, atingindo cerca de noventa e dois mil pacientes com escrófulas durante seu reinado de vinte e cinco anos, com uma média de cerca de trinta e setecentas pessoas por ano.

E por que ele queria tocar tantas pessoas? Bem, a monarquia estava em terreno muito instável naquela época. O próprio pai de Charles, Charles I, foi decapitado em 1649, durante a Guerra Civil Inglesa. Charles II foi posteriormente derrotado em batalha por Oliver Cromwell em 1651, fugindo para a segurança através do Canal da Mancha para a Europa continental. A Inglaterra então passou nove anos

brincando com a Comunidade Inglesa, antes de finalmente convidar Carlos II de volta do exílio em 1660 na turbulência após a morte de Cromwell.

Portanto, o rei tinha um objetivo de legitimidade claro e óbvio e dificilmente conseguia fazer com que os pacientes com escrófulas passassem pelos portões do palácio com rapidez suficiente. Como nas sábias palavras do bardo do final do século XX, MC Hammer, Carlos II era de fato legítimo demais para desistir.

E, no entanto, todas as carícias na escrófula do mundo não conseguiram evitar a queda da Casa de Stuart de Carlos quando a rainha Anne morreu em 1714. Mas a desorganizada família não permitiu que o exílio e a monarquia de Hanover os mantivessem sob controle. Eles persistentemente se apegaram às suas reivindicações ao trono britânico, lançando várias rebeliões jacobitas no século XVIII.

Seus seguidores também espalharam o boato de que os Stuarts ainda podiam realizar o milagre do toque do rei. (“Veja, nosso rei ainda pode curar a escrófula com seu toque. Não é óbvio que Deus o favorece e ele tem

o direito divino de se sentar no trono britânico?”) Não ajudou: todas as rebeliões jacobitas, embora romanticamente emaranhado com concepções fervilhantes do nacionalismo escocês, terminou em fracasso.

A França, entretanto, praticava uma espécie de toque do rei sobre esteróides. Do final da Idade Média em diante, o ritual foi incorporado às cerimônias de coroação dos reis franceses, uma ótima maneira de consolidar o divino desde o início.

O toque do rei atingiu o auge de popularidade na França do século XVII - quando Luís XIV celebrou a Páscoa em 1680 não com uma caça aos ovos de Páscoa em Versalhes (festa!), Mas tocando 1.600 pacientes escrofulosos. Mesmo com o declínio da prática no século XVIII, Luís XV certamente fez sua parte para manter a chama viva, trazendo o número-de-pacientes-escrófulas-tocados-pelo-rei-em-uma-sessão-recorde para a figura impressionante de 2.400 pessoas.

É um pouco diferente, não é, do que a Rainha Elizabeth II acenando para a multidão em seu desfile?

Gravura do Toque do Rei.

Não é possível obter a coisa real? Experimente estes Knockoffs King's Touch!

Um problema muito real enfrentado por camponeses aflitos com a maldade do rei: se você tem uma doença que só um rei pode curar, você meio que depende de conhecê-lo. A menos que você pudesse viajar a Londres ou Paris para uma cerimônia de toque do rei - nos dias anteriores à EasyJet e à Ryanair - você estava sem sorte. Se você tiver sorte natural, os sintomas da escrófula podem diminuir por conta própria. Ou você também pode encontrar curandeiros alternativos aos reis. Curandeiros alternativos, como cavalos.

Alexander Shields, um não-conformista escocês, escreveu em seu diário em 1688

sobre um cavalo especial na região de Annandale, na Escócia, que podia curar a escrófula lambendo as feridas das vítimas: “Foi-me dito, por uma testemunha ocular, sobre um cavalo em ou sobre o pé de Annandale que cura o mal do rei ao lamber a ferida, à qual muitos camponeses recorrem de todos os quadrantes. ”

Que bênção aquele cavalo lamber deve ter sido para o povo pobre da remota Escócia, que tinha quase nenhuma chance de conhecer o rei pessoalmente. E que bênção aquele cavalo lambedor deve ter sido para o fazendeiro que o possuía. Aquele fazendeiro deve ter sido um empresário astuto com o espírito de um médico charlatão, gerando um bom lucro ao conceder acesso a seu cavalo milagroso. (O modo como o cavalo foi convencido a lamber os crescimentos foi perdido na história.)

Também um pouco remota para uma peregrinação de toque real, a Irlanda tinha sua própria alternativa em meados do século XVII. Em 1662, um curandeiro irlandês com o incrível nome de Valentine Greatrakes (também conhecido como “o Stroker”, sério) ficou famoso, alegando a capacidade de curar escrófulas tocando em pacientes aflitos. Isso, apesar do fato muito óbvio de que Valentim não era um rei. Devido à dificuldade do campesinato irlandês em viajar para Londres para ser tocado pelo rei real (e sem dúvida ajudado pela visão republicana irlandesa tradicional sobre a monarquia em geral), Greatrakes, bem, se arriscou. Muito. Por três anos, massas de pessoas se reuniram onde quer que ele aparecesse para ter a oportunidade de ser tocado por ele. Greatrakes acabou atraindo a ira do Tribunal do Bispo em Lismore, que o proibiu de realizar curas médicas pelo antigo motivo de "não ter uma licença adequada".

Isso não o impediu. Em 1666, Greatrakes saltou através do lago para a Inglaterra e continuou a tocar em pacientes com escrófulas enquanto

viajava pelo país. Eventualmente, Charles II ouviu falar de Greatrakes e o convocou para aparecer em Whitehall para demonstrar suas habilidades. Apesar de uma dúvida persistente sobre a eficácia do golpe do Stroker (e apesar de um profundo entusiasmo pessoal por suas próprias habilidades reais de toque), Carlos II surpreendentemente não proibiu Greatrakes de anunciar seus serviços e deixou o curandeiro irlandês continuar a viajar pela Inglaterra sem ser molestado. O

rei tinha coisas mais importantes com que se preocupar, como a Segunda Guerra Anglo-Holandesa em curso.

Depois de gerar muita controvérsia na imprensa britânica sobre suas habilidades tocantes (Robert Boyle, fundador da química moderna, até mesmo se revelou um apoiador de Greatrakes), o Stroker retornou à Irlanda em 1667, onde se dedicou à agricultura.

Mas se você não conseguiu encontrar um curandeiro religioso irlandês, ou um rei vivo, talvez possamos interessá-lo. . . um morto? Os franceses eram tão apaixonados pela prática que surgiu a crença de que o toque de um rei poderia até mesmo curar a escrófula do além-túmulo. (Faça uma pausa aqui para que o som do trovão diminua.)

O braço decadente de Luís IX (1214–1270), que tinha o brilho extra de ser um santo morto além de um rei morto, acreditava-se que retinha o poder de cura do toque do rei. Peregrinos inspirados de toda a Europa caminharam até um mosteiro na Espanha onde o rei foi enterrado com uma esperança duradoura: ter sua escrófula tocada pelo braço esquelético de um rei morto há muito tempo.

Outros presentes reais

Embora os governantes franceses e ingleses fossem únicos entre a monarquia europeia em sua capacidade de curar a escrófula, eles não eram os únicos aristocratas que possuíam poderes de cura inatos. Os Habsburgos

da Áustria poderiam curar a gagueira beijando você na boca. E os monarcas de Castela na Espanha podiam exorcizar demônios orando a Deus e fazendo o sinal da cruz perto de você.

Portanto, se você fosse um gago possuído por demônios com um caso grave de escrófula, poderia curar todas as suas doenças simplesmente embarcando em uma Grande Volta pela Europa.

E esse pode ser o melhor remédio que já ouvimos sugerir.

Perdendo contato

Quando William e Mary assumiram o trono inglês em 1689, o toque do rei caiu totalmente em desgraça. Com o crescimento contínuo de um protestantismo na Inglaterra que era fortemente anticatólico e fortemente anti-superstição, os novos governantes recusaram-se a conceder pedidos de toque real. A prática começava a ser associada, negativamente, ao catolicismo. William chegou a ponto de queimar um peticionário que sofria de escrófula, do século XVII, e que pediu o toque de William. Sua resposta?

“Deus te dê melhor saúde. . . e melhor senso. ”

Ai. Exatamente o que um pobre bastardo sofrendo de escrófula quer ouvir de seu rei.

A Rainha Anne reintroduziu brevemente a prática durante seu curto reinado. Em março de 1712, Anne realizou o ritual pela última vez e, em uma nota de rodapé histórica sob o título de

"estranha coincidência", o último paciente da escrófula a receber o toque de Anne foi ninguém menos que uma criança chamada Samuel Johnson. Sim, aquele Samuel Johnson, aquele que mais tarde se tornaria famoso por

escrever o primeiro dicionário moderno da língua inglesa. Infelizmente, com a passagem dos Stuarts (e seus esforços para legitimar suas reivindicações ao trono), também a prática do toque do rei passou da Inglaterra.

Um ímã que a rainha Anne usava durante as cerimônias quando não queria tocar os camponeses diretamente.

Enquanto isso, na França, a prática também começou a declinar no século XVIII. A população francesa, inundada pelo brilho da Idade do Iluminismo, começou a duvidar da eficácia do toque do rei. A revolução científica catapultou a razão para o topo da lista de “maneiras de avaliar o mundo ao seu redor” e, na França, o Siècle des Lumières levou a uma oposição crescente a uma monarquia absoluta. Um exemplo do ceticismo crescente dos poderes reais foi capturado por Voltaire, sempre o observador espirituoso, que notou que uma amante de Luís XIV morreu de escrófula apesar de "ter sido muito tocada pelo rei".

O monarca ocasional continuaria a ressuscitar a tradição até 1825, quando Carlos X

tocou 121 pacientes com escrófulas em sua coroação, a última vez que um monarca francês empregou publicamente a prática. Embora, para ser justo, a monarquia francesa estivesse quase acabada.

Embora a França não tenha mais uma monarquia, sempre podemos ter esperança para a Inglaterra. Talvez, quando o Príncipe William assumir o manto real, ele decida reintroduzir a prática para o século XXI. Legiões de fãs se infectariam de boa vontade com escrófulas apenas por essa oportunidade.

Uma reconstituição real: a rainha distribui remédios na carroceria de um caminhão.

## O Eye Care Hall of Shame

A visão perfeita é um milagre raro; grande parte da população mundial sofre de doenças como miopia, hipermetropia, astigmatismo ou presbiopia. Apesar da tendência recente de óculos de beleza e armações como declarações da moda, para muitos de nós que sofrem de visão imperfeita, adoraríamos poder acordar de manhã e não ter que pegar nossos óculos antes de podermos veja o despertador ao lado da cama.

Muitos homens de negócios entusiasmados estão cientes desse desejo, o que leva a uma variedade de produtos charlatães e teorias que prometem soluções fáceis (e às vezes bem-humoradas) para problemas complexos de visão. Como a maioria dos exemplos de charlatanismo, a única pessoa que tendia a se beneficiar desses produtos e teorias era o próprio fabricante ou vendedor.

## O Sistema Bates de exercícios para os olhos

Contra todas as evidências em contrário, o oftalmologista nova-iorquino William Horatio Bates achava que usar óculos era uma má ideia para pessoas com problemas de visão. Para melhorar sua visão, você simplesmente tinha que realizar uma série de exercícios para os olhos, como mover os olhos de um objeto para outro, espalmar os globos oculares e visualizar o "preto puro". O Método Bates foi um enorme sucesso nas décadas de 1920 e 30, gerando inúmeros charlatães em seu rastro e atraindo uma

devoção servil, sem motivo aparente, na Alemanha nazista. Felizmente, o Método Bates nunca foi adotado pelo Detran.

## Nariz escrevendo com Aldous Huxley

Um dos mais entusiastas adotantes do Método Bates foi Aldous Huxley, autor inglês de Admirável Mundo Novo, que durante toda a vida foi atormentado por problemas de visão. Huxley até escreveu um livro sobre sua conversão, The Art of Seeing, que foi publicado com relutância por Harper em 1942 e continua sendo a criança problemática no cânone literário de Huxley. Entre outros absurdos, Huxley recomenda a prática de "escrever o nariz", ou seja, imaginar que o nariz é um lápis e depois escrever uma assinatura imaginária no ar com o lápis do nariz. . . como uma forma de melhorar sua visão.

Alimentos maravilhosos de Gayelord Hauser

Gayelord Hauser, incansável autopromotor e criador de uma das primeiras dietas para celebridades, foi um dos charlatães mais conhecidos a seguir os passos de Bates. O livro de Hauser, Visão Keener sem Vidros, basicamente cooptou o método de Bates como uma forma de promover e vender produtos dietéticos de Hauser. Você pode melhorar sua visão se fizer exercícios para os olhos. . . e comia consistentemente os "alimentos maravilhosos" que eram convenientemente vendidos pela própria empresa de Hauser. (Observação: "alimentos maravilhosos" aprovados pela Gayelord Hauser incluíam iogurte, levedura de cerveja, leite em pó desnatado, gérmen de trigo e melaço de blackstrap.) Óculos galvânicos

O sonho de um steampunk tornado realidade, os "óculos galvânicos" de cerca de 1905

tinham lentes verde-escuras e uma armação de plástico escondendo uma armação secundária de metal por baixo com fiação elétrica. Os óculos pretendiam enviar um "fluxo contínuo de eletricidade ao nervo óptico", cujos benefícios, os fabricantes presumiram, seriam óbvios para o consumidor. O que era menos óbvio para os fabricantes era o fato de que o nervo óptico não está realmente no globo ocular; está atrás do globo ocular, no fundo do crânio. (Observação: choques elétricos em seus olhos podem lhe dar muito crédito steampunk, mas não vão melhorar sua visão.)

Famosa água para os olhos do Dr. Isaac Thompson

Patenteado e comercializado pela primeira vez pelo Dr. Isaac Thompson (na verdade não um médico) em Connecticut em 1795, essa cura geral para problemas de visão ainda estava sendo vendida no século XX. Ninguém sabia realmente seus ingredientes, no entanto, até a aprovação da Lei de Alimentos e Drogas Puros em 1906.

A verdadeira razão de sua popularidade de longa data?

Ópio.

Nada para ver aqui, apenas um velho malicioso apresentando uma estranha água para os olhos medicinal a uma jovem inocente.

Basta olhar no espelho

Uma noção bizarra de que a íris dos olhos poderia ser usada para diagnosticar pacientes surgiu no século XIX, quando o médico húngaro Ignaz von Peczely observou um padrão de íris semelhante nos olhos de um homem com uma perna quebrada. . . e uma coruja com uma perna quebrada. Por que Peczely não chocou isso ao acaso, por que Peczely tinha uma coruja em primeiro lugar, e por que ele estava olhando tão intensamente nos olhos do homem e do pássaro que foi capaz de fazer esse tipo de análise comparativa, continue perdido para a história.

Independentemente disso, a prática da iridologia (ainda forte) surgiu na esteira de Peczely. . . descoberta.

Sala da vergonha para a cura do câncer

O câncer é uma doença que aparentemente muda a constante imutável de nosso próprio eu - nosso DNA. Começa quando uma de nossas próprias células se transforma irrevogavelmente em algo que para de agir, bem, normalmente humano. Ele se multiplica, imparável em sua busca para dobrar e dobrar novamente, a ponto de nos matar. O câncer não é contagioso; não procura encontrar outros hospedeiros e se espalhar para outros, como vírus ou bactérias. É simplesmente um assassino de um emprego.

Hipócrates cunhou os termos carcinoma e carcinoma para descrever tumores malignos no século IV aC. Ambos os termos se referem à palavra para caranguejo porque muitos tumores têm projeções rastejantes que se assemelham a pernas de caranguejo que emanam do centro. Às vezes, a superfície do tumor se assemelha a uma carapaça de caranguejo; às vezes, a dor lancinante parece a pinça de um caranguejo. Na época em que Celsus apareceu, no primeiro século aC, a palavra havia sido oficialmente traduzida em sua iteração atual.

O câncer tem sido combatido de muitas maneiras infelizes. Como ainda não temos todas as curas, os charlatães continuam a abundar em seus esforços para atacar os desesperados - basta dar uma olhada em alguns dos piores tratamentos que você nunca gostaria de tentar.

Animais

Na longa linha de tratamentos do tipo "igual cura igual", este leva o bolo de caranguejo, por assim dizer. No século II dC, Galeno sugeriu queimar caranguejos e espalhar cinzas e pedaços de caranguejo em tumores com uma pena. Mas os caranguejos não foram as únicas vítimas. Na Idade Média, um método recomendava segurar um coelho, cachorrinho, gatinho ou cordeiro recém-morto contra o tumor. A ideia era que o câncer era semelhante a um lobo voraz e se alimentaria do animal sacrificado em vez do humano. Pobres criaturas! No século XVIII, esses tratamentos incluíam

pulmões de raposa, sangue de lagarto e esterco de crocodilo, junto com as modalidades usuais, mas inúteis, como a sanguessuga.

Câncer - um caranguejo, uma constelação, uma praga na sociedade.

Uvas

Em 1925, Johanna Brandt apresentou seu Grape Cure. É uma ideia muito simples -

você jejua por alguns dias, depois faz enemas e depois come sete refeições de uvas todos os dias durante duas semanas. Enemas, duchas, cataplasmas e gargarejos com suco de uva também eram recomendados.

Como se uma vez não bastasse, a American Cancer Society desmascarou a prática suculenta quatro vezes (a última em 2000).

Cartilagem de tubarão

Você deve ter ouvido que tubarões não podem ter câncer. Em 1992, William Lane e Linda Comac publicaram um livro chamado exatamente assim - Sharks Don't Get Cancer - e um rugido de interesse veio com ele. Qualquer pessoa que leu o livro poderia dizer: “Sim, não conheço nenhum tubarão com câncer! Nenhum! ” Talvez se os pacientes fossem tratados com cartilagem de tubarão e quaisquer mistérios mágicos que ela possuísse curasse o câncer, os oncologistas de todo o mundo ficassem desempregados. Quer saber os resultados de vários estudos científicos? (Dica: os oncologistas ainda têm um emprego.)

Em qualquer caso, realmente parecia uma ideia interessante, até que os biólogos apontaram este triste fato: Tubarões contraem câncer.

Queda do microfone.

Zappers

Royal Raymond Rife foi um inventor que afirmou que seu raio de feixe, o Rife Frequency Generator, poderia matar os micróbios que ele pensava que causavam doenças humanas, incluindo câncer. Ele acreditava que poderia atingir esses micróbios, que - sem o conhecimento dos microbiologistas - aparentemente vibraram e dispararam auras coloridas (parecendo tão verossímeis quanto unicórnios de arco-íris). A máquina era uma grande caixa preta com mostradores e um “tubo de raios” de vidro que parecia uma lâmpada projetada para fora. Embora tudo isso tenha ocorrido na década de 1930, os dispositivos Rife modernos ainda estão no mercado hoje por milhares de dólares, e vários vendedores foram condenados por fraude de saúde criminosa.

Royal Rife em 1931 com uma das primeiras invenções do microscópio.

Cianeto

Na década de 1970, um tratamento chamado laetrile era a nova mercadoria quente.

Ocasionalmente chamada de vitamina B-17 (não é uma vitamina), laetrila é uma forma semissintética de amigdalina, um composto contendo cianeto encontrado em caroços de damasco e outras sementes. Os apoiadores do Laetrile afirmaram que ele poderia de alguma forma atingir e matar as células cancerosas, deixando as saudáveis em paz. A alegação era falsa, e os indivíduos que a tomaram em um ensaio clínico formal acabaram com toxicidade por cianeto. É o bastante para a ideia de que o câncer pode ser uma deficiência de vitamina B-17. Obrigado, mas não, os humanos não têm falta de cianeto e realmente não queremos mais. Mesmo.

O Laetrile caiu em desuso nas últimas duas décadas, mas para os amantes obstinados da vitamina B-17, ele ainda está disponível na Internet e em algumas clínicas obscuras do outro lado da fronteira.

## O que realmente funciona

O médico da Filadélfia, Benjamin Rush, certa vez observou: “Estou disposto a acreditar que não existe no reino vegetal um antídoto para o câncer”. Ele pode ter ficado surpreso ao descobrir que os teixos e as plantas pervinca se tornariam fontes de dois quimioterápicos poderosos - o paclitaxel e os alcalóides da vinca - que tratam uma variedade de cânceres. Muitos ficariam chocados ao descobrir que o arsênico, comumente encontrado em velhas panacéias perigosas e inúteis, é agora um tratamento importante para um tipo de leucemia.

Hoje, lutamos contra doenças malignas com quimioterapia, que inclui terapias biológicas direcionadas. Há bloqueio hormonal para cânceres de origem hormonal, anticorpos monoclonais que têm como alvo as células cancerosas e, mais recentemente, imunoterapia direcionada que ativa nosso próprio sistema imunológico para matar células cancerosas. A cirurgia agora é muito mais precisa e segura graças à antissepsia e a uma compreensão moderna da anatomia. E embora a radiação possa causar câncer, os oncologistas de radiação contemporâneos têm um grande conhecimento da física da radiação e usam uma tecnologia aprimorada para direcionar as áreas de tratamento com doses precisas. Não se engane, temos muito mais trabalho a fazer, mas não vivemos mais naquelas eras indefesas em que você apenas comeu uvas e esperou pelo melhor.